

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO,
CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS**

NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA

**WEB TV CAATINGA E O JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM
O SEMIÁRIDO BRASILEIRO: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO NO
AMBIENTE ESCOLAR**

**JUAZEIRO – BA
MARÇO/2021**



NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA

WEB TV CAATINGA E O JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO
BRASILEIRO: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, campus III, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Linha de pesquisa: Educação, Comunicação e Interculturalidade.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carla Conceição da Silva Paiva.

JUAZEIRO – BA

MARÇO/2021

S729w

Souza, Neucimeire Santos de

WEB TV Caatinga e o Jornalismo Contextualizado com o
Semiárido Brasileiro: um estudo de recepção no ambiente escolar /

Neucimeire Santos de Souza. Juazeiro-BA, 2021.
227 fls.: il.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Carla Conceição da Silva Paiva.
Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da
Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em
Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, Campus III. 2020.

1. Jornalismo. 2. Semiárido brasileiro. 3. Estudos de Recepção.
4. Educação. 5. Uauá-BA. I. Paiva, Carla Conceição da Silva. II. Universidade
do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 070.4

FOLHA DE APROVAÇÃO

**"WEB TV CAATINGA E O JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO
BRASILEIRO: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR"**

NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA

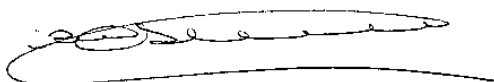
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, em 01 de março de 2021, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professora Dr.^a CARLA CONCEIÇÃO DA SILVA PAIVA
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Multimeios
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP



Professor Dr. IURY PARENTE ARAGÃO
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Comunicação Social
Universidade Metodista de São Paulo - UMESP



Professora Dr.^a ROSA MARIA CARDOSO DALLA COSTA
Universidade Federal do Paraná - UFPR
Doutorado em Doctorat En Sciences de L'information Et de La Com
Université Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis

Dedico este trabalho à minha mãe, Neuci, como gratidão pelas oportunidades disponibilizadas. Quando criança, me apresentou ao mundo da literatura infantil, boa professora como é. “Branca de neve”, Cinderela”, “Turma da Mônica” etc. me acompanhavam durante as tardes. Ela consentia que eu ficasse ali, lendo, deitada no sofá, mesmo que outras meninas da minha idade estivessem assumindo tarefas na roça.

Também ofereço ao meu pai, Silvino, que no seu amor pelo Semiárido me inspirou a amá-lo também. Grande criador de caprinos e ovinos, produtor da melhor carne de bode e de carneiro da região. Esses adjetivos são empregados por conta do amor que coloca nessa lida e são embasados no sentimento orgulhoso desta filha. No cuidado que ele dispõe à natureza catingueira, vejo e abraço as minhas origens.

AGRADECIMENTOS

Tenho a impressão de que a pesquisa no mestrado foi mais solitária do que na graduação, mas isso não extingue a contribuição das pessoas. Ao contrário, a intensifica. Quem esteve comigo, ajudou de modo profundo e fundamental. Bom exemplo disso é a orientadora deste trabalho, professora Carla Paiva. Obrigada pela amizade e pela maestria com que conduziu esse período de estudo, modo este que tanto me fez bem e agraciada.

Gratidão à minha irmã, Neinha, por todo empenho em colaborar com o andamento da pesquisa. Obrigada pelo incentivo e pela certeza de que tenho, em ti, uma “mão” firme, um excelente apoio sempre. Nesse sentido, segue meu carinho e amor aos meus pais, Neuci e Silvino; ao meu esposo, Kleverson, que torna minha vida mais leve e feliz; minha irmã, Sílvia; meu irmão, Sidinho; e aos/às sobrinhos/as que fazem brilhar meus olhos, Kayane Victória, Cézar, Felipe, Raquel, Emanuel. Obrigada pela torcida e por vibrar comigo em cada conquista!

Meu agradecimento, cheio de orgulho, à gestão da Escola Municipal João Borges de Sá/Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim composta, em 2019/2020, da seguinte forma: Diretora Neinha; vice-diretoras Simone e Márcia; coordenadoras pedagógicas Hilsa, Rosemaria e Fabiana. Obrigada por acolher com entusiasmo esta pesquisa e, assim, impulsionar minha admiração pelo campo educacional. Minha gratidão aos/às protagonistas desta investigação, os/as estudantes que participaram da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Como foi bom estar com vocês!

Inicialmente tive medo desses/as meninos/as me jogarem pela janela (risos) como partilhava com as colegas do PPGESA, porém, assim que entrei na sala de aula começamos a construir uma relação saudável e afetuosa. Vocês me ensinaram muito! Obrigada por reavivar em mim o desejo pela docência, o interesse pelo trabalho que possibilita o desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas, pelo serviço que permite entender que podemos sonhar e viver a concretização desses sonhos. Obrigada por me lembrar que um dia fizeram isso comigo e que eu posso fazer o mesmo com outros/as.

RESUMO

A proposta da “Convivência com o Semiárido” trouxe novos modos de entender e atuar no Semiárido brasileiro em âmbitos sociais, políticos, educacionais, econômicos, culturais, ambientais, entre outros, mas também implantou a necessidade de se fazer um jornalismo coerente com as dinâmicas contemporâneas dessa região, rompendo com um histórico de construções noticiosas, onde predominam o discurso da miséria, da pobreza, dos efeitos calamitosos dos períodos de seca, unidos às imagens de chão rachado, dos espinhos da vegetação de cactáceas e da cabeça de gado morta. Surge o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (JCSAB), que tem ganhado forma, gradualmente, como um instrumento capaz de apresentar outros olhares sobre essa região, suas potencialidades e seus desafios. Desse modo, esta pesquisa propôs uma inovação, levar o JCSAB para o ambiente escolar, a partir do objetivo de investigar como os/as estudantes da Escola Municipal João Borges de Sá/Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim, localizada na zona urbana do município de Uauá-BA, recebem as reportagens produzidas pela WEB TV Caatinga, emissora vinculada à Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa aplicada, de natureza qualitativa, utilizando técnicas como a pesquisa bibliográfica, entrevistas abertas, análise de conteúdo e de imagem. Além disso, foi realizado um Estudo de Recepção com técnicas de Educomunicação, durante a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro promovida na escola. Os resultados desta investigação permitem compreender que as reportagens da WEB TV Caatinga promoveram, nos/as estudantes, a construção de novos conhecimentos sobre a cidade de Uauá e regiões circunvizinhas, fazendo surgir maior admiração pela região onde vivem e possibilitou reafirmar o potencial da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido (ECSAB) como um caminho pedagógico eficaz e necessário para a formação pessoal e profissional, sobretudo, das crianças e dos/as jovens da região Semiárida.

Palavras-chave: Jornalismo. Semiárido. Estudos de recepção. Educação. Uauá-BA.

ABSTRACT

The proposal of "Coexistence with the Semi-Arid" brought new ways of understanding and acting in the Brazilian Semi-Arid in social, political, educational, economic, cultural, environmental spheres, among others, but it also implemented the need to make journalism consistent with the dynamics contemporary in this region, breaking with a history of news construction, where the discourse of misery, poverty, the calamitous effects of periods of drought predominate, together with images of cracked ground, the thorns of cactus vegetation and the head of dead cattle. Contextualized Journalism with the Brazilian Semi-Arid (JCSAB) appears, which has gradually taken shape as an instrument capable of presenting other perspectives on this region, its potential and its challenges. Thus, this research proposed an innovation, taking the JCSAB to the school environment, from the objective of investigating how the students of the João Borges de Sá Municipal School / Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim, located in the urban area of the municipality of Uauá -BA, welcome the reports produced by WEB TV Caatinga, broadcaster linked to the Federal University of Vale do São Francisco (Univasf). To this end, an applied research of a qualitative nature was developed, using techniques such as bibliographic research, open interviews, content and image analysis. In addition, a Reception Study was carried out with Educommunication techniques, during the Contextualized Journalism Workshop with the Brazilian Semiarid promoted at school. The results of this investigation allow us to understand that the reports from WEB TV Caatinga promoted, in students, the construction of new knowledge about the city of Uauá and surrounding regions, causing greater admiration for the region where they live and made it possible to reaffirm the potential of Contextualized Education for Living with the Semi-Arid (ECSAB) as an effective and necessary educational path for personal and professional training, especially for children and young people in the Semi-Arid region.

Key-words: Journalism. Semiarid region. Reception studies. Education. Uauá-BA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Espinhos dos cactos, abertura da série de reportagens “Segredos do sertão”	31
Figura 2 – Chão rachado, abertura da série de reportagem “Segredos do sertão”	31
Figura 3 – Espinhos dos cactos, abertura da reportagem sobre o julgamento de Lampião	32
Figura 4 – Terra seca, abertura da reportagem sobre o julgamento de Lampião	33
Figura 5 - Cartaz da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro	63
Figura 6 – Divulgação da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro nas salas do 7º e 8º ano	63
Figura 7 - Exibição da reportagem “Artista utiliza técnica de bico de pena para representar o Semiárido”	70
Figura 8 – Análise da reportagem com memes, turma A	71
Figura 9 - Análise da reportagem com <i>hashtags</i> , turma A	72
Figura 10 - Análise da reportagem com <i>hashtags</i> , turma B	72
Figura 11 - Análise da reportagem “A Guerra de Canudos não narrada em ‘Os Sertões’”	73
Figura 12 - Escrita da carta anônima	73
Figura 13 - Equipe gravando reportagem	74
Figura 14 - Equipes preparando o roteiro de edição	74
Figura 15 - Edição da reportagem dos/as estudantes	75
Figura 16 - Edição da reportagem dos/as estudantes	75
Figura 17 - Encerramento da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro	76
Figura 18 - Entrega de certificado	77
Figura 19 - Visita à TV Grande Rio	78
Figura 20 - Visita à WEB TV Caatinga, contato com os reitores da Univasf e com o NAI	78
Figura 21 - Reação das mães e estudantes no grupo do WhatsApp	81
Figura 22 - Reação das mães e estudantes no grupo do WhatsApp	81
Figura 23 – Cenário da entrevista com Gildemar Sena	95
Figura 24 – Gildemar Sena desenhando	96
Figura 25 – Obra de Gildemar Sena	98
Figura 26 – Obra de Gildemar Sena	98

Figura 27 – Estudantes desenvolvendo a prótese com materiais reciclados	102
Figura 28 – Prótese é exposta em manequim que usa chapéu de couro	103
Figura 29 – Telemetria para localizar as maracanãs	107
Figura 30 - Medição das maracanãs	108
Figura 31 – Rapel para chegar aos ninhos das maracanãs	108
Figura 32 – Biólogos/as e voluntários/as atuando na zona rural de Curaçá	110
Figura 33 – Paisagem da caatinga na reportagem sobre a ararinha azul	112
Figura 34 – Fotografias da Guerra de Canudos	118
Figura 35 – Restos de ossos humanos no Parque Estadual de Canudos	118
Figura 36 – Ruínas do Arraial de Canudos	119
Figura 37 – Início do <i>travelling</i> , imagem do açude Cocorobó	120
Figura 38 – Fim do <i>travelling</i> , imagem da cidade de Canudos	120
Figura 39 – Colheita do umbu	123
Figura 40 – Exposição de produtos no Festival do Umbu	126
Figura 41 – A moto compõe o cenário do Semiárido contemporâneo	128
Figura 42 – Ambiente interno da agroindústria da Coopercuc	129
Figura 43 - Ambiente interno da agroindústria da Coopercuc	130
Figura 44 - Ambiente externo da agroindústria da Coopercuc	130
Figura 45 – Imagens utilizadas na dinâmica sobre o Semiárido	134
Figura 46 – Imagens utilizadas na dinâmica sobre o Semiárido	134
Figura 47 – Cartas anônimas produzidas pelos/as estudantes	153
Figura 48 – Carta com desenho	157
Figura 49 – Chico Mocó	167
Figura 50 – Cenário urbano de Uauá	168
Figura 51 – Ciclista em Uauá	169
Figura 52 – Cenário com computadores durante entrevista	170
Figura 53 – Cenário com cores e flores durante entrevista	171
Figura 54 – Visita à Rádio Grande Rio FM	173
Figura 55 – Visita ao NAI	174

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. MOTIVO, SIGNIFICADO E VALOR DE UM JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO.....	20
2.1. SEMIÁRIDO: DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO	20
2.2. EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO.....	25
2.3. JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO	30
3. PERCURSO DA PESQUISA	45
3.1. ESTUDOS DE RECEPÇÃO E O CONTEÚDO DA MÍDIA	47
3.2. A EDUCOMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA O PROTAGONISMO JOVEM	54
3.3. PROCEDIMENTO DE ABORDAGEM.....	58
3.4. O LÓCUS DA PESQUISA E OS/AS PARTICIPANTES	60
3.5. TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	65
3.5.1. Pesquisa bibliográfica.....	65
3.5.2 Seleção das reportagens da WEB TV Caatinga.....	67
3.5.3. Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro	69
3.5.4. Realização de Entrevistas	78
3.6. TÉCNICAS DE INTERPRETAÇÃO DE DADOS	82
4. AS REPORTAGENS DA WEB TV CAATINGA	87
4.1. REPORTAGEM: ARTISTA UTILIZA TÉCNICA DO BICO DE PENA PARA REPRESENTAR O SEMIÁRIDO	91
4.2. REPORTAGEM: ESTUDANTES DESENVOLVEM PRÓTESE COM MATERIAIS RECICLÁVEIS	99
4.3. REPORTAGEM: MEU AMBIENTE REINTRODUÇÃO DA ARARINHA AZUL..	106
4.4. REPORTAGEM: A GUERRA DE CANUDOS NÃO NARRADA EM “OS SERTÕES”	113
4.5. REPORTAGEM: BENEFICIAMENTO DE FRUTAS DA CAATINGA GERA RENDA PARA OS AGRICULTORES	121

5. A RECEPÇÃO DOS/AS ESTUDANTES ÀS REPORTAGENS DA WEB TV CAATINGA E AO JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO.....	132
5.1. PRIMEIRAS IMPRESSÕES DOS/AS ESTUDANTES SOBRE O SEMIÁRIDO BRASILEIRO.....	132
5.2. “TUDO VERDADE”: INFORMAÇÕES NOVAS E VALORIZAÇÃO LOCAL.....	137
5.3. “NÃO TEM NADA A VER”: CONTEXTUALIZAÇÃO CONTESTADA E CRITICIDADE EM EVIDÊNCIA.....	143
5.4. #ORGULHO: A APRECIÇÃO PELO CUIDADO COM A NATUREZA	147
5.5. “ACHEI LEGAL”: REAÇÃO VIA CARTA	153
5.6. “TOP”: UMA DAS MELHORES REPORTAGENS PARA OS/AS ESTUDANTES	159
6. O JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO PRODUZIDO PELOS/AS ESTUDANTES.....	163
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
8. REFERÊNCIAS	185
APÊNDICE A – MODELO TCLE DOS/AS PARTICIPANTES	197
APÊNDICE B – MODELO DO TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR	201
APÊNDICE C – MODELO DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, DEPOIMENTO E IMAGEM.....	204
APÊNDICE D – ROTEIRO DA OFICINA DE JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO.....	206
APÊNDICE E – MEMES UTILIZADOS COMO TÉCNICA DE RECEPÇÃO	215
APÊNDICE F – <i>HASHTAGS</i> UTILIZADAS COMO TÉCNICA DE RECEPÇÃO	219
APÊNDICE G – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NA OFICINA DE JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO	221
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	223

1. INTRODUÇÃO

Resultado de um milenar processo de modificação geográfica e histórica, a região, onde hoje existe o Semiárido brasileiro (SAB), já foi fundo de mar, até acontecer a movimentação das placas tectônicas que permitiram a formação da terra firme (MALVEZZI, 2007). A partir disso, esse cenário passou a compor uma vegetação semelhante à mata atlântica e foi palco para a mega fauna, animais gigantes que viviam nessas terras, há 8.000 ou 10.000 anos, como o tigre-de-dentes-de-sabre que pesava 300 kg e o *glyptodon*, uma espécie de tatu que tinha o tamanho de um fusca. A pré-história do Semiárido também revela que, na era glacial, esse lugar era bastante chuvoso com temperaturas amenas.

Com o fim da última mudança climática, o Semiárido brasileiro passou a ser formado, junto com outras áreas semiáridas espalhadas pelo mundo (SCHISTEK; CARVALHO, 2013). Tem-se, então, algumas alterações na composição do território, algo que, ainda hoje, é objeto de estudo e de compreensão por parte dos/as pesquisadores/as. O fato é que, atualmente, se pode identificar a região a partir da sua grande diversidade de paisagens, de povos e de manifestações culturais, como afirmam Schistek e Carvalho (2013). Esses autores ressaltam que existem “múltiplos semiáridos” (SCHISTEK; CARVALHO, 2013, p. 20), um ambiente formado por chapadas, vales, planaltos, serras, dunas e brejos. Uma das características que chama a atenção é a presença de apenas duas estações, a seca e chuvosa (MALVEZZI, 2007), além disso, as precipitações pluviométricas são irregulares no tempo e no espaço (SCHISTEK; CARVALHO, 2013), ocasionando longos períodos sem chuva. Esses elementos contribuem, inclusive, para definir qual município pode passar a fazer parte desse território.

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Regional, responsável por promover “o desenvolvimento includente e sustentável de sua área de atuação e a integração competitiva da base produtiva regional na economia nacional e internacional” (BRASIL, 2007, p. 1) estabeleceu três critérios técnicos e científicos, na última delimitação do Semiárido feita em 2017, são eles: “precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm; índice de Aridez de Thorntwaite igual ou inferior a 0,50 e percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60%, considerando todos os dias do ano” (SUDENE, 2017, p. 1). Com essas características estão 1.262 municípios que formam, juntos, uma dimensão de 1.128.697 Km² de extensão (SUDENE, 2018), abrigando o único bioma exclusivamente brasileiro, a caatinga (CARVALHO, 2012).

De acordo com Malvezzi (2007), a caatinga “apresenta grande variedade de paisagens, relativa riqueza biológica e endemismo” (p. 58), além disso, possui “boa capacidade de regeneração, perfeitamente adaptada ao clima e aos solos locais” (p. 56). Ao contrário do que muitos imaginam, a vegetação catingueira não é uniforme, contém três níveis: o herbáceo, com menos de dois metros de altura; o arbustivo, com altura de dois a cinco metros e as espécies arbóreas que chegam a oito e dez metros (MALVEZZI, 2007).

Apesar de tamanha importância e particularidade, a caatinga e o Semiárido sofrem os atuais efeitos das mudanças climáticas e da ação humana, o que tem causado a perda da biodiversidade, o esgotamento dos recursos naturais, a extinção de várias espécies da fauna e flora e a intensificação do processo de desertificação (FEITOSA, 2011). Diante de agravantes como esses, Maciel e Pontes (2015) ressaltam a necessidade de ações para preservar esse bioma e torná-lo um patrimônio ambiental.

Além disso, esses últimos autores denunciam um histórico de desvalorização e esquecimento perante toda a região Semiárida. É fato que, há muitos anos, instrumentos como a mídia, a literatura e o cinema contribuíram para propagar uma imagem negativa e restritiva do Semiárido, apontando sempre para os aspectos da seca, da vegetação espinhosa, da pobreza das pessoas, do êxodo rural, entre outros. Tais elementos divulgados com frequência, a partir de um ângulo inalterado, tornaram invisíveis as características plurais da vegetação, do ambiente, da cultura, da história, dos costumes etc.

Para Maciel e Pontes (2015), as elites políticas, culturais e científicas no Nordeste também “contribuíram para construir, ao longo do século XX, mitos e deformações acerca do Semiárido, sustentando crenças sobre sua esterilidade, inadequação para o povoamento e irrelevância biológica” (p. 23). Albuquerque Júnior (1999) vai além dessa periodização e mostra que desde quando a seca foi descoberta, em 1877, várias ações fizeram desse espaço um lugar projetado, inventado para sustentar interesses políticos de coronéis, políticos, grandes fazendeiros etc., baseados nas ideias de “Combate” e “Indústria da seca”.

Essas duas perspectivas fazem referência às intenções de eliminar esse fenômeno natural que acontece, com frequência, no Semiárido e que afeta, diretamente, a criação de animais, à produção da lavoura, o dia a dia dos povos da região. Os paradigmas do “Combate” e “Indústria da seca” também fazem referência à vida social das pessoas, promovendo uma participação dos cidadãos restrita ao voto, à troca de favores e uma escassez de investimentos produtivos por parte dos governantes. Mas, mantém presente a execução de ações emergenciais e compensatórias tidas como a solução dos problemas da região (PONTES, 2010; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999), a exemplo da distribuição de água através do caminhão-pipa, o que torna as populações dependentes do recurso hídrico vindo do Estado.

Depois de anos vivendo sob a égide dessa lógica política e econômica, outro modo de reconhecer e viver no Semiárido brasileiro começa a se intensificar a partir dos anos de 1980 e início dos anos 1990, um novo paradigma, baseado agora nos verbos “adaptar” e “conviver” (CARVALHO, 2012; MACIEL; PONTES, 2015). Essa concepção, denominada “Convivência com o Semiárido”, conduz as pessoas a um entendimento maior sobre essa região e, conseqüentemente, sobre o seu dever no local onde vive, de modo que, a “a construção do território ganha uma outra dimensão, pois passa a pautar-se pelo estabelecimento da consciência de pertencimento dos grupos, à região, ao substrato” (CARVALHO, 2004, p. 22-23).

Para Silva (2006), tal paradigma “possibilita construir ou resgatar relações de convivência entre os seres humanos e a natureza, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida das famílias sertanejas, por meio do incentivo às atividades econômicas apropriadas e a sustentabilidade ambiental” (p. 225). Diante da proposta de “Convivência com o Semiárido”, muitas ações e tecnologias passaram a ser criadas em áreas diversas, como a produção agrícola, a comunicação, as artes, bem como, estratégias foram/são planejadas para alcançar o acesso à terra e à água.

Destaca-se também o empenho por uma educação que se aproxime da realidade local e regional, agregando elementos pertencentes ao cotidiano, cultura, natureza, vivências das pessoas. Isso porque, de acordo com Silva (2010), “o paradigma clássico - universal, mecânico e neutro - de inovação nos legou uma educação que aliena e domestica ao homogeneizar o SAB (Semiárido Brasileiro), ignorando a diversidade das relações, significados e práticas entre as diferentes formas e modos de vida na região” (p. 4). É verdade que outras regiões, comunidades e grupos sociais passam pelo dilema de ter uma educação, uma mídia e uma visibilidade com representações limitadas, contudo, nesta dissertação, o olhar se acentuou, especificamente, ao Semiárido brasileiro, local de onde nascem os propósitos desta pesquisa.

Assim, Martins (2004a) salienta que a educação que se dirige há vários lugares do Brasil, inclusive ao Semiárido, é descontextualizada e fornece, majoritariamente, conteúdos oriundos da região Sudeste do país, principalmente, da área urbana. Esses conteúdos estão presentes nos livros didáticos, apresentado pelo referido autor como o “senhor sabe-tudo”. A partir deles, o/a professor/a repassa o conhecimento sem refletir sobre sua utilidade e sobre a relação daquele material com o ambiente, com o cotidiano do/a aluno/a, da escola, da comunidade etc.

Tem-se buscado, então, uma Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (ECSAB), que é a “defesa de uma contextualização da educação, do ensino, das metodologias, dos processos” (MARTINS, 2004a, p. 32). Afinal, se a educação oferecida nas escolas da região não aponta para assuntos que dialoguem com o Semiárido, condicionam-se os/as estudantes à compreensão e

conhecimento, apenas, do conteúdo que é distante da sua realidade (MARTINS, 2004a) e, por conta disso, diversos problemas podem surgir, como o êxodo rural que, entre outros aspectos, fomenta a ideia de que nos municípios do interior nordestino não é possível conseguir trabalho, satisfação financeira e profissional. Causa ainda uma dificuldade em perceber o potencial da região, de agir diante das possibilidades que esse lugar oferece e de expressar para outras pessoas sua viabilidade.

Além da educação, os ideais da “Convivência” também precisam alcançar a comunicação, de modo especial, o jornalismo. Fabíola Santos (2016) afirma que “nos veículos de comunicação de massa, o sertão nordestino é noticiado quase que exclusivamente nos períodos de longas estiagens, sob o discurso da seca que mata as vacas e assola as plantações” (p. 12). A grande mídia brasileira insiste na divulgação da imagem e narrativa sobre o Semiárido resumida à seca, à miséria, ao exótico ou à vegetação de cactáceas, especificamente, o mandacaru, espécie nativa do Semiárido brasileiro (INSA, 2018). Deixando de levar em consideração a existência de outras plantas e animais nativos, invisibilizando as descobertas, vivências, avanços e conquistas que os povos dessa região mostram possíveis a partir do modo “adaptar” e “conviver”.

Dessa forma, Santos (2016) defende a proposta de um Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (JCSAB), que se caracteriza como a “construção de um novo senso comum no campo da comunicação que aponta uma abordagem desses territórios sem distorções e baseada na contemporaneidade” (p. 57). Em resumo, a ideia é que jornalistas e comunicadores/as, nos diversos veículos da região, possam dar atenção maior ao território Semiárido local e regional e, a partir disso, construam sua comunicação agregando os elementos que raramente são identificados na mídia, mas que fazem parte desse cotidiano.

Santos (2016) sugere, com esse conceito, a construção de um novo senso comum, um imaginário sobre o Semiárido brasileiro baseado na atualidade do território que não se limita aos elementos da estereotipia, seca, pobreza e miséria. Isso, a partir de produções jornalísticas que apresentem a multiplicidade de ações no Semiárido, destacando outros desafios da região, buscando soluções para problemas encontrados, dando evidência às possibilidades e potencialidades de uma vida digna entre os povos. Vários são os exemplos de pautas possíveis para o JCSAB, a capacidade da vegetação catingueira para fins medicinais e alimentícios, o trabalho desenvolvido pelos cientistas do Semiárido, contribuindo em descobertas que atingem o Brasil e mundo, como o projeto que utiliza nanotecnologia para identificar agentes poluentes nas águas do rio São Francisco, realizado na Universidade Federal do Vale do São Francisco, a Univasf (TV CAATINGA, 2019b), e uma infinidade de outros assuntos.

Ainda são poucas as instituições de comunicação que se dispõe a praticar o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, entretanto, a WEB TV Caatinga é uma delas. A emissora é vinculada à Universidade Federal do Vale do São Francisco, tem sede em Petrolina-PE e foi criada em 2012, com a finalidade de divulgar o ensino, a pesquisa e a extensão produzidos na universidade, assumindo, assim, a missão de TV universitária. Contudo, ela também traçou como objetivo representar o Semiárido de um modo diferente das produções da grande mídia, por meio de reportagens e programas educativos, culturais e históricos que abarcam uma visão holística desse lugar, com produções diversificadas sobre a região (A TV CAATINGA, [entre 2012 e 2020]).

Todo conteúdo dessa TV é disponibilizado na *internet*, por meio dos sites oficiais da WEB TV Caatinga e da Univasf, redes sociais como *Facebook* e *Instagram* e o Canal no *Youtube*. Além das reportagens relacionadas ao contexto local e regional, a emissora possui na grade de programação dezoito programas que versam sobre temas variados como saúde, fauna e flora da caatinga, ciência e pesquisas acadêmicas, culinária, literatura e memória dos povos do Semiárido. A WEB TV Caatinga é ainda parceira de algumas emissoras nacionais, entre elas, a TV Brasil, Canal Futura e a TVE Bahia. Assim, as produções contextualizadas com o Semiárido podem alcançar um maior número de espectadores/as pertencentes a diversos lugares do Brasil e do mundo.

Face ao exposto, esta dissertação propõe unir a Educação Contextualizada e o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro para investigar como os/as estudantes da Escola Municipal João Borges de Sá/Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim (EMJBS/EMSB), em Uauá-BA, recepcionam as reportagens produzidas pela WEB TV Caatinga, entendendo se os seus conteúdos estão contextualizados com o Semiárido regional. Essa instituição escolar possui a maior quantidade de alunos/as do ensino fundamental de toda a zona urbana e para esta investigação, participaram jovens com idade entre 12 e 15 anos, das turmas vespertinas e matutinas do 7º e 8º ano. O município referido, que fica distante 131 km da sede da WEB TV Caatinga, faz parte da região Semiárida e recebeu duas visitas da emissora para produção de programas e reportagens.

Uauá é conhecido pela realização de atividades que são condizentes com a proposta da “Convivência com o Semiárido”, como a criação de cabras e ovelhas, animais com grande capacidade de adaptação à região (IRPAA, 2001) e o beneficiamento de frutas nativas da caatinga, uma atividade marcada pela sustentabilidade. Contudo, esses aspectos estão majoritariamente relacionados ao meio rural, tendo sido instigante compreender como a população urbana do município apreendeu as propostas da lógica da “Convivência”, neste caso, representadas na tela da WEB TV Caatinga. Assim, esta pesquisa verificou, a partir da análise de estudantes, se as reportagens produzidas cumprem seu objetivo de contextualização com o Semiárido.

Para isso, foram adotados como objetivos específicos as propostas de estudar a Educação Contextualizada com o Semiárido Brasileiro e o exercício do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, analisando as reportagens da WEB TV Caatinga produzidas em Uauá e região; promover uma Oficina sobre Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro com os/as estudantes da referida escola, utilizando como principal material pedagógico as reportagens da WEB TV Caatinga e, por fim, identificar as principais formas de interação dos/as estudantes da Escola Municipal João Borges de Sá/Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim com as reportagens da WEB TV Caatinga.

É comum, por parte de pesquisadores/as, a produção de estudos sobre a representação do Semiárido brasileiro nas mídias convencionais, também são frequentes investigações sobre possibilidades de integração entre educação e comunicação em ambientes escolares que apresentem o desenvolvimento de produtos, como jornais laboratoriais, uso de rádio-escola etc. No entanto, esta pesquisa se diferenciou por se constituir como um Estudo de Recepção acerca de reportagens que se dizem contextualizadas com o Semiárido brasileiro e, ainda, por buscar, a partir do olhar de estudantes do ensino público fundamental, algo pouco corriqueiro, revelar se as reportagens da referida emissora, produzidas em Uauá e região, atendem ou não às expectativas do público jovem, urbano, podendo se organizar como material pedagógico.

Outro aspecto que justifica esta pesquisa é o fato do município de Uauá e a Escola Municipal João Borges de Sá/Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim serem, respectivamente, a região onde a pesquisadora nasceu e o local onde esta vivenciou parte de sua formação escolar, proporcionando um retorno significativo às terras semiáridas na qual se sente pertencente. Além disso, aproximar o/a estudante da zona urbana com materiais próximos à sua realidade regional e local foi uma forma de promover e estimular a prática da educação contextualizada que se faz necessária para a formação do/a aluno/a, sujeito que na escola intensifica ou deveria ativar uma posição crítica, capaz de prepará-lo/a para compreender seu território e agir de forma participativa diante dele.

É interessante ressaltar que, no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) existem, até 2020, aproximadamente, dezenove dissertações diretamente relacionadas à área da Educação Contextualizada com o Semiárido e seis sobre a Educomunicação. Essas pesquisas utilizam metodologias que se desenvolvem no próprio ambiente escolar, formal ou informal, mas nenhuma delas apresentam um estudo de recepção. Sendo assim, esta investigação foi a primeira no PPGESA a tratar sobre a recepção de reportagens no ambiente escolar. Contudo, não é inédita a abordagem do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro no PPGESA, especificamente, este é o segundo momento, tendo em vista a criação e definição do termo

apresentado pela pesquisadora Fabíola Santos, em 2016, que realizou uma análise dos conteúdos produzidos pelos diversos materiais da WEB TV Caatinga e da WEB TV UNEB Juazeiro, vinculada à Universidade do Estado da Bahia, com o objetivo de examinar as contribuições desses meios de comunicação para a representação contextualizada com os territórios semiáridos, observando as perspectivas jornalísticas e educativas (SANTOS, 2016).

A promoção de um Estudo de Recepção sobre o jornalismo elaborado pela WEB TV Caatinga, ainda possibilitou a inserção de um trabalho externo para dentro do ambiente escolar. Tornou possível, desse modo, divulgar os conteúdos desenvolvido por essa emissora de comunicação, avaliá-lo a partir da reação dos/as estudantes e ofertar para esse público produções diferentes daquilo que é acessado com facilidade na mídia convencional.

Assim, tendo apresentando um histórico sobre a região Semiárida, breves conceitos da Educação e Jornalismo Contextualizados com o SAB, os objetivos e as justificativas desta pesquisa, introduziu-se esta dissertação que segue integrada pelo capítulo 2, nomeado de “Motivo, significado e valor de um Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro” onde aprofunda o entendimento sobre a proposta do JCSAB, observando aspectos relacionados às modalidades do jornalismo e da profissão, como os critérios que baseiam a elaboração de notícias. Aborda a importância da ECSAB e trata da formação histórica e social da região Semiárida, passando pelas propostas políticas que se desenvolveram nesse lugar, o “Combate e Indústria da Seca” e a “Convivência com o Semiárido”.

O capítulo seguinte, intitulado “Percurso da Pesquisa” explora outros dois campos paradigmáticos que norteiam este estudo que são, além do JCSAB, os Estudos de Recepção e a Educomunicação. Tais elementos se constituíram como metodologias para esta investigação e nesse item são apresentados conceitos, estudos teóricos e práticos já realizados. Aqui, foi detalhado também os processos vivenciados no campo, a partir da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, além das técnicas de coleta e interpretação de dados utilizadas.

Aproximando-se do objeto de estudo desta dissertação, o capítulo 4, chamado “As reportagens da WEB TV Caatinga”, trata das cinco reportagens da emissora que foram exibidas na Escola Municipal João Borges de Sá/Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim. Tais produções, primeiro, são examinadas por esta pesquisadora, a partir dos preceitos da Análise de Conteúdo e da Análise de Imagem, destacando construções textuais e elementos visuais e sonoros dos vídeos. Ainda são explanadas informações sobre o funcionamento da WEB TV Caatinga e sua atuação no Semiárido brasileiro.

No capítulo 5, nomeado “A recepção dos/as estudantes às reportagens da WEB TV Caatinga e ao Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro”, todo o material produzido pela emissora

é analisado mais uma vez, agora pelo viés dos/as participantes da Oficina que relataram seus modos de interação com o conteúdo. Estão expostos os principais resultados desta pesquisa, com detalhes sobre as reações e opiniões dos/as participantes, questionamentos levantados sobre as matérias, os elementos que envolveram essa recepção, bem como, são descritas as observações feitas sobre a apreensão desses/as jovens perante o JCSAB.

O tópico seguinte, “O Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro produzido pelos/as estudantes”, que configura-se como o Capítulo 6 desta dissertação, aponta detalhes do aprendizado construído, por meio da Oficina, durante todo o processo de elaboração, em grupo, de uma reportagem contextualizada com o Semiárido. Com o decorrer do projeto, essa atividade se tornou relevante e viável, sendo sugerida aos/às discentes para finalizar a Oficina. Além da apresentação das pautas escolhidas e dos elementos que configuraram o texto narrativo e o conteúdo imagético das matérias produzidas pelos/as jovens, é relatada a experiência obtida com a visita à WEB TV Caatinga e à TV Grande Rio, os principais ensinamentos dessa experiência e contatos construídos. Por fim, o capítulo 7 se destina às considerações finais do estudo, fazendo um breve aparato de todo o percurso trilhado e dos principais resultados alcançados.

2. MOTIVO, SIGNIFICADO E VALOR DE UM JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO

2.1. SEMIÁRIDO: DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO

Para abordar com detalhes o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, é necessário compreender que Semiárido é este e qual história ele carrega. Para isso, tem-se o entendimento de que o tempo e a ação das pessoas nessa região moldaram a existência de dois Semiáridos, não no sentido geográfico, mas, sim, no âmbito subjetivo e histórico determinado por ações, percepções e conhecimentos que sugerem um Semiárido tradicional e outro contemporâneo (MOREIRA, 2018).

Albuquerque Júnior (1999) ajuda a entender a formação desse primeiro espaço, marcado pelo imaginário de um lugar seco e pobre. De fato, essa era uma realidade da região que, até meados de 1910, não existia no mapa, não era conhecida, citada e não recebia recursos federais para mitigar os problemas causados pelas poucas chuvas e pela miséria que fazia morrer pessoas e animais. O Nordeste era, nesse período, chamado de Norte, momento em que o Brasil só recebia duas identificações, Províncias do Norte e do Sul. O, hoje, Nordeste se misturava nas referências ao Norte, atual, e passava a ser uma área única.

Essa invisibilidade fez as elites nordestinas, formada por intelectuais, autoridades políticas etc, reagirem, inconformadas com a pouca atenção e auxílio recebidos e com a situação econômica decadente, pautada na produção de açúcar e algodão que suas regiões viviam, isso comparado ao que era empregado no Sul do país. A estratégia encontrada foi fazer da seca uma “aliada”, o martírio que ela poderia causar comoveria as autoridades e traria os recursos financeiros almejados (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999).

Todas as demais questões são interpretadas a partir da influência do meio e de sua ‘calamidade’: a seca. As manifestações de descontentamento dos dominados, como o banditismo, as revoltas messiânicas e mesmo o atraso econômico e social da área, são atribuídos à seca e o apelo por sua ‘solução’ torna-se um dos principais temas dos discursos regionais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 58)

Assim, a seca, característica de uma parte desse lugar, denominado popularmente por sertão, se torna uma marca do Nordeste, uma metonímia. Mas, a elite ainda inseriu outros elementos para conceber a região, constituída por volta dos anos de 1920. O cangaço, o messianismo, a violência, o coronelismo também compuseram o discurso regionalista que passou a contar com a “ajuda” de alguns

instrumentos divulgadores, como a literatura, o cinema e a mídia, que auxiliaram na fixação desses elementos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999). Livros como “Os Sertões” (1902) de Euclides da Cunha e “O Quinze” (1930) de Raquel de Queiroz; os filmes *Vidas Secas* (1963) de Nelson Pereira dos Santos e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) de Glauber Rocha, bem como, diversas reportagens jornalísticas, veiculadas na grande mídia, são exemplos que destacam em suas histórias, principalmente, a crueldade da seca no Nordeste, a fome, a miséria, e a violência nessas terras.

Do livro “Os Sertões” (1902), considerado a primeira representação histórico científica do Nordeste (DEBS, 2007), se derivaram as obras citadas acima e várias outras, por esse motivo o relato euclidiano ganha mais destaque aqui. Ao ser enviado pelo Jornal O Estado de São Paulo para fazer a cobertura da Guerra de Canudos, no estado da Bahia, Euclides da Cunha se impressiona com a paisagem e o povo desse lugar, dedicando, então, as primeiras partes do livro para retratar com detalhes o que viu ou conjecturou, como disse, no caminho de Canudos, só bem depois escreve sobre a guerra.

A obra ora apresenta o interior do Nordeste como um lugar desolador, inserindo uma variedade de adjetivos depreciáveis, como “sertão inóspito”, “deserto”, “flora moribunda” e o homem desse lugar como “desgracioso”, “desengonçado”, “torto”; ora se refere a esse espaço com palavras de enaltecimento, chamando o sertão de paraíso, “vale fértil”, “pomar vastíssimo”, “fauna resistente”, e o homem como um “titã acobreado e potente”, cheio de “força e agilidade”. Euclides da Cunha, influenciado pelos ideais positivistas e deterministas que eram tendências da época (MIRANDA; SILVA, 2013), mostra, assim, as duas faces da região, a seca e a chuvosa, e detalha os diferentes aspectos que elas revelam na vida dos povos e da vegetação.

O texto euclidiano, no entanto, acabou sendo utilizado parcialmente por muitas pessoas que apreenderam/apreendem apenas o lado negativo descrito por Cunha (1902) sobre o sertão/Nordeste e propagaram/propagam imagens e imaginários voltados, majoritariamente, para o chão rachado, os galhos secos, as pessoas magras e sofridas, a lata d’água na cabeça da mulher que carrega um/a filho/a no colo e tem outro/a segurando sua veste maltrapilha etc. Esses retratos estão nas pinturas, nas fotografias, na música, na TV, no discurso de muita gente e formam um conjunto de estereótipos negativos sobre o Semiárido.

Por estereótipo, entende-se, a partir da definição de Kruger (2004), que é uma “crença coletivamente compartilhada acerca de algum atributo, característica ou traço psicológico, moral ou físico atribuído a um agrupamento humano” (p. 36). Os estereótipos homogeneizam as pessoas, lugares, culturas, tradições e podem causar problemas, como o julgamento equivocado devido ao amplo compartilhamento de informações restritas e danos intelectuais (PEREIRA, 2004).

Criado e constituído como o “lugar da seca”, o interior do Nordeste é palco para um jogo de interesses políticos justificados no anseio de combater esse fenômeno natural. Os governantes veem a seca como o problema maior, como dito acima, e por isso, implementam estratégias para vencê-la. Surge a política de “Combate à seca”, pautada na construção dos grandes açudes, nos caminhões-pipa, na distribuição de alimentos, nas obras emergenciais de enfrentamento às “grandes secas” que não resolvem os problemas da região, apenas iludem, pois, não são capazes de trazer independência econômica, emprego e desenvolvimento sustentável para a região. Além disso, várias dessas ações eram irregulares e descontinuadas (SILVA, 2006).

São criadas políticas compensatórias, como o DNOCS e o IAA, instituições destinadas a falar em nome deste espaço e a distribuir migalhas que caem do céu do Estado indo parar nos bolsos dos grandes proprietários de terra e empresários, funcionando como incentivos a uma obsolescência tecnológica e a uma crescente falta de investimentos produtivos. Isto torna o Nordeste a região que praticamente vive de esmolas institucionalizadas através de subsídios, empréstimos que não são pagos, recursos para o combate à seca que são desviados e isenções fiscais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 74).

Da tentativa, frustrada, de “Combate à seca” emerge, simultaneamente, a “Indústria da seca” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999), “tema nascido como denúncia a esses abusos contra o povo sertanejo, sendo utilizado como discurso pelos sindicatos de trabalhadores rurais e movimentos sociais” (COELHO, 1985 apud PONTES, 2010). O termo “negócio” fica explícito ao verificar, como afirma Silva (2006), que as barragens, açudes e poços construídos pelo Estado serviam, prioritariamente, para o sustento do gado criado pelos grandes e médios proprietários de terras e se localizavam em locais estratégicos, próximos as áreas desses fazendeiros. As frentes de serviço, onde a população pobre poderia se alistar e trabalhar na construção dos açudes e estradas, também eram utilizadas como recurso político. Silva (2006) ressalta que a mão de obra vinha da classe de baixa renda, mas os recursos do Estado iam para os grandes proprietários provocando um enriquecimento e fortalecimento do poder das oligarquias desse sertão.

Tomando ciência dos entraves desse modo de fazer política governamental e compreendendo que haviam condições de existir uma vida digna no Semiárido brasileiro, setores da sociedade civil, ONGs, movimentos sociais e sindicais, pastorais da Igreja Católica, entre outros (SILVA, 2006; MALVEZZI, 2007) começaram a intensificar, a partir dos anos 1980/90, debates e ações que reivindicavam a necessidade da revisão das estratégias políticas de “Combate à seca”, trazendo para o cenário regional outra proposta, a “Convivência com o Semiárido”. Esta, tem base na seguinte reflexão:

[...] porque os povos do gelo podem viver bem no gelo, os povos do deserto podem viver bem no deserto, os povos das ilhas podem viver bem nas ilhas e a população da região semi-árida vive mal aqui? É porque aqueles povos desenvolveram culturas de convivência adequadas ao ambiente, adaptaram-se a ele e tornaram viável a vida. No Semi- Árido brasileiro, essa integração de pessoa e natureza não encontrou uma solução adequada, de modo que o ser humano permaneceu sujeito às variações normais do clima regional. O segredo da convivência está em compreender como o clima funciona e adequar-se a ele [sic] (MALVEZZI, 2007, p. 11-12).

Surge, assim, “uma crescente multiplicidade de abordagens e programas para o desenvolvimento, com uma ação mais articulada e propositora de um modo de agir e pensar a natureza e o território Semiárido” (CARVALHO, 2012, p. 117). Desde então, a lógica da “Convivência com o Semiárido” tem alcançado diferentes campos de atuação. Está presente na produção agrícola, a partir de manuseios sustentáveis e condizentes com o clima; no acesso à água por meio das tecnologias de captação, manejo e armazenamento; na educação, através da proposta de constituição de um ensino contextualizado com a realidade local e regional; e nas mídias, principalmente sociais, buscando mais coerência e pluralidade nos processos de construção das notícias e reportagens sobre o SAB, entre outras formas.

Segundo Silva (2006), os olhares se voltam para as possibilidades e potencialidades dessa região, respeitando seus limites e características, tendo a sustentabilidade ambiental como a base das ações que buscam incentivar atividades econômicas apropriadas. O homem e a mulher do campo são valorizados/as, os costumes e ideias dos povos simples são levados em consideração. Um exemplo disso é a apreciação que as cisternas têm na região, elemento imprescindível, atualmente, para armazenar a água e dar independência às pessoas. A invenção veio de um pedreiro sergipano que criou as cisternas de placa, depois, outras tecnologias foram aperfeiçoadas e elaboradas por diferentes organizações, entidades e governos (MALVEZZI, 2007). Ou seja, na lógica da “Convivência”, o povo se torna protagonista.

Esse é o Semiárido contemporâneo ou sertão contemporâneo como denomina Gislene Moreira (2018), que ressalta como essa nova proposição é carregada por uma série de profundas rupturas com a ideia de sertão tradicional. Tais alterações partem do processo de modernização e globalização vivenciado nessa região.

Contrastando com o cenário clássico das caatingas, são cada vez mais comuns os campos verdejantes da agricultura irrigada, as barragens e transposições de rios, hidrelétricas e parques eólicos imponentes. A arquitetura das casas de fazenda vem dando lugar aos prédios e fachadas de estabelecimentos comerciais, que exibem logomarcas globais em cenários cada vez mais urbanizados. Mesmo nas zonas rurais, motos tocam boiadas. E cisternas e antenas parabólicas anunciam outro tanto de inovações (p. 82).

Mas, as alterações também são reflexo do olhar holístico dado ao Semiárido, a partir da proposta da “Convivência”, que permite a adequação das ações e a busca por estratégias de vida coerentes com o que a natureza semiárida oferece. Sendo assim, as observações de Moreira (2018) também permitem refletir sobre as nomenclaturas utilizadas para esse lugar. Apesar de ser bastante conhecido como sertão, a etimologia da palavra revela que essa referência pode ser equivocada, se mal empregada, pois por “sertão” pode-se entender uma “zona pouco povoada no interior do país”, “floresta longe da costa”, “lugar agreste afastado dos pontos cultivados” (FERREIRA, 2000, p. 633; DICIONÁRIO, [entre 2009 e 2020], p. 1).

Esses significados sinalizam a existência de vários sertões pelo Brasil e mundo a fora. Contudo, na prática popular brasileira, parece que o “sertão” só existe na região nordestina. De acordo com Moreira (2018), há também um significado filosófico e ideológico sobre o uso do termo “sertão”, que faz lembrar as ações voltadas para a proposta política de “Combate e indústria da seca”. Em contrapartida, a utilização da denominação Semiárido se aproxima da lógica da “Convivência” e identifica esse lugar contemporâneo, no qual emerge o discurso dos territórios de possibilidades. A palavra “Semiárido” também corresponde às especificidades técnicas e climáticas da região (MOREIRA, 2018), ou seja, a características como baixos índices de precipitação pluviométrica e alta evapotranspiração, fenômeno que consiste na evaporação da água presente nos vegetais e no solo (PONTES, 2010). Assim, pode-se relacionar as nomenclaturas “sertão” com o Semiárido tradicional e “Semiárido” relativo ao Semiárido contemporâneo.

Esse Semiárido atual abrange grande parte do Nordeste do Brasil e uma pequena proporção do norte do Sudeste. Segundo delimitação realizada, em 2017, pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), o SAB possui 27.870.241 habitantes e envolve os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais (SUDENE, 2018). Além disso, abriga o único bioma exclusivamente brasileiro, a caatinga.

Com o nome de origem indígena, a caatinga significa “mata branca”, definição atribuída por conta da peculiaridade de sua vegetação em perder as folhas na estiagem e ganhar o aspecto cinza. Apesar disso, existem outras qualidades. O bioma esbanja cores, uma multiplicidade de espécies animais e vegetais, “apresentando maior biodiversidade que outras áreas semiáridas do mundo” (MACIEL; PONTES, 2015, p. 24). Além disso, possui áreas plurais que diferem do ambiente quente e seco; regiões úmidas, como os brejos existentes em Pernambuco e lugares com baixas temperaturas, durante boa parte do ano, como em alguns municípios da Chapada Diamantina (PRADO, 2003).

Para Maciel e Pontes (2015), “consistem as caatingas em ambientes de tamanha biodiversidade que a comunidade científica brasileira não hesita em afirmar que se trata de uma área de alto valor

estratégico para a conservação” (p. 19). Nesse sentido, ambos autores afirmam a necessidade de patrimonializar esse bioma, de modo que sua potencialidade seja reconhecida e os governos, estados e municípios, principalmente, passem a efetivar estratégias de preservação e conservação desse espaço.

De fato, a caatinga e todos os territórios semiáridos precisam ser mais compreendidos, estudados e visibilizados. Nesse sentido, a educação e o jornalismo podem ser instrumentos importantes para ampliar o conhecimento sobre essa região.

2.2. EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Diante do exposto, faz-se necessário pensar uma educação que permita possibilidades de reflexão, pensamento crítico e que possa tornar os/as educandos/as cidadãos/ãs participativos/as, promotores/as de ideias e ações, especialmente, no lugar onde vivem. Tal modo, se aproxima da proposta de Paulo Freire (1987) que defende uma educação para a liberdade, fundamentada no objetivo de que os homens sejam como “corpos conscientes”, cuja consciência é “intencionada ao mundo” (p. 38), é formada pela identificação do que está ao redor e a articulação daquilo com os outros espaços, construindo a compreensão coerente da realidade e das possibilidades de existência.

O contrário dessa premissa é explicado por esse autor como uma espécie de educação “bancária”, caracterizada pelo movimento mecânico do/a professor/a de depositar informações e regras no/a aluno/a que só às recebe, não questiona, não interage, não duvida, age com passividade e obediência. O/a educador/a é o/a dono/a, detentor/a do conhecimento e o/a educando/a é aquele/a que nada sabe, que está vazio/a e precisa ser preenchido/a pelo/a mestre/a. “A única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens [...]” (FREIRE, 1987, p. 33).

Aprofundando essa proposição, Freire (1987) enfatiza que o conteúdo da aula não deve ser decorado, e sim, ser ruminado e refletido a partir de interações, perguntas, comparações, discordâncias, críticas, construções.

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada (FREIRE, 1987, p. 40).

A educação para a liberdade, também chamada por Freire (1987) de educação autêntica, tem bases no diálogo, na proposta de construir e aprender junto. “Não se faz de ‘A’ para ‘B’ ou de ‘A’ sobre ‘B’, mas de ‘A’ com ‘B’, mediatizados pelo mundo” (p. 48). Nesse processo, o saber é compartilhado e vem dos dois lados, tanto do/a docente quanto do/a discente, além disso, os vínculos no ambiente de ensino se pautam na busca por questionar as relações com o mundo e dar significado ao conhecimento.

Nesse sentido, essa educação também requer superar as opressões sociais e históricas impostas por uma classe formada por dominadores e dominados/oprimidos. Um viés de entendimento pode compreender o oprimido como todo ser humano que se torna refém das normas e dos sistemas sociais, sejam educacionais, econômicos, políticos, ideológicos etc, sabendo que nessas estruturas há sempre um ou vários superiores, aqueles que ditam as regras e impedem o caminhar livre dos seus subordinados.

São variadas as situações que podem se referir à relação dominante, entretanto, esta escrita faz menção ao tratamento descontextualizado com o Semiárido nas escolas, especialmente, aquelas localizadas na própria região. Por contextualizar, entende-se a tentativa de transportar uma pessoa para a questão discutida, analisar ou estudar todas as origens de determinado elemento, abordagem ou, ainda, um movimento que tenta colocar algo em sintonia com o tempo e com o mundo, a partir de bases sólidas e coerentes que legitimem uma posterior criação, entendimento ou discurso (TUFANO, 2002).

Assim, discursar a favor de uma contextualização com o Semiárido na educação, “implica admitir a particularidade do Semiárido Brasileiro e reconhecer como pertinente a inclusão da tematização dos seus fluxos nas salas de aula aí localizadas” (MARTINS, 2004a, p. 38). Não é tratar nos currículos, somente, de assuntos sobre o SAB, tão menos abordar a região em uma disciplina ou dia específico. É conhecer o mundo partindo desse espaço, é construir conhecimento do local para o regional e global (REIS, 2004), é tecer a consciência do que é o Semiárido, sua história, desafios, possibilidades e a importância de entender tudo isso.

Nossa crença é a de que a escola possa lidar com outros saberes, especialmente que ela possa dar sua contribuição para a melhoria das condições de vida do sertanejo. Não se trata de reduzir a ação pedagógica ao localismo. Isso seria cometer não só um erro, mas um crime! Todos nós temos o direito de conhecer e ter acesso aos bens culturais na humanidade. Queremos é que os ‘nossos’ bens culturais estejam entre aqueles, e com o mesmo valor, sem desmerecimento. Trata-se, contudo, ainda de otimizar a nossa relação com o mundo. Neste caso, é importante rever velhas oposições e preconceitos (MARTINS, 2004b, p. 119).

Essa dinâmica de concepção do local para o global é desenvolvida desde meados de 1948, em outros lugares da América Latina, envolvendo não apenas a área da educação, mas ainda a

comunicação. Em países como a Bolívia e a Colômbia, por exemplo, trabalhadores/as de empresas de mineração, camponeses/as e indígenas utilizaram o rádio para oferecer à comunidade notícias e entretenimento sobre a cultura local, inserindo, muitas vezes, a língua dos povos nativos nesses espaços, como forma de resgatar histórias e fortalecer identidades, além de transformar esse veículo em uma oportunidade de ensino para as pessoas analfabetas, a partir das “Escolas de Rádio”, que incluíam “a escuta coletiva e discussão de programas especiais” (BELTRÁN, 1993, p. 1).

Essas ações proporcionaram a construção do desenvolvimento político, social e econômico do sujeito e fomentaram a democratização da mídia, sustentada pelo acesso do povo à produção comunicativa. Olhar para essas experiências, que envolviam diretamente a comunicação, mas alcançavam a educação dos sujeitos de modo informal, permite perceber a dimensão da contextualização, sendo possível mensurar quão grande é o benefício que ela proporciona. Os povos latino americanos mencionados aprofundaram o conhecimento sobre o seu local de origem e, tendo o mundo como amostra, reconheceram as ausências, os desafios e as vantagens desse espaço.

De outro modo, esquecer ou se omitir da realidade próxima, mirar, divulgar ou estudar, apenas o horizonte distante, pode construir “receptores de ideias, conceitos, teorias, paradigmas e modelos, cuja adoção exige apenas imitar nunca criar nem criticar” (SILVA, 2010, p. 5), ou seja, ocasiona paralisia, acomodação e impede o conhecimento de si próprio, de sua origem, região, de seu futuro. Nesse sentido, Rosiane Sena (2014) constatou que inúmeras instituições escolares do Semiárido brasileiro “estão alheias às potencialidades e possibilidades desse Território, levando a crer que estejam desligadas de sua realidade mais próxima” (p. 108).

Essa autora ainda ressalta que, nas áreas urbanas, é perceptível que os/as atores/atrizes sociais não se reconhecem como pertencentes ao Semiárido e às condições que ele apresenta. Isso fica claro nos depoimentos de alguns/mas professores/as de escolas da cidade de Juazeiro-BA que foram entrevistados/as pela referida pesquisadora. Ao serem questionados/as sobre o exercício de uma Educação Contextualizada com o Semiárido nas suas aulas, os/as docentes demonstraram incoerências nas respostas. O/a professor/a I afirmou que adota a prática da contextualização, “porque de certa forma eles (os alunos) são nordestinos e isso facilita com que eles tenham uma visão mais clara do lugar, principalmente, quando se aborda a fome e a miséria, a Caatinga, os sem-terra, etc.” (SENA, 2014, p. 112). E o/a professor/a II salientou que

Na sala de aula, juntamos a geografia com o clima semiárido de algumas regiões dando mais enfoque ao clima porque algumas pessoas desses lugares quase não conseguem sobreviver lá. Nessas regiões, o mais determinante no clima é o calor e a falta de água, por isso enfatizamos sempre para os alunos com frequência [grifo da autora] (SENA, 2014, p. 113).

Os relatos mostram o quanto o Semiárido é colocado como um lugar distante e revela o nível de desinformação que os/as professores/as têm e que, conseqüentemente, comunicam aos seus/suas alunos/as. Sena (2014), entretanto, não atribui a responsabilidade dessas circunstâncias aos/as docentes, para ela, o problema está no sistema de ensino que se encontra deficiente, necessitando de melhorias que promovam o acompanhamento das práticas pedagógicas e a formação inicial e continuada para os/as professores/as, entre outros.

Além das carências apontadas pela autora, Martins (2004a) ressalta que a educação nas escolas do Semiárido brasileiro é, majoritariamente, voltada para as realidades do Sudeste urbano do país. A partir da realidade do Sul e Sudeste, se “toma todas as outras realidades que compõem a imensa diversidade brasileira, como sendo seus ‘Outros’: ‘eles’, ‘aqueles’ que estão ‘lá’ e devem ser integrados à sua narrativa” (p. 30). Por exemplo, a produção agrícola irrigada se torna exemplo para todo o país, sem levar em consideração as diferenças climáticas de regiões, como o próprio Semiárido. Reis (2010) amplia essa compreensão ao destacar que a educação, no Brasil e no mundo, sempre buscou se adequar aos preceitos da universalidade, neutralidade e formalidade dos saberes e práticas.

Uma educação pautada em princípios europeus – levando-nos, frequentemente, a questionar as razões de estudarmos isso ou aquilo –, ou seja, uma educação universalista que precisava chegar a todos os lugares do mesmo jeito como se as pessoas fossem exatamente da mesma forma (REIS, 2010, p. 122).

Essas constatações fortalecem a considerada distinção entre as pessoas que têm conhecimento e àquelas que nada sabem (FREIRE, 1987), potencializam a ideia de dominados e dominantes que, para Silva (2010), também pode ser compreendida no parâmetro de sujeitos colonizados e colonizadores. Segundo esse autor, no Brasil, em especial, regiões como o Semiárido, a experiência colonial, período da dominação/exploração das terras brasileiras pelos Portugueses, a partir dos anos 1500, ultrapassou o âmbito territorial e deixou como herança a normalização de relações desiguais de poder, a naturalização de violências, injustiças e a ideia de que, em defesa do progresso e do desenvolvimento, é justificável o “civilizado” dominar e o “primitivo” obedecer.

Nesse sentido, é possível compreender que há uma educação descontextualizada com o Semiárido que reproduz a dinâmica de opressão (SILVA, 2010; MARTINS, 2004a), pois o que se estabelece como prática educacional está baseado em regras impostas, em estruturas montadas, sem a participação de quem às recebe. Esse modelo educacional vem de cima para baixo, dos/as que tem o poder de mandar e estabelecer os processos para aqueles/as que só conseguem obedecer, como uma verdadeira relação de colonização, induzindo as pessoas a pensarem e serem como os dominantes.

Assim, “um desafio da educação contextualizada é construir o dia a partir do qual pensaremos como nós para sermos nós mesmos” (SILVA, 2010, p. 5).

Esse modo de abordagem que estimula a emancipação, sugere uma ruptura, formulando uma orientação educacional que altere o sistema e as práticas pedagógicas enrijecidas. No Semiárido, essa proposição pode advir com a Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (ECSAB), lógica “mobilizada e articulada como política pública de educação para as escolas do Semiárido brasileiro pela Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB)” (CARVALHO; REIS, 2013, p. 23), que, entre outros objetivos, busca “elaborar propostas de políticas públicas no campo educacional e desenvolver ações que possam contribuir com a melhoria da qualidade do ensino e do sistema educacional do Semi-árido brasileiro” [sic] (RESAB, 2006, p. 2).

A RESAB foi instituída no ano 2000, mas, antes desse período, diversas ações simultâneas em diferentes lugares foram moldando o que ela representa. Martins (2004b) salienta que a ideia de criar a rede nasceu a partir de experiências no município de Curaçá-BA, realizadas pelo Instituto Regional da Agropecuária Apropriada (IRPAA) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) que suscitaram a necessidade de ampliar o que estava sendo desenvolvido ali. Entre reuniões e eventos, a rede se firma, reunindo várias instituições governamentais, ONGs, agências de cooperação técnica, setores da sociedade civil, entre outros.

Dessa forma, a RESAB atua em quatro referenciais teóricos práticos: gestão compartilhada, currículo contextualizado, formação continuada e produção de materiais didáticos e paradidáticos contextualizados, “cujo propósito é gerar para crianças, jovens, homens e mulheres do Semiárido uma educação significativa, que retrate sua realidade” (CARVALHO; REIS, 2013, p. 26). Igualmente, com a RESAB, a Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro ganha maior visibilidade e alcance, algo imprescindível, pois tal proposta deve estar nas escolas de ensino básico, fundamental e médio, nas universidades, nos espaços de ensino não formais e em todos os lugares possíveis.

Entre os avanços que a ECSAB coleciona, é pertinente citar a elaboração do livro didático “Conhecendo o Semiárido”, volumes 1 e 2, material que exemplifica sua efetividade. A referida obra foi publicada em 2005, pela RESAB e oferece

[...] um conjunto de saberes, estimulando um estudo da realidade e um trabalho de pesquisa sobre a fauna, flora do SAB, paisagens, histórias, experiências do beneficiamento, tecnologias de captação da água da chuva, questões hídricas, clima, brincadeiras, cantigas, feiras, saberes populares, vida nas comunidades, Rio S. Francisco e suas lendas, as questões ambientais (abordando os cuidados com relação a desertificação) [LINS, 2013, p. 97].

Ainda mais interessante é a reação das pessoas a esse conteúdo. Nas escolas do Semiárido, onde o livro foi utilizado e avaliado, houve os seguintes relatos dos/as professores: “A história do livro é semelhante à história de cada aluno”; “Os alunos tiveram mais facilidade de aprender”; e “Envolve toda a família que também se identifica”. Já os/as discentes argumentaram: “Aprendi que estudar é bom”; “Foi um sonho trabalhar com um livro que fala da nossa realidade; tiramos proveito para o nosso futuro” (LINS, 2013, p. 98). Essas narrativas reafirmam o papel transformador da Educação para a Convivência com o Semiárido.

Ressalta-se que um longo caminho ainda deve ser percorrido, possibilitando à ECSAB ser compreendida e praticada nas diferentes comunidades escolares do Semiárido. As constatações já verificadas, apontam para a concreta viabilidade e urgência desse método, mas também indicam, que outras áreas do conhecimento devem ser atingidas pela “Convivência com o Semiárido”, libertando esse território do estereótipo, da desvalorização e do desconhecimento. Entre os campos almejados para a expansão dessa proposta está a comunicação, especificamente, o jornalismo.

2.3. JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO

A partir do que foi refletido até o momento nesta dissertação, pode-se concluir que, durante os anos dois mil, um conjunto de ações e pessoas de diversos setores da sociedade implementavam a proposta da “Convivência com o Semiárido” em várias cidades e campos do conhecimento. Mas, a mídia televisiva, especialmente, aquela encabeçada por emissoras de maior alcance e poder econômico, a grande mídia, tem representado esse novo percurso da região Semiárida com passos lentos, quase inertes.

O ano é 2012, e um dos jornais da emissora Record exibe uma série de reportagens chamada “Segredos do sertão”, aqui toma-se nota da primeira matéria produzida que apresenta o modo como vivem as pessoas das cidades de Canudos, Euclides da Cunha e Bendegó, no estado da Bahia, tendo como mote a seca e a história da Guerra de Canudos. Os/as apresentadores/as do jornal, Celso Freitas e Ana Paula Padrão, indicam o que seria a abordagem principal da matéria - a seca - como um problema crônico e a falta de água que atinge até quem mora ao lado dos açudes.

As imagens de abertura (Figura 1 e 2) da reportagem são dos espinhos de um cacto e de um trecho de solo sem vegetação, com erosões e marcas de uma reserva de água que secou, acompanhadas pelo texto do repórter, Rodrigo Vianna, que diz: “Marcada com as cicatrizes da seca, a terra parece arder” (R7, 2012). Na sequência, pode-se assistir a repetição de paisagens semelhantes, acrescentando representações de recipientes de água sendo abastecidos pelo caminhão-pipa nas cidades, o gado morto

na zona rural, o destaque à pobreza e às tradições antigas do Semiárido, como o uso do jegue, mesmo em tempos em que o animal tem sido trocado pela comodidade das motos. Além disso, uma frase narrada pelo repórter revela o olhar empregado para o/a homem/mulher dessa região ao destacar a forma como ele/ela se comunica: “A fala é retorcida e seca feita a caatinga onde ele cresceu” (R7, 2012).

Figura 1 – Espinhos dos cactos, abertura da série de reportagens “Segredos do sertão”.



Fonte: Site R7, 2012.

Figura 2 – Chão rachado, abertura da série de reportagem “Segredos do sertão”.



Fonte: Site R7, 2012.

A matéria tem quase nove minutos, dedica grande parte desse tempo para apresentar esses elementos estereotipados, contar a trajetória da Guerra de Canudos e o que sobra, um tempo bem

menor, é dedicado para tratar do que foi dito pelos/as apresentadores/as sobre a falta de água e o problema permanente da seca, mas, não informa os motivos desses impasses e não aprofunda as razões do fenômeno climático, tampouco, como seria possível superar as consequências derivadas dele. Patricia Barbosa (2017) também destaca um fato interessante, essa reportagem e toda a série “Segredos do sertão” se baseou na perspectiva euclidiana sobre o sertão nordestino, assim, tal região é representada, em 2012, com o mesmo olhar e significado que Euclides da Cunha utilizou em 1902, ao escrever o livro “Os sertões”, isto é, para a equipe de reportagem “os mais de 100 anos parecem não ter causado nenhuma mudança de contexto digna de ser reportada” (p. 22).

Segue-se para outra matéria, agora em 2019, produzida pela equipe da Rede Globo e exibida no programa de domingo, o Fantástico. A narrativa, intitulada “Lampião é julgado no sertão pernambucano, 81 anos após sua morte”, noticia uma simulação realizada em Petrolina-PE, com o objetivo de compreender, diante do tribunal, se o cangaceiro seria ou não culpado pelos crimes que cometeu no município de Capela-SE. Para isso, o evento contou com a presença de atores e atrizes, mas também membros do Ministério Público, promotores/as e advogados/as. De imediato, algumas semelhanças, a matéria começa mostrando os espinhos dos cactos da caatinga, foca no chão com a terra seca e empoeirada e o repórter, nesse caso, Ernesto Paglia, também utiliza frases referentes ao clima quente da região para iniciar a reportagem: “O sol do sertão já queimou muita história [...]” e “[...] é preciso saber em que ambiente ele nasceu, a caatinga, a secura, os espinhos do sertão nordestino” (GLOBOPLAY, 2019).

Figura 3 – Espinhos dos cactos, abertura da reportagem sobre o julgamento de Lampião.



Fonte: GLOBOPLAY, 2019.

Figura 4 – Terra seca, abertura da reportagem sobre o julgamento de Lampião.



Fonte: GLOBOPLAY, 2019.

Os mais de sete minutos de reportagem abordam, bastante, a história de Lampião e os trâmites do julgamento encenado, porém, o início e fim da narrativa dão ênfase aos aspectos climáticos e ambientais do Semiárido, mesmo não tendo relação alguma com a pauta central. Para encerrar, a equipe de reportagem volta a utilizar os elementos iniciais, os espinhos, a terra seca e um texto carregado de palavras depreciativas sobre a região: “A sombra de Lampião vai seguir na caatinga como a própria paisagem, parte da vida sertaneja, dura e espinhenta” (GLOBOPLAY, 2019).

Inúmeros são os exemplos que poderiam ser citados e utilizados para mostrar que, principalmente, na grande mídia, a imagem do Semiárido tradicional, pobre, seco e estereotipado é insistente. Não importam as mudanças que têm acontecido, não vale o movimento contrário, que revela a viabilidade da região ou se algo novo tem moldado, gradativamente, as paisagens e cotidianos. O jornalismo no Brasil parece ser apegado ao tipo de abordagem produzida pelas emissoras mencionadas acima, o que promove nas pessoas um conhecimento limitado e um imaginário equivocado sobre esse território.

Inconformada com tal cenário, a jornalista e professora Lana Krisna Moraes (2020) buscou uma forma de dar visibilidade ao Semiárido, a partir da proposta da “Convivência”, dentro do ensino de jornalismo desenvolvido na faculdade onde trabalha. Depois de cursar duas disciplinas como aluna especial do Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da UNEB, no ano de 2014, Moraes (2020) voltou para sua região, a cidade de Picos, no Piauí, e sugeriu que a Faculdade Raimundo Sá implantasse na matriz curricular do curso de Jornalismo a disciplina “Jornalismo Contextualizado com o Semiárido”, algo que aconteceu no mesmo ano. O objetivo da referida matéria é

[...] construir conhecimento contextualizado à realidade local, promover aprofundamentos acerca dos territórios semiáridos, seus desafios, potencialidades e incentivar a prática jornalística com foco nas questões locais e regionais, de forma que houvesse integração entre teoria, prática e interdisciplinaridade (FERREIRA *et al*, 2017, p. 4).

Em 2020, a professora conseguiu que mais uma instituição de ensino superior aderisse à proposta de abordar o Semiárido, de uma forma mais contextualizada, no curso de jornalismo, a Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Picos, que passou a oferecer uma disciplina chamada “Políticas Públicas e Desenvolvimento do Semiárido”. Entre as competências desse componente curricular, estão listadas a necessidade de

[...] refletir sobre o papel do jornalismo no contexto das políticas públicas para o Semiárido; conhecer as relações de poder e os discursos hegemônicos presentes quando retratam a seca, bem como sua forma de combate; compreender as políticas de intervenções públicas em favor do homem sertanejo e analisar de que maneira o jornalista pode contribuir positivamente para o desenvolvimento e implementação de tais políticas (MORAIS, 2020, p. 1).

As duas disciplinas são equivalentes, sobretudo, na busca por fazer um jornalismo que pretende evidenciar a viabilidade do Semiárido e aprofundar as reflexões sobre os desafios desse lugar, apontando caminhos para superá-los. Os/as estudantes da faculdade Raimundo Sá, por exemplo, criaram um blog chamado “Vem ver o Semiárido”, nesse canal são publicadas diversas reportagens textuais sobre pontos turísticos, histórias de vida, esportes, problemas ambientais como o acúmulo de lixo nas ruas, entre outras. Grande parte do conteúdo se relaciona a assuntos locais, sobre a cidade de Picos, mas o referido blog também apresenta pautas de âmbito nacional e mundial que fazem relação com a vida dos seus receptores, a exemplo da matéria sobre *Fake News* nas redes sociais.

Outra iniciativa, agora na cidade de Juazeiro-BA, também buscou aprofundar a integração entre jornalismo e a proposta da “Convivência com o Semiárido”, e foi denominada de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (JCSAB). Essa estratégia passou a ser colocada em prática pela pesquisadora Fabíola Santos (2016) através de uma investigação no PPGESA que resultou na dissertação intitulada “O sertão que a TV não vê: o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro”, que, posteriormente, virou livro. Para Santos (2016), o JCSAB é uma

[...] proposição que investe nas variadas possibilidades de representações sobre esses territórios que se aproximem da realidade, sem omissões e/ou distorções, com uma diversidade de produção de sentidos, temáticas e abordagens, onde o enfoque jornalístico caminha de forma equilibrada com a proposta educativa (p. 17).

Para efetivação dessa proposta, a autora identifica alguns modos de abordagens jornalísticas sobre a região que devem ser evitados, a exemplo da captura do chão rachado, da narrativa embasada na lógica de combate à seca e da utilização de frases clichês, como “flagelo da seca” e “vítimas da seca”. Seu objetivo, nesse sentido, é orientar os profissionais da área quanto à produção de conteúdo, despontando elementos que podem ser tratados com um foco diferente do habitual. Santos (2016) argumenta que um bom exemplo é procurar entender se o caminhão pipa é a solução para o problema da estiagem no SAB, indo além da informação de que a ação tem sido realizada ou que uma quantia financeira foi investida nesse feito. Outra possibilidade, é mostrar os desafios da região que não remetem às questões climáticas, como a necessidade de uma distribuição mais igualitária de acesso à terra (reforma agrária), problema vivenciado por muitas pessoas no Semiárido brasileiro.

A autora defende, portanto, que para se fazer um Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro é necessário “olhar do modo que ninguém está olhando e pautar o que ninguém está pautando. Sair da zona de conforto e das matérias prontas sobre o Semiárido” (p. 135). Essa mudança de perspectiva permitiria que jornalistas, fotógrafos/as, cinegrafistas e demais profissionais da comunicação percebessem aspectos óbvios, entretanto, pouco considerados, como o fato de o Semiárido não ser só rural, mas também urbano. Além disso, possibilitaria investigar diferentes formas de mitigar os problemas existentes e encontrar assuntos que podem ser noticiados nas áreas da ciência, tecnologia, inovação, esportes, meio ambiente, cinema, saúde, educação, teatro, artes plásticas, música que, inclusive, no Semiárido, não se limita ao forró, dando visibilidade para outras pautas, como a agricultura familiar, a sustentabilidade, o saneamento básico, a alimentação saudável e infinitudes de produções possíveis.

O jornalismo tem o dever de sair da subjetividade e obscuridade do determinismo climático, quase divino, e se pautar por informações concretas, apuradas pelas diversas fontes que dominam o tema. Para isso, é preciso se libertar da ‘síndrome de Vidas Secas e dos Sertões’, aquela retratação a partir do flagelo e de frases feitas como ‘antes de mais nada [...], é um forte’, e ter um olhar mais atual sobre esses territórios. É necessário sair do ponto de vista tradicionalista, do exótico, do bizarro, e vivenciar o que está acontecendo na contemporaneidade do Semiárido (SANTOS, 2016, p. 136).

Desse modo, a experiência do JCSAB como que “bate à porta” do fazer jornalístico para lembrar e reivindicar a necessidade de coerência na elaboração de notícias, atualização do modo de pensar e compreender esse local, por parte da equipe de reportagem, sabendo que existem pluralidades em cada canto do SAB e que essas devem ser respeitadas. Afinal, todos os povos têm o direito de se verem representados pelo jornalismo. Tal instrumento se tornou reconhecido pela sua capacidade de

informar e de ser um serviço ofertado às pessoas e, assim, passou a ser inevitável, sobretudo, a partir da criação dos jornais, emissoras de rádio e de TV, sites e revistas, espalhadas pelo mundo inteiro.

As primeiras atividades do jornalismo foram marcadas pela impressão de livros e pelo surgimento dos jornais impressos, que ganhavam o gosto das pessoas pelo caráter comunicativo tão necessário em tempos em que mensageiros especiais, à cavalo, levavam notícias de eventos percorrendo 200 km em um dia, algo considerado, relativamente, veloz (BRIGGS; BURKE, 2006). Da invenção da prensa gráfica, por Johann Gutenberg de Mainz, aproximadamente, no ano de 1450, se derivou todo o aparato de veículos comunicacionais visto hoje. Atualmente, as notícias são praticamente instantâneas, chegam em segundos, graças à internet. De lá pra cá, o que não mudou, segundo Briggs e Burke (2006), é a “necessidade de novos métodos de administração de informação” (p. 27), especialmente, em tempos de *Fake News*, as notícias falsas que “correm na velocidade da luz” nos aplicativos de mensagens do século XXI.

Profissionalizar a atuação nos veículos midiáticos sempre foi um caminho essencial para superar os desafios encontrados ao longo dos anos. Nesse contexto de aprimoramento do modo de informar, o jornalismo começa a ser moldado nos países ocidentais, no século XIX, impulsionado pelos interesses do capitalismo, da industrialização, da emergência da mídia de massa, entre outros (TRAQUINA, 2008). “As notícias tornaram-se simultaneamente um gênero e um serviço; o jornalismo tornou-se um negócio e um elo vital na teoria democrática; e os jornalistas ficaram empenhados num processo de profissionalização que procurava maior autonomia e estatuto social” (p. 20).

Segundo Traquina (2008), alguns aspectos passaram a ser identificados com o jornalismo, definindo sua prática, sendo eles: “as notícias, a procura da verdade, a independência dos jornalistas, a exatidão, e a noção do jornalismo como um serviço ao público – uma constelação de idéias que dão forma ao emergente ‘polo ideológico’ do campo jornalístico” [sic] (p. 34). Nesse sentido, foi necessário estabelecer critérios básicos que identificassem o que poderia se tornar uma notícia, assim os valores-notícia se tornaram como “óculos” para os/as jornalistas, servindo para orientar a atividade de ver e noticiar o mundo.

Traquina (2008) apresenta esses critérios, mas antes de citá-los, é necessário ter em mente o que o próprio autor ressalta. Os valores-notícia são mutáveis, o decorrer dos anos pode torná-los defasados, bem como, possibilitar a implementação de novas estratégias de noticiabilidade, critérios que permitem que um acontecimento seja divulgado. Além disso, cada empresa jornalística tem sua linha editorial, como será visto adiante, seguindo orientações próprias dos/as chefes de redação. Contudo, algumas questões fazem parte da essência do jornalismo e conhecê-las permite entender melhor seu funcionamento.

Desse modo, de acordo com Traquina (2008), os valores-notícia podem ser classificados por critérios substantivos, contextuais e de construção. No primeiro grupo estão: a morte, sempre noticiada; a notoriedade, relativa à importância do fato em si ou de quem está envolvido, como autoridades ou celebridades; a proximidade, considerando que a mídia propaga o que acontece próximo do alcance geográfico da equipe da redação. Esse último valor-notícia faz lembrar a importância da imprensa local e regional para que as informações de cidades pequenas sejam veiculadas, como acontece em Picos por meio do blog “Vem ver o Semiárido”.

Igualmente, as cidades de Juazeiro-BA, onde se localiza o PPGESA, e de Petrolina-PE, município sede da WEB TV Caatinga, possuem veículos de comunicação locais que contribuem para a divulgação do que ocorre na região. São vários blogs, rádios comerciais e comunitárias, duas TVs afiliadas à Rede Globo, uma em cada cidade, e duas TVs pelo sistema WEB, além da investigada nesta pesquisa, a WEB TV Caatinga, existe a WEB TV UNEB, vinculada à Universidade do Estado da Bahia. Nesses espaços, sempre são realizadas entrevistas e reportagens de acontecimentos locais, majoritariamente, mas também fatos do restante do Brasil e mundo.

Voltando aos critérios substantivos elencados por Traquina (2008), ainda fazem parte desse grupo aspectos como a relevância, fatos que têm impacto na vida das pessoas; a novidade; o tempo; a notabilidade, que faz relação a assuntos que são visíveis, tangíveis; o inesperado; o conflito ou controvérsia; a infração, violação de regras e condutas e, por fim, o escândalo. Nos critérios de seleção contextuais, por sua vez, estão a disponibilidade, relativa à condição da empresa de enviar profissionais ao local do acontecimento; o equilíbrio, proposta que busca balancear a quantidade de notícias sobre determinado assunto; a visualidade, no caso específico do telejornalismo, voltada para a pergunta recorrente: “Tem imagens para cobrir tal fato?”. É importante ressaltar que essa questão tem sido contornada, atualmente, pelo uso de imagens de celular enviadas pelos próprios receptores.

Ainda fazem parte desses critérios de seleção contextuais de valores-notícia, a concorrência, hoje não só entre uma televisão e outra, mas também entre a internet e os mecanismos que ela abarca; e o dia noticioso, que entende-se como a quantidade de acontecimentos que podem provocar duas situações na redação, a falta de notícias - um dia onde poucas coisas acontecem na cidade ou no mundo levando a equipe de produção da reportagem a eleger um fato fora dos parâmetros dos valores-notícia. Ou, o dia em que muita coisa acontece, muitas notícias relevantes, tornando necessário desprezar pautas importantes.

Partindo para os critérios de construção, tem-se a simplificação, onde todo texto jornalístico precisa ser claro e objetivo, sem ambiguidades; e a amplificação, que consiste em dar ao receptor uma dimensão maior do fato. Para exemplificar a questão da amplificação, Traquina (2008) cita as frases

“Brasil chora a morte de Senna” e “América chora a morte de Nixon” (p. 91), narrativas que dão a ideia de grandeza ao fato, objetivo da amplificação. Nesse critério, o jornalismo acaba transmitindo uma generalização arriscada porque, será que todas pessoas do Brasil choraram mesmo a morte do piloto Ayrton Senna? Será que todo o continente americano conheceu e lamentou, igualmente, a perda de Richard Nixon, ex-presidente dos Estados Unidos?

Do mesmo modo, é possível refletir sobre as reportagens sobre a seca. Será que todas as pessoas do Semiárido, urbano e rural, vivem os problemas noticiados e justificados pela estiagem? Todos estão na miséria ou apenas algumas classes sociais? Ou ainda, a pobreza noticiada condiz com a realidade daquele lugar ou foi incrementada pelo critério da ampliação?

A seca também serve de exemplo para outro valor-notícia de construção, a relevância, aspecto que identifica como importante os acontecimentos. Assim, percebe-se que a escassez de recursos hídricos no Semiárido sempre é proeminente. Nos jornais, na verdade, em grande parte das reportagens da grande mídia sobre a região, esse é o assunto principal e se torna mais pertinente para ser noticiado do que a própria chuva, por exemplo, situação contrária que traz maior satisfação, alento e revela outros aspectos da vegetação, as riquezas visíveis apenas no tempo chuvoso, como a variedade de flores que a caatinga esbanja.

Os últimos critérios de construção da notícia são a personalização, método que valoriza os envolvidos no acontecimento, acreditando que as pessoas tendem a se interessar por aquilo que se relaciona aos seus pares; dramatização, elemento que evidencia os aspectos mais críticos, emocionais do fato; e a consonância, lógica que permite seguir um padrão já estabelecido para um acontecimento, ou seja, “a notícia deve ser interpretada num contexto conhecido, pois corresponde às expectativas do receptor” (TRAQUINA, 2008, p. 93). Tal valor-notícia, faz lembrar, novamente, a abordagem dada ao Semiárido brasileiro na mídia, sempre pelo viés da estereotipia, apresentando com frequência o mandacaru, a terra rachada, a cabeça de gado morta, as pessoas sofrendo pela fome e falta de água, ou seja, uma construção imagética e textual comum.

O conjunto dos valores notícia destacados apontam para a postura de colocar o jornalismo como um serviço ao público, aspecto bastante citado pelos/as profissionais da área que encontram, nessa premissa, uma maneira de defender suas escolhas. O papel da informação clara, precisa e, sobretudo, verídica, se sobressai com o intuito de atender as demandas do povo. Dessa maneira, o compromisso com a verdade do fato noticiado é item fundamental para o/a jornalista, previsto em diversas normas de conduta.

O Código de Ética Internacional dos Jornalistas, aprovado em 1983, por oito Confederações e Uniões de jornalistas de vários continentes, cita, entre alguns princípios fundamentais para a profissão,

o direito das pessoas à verdadeira informação, sem distorções com a realidade dos fatos (FENAJ, 1983). Do mesmo modo, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros defende, no artigo 2º, inciso II, que “a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público”. Bem como, no artigo 4º, ressalta que a conduta do/a jornalista deve, entre outros, ser executada no compromisso “com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação” (FENAJ, 2007, p. 1).

Muitos debates discorrem sobre essa proposição: “jornalismo x realidade”. Lacan (2005) explica essa premissa a partir do entendimento sobre o conceito de “real”, que significa tudo aquilo que está firmado e não depende das ações humanas. Assim, para esse autor, a “realidade” é a percepção que cada um tem sobre o “real”, é o modo particular de ver, interpretação susceptível a um universo de possibilidades, afinal, existem variados pontos de vista. De fato, a realidade é muito ampla e complexa para ser descrita, precisamente, numa notícia de um ou três minutos, em uma ou mais folhas de jornal etc. Contudo, as notícias não são ficções, mas também não se definem como o espelho das situações cotidianas (TRAQUINA, 2008). Como comenta Bezerra (2014), as estéticas empregadas no jornalismo são socialmente codificadas, “são interpretações da realidade, e não a realidade, são *uma* realidade e não *a* realidade” [grifo da autora] (p. 29).

Esse contexto possibilita um direcionamento às questões que retiram o “romantismo” dessa área como prestação de serviço ao povo, para ressaltar o jornalismo dentro dos interesses econômicos e políticos dos donos da mídia, tendo em vista que grande parte dos veículos de comunicação, no Brasil, são administrados por políticos, a exemplo do prefeito de Salvador em exercício durante o ano de 2020, Antônio Carlos Magalhães Neto, um dos herdeiros da Rede Bahia. Ainda é possível mensurar, o jornalismo a favor da indústria, aquele que utiliza o espaço para vender anúncios. Denis Burgierman, jornalista, (2010) faz uma reflexão interessante sobre isso.

Eu saboreio aquela reportagem fabulosa e maravilhosamente informativa e fico tão embevecido que, quando menos espero... Tóim! Fui fisgado por um anúncio de cerveja! Hmmm, que sede! E assim as grandes empresas de mídia juntam o dinheirinho do leitor agradecido ao dinheirão do anunciante e podem pagar pelos seus prédios imponentes e pelo bônus dos seus executivos (p. 26).

Esse jornalista salienta que, recentemente, com a expansão do acesso à informação, tem sido difícil para os veículos seguirem nessa estratégia, ou seja, o indivíduo não precisa e não vai buscar a comunicação com o anúncio “escondido”. As notícias salteiam por lugares diversos, onde qualquer pessoa pode consumi-las e filtrá-las sem beneficiar, diretamente, o setor econômico. Burgierman (2010) afirma ainda que isso não causa a morte do jornalismo, mas sim, seu recomeço. Pois, outras

alternativas tem sido empregadas por profissionais que vieram da grande mídia ou não, com o objetivo de fazer produções inovadoras, autênticas, ousadas.

O autor experimentou isso ao deixar de trabalhar em uma grande revista brasileira para atuar num veículo pequeno, com a proposta de aproximar as pessoas entre si e entre os governantes por meio da cultura digital. Burgierman (2010), na verdade, visa ressaltar com essa atitude e seus estudos, que o “jornalismo não é apenas a atividade de uma indústria. Jornalismo é uma atitude: é ser curioso diante do mundo, é ser humilde para fazer perguntas e é ser transparente na divulgação da informação, revelando ao máximo todos os interesses envolvidos” (p. 28-29).

Mudanças como a vivida por esse profissional e as alterações sociais, políticas, econômicas experimentadas no mundo, ao longo dos anos, trouxeram divisões para essa área do conhecimento, sendo propício citar algumas, entre elas, o jornalismo de informação geral, presente em jornais diários, com notícias de fatos atuais e temáticas diversas; jornalismo especializado, que restringe a atuação em um campo específico, podendo ser encontrado através de variadas denominações: jornalismo literário, econômico, científico, político, ambiental, entre outros. Essa segunda modalidade indica “que existe uma audiência heterogênea que demanda informações qualificadas” (BUENO, 2015, p. 280) e aprofundadas, superando a superficialidade que o noticiário geral emprega.

O jornalismo especializado não é uma prática, relativamente, nova. Bueno (2015) salienta que iniciativas, nesse sentido, já existiam nos anos anteriores ao século XX, mas se tornou efetivo e amadurecido a partir da segunda metade do século passado. A atuação, nesse setor, “exige dos profissionais [...] o conhecimento, mais do que trivial, de conceitos e processos que tipificam as áreas de cobertura, o que os capacita a interagir, de forma competente, com as fontes principais para o seu trabalho” (p. 284).

Para Rovida (2010), o jornalismo especializado se baseia em uma temática, que deve nortear todo o trabalho de uma determinada equipe de comunicação, cuja produção discursiva construída se dirige para um público amplo e “normalmente, se remete a uma editoria do jornalismo de informação geral, não sendo considerado um fenômeno ou modalidade a parte, mas uma característica do jornalismo de informação geral contemporâneo” (p. 65). Essa autora também faz uma distinção entre o jornalismo especializado e outro aspecto do jornalismo, o segmentado.

O jornalismo segmentado seria uma espécie de superespecialização de uma temática. Aqui, o público já se torna restrito, menos plural, se diferenciando da proposta do jornalismo de informação geral que busca alcançar muitas e variadas pessoas. Mas, no jornalismo segmentado, as informações pretendem apresentar aspectos de proximidade com o público-alvo e a produção possui “uma periodicidade mais flexível e, portanto, não há uma ênfase na atualidade, mas sim no aprofundamento

objetivando a informação, a interpretação e a formação do público” (ROVIDA, 2010, p. 75). Essa autora exemplifica usando os magazines e periódicos, materiais que possuem conteúdos extremamente direcionados, como as revistas *Capricho* e *Cláudia*.

O jornalismo regional também compõe uma dessas modalidades, nele, a abordagem principal está voltada para o que acontece em uma comunidade, um bairro, um território específico. Segundo Diniz (2013), existe uma diferença entre esse modo de produção e o trabalho desenvolvido pelos veículos locais de cidades pequenas, distinção que consiste na despreensão pelo lucro por parte das instituições que fazem o jornalismo regional. Mais do que falar a consumidores, o interesse maior é alimentar o sentimento de pertencimento àquele lugar, reforçando a identidade do sujeito; buscar exercer a função de prestação de serviço, criando um produto educativo, muitas vezes, e promover cidadania. Nessa forma de comunicação, as pessoas da região se veem representadas, são elas as protagonistas das notícias, bem como, também podem ser da própria comunidade a equipe que elabora a informação.

As notícias que a comunidade encontra na imprensa regional geralmente tratam de pessoas e circunstâncias (personagens e contextos, portanto) familiares, que dizem respeito a eles próprios ou a seus vizinhos, sem aquele sotaque universalmente espetacular e fantástico que define a mídia empresarial (DINIZ, 2013, p. 56-57).

É pelo jornalismo regional que as diferentes pautas locais conseguem ganhar visibilidade na mídia. As emissoras nacionais até tratam os localismos, em um momento ou outro, mas faz isso em poucas oportunidades, tendo em vista a cobertura das demais circunstâncias dentro de um país de amplas dimensões, como o Brasil. Além do mais, as grandes emissoras estão sediadas nas capitais, centradas, principalmente, no Sudeste, o que torna ainda mais distante a percepção interiorana e contribui para a superficialidade das produções noticiosas.

Desse modo, diante das tipificações descritas, identifica-se que o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro se enquadra nos parâmetros do jornalismo regional. Isso porque, o JCSAB busca retratar uma única região e, segundo Santos (2016), propõe que essa seja interpretada e divulgada de modo coerente com a dinâmica de vida das pessoas, dos territórios, dos aspectos climáticos e geográficos, com produções que devem contemplar os variados assuntos das comunidades que o compõem, alcançando o cotidiano de uma forma mais acentuada. Por meio do olhar contextualizado, tal proposta, desse modo, objetiva corrigir uma memória equivocada sobre o SAB, midiaticizada ao longo dos anos no país inteiro, ocasionando o soerguimento de novas formas de pensar e compreender o Semiárido.

Além de se inserir no aspecto regional, o JCSAB apresentado nesta pesquisa, também é televisivo. Por isso, faz-se necessário observar as características presentes nesse gênero que mudou a maneira como as pessoas se relacionam com a mídia. De acordo com Bucci (2000), a TV tem o poder de delimitar o espaço público no Brasil. As novelas, os noticiários e as propagandas consolidam o modo como as pessoas se vestem, se comportam, o que trazem para dentro da casa, sejam objetos de decoração ou alimentos, como consideram o que é ou não informação. Nesse último caso, se um acontecimento não passou na televisão, a sensação é que não sucedeu ou não foi relativamente importante. Assim, a “telinha” vai moldando as relações sociais e isso se dá, não a partir de uma conduta alienada do/a telespectador/a ou de estratégias impostas pelos produtores dos programas.

O que acontece é que a televisão se apresenta com os mecanismos necessários para integrar expectativas diversas e dispersas, os desejos e as insatisfações difusas, consegue incorporar novidades que se apresentem originalmente fora do espaço que ela ocupa e, em sua dinâmica, vai dando os contornos do grande conjunto, com um tratamento universalizante das tensões (BUCCI, 2000, p. 12).

Corroborando com essa perspectiva, Vizeu e Correia (2007) argumentam que o telejornalismo passou a se constituir como um “lugar de referência”, ou seja, um recurso que as pessoas procuram como forma de orientação, para saber o que acontece no mundo e na região. Nesse sentido, ambos autores destacam algumas das funções que esse jornalismo exerce na sociedade, sendo elas: a exotérica, quando a profissão permite tornar compreensível um assunto específico de uma área complexa, a exemplo dos temas sobre medicina; a didática, em que a construção da notícia busca facilitar, ao máximo, a absorção das informações; a segurança, atribuição que corresponde ao aspecto da estabilidade que as pessoas podem sentir ao ver o noticiário, percebendo que o mundo continua possível de se viver, apesar dos problemas existentes; e a familiarização, algo que, pela repetição e o modo de exibição, faz os acontecimentos serem menos hostis e incomuns para o sujeito.

Desse modo, pode-se assegurar que “os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma, contribuem para uma organização do mundo circundante” (VIZEU; CORREIA, 2007, p. 5). Sua importância é explícita também para Coutinho (2009), ao salientar que “é necessário reconhecer que o telejornalismo hoje atua como uma forma central de ligação entre os cidadãos e a sociedade no Brasil” (p. 117). Tal desempenho perpassa uma lógica de produção agitada, influenciando o resultado final da informação, através das interferências de captação de imagem, da apuração da pauta, da edição – sendo relevante ressaltar seu caráter primordial de cortar e juntar partes da gravação –, da veiculação da reportagem, além de envolver o trabalho dos profissionais – produtores/as, repórteres, cinegrafistas, editores/as,

apresentadores/as, chefes/as de redação –amparados/as pela política editorial da empresa que define aquilo que vira ou não notícia e como essa deve ser moldada.

A política editorial está presente em qualquer veículo de comunicação, assumindo uma postura específica, afinal, apesar dos pontos em comum, como a intenção de informar, cada instituição alimenta valores, estratégias, condutas particulares que diferenciam seu modo de trabalho. No caso da WEB TV Caatinga, esse aspecto se manifesta por meio do empenho da emissora por divulgar o Semiárido a partir do olhar atento à diversidade regional, conseqüentemente, desconstruindo o imaginário estereotipado sobre esse lugar. Isto significa que, de alguma forma, essa escolha direciona a elaboração das reportagens e estabelece critérios próprios.

As rotinas produtivas dos/as jornalistas também estão imersas na pressão do “fantasma do tempo” (VIZEU, 2002), que envolve a duração das matérias, geralmente curtas, mas, com conteúdo suficientemente capaz de transmitir ao telespectador a comunicação desejada. O tempo persegue a equipe de reportagem que precisa definir pautas, encontrar entrevistados/as e fontes confiáveis de informação, gravar a matéria na rua, fechar o texto, acompanhar a montagem e revisar tudo, além de lidar com as alterações típicas desse percurso, como os assuntos urgentes que chegam de última hora ou as pautas “caídas”, aquelas que se tornam impossíveis de circular por algum motivo. Tudo isso acontece, no mesmo dia de trabalho, geralmente, e precisa ser resolvido antes do horário de veiculação da matéria, que não pode atrasar.

Essa tensão dos prazos coloca em risco a qualidade da produção e a prática dos valores-notícia. Sobre esses critérios caracterizados por Traquina (2008), Coutinho (2009) afirma que “entre aqueles envolvidos de maneira mais direta com a lógica de produção do telejornal, esses parâmetros são vistos como abstrações impossíveis para a operacionalização de um cotidiano em que ‘falta tempo’” (p. 113). Essa autora salienta que a prática do noticiário televisivo se torna uma ação mais intuitiva “em que os produtores se colocariam na posição do público para selecionar quais seriam os fatos mais relevantes a serem cobertos” (p. 114).

Essa conduta, motivada em conquistar o público, desencadeou um mecanismo bastante usado pelo telejornalismo brasileiro, o melodrama. Para explicitar tal questão, Bucci (2000) lembra da criteriosa escolha da Rede Globo em programar o Jornal Nacional - exibido pela primeira vez em 1º de setembro de 1969 - entre duas novelas. Ali, entre histórias de amor, tramas, suspenses e aventuras fictícias envolventes se apresenta o noticiário de narrativas “reais”, na medida do possível, cuja intenção não se reduz a informar. Para esse último autor, esse telejornalismo, consagrado pela TV Globo, quer entreter, chamar a atenção, assustar, emocionar, quer falar ao coração, pois, afinal, ele “é muito mais dramático do que factual” (p. 49). Essa assertiva pode ser confirmada pelas matérias citadas

neste capítulo, em que é visível a inserção do drama por meio da narrativa sentimentalista apresentada e das imagens estereotipadas, que apelam para aspectos frágeis do Semiárido, como a seca. Assim, a partir do conjunto de elementos descritos, compreende-se a importância do telejornalismo como instrumento capaz de contribuir positivamente para a vida em sociedade, bem como, se reconhece a atenção que deve ser dada aos modos de produção que, por vezes, estão envoltos em equívocos e intenções questionáveis.

3. PERCURSO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida nos campos paradigmáticos dos Estudos de Recepção, Educomunicação e Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. A ideia de interligar essas três referências nasceu da possibilidade de aproximar os atuais instrumentos tecnológicos, como as redes sociais e a internet (WEB TV), com o audiovisual (reportagens) e o ambiente escolar, para perceber a capacidade dos sujeitos de interação, percepção e atuação.

Dentro das perspectivas de integração entre jornalismo e escola, os Estudos de Recepção se apresentam como uma possibilidade de escolha metodológica por evidenciar fragilidades nas relações dos sujeitos com a mídia e também possibilidades de discussão, troca e construção de conhecimentos, a partir da integração entre as áreas da educação e da comunicação. Essa constatação se dá pela descoberta de experiências já desenvolvidas no ambiente escolar, entre elas, uma dissertação de mestrado, com o título “Mídia e Escola: um estudo de recepção de reportagens de telejornal em sala de aula”, realizada na Universidade Federal do Paraná pelo autor Everton Luiz Renaud de Paula (2015) que utilizou como objeto de pesquisa a recepção de um telejornal, produzido por meio do projeto “Televisando o Futuro”, uma iniciativa da emissora RPC TV, filiada à Rede Globo.

O “Televisando o Futuro”, criado em 2008, envolve a educação e a comunicação e busca promover a reflexão sobre temas sociais relevantes, contribuindo para a construção da cidadania. Anualmente, são definidas temáticas para serem trabalhadas como conteúdos nas salas de aula de escolas paranaenses, por meio de reportagens produzidas e exibidas pela RPC. Essa proposta visa, assim, colocar a força da televisão a serviço da educação e mobilizar educadores/as, educandos/as e familiares para soluções éticas, sustentáveis e transformadoras. Mas, segundo Paula (2015), nenhum trabalho acadêmico tinha se dedicado a investigar a maneira como esse material era recebido pelos/as discentes. Assim, o referido autor estabeleceu critérios para a escolha de um dos municípios do estado, do/a professor/a participante e se dedicou a analisar como os/as alunos/as da cidade de Palmeira recebiam as reportagens do referido telejornal, observando a mediação construída na escola e a ação pedagógica.

Três reportagens foram analisadas, com temas próximos ao cotidiano dos/as estudantes, como o cultivo do pinhão, espécie comum no Sul do Brasil. Esse pesquisador descreveu sua análise sobre cada matéria e, em seguida, destacou os processos observados em sala de aula, percebendo que a recepção das reportagens estava condicionada ao direcionamento do/a professor/a e às características disciplinadoras da escola com ações determinadas pela instituição, tornando o sujeito passivo ao conteúdo recebido.

Paula (2015) ainda ressaltou que os/as estudantes não tinham autonomia em relação à escolha das reportagens assistidas, bem como, pouco interagiam com a matéria, mas se colocavam à mercê da orientação do/a docente que conduzia as interpretações e reações. Apesar do/a aluno/a não ser protagonista dessa recepção, a pesquisa em Palmeira mostrou que “existem diversas possibilidades de mediação e de produção de sentidos que podem culminar na construção de saberes por meio das práticas educativas” (PAULA, 2015, p. 181), mesmo diante de conteúdos advindos de uma TV comercial, considerada não educativa.

Esse autor conclui que sempre é possível construir aprendizado e encontrar, na articulação entre educação e comunicação, estratégias que conduzam ao desenvolvimento do/a estudante. O universo midiático, incluindo as redes sociais, as tecnologias digitais e a propagação de informações são elementos frequentes no dia a dia da sociedade, principalmente, dos/as jovens, por isso, torna-se fundamental mostrar como fazer o bom uso dessas ferramentas, envolvê-las no processo educacional, instruir sobre a leitura dos meios, capacitar e encorajar uma posição atuante e crítica.

Com o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) tem-se percebido algumas ações com o intuito de aguçar a aproximação dos eixos comunicação e educação, principalmente, a partir dos elementos da Educomunicação. Além disso, muito se tem falado e pesquisado sobre o uso desses meios em sala de aula e a capacitação dos professores para tal intento. Guillermo Orozco (2005a) defende que os meios de comunicação também são instrumentos educativos, pois, ao divertir ou informar, estão produzindo aprendizagem em variados setores, porém, ao mesmo tempo, ele ressalta que, geralmente, no México, país onde nasceu, bem como, em toda a América Latina, essa relação eficaz não é reconhecida pelos órgãos educacionais, professores/as, pais e mães de alunos/as que entendem as mídias como ferramentas que devem ficar fora da escola.

Zanchetta Júnior (2007) acredita no papel da escola nesse processo, sendo para ele, possivelmente, “o único espaço coletivo e público de formação capaz de distanciamento reflexivo acerca dos MC [Meios de Comunicação], além de ser também um espaço ímpar para dar voz a comunidades bastante vulneráveis a discursos externos” (p. 1472). Esse autor também considera a efetivação da articulação entre comunicação e educação como um desafio, sobretudo, para encontrar soluções pedagógicas de continuidade capazes de enfrentar suportes e textos midiáticos, considerando que muitas escolas não conseguem manusear os instrumentos tecnológicos e de comunicação, por exemplo, e outras instituições que conseguem aderir a essa prática não desenvolvem suas ações de forma constante na rotina educacional, como as instituições do município de Uauá, onde essa questão ainda precisa ser solucionada. Nos tempos atuais, onde a comunicação circula com facilidade e os

veículos estão mais presentes no cotidiano das pessoas, superar essas barreiras é permitir a construção de conhecimentos de forma mais atraente, significativa e valorosa.

3.1. ESTUDOS DE RECEPÇÃO E O CONTEÚDO DA MÍDIA

A produção da informação, normalmente, está acompanhada pela preocupação em saber como as pessoas reagem ao material elaborado seja ele uma reportagem, uma propaganda, um filme, uma telenovela etc. Quais efeitos esse conteúdo provoca? Como a mensagem é digerida? Que capacidades têm de transformar ou reafirmar questões na vida do receptor? Que interferências estão envolvidas nesse processo? Essas e outras perguntas embasam concepções teóricas específicas que acabam sendo generalizadas dentro do termo “Estudos de Recepção”. A discussão sobre o uso dessa nomenclatura faz parte de um debate que ainda não apresenta soluções concretas (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005) contudo, nesta pesquisa, o termo é utilizado de forma mais abrangente, tomando como base uma linha de compreensão que será discutida adiante.

O conjunto das investigações sobre “os Estudos de Recepção” evidenciam a importância de compreender o comportamento do público sobre determinada produção, ressaltando, como afirma Martín-Barbero (2002), que “a recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação. É um lugar novo, de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação (p. 39)”. Também é um lugar capaz de indicar ajustes, validações ou alterações na forma de fazer comunicação, mas isso, claro, se for do interesse do polo emissor ou se for uma ação conquistada a partir de manifestações incisivas dos/as sujeitos que consomem a informação.

Portanto, pode-se dizer que o receptor é uma pessoa com condições de avaliar, concordar ou refutar o que vê, lê ou ouve. Mas, a história dos Estudos de Recepção nem sempre demarcou esse lugar, apontando, inicialmente, a possibilidade do sujeito, exposto a uma mensagem, ser sempre atingido e manipulado pela informação transmitida, como se essa fosse uma injeção aplicada sem reações adversas. Essa ideia advém com o surgimento dos novos meios de comunicação, em meados da década de 1920, nos Estados Unidos, que traziam, de modo marcante, o rádio como um veículo de comunicação de massa, capaz de alcançar um grande número de pessoas. Assim, as investigações iniciais apresentavam a perspectiva da teoria dos efeitos dos meios de comunicação onde, de acordo com Jacks e Escosteguy (2005), a finalidade seria “consequência do estímulo comunicativo, e define-se em sua relação com opiniões e atitudes, incidindo, em razão disso, diretamente na conduta dos indivíduos” (p. 26). Dessa tese, deriva-se a teoria hipodérmica ou da agulha hipodérmica, que sustentava “uma conexão direta entre a exposição às mensagens e o comportamento: se uma pessoa é

atingida pela propaganda, pode ser controlada, manipulada, induzida a agir” (WOLF, 2008, p. 11). Esse modelo segue o método behaviorista, abordagem do campo da psicologia, que analisa, basicamente, as reações do sujeito a partir dos atos de estímulo e resposta.

É importante lembrar que diversas teorias e modelos de comunicação voltados para entender o sujeito receptor surgiram ao longo do tempo, esta dissertação cita apenas algumas dessas investigações para explicitar as evoluções no modo de pensar esse processo. Assim, outra pesquisa que marcou os Estudos de Recepção foi apresentada por Harold Lasswell, cientista político que, em 1948, apresentou uma forma de descrever o ato de comunicação a partir das perguntas: “Quem?”, “Diz o que?”, “Por qual canal?”, “A quem?”, “Com qual efeito?”, indagações que fazem referência aos elementos básicos da comunicação: emissor, mensagem e destinatário. Nessa perspectiva, o pensamento de Lasswell não se distanciou muito da teoria hipodérmica, pois, considerava que a comunicação de massa promovia “um emissor ativo que produz o estímulo e uma massa passiva de destinatários que reage quando ‘atingida’ pelo estímulo” (WOLF, 2008, p. 13), ou seja, para esse pesquisador “a comunicação é sempre pensada como tendo um efeito sobre o receptor, que é alvo de sua influência e persuasão” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 28).

Avançando nos estudos teóricos, percebeu-se a complexidade das relações comunicativas, levando em consideração diversas possibilidades, como a aceitação das mensagens midiáticas pelo fato delas estarem de acordo com a opinião dos sujeitos, ou seja, as pessoas, que se permitiam ser alcançadas pelos meios de comunicação, faziam isso por aprovar o conteúdo divulgado, provocando um reforço de ideias preexistentes. Foi identificado que o receptor tem uma percepção seletiva, fazendo com que a interpretação seja transformada e adaptada de acordo com os valores e atitudes de cada pessoa. Essa mudança seria capaz até de, radicalmente, alterar o sentido original da informação a favor do receptor. Além disso, outros aspectos foram levantados, compreendendo uma recepção que se relaciona com a profissão do sujeito, seu nível de instrução, o consumo e a utilização da mídia (WOLF, 2008).

Nesse último aspecto, a pergunta mais evidente era: “O que o sujeito faz com os meios de comunicação?”. Uma indagação baseada nas pesquisas sobre os usos e gratificações, que sugere:

Os meios e conteúdos são geralmente escolhidos em função de objetivos e satisfações específicos; os membros da audiência são conscientes de necessidades relacionadas aos meios de comunicação que surgem em circunstâncias sociais (compartilhadas) e pessoais (individuais) específicas, manifestando-se em termos de motivações (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 32).

Com essas descobertas, o receptor se torna reconhecido como um ser ativo. Mas, não só isso, as relações que ele desenvolve na sociedade começam a ser observadas e se constituírem como

participantes do processo receptivo. No final dos anos 1950, os estudos culturais trazem para o debate a noção de que “a comunicação de massa é vista como integrada às demais práticas da vida diária, entendidas estas como todas as atividades que dão sentido à vida social” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 38). Ou seja, a mensagem midiática fala com o sujeito de acordo com os elementos que fazem parte das suas experiências, costumes e modos de viver. Entre os/as pesquisadores/as que abordaram tal perspectiva, destaca-se aqui Stuart Hall (2003), com o estudo *Codificação/Decodificação*, onde o autor vai além da unilinearidade emissor, mensagem e receptor, apresentando o ato comunicativo de forma mais complexa, estruturado a partir dos aspectos de produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução.

A codificação se refere a um dos momentos da produção e a decodificação ao consumo e recepção. Nessa última abordagem, Hall (2003) distingue três possibilidades de apreensão do discurso televisivo, sendo elas a dominante, quando o telespectador se apropria da informação de modo integral, de forma condizente com a intenção que a mensagem foi elaborada; a condição negociada, onde acontece uma espécie de acordo durante a recepção, envolvendo ações como a contestação ao que é visto e a adaptação às condições locais do sujeito; e, por fim, a oposição, quando a pessoa entende a mensagem proposta pelo emissor, mas a interpreta de acordo com sua visão de mundo, “ele ou ela destotaliza a mensagem no código preferencial, para retotalizá-la dentro de algum referencial alternativo” (HALL, 2003, p. 402).

Hall (2003) explicita diferentes comportamentos do sujeito, mas, nesse campo de investigação, ainda iriam faltar outras abordagens que viriam da América Latina, onde o contexto e as interações sociais ganharam relevância. Desse modo, de acordo com Jacks e Escosteguy (2005), a partir dos anos de 1980, os estudos latino-americanos de recepção despontam como um movimento justificado pela “insuficiência dos ‘modelos importados’, largamente adotados nas pesquisas até então, concebidos ‘em’ e ‘para’ outras realidades e que, sobretudo, não davam conta da vida cotidiana e de seus agentes” (p. 53). Entre as correntes elaboradas nesse território, salienta-se, nesta dissertação, as encabeçadas por Jesús Martín-Barbero (1997) e Guillermo Orozco (2005b).

Martín-Barbero (2002) inicia suas pesquisas em recepção dizendo: “temos que estudar não o que fazem os meios com as pessoas, mas o que fazem as pessoas com elas mesmas, o que elas fazem com os meios, sua leitura” (p. 55). Essa perspectiva fez surgir o principal argumento desse autor: é necessário entender a recepção através das mediações.

Em vez de fazer a pesquisa partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das *mediações*, isto

é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 292).

Logo, para Martín-Barbero (1997), diante dos processos de recepção midiática, é preciso olhar ao redor e compreender que existem pluralidades, ou seja, a recepção é diferente em cada pessoa, cultura, lugar, momento vivido. A investigação nesse campo não traria como resultado uma só história, mas envolveria a multiplicidade e heterogeneidade de temporalidades que o sujeito carrega, essa é uma das mediações apontadas pelo autor. Ele também destaca as fragmentações sociais e culturais que acontecem, especialmente, nos últimos tempos e, para isso, ressalta a influência das tecnologias de comunicação, entre elas a informática, a fibra ótica, os satélites e os bancos de dados, ferramentas que mudam o comportamento das pessoas (MARTÍN-BARBERO, 2002).

Atualmente, a informação está acessível em um celular ao alcance da mão, há pouco tempo era preciso ligar o rádio, a TV, ler o jornal para manter-se inteirado do que acontecia no mundo, na cidade. Segundo Martín-Barbero (2002), essa dispersão causa, por vezes, um endereçamento específico de quem consome, o quê e em qual veículo, isto é, existem meios de comunicação que correspondem aos interesses de cada classe, atitude que reforça as divisões sociais. “A divisão entre os que ascendem de alguma forma ao poder, ou seja, os que têm informação para tomar decisões – e sabemos que hoje o poder passa cada vez mais pela informação –, e a imensa maioria da população, para o qual os meios de comunicação se dirigem” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 45), essa maioria equivale aos/as inúmeros/as trabalhadores/as, famílias de baixa renda, população indígena, quilombola, LGBTQI +, mulheres, negros etc., que correm o risco de terem acesso e se acostumarem a consumir, apenas, conteúdos de entretenimento e informações rasas, incapazes de construir senso crítico na pessoa.

Nessa perspectiva teórica, é preciso prestar atenção também no aspecto da exclusão cultural, observada na demanda dos povos, na escolha de elementos da cultura popular para divulgação e no modo como essas representações são expostas. Martín-Barbero (2002) observa que parte da expressividade popular é midiaticizada como um ruído, tanto no sentido de ser um obstáculo à informação quanto no fato de se caracterizar como uma mensagem, um som desagradável. É possível assimilar essa questão com as reportagens que a grande mídia elabora sobre o Semiárido, onde o cangaço, a religiosidade, as tradições e costumes dos povos são inseridos, por vezes, de modo caricato, além de, frequentemente, destoar do foco da matéria, como foi visto na reportagem “Lampião é julgado no sertão pernambucano, 81 anos após sua morte”, descrita no capítulo 2.

Assim, ao estudar a recepção, é preciso se atentar aos artifícios e tentações que esse lugar propicia. Destaca-se um aspecto, comumente, relacionado ao campo da publicidade, lugar fortemente marcado pela ideia de que o sujeito é detentor de poder e que as peças publicitárias capturam e refletem

o conteúdo de interesse do consumidor. Nessa concepção, parece que o receptor domina o emissor e a construção da mensagem, porém, para Martín-Barbero (2002), essa ideia é falsa, o receptor faz uma escolha em um ambiente onde nem tudo lhe agrada, não importa muito “se os programas são de boa ou má qualidade; cada leitor faz a leitura. De um lixo, poder-se-ia fazer uma leitura profunda e preciosa” (p. 54).

Outra ameaça é ainda mais perigosa. Trata-se da possibilidade de dissociar o estudo da recepção do processo de produção da mensagem. Deve-se ter o cuidado de procurar entender as dinâmicas ideológicas, econômicas, políticas, organizacionais que compõe o polo emissor, pois parte da recepção é condicionada e orientada pelos percursos criativos que possuem produtores/as cada vez mais atentos/as, instigados/as a conhecer e analisar seu público (MARTÍN-BARBERO, 2002). Tal abordagem é verificada, nesta pesquisa, a partir do aprofundamento dado ao conceito que é fundamental na emissora em questão, a WEB TV Caatinga, que baseia suas criações em torno da proposta de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (JCSAB).

De acordo com Martín-Barbero (2002), as relações entre emissor e receptor exigem cautela para evitar extremos arriscados como o de acreditar que o produtor da informação conhece tudo sobre o receptor ou de crer que o receptor faz o que quer com a mensagem. Entre esses limites, é necessário entender que a chave da recepção se constitui na interação que é construída.

O artifício consiste em nos darmos conta de que a verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que trazem consigo seu manual de uso – transmite ao receptor. Sabemos que o consumidor não somente crê, mas é com base nos modos de uso que esses aparatos são socialmente reconhecidos e comercialmente legitimados (p. 57).

Interagir com a mensagem também é dar sentido a ela. Desse modo, o receptor é identificado não como um mero decodificador, mas como alguém capaz de produzir significado ao conteúdo que recebe. Baccega (1998) reafirma que o sujeito receptor é capaz de ressignificar “o que ouve, vê ou lê, apropriar-se daquilo a partir de sua cultura, do universo de sua classe, para incorporar ou não às suas práticas” (p. 10). Braga (2006) também reitera, ressaltando, que a sociedade produz diversas ações diante da mídia que se configuram como um retorno diferido e difuso da sociedade ao que é veiculado, de modo que as atitudes podem ser “contrapositivas, interpretativas, proativas, corretoras de percurso, controladoras, seletivas, polemizadoras, laudatórias, de estímulo, de ensino, de alerta, de divulgação e de ‘venda’ etc” (p. 39-40). Portanto, a pessoa que está assistindo a TV, lendo noticiários, ouvindo o rádio, *podcasts*, entre outros, é compreendida como autônoma, livre para decidir, aceitar, recusar, construir, desconstruir opiniões.

Do modelo das mediações, delineado por Martín-Barbero (1997), se deriva a perspectiva das multimediações desenvolvida por Guillermo Orozco (2001; 2005b), que considera o sujeito como um ser “em situação” que vai se constituindo a partir de condicionamentos individuais e coletivos. Orozco (2001) compreende que o processo receptivo é envolvido pelo ato de ver televisão, chamado de televidência, pelas mediações diversas que compõem essa ação e pelo comportamento do sujeito receptor.

Ver, escuchar, percibir, sentir, hablar, gustar, pensar, comparar, evaluar, guardar, retraer, imaginar y «comprar» la televisión son actividades paralelas, muchas veces simultáneas, del largo y complejo proceso de la televidencia. A veces también se realizan de manera imperceptible o automática por los televidentes, pero ejercen mediaciones significativas en sus interacciones televisivas (p. 162).¹

Assim, são identificadas diversas mediações que facilitam o entendimento e visualização das influências que alcançam o sujeito, entre elas está a mediação vídeotecnológica, cujos aparatos têm a capacidade de seduzir o público, especialmente, nos tempos atuais, onde os recursos digitais deixam as gravações com maior qualidade de imagem e som. Essas combinações construídas no audiovisual atraem, emocionam e dão um tom de verossimilhança aos acontecimentos narrados exigindo do telespectador maior esforço para ter uma postura analítica.

Outra concepção é a mediação cognitiva. Orozco (2005b) mostra que o receptor está susceptível às interferências que “provêm das suas próprias capacidades, história e condicionamentos genéticos e culturais específicos” (p. 32). É um conjunto de experiências e sensações particulares como valores, crenças, conhecimentos, emoções e etc., que também carregam um senso coletivo identificado nas construções comunitárias e contextualizadas que essa pessoa incorpora. As mediações ainda se constituem como referenciais ou estruturais que são influências relacionadas a questões de idade, sexo, religiosidade, escolaridade, condição financeira, lugar onde o receptor nasceu ou vive (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005; OROZCO, 2001).

O ambiente externo onde o sujeito acompanha o veículo de comunicação permite a mediação situacional que apresenta possibilidades diversas. Orozco (2005b) salienta dois momentos interessantes, a companhia ou a solidão, já que, com pessoas reunidas, é possível acontecer uma troca de ideias e opiniões, refutações ou concordâncias sobre a informação transmitida que interferem no modo de percepção daquele conteúdo. Sozinho esse diálogo é inviabilizado, há condições de dedicar

¹ “Ver, ouvir, perceber, sentir, falar, gostar, pensar, comparar, avaliar, economizar, retrain, imaginar e ‘comprar’ televisão são atividades paralelas, muitas vezes simultâneas, do longo e complexo processo de assistir televisão. Às vezes, eles também são realizados de forma imperceptível ou automática pelos espectadores, mas exercem mediações significativas em suas interações televisivas” (OROZCO, 2001, p. 162, tradução nossa).

maior atenção à mensagem e digeri-la a partir de convicções próprias. Esse autor lembra que a recepção não é realizada apenas no tempo em que a TV está ligada diante do sujeito, antes e após a exibição do conteúdo, há uma interação do telespectador efetivada na escolha sobre o que assistir, em qual horário e no desdobramento que ele/ela dá à mensagem, compartilhando com outras pessoas, mudando hábitos etc.

Dessa maneira, o processo de recepção “sai do lugar” em que está a televisão e “circula” em outros cenários, em que seguem atuando os telespectadores. Em todos esses cenários, o processo de recepção vai sendo mediado tanto pelas novas situações, como pelos agentes e instituições envolvidos (OROZCO, 2005b, p. 34).

Além de estar em um lugar físico, o receptor também se localiza dentro de um grupo social, pois faz parte de uma família, de uma escola, possivelmente, de uma entidade religiosa, empresa ou outras comunidades. Essas organizações constituem as mediações institucionais que concebem negociações no processo de recepção. Torna-se fácil, por exemplo, entender que os valores ensinados em um lar ajudam a modelar a reação da pessoa em frente à mídia. Do mesmo modo, a força disciplinadora da escola, a necessidade de obedecer a regras e horários, a presença de autoridades (professor/a, diretor/a) pode gerar uma contribuição no processo receptivo, especialmente, se a mensagem for veiculada no ambiente escolar (OROZCO, 2005b), caso que acontece na pesquisa apresentada aqui.

Destarte, o modelo das multimediações permite observar a recepção a partir de aspectos importantes e bem definidos, por isso ele foi utilizado como referência neste estudo. Estando a perspectiva de Orozco (2005b) interligada à concepção de Martín-Barbero (1997), as duas formas contribuíram para analisar a recepção dos/as estudantes de Uauá e a responder à pergunta motivadora desta investigação.

Ainda tratando de América Latina, no Brasil, os Estudos de Recepção começaram a se intensificar a partir dos anos de 1970, quando foram implantados os primeiros cursos de pós-graduação na área de comunicação no país. Os grupos de trabalho dos congressos anuais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) e da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (COMPÓS) passaram a reunir, a partir de 1990 e 1992, respectivamente, as experiências realizadas sobre os processos receptivos (JACKS, 1999). Porém, atualmente, apenas a COMPÓS mantém o GT “Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias”. Para Nilda Jacks (1999), fora desses espaços “as pesquisas de recepção no Brasil são iniciativas isoladas,

que revelam uma descontinuidade da produção na área e não raro do interesse dos investigadores. Assim, não se fundam linhas teórico-metodológicas que identifiquem a produção brasileira” (p. 171).

Apesar disso, as pesquisas desenvolvidas ajudam a compreender os contextos nacionais. Jacks (2002), por exemplo, examinou os Estudos de Recepção com a cultura regional dando ênfase ao fato da comunicação massiva atuar como propagadora de representações homogêneas sobre um país de grandes dimensões, identificando que, mesmo os conteúdos elaborados com a intenção de se aproximar das experiências locais, não contemplam a diversidade existente, muitas vezes, marcante mesmo entre comunidades pequenas. Ainda de acordo com essa autora, para entender esse tipo de mediação é necessário que

[...] a região seja conhecida em todos os contextos que a definam como tal. É preciso localizar os elementos que configuram esse regionalismo, e qual o papel que a cultura exerce como articuladora de uma identidade. A compreensão global desse ‘território’ precisa ser realizada, para que a medição seja apreendida na sua amplitude e complexidade (p. 160).

Também contribuiu para os estudos brasileiros o trabalho de Carlos Eduardo Lins da Silva (1985), que investigou a repercussão do Jornal Nacional da TV Globo entre trabalhadores do bairro de Lagoa Seca, na cidade de Natal-RN e do bairro Paicarará, na periferia do município de Guarujá-SP. Ao contrário do que se imaginava na época, o pesquisador constatou que esse noticiário, mesmo sendo a principal fonte de informação, não tem poder para moldar opiniões e transformar os/as telespectadores/as em pessoas alienadas. A Igreja, os partidos políticos, os movimentos sociais, os familiares e os amigos, entre outros, interferem no modo de digerir o conteúdo da mídia e permitem ao sujeito a oportunidade de duvidar, criticar ou rejeitar o que ele/ela vê na televisão, isso acontece mesmo nas classes mais humildes da população brasileira, como foi possível verificar na investigação.

3.2. A EDUCOMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA O PROTAGONISMO JOVEM

Na América Latina, a Educomunicação recebe bastante atenção desde meados de 1960, todavia a preocupação com os campos da comunicação e da educação já era discutida, nos Estados Unidos e na Europa, desde a década de 1930, com o surgimento da televisão e tinha, nesse momento, uma perspectiva bastante voltada para a educação midiática. O assunto inquietava de tal modo alguns governantes que passou a ser introduzido em programas educativos como também conteúdo curricular obrigatório nas escolas, algo que aconteceu na França, por exemplo, em 2007 (SOARES, 2014; CITELLI; COSTA, 2011).

Zanforlim e Gulin (2017) salientam que o reconhecimento da Educomunicação, como uma área do conhecimento, se deu em um período histórico onde a tecnologia iniciava sua ascensão e o modelo tradicional de educação se encontrava em declínio. Contudo, para essas autoras, esse foi um momento propício, pois a Educomunicação “pode ser o caminho para a criação de um novo modelo educacional, mais aberto, crítico, inclusivo, e acima de tudo mais humano, que inclusive propicia o uso crítico dos meios e permite receber os benefícios advindos da tecnologia da comunicação” (p. 255). Existe, assim, um grande interesse em tornar esse tema presente na sociedade e isso se dá ao entender seus objetivos.

No primeiro momento, é plausível imaginar que a Educomunicação se limita apenas a tratar os veículos de comunicação em sala de aula; dar formação ao/à professor/a para o manuseio de tecnologias; e/ou promover leitura crítica dos meios entre os/as jovens, em geral. Entretanto, Baccega (2011) ressalta que, apesar do tema incluir todas essas funções, essa área de estudo e atuação não pode ser resumida a isso, pois vai muito além, ao ter, “sobretudo, o objetivo de construir cidadania, a partir do mundo editado devidamente conhecido e criticado” (p. 32). Soares (2014) reforça esse pensamento ao dizer que a Educomunicação busca

[...] transformações sociais que priorizem, desde o processo de alfabetização, o exercício da expressão, tornando tal prática solidária fator de aprendizagem que amplie o número dos sujeitos sociais e políticos preocupados com o reconhecimento prático, no cotidiano da vida social, do direito universal à expressão e à comunicação (p. 24).

Esse autor ressalta que a “Educomunicação não está preocupada exatamente com a mídia, mas está preocupada com o sujeito midiático, com o sujeito que vai se apoderar da mídia e avançar no uso da mídia” (SOARES, 2019, [n.p.]) para assim promover e fomentar boas práticas na sociedade. Desse modo, é possível perceber que ao inserir as mídias, numa sala de aula, esse campo do conhecimento desencadeia nos sujeitos processos que possibilitam mudança na vida, ações que alcançam a mente e o modo de agir diante do mundo, provocando uma ação política.

Soares (2019) ainda salienta que a ação política da Educomunicação permite a quebra dos processos hierárquicos de comunicação, ou seja, passa a não existir uma distinção de quem produz e de quem consome, oportuniza-se a elaboração de conteúdos não construídos pelos veículos tradicionais, assim todos/as são capacitados/as a criar e divulgar as informações, todos/as têm direito de fala, todos/as têm liberdade de expressão. Schaun (2002) afirma que essa proposição política se solidifica em duas bases: a formação de pessoas críticas, participativas e inseridas num meio social onde a exclusão e a discriminação são, conseqüentemente, banidas e há a concretização do que a autora chama de “utopias sociais”, que devem vigorar, através de uma educação de qualidade e uma comunicação democrática.

Sobre as “utopias sociais”, Pinheiro (2013) acredita que o que deve receber mais atenção são os processos que a envolvem e não o fim, a finalização da ação. Por exemplo, pode-se imaginar que, em uma oficina sobre a produção de um jornal com informações sobre o bairro, os momentos de criação e absorção de ideias permitem mais crescimento e desenvolvimento para os/as participantes do que a entrega do jornal pronto, o produto final por si só. Foi nesse sentido que a Educomunicação se tornou um dos pilares desta pesquisa, estando presente em todo o desenvolvimento da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, entrelaçada no ato de proporcionar a exibição, a discussão e a análise de reportagens midiáticas, fazendo os/as jovens envolvidos/as se aproximarem do ambiente comunicacional e construírem conhecimento a partir dessa observação.

Por conseguinte, durante todo o processo de análise da recepção dos/as jovens às reportagens da WEB TV Caatinga, buscou-se instigar a construção de uma leitura de mídia com criticidade, conduzindo os/as estudantes ao reconhecimento de elementos positivos e desfavoráveis nas matérias. Do mesmo modo, que eles/elas eram incentivados a perceberem pontos de identificação ou não com sua realidade/contexto, outras possibilidades de encaminhamento do roteiro jornalístico, incluindo diferentes opções de entrevistados/as, enquadramentos, pautas, textos, trilhas musicais etc. Com isso, os/as participantes, ora distantes e desinteressados pelo noticiário, tiveram condições de entender que esse campo do conhecimento é tangível. Através do levantamento de temas locais e regionais, o público pode compreender que a comunicação faz parte de suas vidas, do seu cotidiano, de suas origens e, ao ser bem utilizada, permite a visibilidade de problemáticas, a divulgação de conquistas da comunidade e o apelo pela concretização de direitos e deveres que beneficiam as pessoas. Ou seja, a comunicação, aqui especificada no jornalismo, não precisa e não pode estar aquém da rotina dos/as jovens estudantes, e isso se justifica pelo caráter transformador, propulsor, político e social que ela pode carregar, algo imbricado nos aspectos da Educomunicação, como destacado acima.

Além do contato com a mídia e da edificação de uma percepção crítica sobre a mesma, a Educomunicação também está compreendida nesta pesquisa a partir da perspectiva do fazer. Como citou Soares (2019), esse mecanismo permite que o/a espectador/a passe a ser o/a produtor/a de conteúdo ocasionando a ruptura de hierarquias. Na Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, a WEB TV Caatinga não foi a única promotora da notícia, meninos e meninas, uns/mas tímidos/as, outros/as extrovertidos/as e os/as que ficam entre esses extremos, colocaram a “mão na massa” e experimentaram construir reportagens e fazer suas próprias escolhas para a elaboração desse material. Esse foi um sinal de confiança e emancipação ofertado aos/às estudantes que tiveram a permissão de sair, conhecer, desenvolver uma tarefa nova e colocar suas ideias na “telinha” do jornalismo televisivo.

Eles/elas provaram respostas negativas de entrevistados/as ou da própria pesquisadora e outras dificuldades típicas da prática jornalística, por exemplo, algo propício para sua formação pessoal e profissional, capaz de moldar a personalidade adolescente, preparando-os/as para os entraves sempre apresentados na vida. Apesar dos contratempos, os/as jovens mostraram habilidade para a superação e para a persistência, entregaram boas reportagens, tendo em vista o ineditismo da atividade. Contudo, o produto em si não é o mais importante, como destacou Pinheiro (2013), o percurso desenvolvido, as evoluções conquistadas, o passo a passo que envolve não só a técnica, mas também as relações humanas, constituem os aspectos mais significativos. Testemunhar isso tem, sem dúvida, maior relevância. Todo esse percurso, potencializou o protagonismo dos/as participantes nas atividades da Oficina, bem como, é possível acreditar, impulsionou ações fora desse ambiente educacional alcançando a família, o bairro, os/as amigos/as e o futuro de cada um/uma.

Com arranjos de possibilidades, como descritos nesta dissertação, o desenvolvimento da Educomunicação, ao longo da história, permitiu identificar diferentes espaços de atuação a partir de bases teóricas e metodológicas semelhantes, sendo que, em 1999, uma pesquisa do Núcleo de Educação e Comunicação da Universidade de São Paulo (NCE/USP) criou o termo “Área de intervenção” (SOARES, 2017b). Atualmente, são consideradas sete áreas de intervenção que, de acordo com Soares (2017b), “asseguram a especificidade e a diversidade do novo campo frente a outras abordagens que buscam aproximar comunicação e educação” (p. 14). Tem-se, então, as áreas: Educação para a Comunicação, Mediação Tecnológica na Educação, Produção Midiática – das quais esta pesquisa mais se aproxima pelos motivos explicitados acima; Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos, Reflexão Epistemológica sobre o Agir Educomunicativo, Expressão Comunicativa através das Artes e Pedagogia da Comunicação. Soares (2017a) complementa afirmando que há alguns anos tenta-se inserir a Educomunicação Socioambiental como uma oitava área de intervenção, contudo, pesquisadores/as defendem que as ações da educação ambiental se encaixam nos campos já consolidados.

Schaun (2002) evidencia que as áreas de intervenção não excluem outras possibilidades e nem são únicas, mas representam uma síntese, agrupando vários estudos possíveis dentro da Educomunicação. Essas e outras áreas de intervenção devem ser desenvolvidas dentro de ecossistemas educacionais, lugares que permitem o cuidado “da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como, do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação” (SOARES, [20--], p. 1). Os ecossistemas exigem planejamento, administração e avaliação permanente para que se promova uma verdadeira gestão da comunicação, elementos fundamentais que

proporcionam êxito nas ações educacionais, construção de um espírito crítico nos/as participantes e transformação social.

Os resultados das práticas de Educação têm articulado uma crescente quantidade de pesquisas e adesão das instituições. Rose Mara Pinheiro (2013) descobriu, na sua tese de doutorado, um crescimento das publicações de mestrado e doutorado sobre as interfaces comunicação/educação, educação/mídia e Educação, analisando, para isso, o banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). As primeiras pesquisas datam de 1980 e seguem num ritmo crescente até meados de 2010 e 2011, somando 97 trabalhos que abordavam, especificamente, o tema Educação. Em 2016, a referida autora voltou a fazer esse levantamento e identificou 201 teses e dissertações registradas na Capes, no período de 2013 a 2016 (apud SOARES, 2017a). Soares (2019) atualiza essas informações e resume esses dados ao afirmar que, de 1999 a 2019, foram publicadas cerca de 370 teses e dissertações em todo o Brasil, um número considerado positivo pelos/as autores/as.

Na primeira pesquisa, Pinheiro (2013) também mapeou a produção acadêmica em Educação por regiões, constatando que a região brasileira que mais concentra esses estudos, no período investigado, é a Sudeste com 65%, seguida pelo Sul com 17,5%. O Nordeste ficou em terceira posição, tendo 9,5% das pesquisas no país e os números mais baixos são para as regiões Centro-Oeste e Norte, respectivamente, com 6% e 2%. Apesar disso, é importante destacar que, no Nordeste, especificamente, em Juazeiro-Bahia, existe um Núcleo de Educação, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que tem contribuído para o fortalecimento dos estudos nos territórios semiáridos.

3.3. PROCEDIMENTO DE ABORDAGEM

A articulação entre os três campos desta investigação (Educação, Estudos de Recepção e JCSAB), é importante para compreender a realidade local e regional dos territórios semiáridos, bastante comprometida pela divulgação de conteúdos estereotipados, construídos pela mídia ao longo dos anos. Assim, para tratar o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, introduzindo esse assunto na escola, por meio de um estudo de recepção, esta investigação se apresenta como uma pesquisa de natureza qualitativa, que é caracterizada pelo interesse em aprofundar a compreensão de um grupo social, organização etc. e se preocupa com “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Deslauriers e Kérisit (2008) afirmam que várias técnicas podem ser inseridas numa pesquisa qualitativa, o que torna essa abordagem privilegiada para estudar aquilo que é vivido pelos/as atores/atrizes sociais, o comportamento do sujeito na ação particular e coletiva e os sentidos que os fenômenos sociais provocam. Apesar de nem todos os assuntos serem coerentes para uma análise qualitativa, os referidos autores também citam como caminhos possíveis observações que tem o objetivo de aprofundar processos ou fenômenos complexos, ou que comportam aspectos que ainda não foram delimitados ou investigados, bem como, uma verificação sobre sociedades desconhecidas ou estruturas inovadoras, entre outros.

Nesse contexto, algumas precauções e limites devem ser tomados pelo/a pesquisador/a para que sua atitude não ponha em risco o êxito de uma pesquisa qualitativa, como a

[...] excessiva confiança no investigador como instrumento de coleta de dados; risco de que a reflexão exaustiva acerca das notas de campo possa representar uma tentativa de dar conta da totalidade do objeto estudado, além de controlar a influência do observador sobre o objeto de estudo; falta de detalhes sobre os processos através dos quais as conclusões foram alcançadas; falta de observância de aspectos diferentes sob enfoques diferentes; certeza do próprio pesquisador com relação a seus dados; sensação de dominar profundamente seu objeto de estudo; envolvimento do pesquisador na situação pesquisada, ou com os sujeitos pesquisados (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

A pesquisa qualitativa também abriga a possibilidade de desenvolvimento do estudo exploratório, como foi realizado nesta investigação, método que permite familiaridade, clareza das questões relacionadas ao problema evidenciado e contato direto com as pessoas e lugares em que se deseja obter os resultados de uma análise (TRIVINOS, 1987). Gil (2002) salienta que as pesquisas exploratórias “têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (p. 41).

Marconi e Lakatos (2003) explicam como o método exploratório se divide em dois grandes tipos. Podem ser estudos exploratório-descritivos combinados, que objetivam descrever com riqueza de detalhes um fenômeno. Nesse caso, por exemplo, pode ser utilizado o estudo de caso como um complemento metodológico. Também há as pesquisas de manipulação experimental, que servem para apontar a viabilidade de um programa ou técnica como solução viável a determinado problema e as investigações usando procedimentos específicos para coleta de dados que envolvem, “exclusivamente um dado procedimento, como, por exemplo, análise de conteúdo, para extrair generalizações com o propósito de produzir categorias conceituais que possam vir a ser operacionalizadas em um estudo subsequente” (p. 188).

Esse último tipo se enquadra nos propósitos desta investigação, que, inclusive, também utilizou a Análise de Conteúdo, como descrito mais adiante. Mas, antes de explicar as técnicas para coleta e interpretação de dados, que visam responder à questão de pesquisa, é importante aprofundar o conhecimento sobre a cidade de Uauá e o seu povo.

3.4. O LÓCUS DA PESQUISA E OS/AS PARTICIPANTES

Conhecida como a Capital do Bode, a cidade de Uauá fica localizada no Semiárido baiano, distante cerca de 415 Km de Salvador. Palco da primeira batalha da Guerra de Canudos, o município possui 24.294 habitantes, desses 10.761 moram na zona urbana e 13.533 residem na zona rural, de acordo com Censo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010. A economia gira em torno da caprinovinocultura, mas os/as agricultores/as também têm encontrado uma fonte de renda no beneficiamento de frutas nativas da caatinga, como o umbu e o maracujá do mato, transformados em sucos, polpas, doces etc., através da Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (Coopercuc), o que tem colocado a cidade como referência na área em diversos lugares do Brasil e do exterior.

Apesar de ter unidades no interior do município, a sede da Coopercuc fica na zona urbana de Uauá, território pequeno se comparado à área rural que possui maior dimensão espacial e número de habitantes, como visto. É na cidade que acontecem os eventos culturais mais conhecidos, como o São João e a Exposição de caprinos e ovinos, a primeira a ser realizada na Bahia. Nesse espaço também funciona a maior instituição educativa de ensino fundamental de toda a cidade, a Escola Municipal João Borges de Sá/ Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim (EMJBS/EMSB), local onde foi desenvolvida esta pesquisa.

Como o próprio nome indica, houve uma fusão entre duas escolas da cidade. Em 2018, o então Colégio Estadual Senhor do Bonfim foi municipalizado, após 52 anos de funcionamento, e passou a receber o público da instituição escolar vizinha, a Escola Municipal João Borges de Sá. A municipalização faz parte de uma política do Governo do Estado que transfere para os municípios a responsabilidade pelo ensino fundamental. Essa ação não é exclusiva na Bahia, tem acontecido em outras regiões brasileiras e está prevista em lei.

A Constituição Federal de 1988, no artigo 211, § 2º, prioriza a responsabilidade do ensino fundamental e da educação infantil para os municípios. Já a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/1996, no parágrafo único do Artigo 11, estabelece que “os municípios poderão optar, ainda, por se integrar ao sistema estadual de ensino ou compor com ele um sistema único de

educação básica” (BRASIL, 1996, p. 5). Essa inclusão não vem sendo realizada com total aceitação. Na Bahia, por exemplo, o noticiário mostrou que houve protestos, no ano de 2018, e um descontentamento de pais, mães, alunos/as e professores/as, motivados/as pelo receio do fechamento de escolas antigas, que fazem parte das relações afetivas e sociais das pessoas, além disso, os/as docentes e os/as funcionários/as das escolas temiam a perda do emprego.

Em Uauá, esse fato não é diferente, a junção das escolas ainda desagradava alguns/mas moradores/as que conheciam e frequentavam o Colégio Estadual, inclusive esta pesquisadora, que estudou por lá da antiga 7ª série do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Esse processo extinguiu relações emocionais e físicas construídas no espaço, bem como, abala as memórias do que foi vivenciado naquele lugar, ao longo do tempo, por conta do apagamento das práticas da instituição. Um exemplo, eram as festividades do aniversário do Colégio, momento em que a comunidade escolar se preparava para o desfile nas ruas da cidade, os/as estudantes ensaiavam os cantos para a Missa em Ação de Graças e todos/as se mobilizavam para fazer uma grande comemoração. Mas, com a justificativa de que benefícios seriam conseguidos, como a ampliação da estrutura de ensino público municipal e a permanência de vários professores/as que estavam excedentes, a municipalização aconteceu em Uauá no ano de 2018.

Em 2019, período em que a pesquisa de campo deste estudo foi realizada, a EMJBS/EMSB tinha 716 estudantes, 51 professores/as, 10 funcionários/as na área de serviços gerais, 5 motoristas e uma equipe gestora formada por 6 pessoas, sendo: uma diretora, duas vice-diretoras, uma coordenadora pedagógica e duas coordenadoras pedagógicas de apoio. A estrutura física comportava 17 salas de aula e outros espaços educativos, como laboratórios, quadra esportiva e sala acústica. A escola se encontra no centro da cidade, em uma das avenidas mais movimentadas, a João Borges de Sá, nome também dado à escola como forma de homenagear o coronel e primeiro prefeito de Uauá. Conta-se que por não querer que seus/as filhos/as estudassem fora do município, João Borges de Sá construiu a escola e se tornou reconhecido por isso.

Essas características de dimensão física e a localização urbana da escola foram fatores importantes para a escolha dessa instituição como lócus, já que se encontrou ali um público amplo que não é, predominantemente, rural, como é comum observar nas referências sobre o Semiárido brasileiro. Aspecto fundamental para este estudo que objetiva tratar de um modo de fazer jornalismo distante dos estereótipos comuns a essa região.

Para realizar tal investigação, foi mantido contato constante com a gestão da EMJBS/EMSB, com o intuito de entender os melhores caminhos de desenvolvimento da pesquisa, sem causar interferências negativas no andamento das atividades já realizadas na instituição. Desse modo, logo de

início, a gestão, formada por professoras, sugeriu que os/as participantes da Oficina fossem indicados por elas, justificando que o projeto era muito relevante e corria o risco de poucos/as ou nenhum/a aluno/a manifestar interesse voluntariamente, já que, em outro momento, aconteceu algo parecido, quando estudantes de uma escola técnica passaram nas salas de aula oferecendo um curso gratuito e os/as alunos/as se recusaram a participar. Entretanto, em conversa durante os encontros de orientação, ficou decidido que seria melhor manter a proposta de inscrições voluntárias, entendendo que esse método seria mais justo com os/as estudantes, pois qualquer pessoa poderia fazer parte da atividade.

Por conta das limitações para atuar com muitos/as participantes, foram estabelecidas, inicialmente, 15 vagas, ampliadas, posteriormente, para 20 devido a compreensão de que era adequado destinar dez vagas para cada turno. Sendo necessário também especificar as séries para a inserção na Oficina, para isso, acatou-se a proposta das gestoras da EMJBS/EMSB de acolher as turmas do 7º e 8º ano, pois o 9º ano já estava em processo de deixar a escola e não teria tempo hábil para colocar em prática, na instituição, os conhecimentos aprendidos, por outro lado, os/as alunos/as do 5º ano ainda teriam outras oportunidades por ter mais tempo de permanência na escola.

Com essas informações em mãos, esta pesquisadora passou em 8 turmas matutinas e 8 vespertinas das séries especificadas, no dia 18 de outubro de 2019, fazendo a divulgação da Oficina e sensibilizando os/as estudantes para a participação. Na oportunidade, também foram espalhados cartazes pela escola, como é possível ver nas figuras 5 e 6.

Figura 5 – Cartaz da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro.



Fonte: Elaboração própria, 2019.

Figura 6 – Divulgação da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro nas salas do 7º e 8º ano.



Fonte: A autora, 2019.

As inscrições aconteceram em apenas um dia, 21 de outubro de 2019, e foi executada com o apoio de uma das coordenadoras pedagógicas e da diretora da escola. Os relatos foram de um dia tumultuado, com fila, aluno/a chegando horas mais cedo para se inscrever, choro e muita decepção de quem percebeu que não estava entre as vagas estimadas. Foram 28 pessoas inscritas, incluindo as vagas

reservas, e, por conta dessa grande adesão e interesse dos/as estudantes, acreditou-se ser possível acolher todos/as os/as inscritos/as, fazendo, por fim, parte da pesquisa 28 participantes.

Para isso, foi necessário alterar o horário de realização da Oficina, deixando de ser uma turma única de 17h30 às 18h30, para serem duas turmas: de 16h às 17h para os/as estudantes do turno matutino, identificada nesta pesquisa como turma A, e 17h30 às 18h30 para os/as jovens do horário vespertino, turma B. Dessa forma, dos/as 28 estudantes participantes, 17 eram meninas e 11 meninos. Entretanto, ao final dos encontros, somente 23 participantes concluíram as atividades. Dois deles não compareceram a nenhum dos momentos e os demais excederam o limite de duas faltas, estabelecido e avisado, anteriormente, para garantir a organização da pesquisa.

No dia 01 de novembro, os pais, mães ou responsáveis pelos/as estudantes foram reunidos na escola para explicar as alterações dos horários, apresentar as orientações para participação na Oficina e detalhes sobre a pesquisa, tirar dúvidas e recolher as assinaturas do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), lido coletivamente. Do mesmo modo, foi feita, no primeiro encontro da oficina, a leitura e assinatura dos termos destinados aos/às estudantes participantes, o Termo de Assentimento do Menor e Termo de Autorização de Uso de Nome, Imagem e Depoimento.

Nesses momentos, todos os/as estudantes, mães, pais e responsáveis foram informados sobre os riscos e benefícios da investigação, que incluía a possibilidade de que as ações do calendário escolar, já previstas na instituição, inibissem a participação dos/as jovens e sua disponibilidade de inserção. Para reverter esse obstáculo, foi planejado com antecedência, junto à gestão da Escola Municipal João Borges de Sá/ Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim, qual o período era ideal para a realização da Oficina e as melhores maneiras de garantir sua aplicação.

Outra preocupação era a possibilidade, por se tratar de adolescentes e pré-adolescentes, da pesquisadora se deparar com a carência de compromisso advinda pela própria idade dos/as participantes, algo que poderia comprometer o andamento da pesquisa. Por isso, a participação foi garantida a partir da manifestação individual de interesse sinalizada no ato de inscrição e assinatura dos Termos descritos acima. A quantidade equilibrada de encontros ainda foi uma estratégia para que as atividades não se tornassem monótonas e desanimassem os/as estudantes. Também foi uma preocupação, o surgimento de possíveis dificuldades, por parte desse público, para a produção da reportagem final que foi sugerida para os/as participantes elaborarem. Entre os problemas mensurados estavam a aquisição de equipamentos e a logística de produção externa desse material. Contudo, esse provável impasse, foi minimizado com a utilização de aparelhos simples, como celular, e- realização da reportagem em local acessível para os/as participantes.

Quanto aos benefícios, entende-se que esta pesquisa potencializou a análise crítica desses/as jovens sobre a produção audiovisual da WEB TV Caatinga, bem como, de qualquer outra emissora e conteúdo, algo que estimulou o conhecimento de estratégias para o fazer jornalístico e a compreensão do território Semiárido. Tal raciocínio ressalta a aproximação que este estudo permitiu entre os saberes assimilados às disciplinas da escola e à realidade vivenciada pelos/as adolescentes a nível local, regional e também global, algo importante para que o/a estudante agregasse sentido ao aprendizado escolar e pudesse ser capacitado/a para um desenvolvimento pessoal e profissional, já que a apropriação dessas informações pode sustentar uma visão crítica, com ações propositivas e atuantes.

Além disso, foi possível divulgar o trabalho da WEB TV Caatinga e dar visibilidade à relevância do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Aspectos que contribuíram para o fortalecimento do paradigma da Convivência com o Semiárido, da educação e do jornalismo contextualizados, aperfeiçoando as relações construídas nesses campos.

3.5. TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

3.5.1. Pesquisa bibliográfica

Para auxiliar na coleta de dados, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, compreendendo a importância dessa técnica para aproximar a pesquisadora do tema em questão e a notoriedade dos estudos já realizados. Nesse sentido, ressalta-se o que as autoras Marconi e Lakatos (1999) afirmam quando dizem que “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (p. 73).

Assim, foi possível encontrar caminhos para trabalhar com as áreas envolvidas nesta investigação, tendo em vista seus principais pilares: Estudos de recepção, Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro e Educomunicação. Buscou-se conhecer conceitos e análises realizadas sobre essas temáticas, bem como, o percurso histórico desses paradigmas, descobrindo, entre outras coisas, onde seria necessário atuar, a partir das necessidades observadas.

Esse fato foi fundamental para definição do objetivo geral deste estudo, pois descobriu-se que nenhuma pesquisa tinha sido realizada na Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro, sobre a recepção do JCSAB, apesar de, no PPGESA, a pesquisadora Fabíola Santos (2016) ter sido a primeira a analisar cientificamente o tema na instituição. Seu trabalho, intitulado “O sertão que a TV não vê: o

Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro”, analisou o modo como esse conteúdo é produzido em duas WEB TVs vinculadas a universidades públicas. Na oportunidade, essa autora também descreveu estratégias para construir reportagens contextualizadas com a região, mas não se dedicou a compreender como esse material é recebido pelo público.

Saindo da Bahia, no município de Picos, estado do Piauí, soube-se que a Faculdade Raimundo Sá, vinculada ao Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, tem trabalhado a temática, desde o ano de 2014, em uma disciplina do curso de Jornalismo, chamada “Jornalismo Contextualizado com o Semiárido”. Com a carga horária de 72h e ministrada para as turmas do terceiro período, a ementa da disciplina prevê os seguintes conteúdos:

Conceito de Semiárido. Identidade dos territórios semiáridos. Práticas jornalísticas e mediações nos territórios Semiáridos. Socialização das técnicas de convivência do Semiárido brasileiro e de outros países a partir dos canais comunicativos. Educação contextualizada com o Semiárido. Políticas públicas para o Semiárido (MORAIS, 2020, p. 1).

Lana Krisna Moraes (2020), professora da disciplina, explicou que seu interesse para a criação da matéria apareceu depois que ela cursou duas disciplinas, no PPGESA, como aluna especial, por isso, ressalta que a matéria “Jornalismo Contextualizado com o Semiárido” em Picos é “filha” da UNEB. Assim que concluiu sua participação, como discente, no referido programa, em 2014, ela apresentou a proposta para a Faculdade R. Sá, que atualizou o Projeto Pedagógico do curso no mesmo ano.

Como base teórica, a referida professora utiliza com frequência o conteúdo dos livros “Natureza, território e convivência: novas territorialidades no Semiárido brasileiro” da autora Luzineide Dourado Carvalho e “Semiárido Piauiense: educação e contexto”, uma coletânea organizada por Conceição de Maria de Sousa e Silva, Elmo de Souza Lima, Maria Luíza de Cantalice, Maria Tereza de Alencar e Waldirene Alves Lopes da Silva. Além disso, Moraes (2020) destaca que leva para sala de aula inúmeros artigos da professora e pesquisadora Carla Paiva, responsável por estudos sobre a representação das identidades nordestinas no cinema brasileiro, a partir da análise dos signos de nordestinidade.

Um dos resultados alcançados com a implantação da disciplina na Faculdade Raimundo Sá é

[...] a ressignificação deste território para os discentes, que partiram da visão estereotipada de lugar pobre e desolador por conta da ausência de chuvas, para território rico e diverso, que, ao longo dos anos, sofreu com modelos de desenvolvimento desarticulados às particularidades locais, que buscavam combater a seca, ao invés de desenvolver ações emancipadoras da população, sustentáveis e integradas (FERREIRA *et al*, 2017, p. 13).

Também se foi ao encontro de outras referências na área do JCSAB. Todavia, na Scielo, plataforma de produções científicas que abriga inúmeros periódicos brasileiros e de outros países latino americanos não foi visualizado nenhum resultado de trabalhos com o tema “Jornalismo Contextualizado com o Semiárido” até a data 03 de fevereiro de 2020. No mesmo período, foram pesquisadas as palavras “recepção e jornalismo”, “Educomunicação e recepção” e “mídia e escola” com os respectivos resultados: quatro, três e cento e cinco. Sendo que a maioria das produções apresentavam discussões distantes dos objetivos desta investigação.

Já na plataforma Google Acadêmico, que disponibiliza conteúdo de variadas instituições, livros, revistas e outros materiais, as buscas foram mais volumosas. Com as palavras “recepção e jornalismo”, foram exibidos 59.600 resultados; “Educomunicação e recepção”, 2.470; “mídia e escola”, 174.000 e sobre o “Jornalismo Contextualizado com o Semiárido” apareceu apenas um artigo de Santos (2016) sobre sua pesquisa de mestrado, já mencionada aqui.

Essas buscas instigaram a leitura e permitiram encontrar o trabalho de Everton Luiz Renaud de Paula (2015), o qual contribuiu bastante para o desenvolvimento deste estudo e também já foi mencionado nas páginas anteriores. Ainda é possível citar o trabalho desenvolvido por Lorena Santiago Simas (2017), no PPGESA, que utilizou um método de pesquisa próximo ao escolhido aqui. Essa autora investigou o uso da fotografia para a construção de novas representações sociais sobre o Semiárido urbano, no município de Juazeiro-BA, se inserindo e aplicando uma oficina em uma escola de ensino médio da rede pública. As técnicas de divulgação do projeto na escola, a visita a locais importantes da cidade para registros fotográficos, a forma de aproximação com os/as estudantes e a aprendizagem construída durante o processo de elaboração da investigação, foram exemplos que inspiraram esta pesquisadora, sobretudo, pelo desenvolvimento pessoal, social e profissional proporcionado aos/às participantes.

3.5.2 Seleção das reportagens da WEB TV Caatinga

Paralelo à pesquisa bibliográfica, foram realizadas aproximações com as produções da WEB TV Caatinga, especificamente, das reportagens, para seleção daquelas que seriam utilizadas na Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. A prioridade foi escolher matérias sobre Uauá ou com conteúdo das cidades limítrofes a esse município. Todo o material dessa emissora pode ser encontrado com facilidade no site, disponível no link rtvcaatinga.univasf.edu.br. Na pesquisa, foram selecionadas as coberturas dispostas na aba “Jornalismo” e reportagens realizadas por meio do programa “Meu Ambiente”, que estão localizadas na aba “Programas”.

As matérias do “Meu Ambiente” se dedicam a divulgar problemas e possíveis soluções relacionadas a esse tema, contextualizando-os com a região Semiárida. Apesar de se apresentar como um programa, o conteúdo é caracterizado como uma reportagem especial, com duração maior e mais detalhes sobre o assunto em questão (FOLHA DE S. PAULO, 1996). Dessa maneira, tal fato permitiu acolher, neste estudo, duas formas de produção jornalísticas distintas – reportagem e reportagem especial - e identificá-las aqui de modo único, como reportagens.

No total, foram localizadas no site da WEB TV Caatinga sete reportagens sobre Uauá e quatro matérias sobre as cidades vizinhas Canudos e Curaçá. A partir disso, outro critério de seleção foi aplicado para delimitar a quantidade de material que seria trabalhado na Oficina, isso baseado no interesse desta investigadora em pesquisar o Semiárido urbano, pouco destacado na mídia, na educação, na literatura e outras áreas. Assim, após uma breve análise, as matérias que foram produzidas em contextos, predominantemente, rurais foram descartadas, restando apenas quatro reportagens.

Após essa fase, entretanto, uma matéria realizada em ambiente rural despertou a atenção pela relevância e atualidade do tema abordado, trata-se de uma reportagem sobre o projeto de reintrodução da ararinha azul, ave nativa da caatinga, extinta na natureza há 20 anos. Decidiu-se, então, abrir uma exceção e inserir esse material na pesquisa, finalizando em cinco reportagens para a análise da recepção dos/das participantes durante a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, sendo elas: “Artista utiliza técnica do bico de pena para representar o Semiárido”, “Estudantes desenvolvem prótese com materiais reciclados”, “Beneficiamento de frutas da caatinga gera renda para agricultores”, “A Guerra de Canudos não narrada em ‘Os Sertões’ ” e “Meu Ambiente: Reintrodução da Ararinha Azul na Natureza”.

Depois da aplicação dos critérios descritos, percebeu-se que três, das cinco reportagens definidas para exibição na Oficina, tinham esta pesquisadora como repórter, já que ela atuou na WEB TV Caatinga, como estagiária e, posteriormente, como *freelancer* durante cerca de dois anos. Tal constatação trouxe certo receio por temer que houvesse alguma influência nos resultados da análise por partes dos/as estudantes. Entretanto, ao rever os critérios estabelecidos acima, ficou explícito que não haveria outra possibilidade de manter a estratégia de escolha de reportagens de Uauá ou cidades vizinhas que tivessem sido realizadas em ambiente urbano, preceitos inerentes aos objetivos propostos nesta pesquisa, pois, devido à estrutura limitada da WEB TV Caatinga – como se verá adiante – poucas viagens são feitas para cobertura jornalística nos municípios do Semiárido. Para Uauá, a equipe de reportagem foi somente no ano de 2017, por duas vezes, com as respectivas repórteres, Juliana Magalhães e Meire Souza, pseudônimo desta pesquisadora, passando, em um desses momentos, na cidade de Canudos. E para Curaçá, a visita foi realizada em 2019.

Portanto, se compreendeu que a relevância da pesquisa e as possibilidades existentes para executá-la seriam mais contundentes do que a insegurança presumida. Mesmo assim, com o intuito de minimizar ainda mais os riscos de algum impasse, buscou-se coerência a partir das metodologias apresentadas neste capítulo, prezando pelo seguimento dessas abordagens e, também, pela execução das técnicas de recepção que são dinâmicas criadas com o objetivo de facilitar o exame das reportagens por parte dos/as estudantes, permitindo maior liberdade na exposição de suas avaliações e contribuindo no processo de partilha das opiniões manifestadas. A descrição desses processos está detalhada no próximo subitem.

Ainda preparando os aspectos da Oficina, antes de exhibir as cinco reportagens selecionadas, essas matérias foram decompostas por meio da Análise de Conteúdo e Análise de Imagem, considerando a necessidade de conhecer com detalhes e ter domínio dos elementos que esses materiais audiovisuais apresentavam. O resultado dessas análises pode ser lido no Capítulo 4. Isso permitiu também aperfeiçoar os encaminhamentos da Oficina, conduzir com maior domínio as discussões em sala de aula e desenvolver as técnicas de recepção aplicadas.

3.5.3. Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro

A partir dessa preparação, a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro foi realizada entre os dias 4 a 13 de novembro de 2019, na biblioteca da escola, exceto em um único momento que foi preciso ir para uma sala de aula comum porque uma professora da instituição estava fazendo uso do referido espaço. No primeiro dia, inicialmente, foi realizada a apresentação detalhada da pesquisa aos/as estudantes, bem como, a leitura e assinatura do Termo de Assentimento do Menor e Termo de Autorização de Uso de Nome, Imagem e Depoimento. Alguns/mas estudantes perguntaram sobre o total de faltas permitidas na Oficina, se podia ir aos encontros sem a farda da escola, tiraram dúvidas sobre o local, tipo de assinatura dos Termos e cor apropriada da caneta. O TCLE dos pais, mães ou responsáveis que não compareceram à reunião no dia 1 de novembro foi entregue aos/as estudantes, que pegaram as devidas assinaturas em suas casas, trouxeram e devolveram a via destinada à pesquisadora no segundo encontro.

Para dar início ao estudo, primeiro foi preciso compreender o que é o Semiárido, sua diversidade e os estereótipos representados na mídia que acabam compondo o imaginário de muitas pessoas, conforme descrito nos Capítulos 1 e 2. Foi explicado também o conceito de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, a partir das ideias expostas no Capítulo 2, enfatizando, principalmente, o conceito de SAB, que está relacionado ao clima e ao território de 1.262 municípios brasileiros, a

diversidade de culturas, práticas, povos, fauna e flora existentes, fazendo entender que existem vários Semiáridos e várias realidades, geralmente, não levadas em consideração nas produções midiáticas e no imaginário das pessoas.

Em seguida, exibiu-se a primeira reportagem da WEB TV Caatinga para análise da recepção, com o título “Artista utiliza técnica de bico de pena para representar o Semiárido”. Os/as participantes realizaram seu exame por meio de memes, figurinhas utilizadas no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, que apresentam opiniões e reações, como rostinhos pensativos, apaixonados, sinalizando descontentamento, surpresa etc. Cada estudante escolheu um meme que representasse sua avaliação diante da reportagem e, a partir disso, foram socializados os entendimentos sobre a matéria. Essa foi a primeira técnica de recepção empregada.

Figura 7 – Exibição da reportagem “Artista utiliza técnica de bico de pena para representar o Semiárido”.



Fonte: A autora, 2019.

Figura 8 – Análise da reportagem com memes, turma A.



Fonte: A autora, 2019.

No segundo encontro, a reportagem foi sobre uma prótese para os membros superiores, desenvolvida por estudantes do Colégio Estadual Nossa Senhora Auxiliadora, localizado também em Uauá, intitulada “Estudantes desenvolvem prótese com materiais recicláveis”. Em uma caixinha surpresa, estavam vários papéis com perguntas diversas sobre o conteúdo midiático, como: “O que você achou dessa pauta?”, “O que poderia ser diferente?” “Quais os pontos positivos e negativos da reportagem?”. Após a análise da matéria, através dessa técnica, foi feita a explanação sobre pauta jornalística e na sequência, os grupos foram divididos, para que cada equipe fizesse sua reunião de pauta e definisse o assunto de suas reportagens.

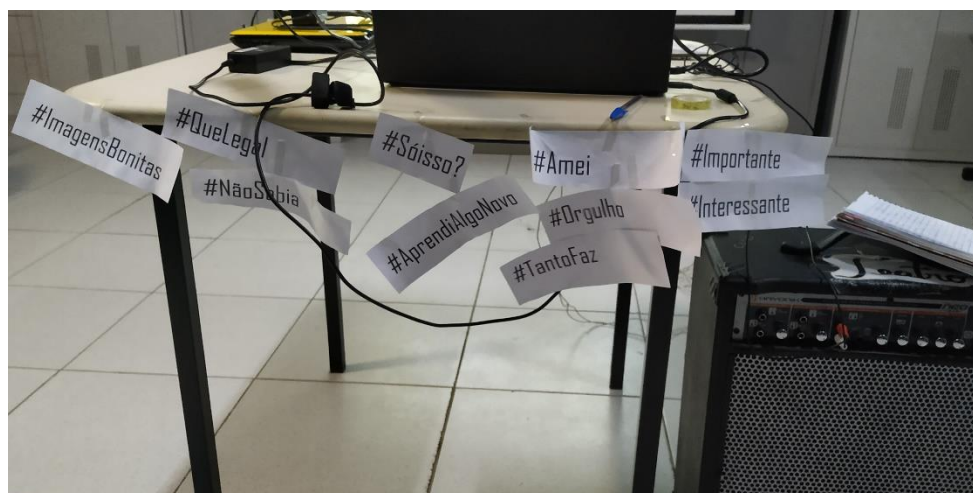
O terceiro encontro começou com a exibição da matéria “Meu Ambiente Reintrodução da Ararinha Azul”, desenvolvido na cidade vizinha à Uauá, Curaçá-BA. Para dinâmica de recepção, foi utilizada a técnica das *hashtags*. Várias palavras e frases com opiniões em *hashtag* foram espalhadas no chão da sala e os/as participantes escolhiam a que mais se aproximava do seu parecer sobre a reportagem. Papéis em branco também foram disseminados para que, caso as frases existentes não correspondessem à sua apreciação, o/a jovem poderia escrever o que acreditava ser mais adequado.

Figura 9 - Análise da reportagem com *hashtags*, turma A.



Fonte: A autora, 2019.

Figura 10 - Análise da reportagem com *hashtags*, turma B.



Fonte: A autora, 2019.

Nesse dia, ainda foram abordados conteúdos sobre a produção jornalística e estabelecida a função de cada membro das equipes, sendo composta por repórter, cinegrafista, produtor/a e assistente de edição. Assim, as turmas podiam dar continuidade a elaboração de suas reportagens, começando a agendar entrevistas, local e data das gravações.

Já no dia 07 de novembro de 2019, no quarto encontro com os grupos, foram detalhadas as funções do/a repórter e do/a cinegrafista, alertando sobre o comportamento e atitude desses profissionais e a necessidade de uma parceria entre eles/as para a concretização de uma boa reportagem. Nesse momento, os/as participantes assistiram a reportagem “A Guerra de Canudos não narrada em ‘Os Sertões’”, escreveram uma carta anônima, demonstrando sua opinião sobre esse material, e avaliaram o trabalho realizado pelo produtor, repórter e cinegrafista.

Figura 11 - Análise da reportagem “A Guerra de Canudos não narrada em ‘Os Sertões’”.



Fonte: A autora, 2019.

Figura 12 - Escrita da carta anônima.



Fonte: A autora, 2019.

Em 08 de novembro de 2019, a última reportagem para análise foi apresentada, com o título “Beneficiamento de frutas da caatinga gera renda para agricultores”, voltando, assim, a ser veiculada uma pauta sobre Uauá por meio do trabalho desenvolvido pela Coopercuc. A análise foi feita de modo espontâneo com perguntas e discussões livres e abertas, depois disso, a Oficina foi direcionada para os conteúdos sobre a edição de uma reportagem, especificando o trabalho que deveria ser feito pelo/a assistente de edição junto ao editor convidado, Edmar França, que ficou responsável pela montagem de todas as reportagens de modo voluntário.

Entre os conteúdos trabalhados, nesse encontro, estavam a elaboração do roteiro de edição com todas as indicações necessárias ao editor, como nome dos membros da equipe de reportagem, créditos dos/as entrevistados/as, a descrição dos tempos das sonoras e das imagens de apoio que deveriam entrar

na matéria. Alguns jargões do jornalismo também foram apresentados, palavras utilizadas pelos profissionais, que, frequentemente, são desconhecidas por quem não é da área. Sonora, *Off*, deixa inicial e deixa final são exemplos.

A sexta-feira, o sábado e o domingo foram destinados à gravação das reportagens, realizada, exclusivamente, pelas equipes dos/as participantes da Oficina, sem interferência desta pesquisadora. Na segunda-feira, dia 11 de novembro, os grupos concluíram o texto da reportagem, o roteiro de edição e foram explanados alguns aspectos básicos da narração jornalística, como a ênfase nas palavras importantes, o cuidado com a respiração, a pronúncia correta das palavras, a leitura tranquila em tom de conversa, para prepará-los para gravar o *Off* do texto da matéria.

Figura 13 - Equipe gravando reportagem.



Fonte: Rosemaria Santana, 2019.

Figura 14 - Equipes preparando o roteiro de edição.



Fonte: A autora, 2019.

No dia 12 de novembro, aconteceu a edição de todas as reportagens. Cada equipe tinha o tempo de uma hora reservado com o editor, que ficou na escola de 8h às 11h e de 14h às 17h. Não era imprescindível a presença de todo o grupo, ficando estabelecida a obrigatoriedade apenas para o assistente de edição que precisava orientar o editor no tratamento da matéria, a partir do roteiro de edição elaborado anteriormente. Mas, se toda a equipe quisesse também poderia participar desse momento. Utilizou-se para essa atividade o espaço do Laboratório de Informática que, segundo relato dos/as estudantes, era muito pouco frequentado por eles/as.

Figura 15 - Edição da reportagem dos/as estudantes.



Fonte: A autora, 2019.

Figura 16 - Edição da reportagem dos/as estudantes.



Fonte: A autora, 2019.

Ainda no mesmo dia, esta investigadora foi convidada a participar do programa “A Hora do Bode”, conduzido pelo locutor uauaense Robson Rodrigues e exibido na Rádio Comunitária Luz do

Sertão FM. Entre os assuntos em destaque durante a entrevista, estava a realização da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, momento em que foi possível dar maior visibilidade à pesquisa e à proposta do JCSAB.

Após a conclusão das edições, na quarta-feira, as duas turmas foram reunidas para a exibição de todas as reportagens produzidas e partilha do processo de produção. Foram entregues os certificados de participação, emitidos pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), cujo modelo se encontra no apêndice G desta dissertação, e a Oficina foi encerrada com um lanche. Estiveram nesse encontro alguns/mas dos pais e das mães dos/as estudantes, toda a equipe gestora da escola e uma pessoa da comunidade que se sentiu motivado em conhecer a pesquisa a partir da entrevista na Rádio Comunitária Luz do Sertão FM.

Figura 17 - Encerramento da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro.



Fonte: Kayane Victória Nogueira, 2019.

Figura 18 - Entrega de certificado.



Fonte: Kayane Victória Nogueira, 2019.

Conforme acordado com a direção da escola e com os/as participantes da pesquisa, para aprofundar ainda mais o conhecimento sobre o jornalismo, foi possibilitado aos/às estudantes conhecerem duas emissoras de TV em Petrolina-PE, a WEB TV Caatinga, que teve algumas de suas reportagens analisadas pelos/as participantes, e a TV Grande Rio, afiliada à Rede Globo. Na oportunidade, também foi possível conhecer a Rádio Grande Rio FM, o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da Univasf, o reitor e vice-reitor da Universidade, fazendo com que toda a experiência se tornasse muito enriquecedora para os/as jovens. A visita aconteceu no dia 22 de novembro de 2019 e contou com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Uauá, que cedeu o transporte, e com o auxílio de alguns/mas amigos/as que contribuíram em outras despesas, como o almoço dos/as jovens.

Figura 19 - Visita à TV Grande Rio



Fonte: Kayane Victória Nogueira, 2019.

Figura 20 - Visita à TV Caatinga, contato com os reitores da Univasf e com o NAI.



Fonte: Desconhecida, 2019.

3.5.4. Realização de Entrevistas

Entrevistas também foram utilizadas como técnica de coleta de dados. De acordo com Gaskell (2008), essa metodologia é amplamente utilizada nas ciências sociais e objetiva alcançar a “compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (p. 65).

Poupart (2008) ressaltar alguns argumentos que justificam a relevância do uso de entrevistas em pesquisas qualitativas. O primeiro se caracteriza pelo viés voltado a explorar com profundidade a perspectiva dos/as atores/atrizes sociais, algo fundamental nos estudos sobre a sociedade. O outro é relacionado à dimensão ética e política, uma vez que a entrevista permite o conhecimento e

compreensão interna dos problemas vivenciados, sendo útil para revelar as origens e causas das situações. Por fim, o argumento metodológico, pois, segundo o autor, a entrevista está entre as “ferramentas de informação” capazes de esclarecer as realidades sociais, se tornando “um instrumento privilegiado de acesso à experiência dos atores” (p. 216).

É importante ressaltar que a aproximação e o aprofundamento com as pessoas requerem alguns cuidados, já que nem sempre a relação construída entre pesquisador/a e entrevistado/a pode estar atrelada ao compromisso com a verdade e a sinceridade. Isto é, os dados coletados numa entrevista podem ser reais ou falsos e, assim, comprometerem o resultado da investigação. Para minimizar o risco de encenações, alguns princípios são sugeridos por Poupart (2008), como a busca por obter a colaboração do/a entrevistado/a, efetivada quando o sujeito aceita, voluntariamente, cooperar com a pesquisa, estando aberto a dizer, com exatidão, o que pensa durante todo o processo.

Conseguir essa colaboração sincera é desafiador, mas pode ser alcançada por meio de algumas estratégias, como o esclarecimento da utilidade da investigação, construção de laços de reciprocidade e o auxílio de terceiros, que seriam pessoas com autoridade para intervir no comportamento do entrevistado. No caso, da pesquisa descrita nesta dissertação, era possível recorrer à superioridade da diretora da escola, bastante respeitada na instituição, para obter a contribuição dos/as estudantes, mas essa não foi a opção. Preferiu-se instruir os/as participantes sobre a importância e utilidade da investigação, ressaltando que essa poderia trazer retornos em âmbito geral e também específico para cada um/a deles/as, como o aprendizado sobre a região Semiárida, as técnicas do fazer jornalismo e a visita a locais de trabalho que permitiriam o conhecimento de realidades desconhecidas.

Proporcionar situações e elementos em que o entrevistado possa se sentir à vontade com a entrevista também é um princípio indicado, levando em consideração que, assim, o sujeito “falará com maior facilidade e abordará questões que lhe são significativas” (POUPART, 2008, p. 230). Para isso, é necessário escolher o dia, o horário e o lugar mais adequados para realizar a entrevista, demonstrar atenção e interesse pelo relato do/a entrevistado/a, vestir-se de modo apropriado ao ambiente e público. Nesse quesito, esse autor salienta a necessidade de atenuar as diferenças sociais, se houverem, evitando constrangimentos e empregar com descrição objetos de registro, a exemplo do gravador de voz ou bloco de anotações.

Essa última estratégia foi executada nesta pesquisa, todos os encontros foram gravados em áudio para não correr o risco de perder as informações transmitidas pelos/as participantes. Seguindo tais princípios, anotações escritas também foram feitas, mas, em poucas circunstâncias, porque a dinâmica da Oficina não permitia parar para escrever os acontecimentos. Dessa forma, tornou-se mais viável o registro de voz e o fotográfico, efetuado de forma pontual e discreta.

Os últimos princípios definidos por Poupart (2008) são: ganhar a confiança do/a entrevistado/a e levar este/a a tomar iniciativa e se envolver com o relato. Nessa primeira questão, é preciso que o/a participante acredite no/a pesquisador/a, para tal, pode-se construir pequenos momentos de sociabilidade entre entrevistado/a e entrevistador/a, reduzir ou evitar os riscos provenientes do depoimento e assegurar o anonimato do/a entrevistado/a, que, no caso desta pesquisa, não foi requerido. Porém, ao longo desta dissertação, tornou-se inviável identificar o rosto/nome do sujeito à contribuição/manifestação feita, desse modo, os depoimentos não foram associados aos/as referidos/as estudantes, ou seja, não são especificados quem disse o quê, por conta da dificuldade de relacionar as contribuições dadas nos encontros, tanto pela agilidade dos acontecimentos na Oficina quanto pela quantidade de participantes.

Em relação a estratégia de permitir a iniciativa e o envolvimento dos/das participantes na pesquisa, Poupart (2008) afirma que “quanto mais o discurso é espontâneo, menos ele poderá ser maculado pelo pesquisador, permitindo assim a aproximação ao ideal pesquisado, o de um discurso ‘verdadeiro’” (p. 233). Exemplos para alcançar a espontaneidade são o respeito ao silêncio e a não interrupção do/a entrevistado/a. Este/a ainda se envolve mais na pesquisa, quando ela faz relação à sua família, ao trabalho, ao lazer etc. Mas, quando esses aspectos não estão presentes, é coerente conquistar o diálogo com os/as participantes a partir da prática dos percursos citados e pela escolha do tipo de entrevista mais apropriada ao público, ao objeto e ao ambiente estudado.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), a entrevista pode ser padronizada ou estruturada, despadronizada ou não estruturada e em forma de painel. Nesse último caso, acontece a repetição das perguntas com o objetivo de avaliar a persistência ou não das respostas do/a participante. Na entrevista estruturada, o/a pesquisador/a prepara um roteiro e dirige perguntas predeterminadas, o que difere totalmente da entrevista não estruturada, onde “o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada” (p. 197).

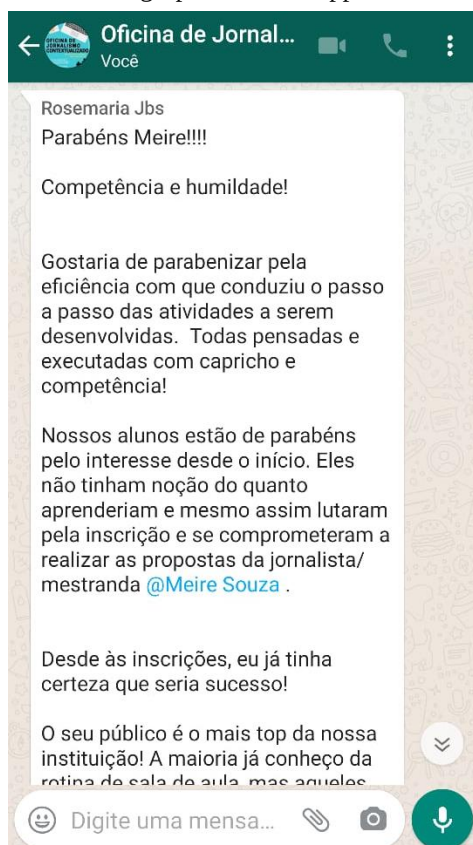
Com o tipo não estruturado, a entrevista pode ser de modo informal, com perguntas abertas e diferentes para cada pessoa. Para Jorge Duarte (2006), a entrevista aberta é muito rica em descobertas e permite um diálogo livre, onde é possível aprofundar os rumos da “conversa” a partir de aspectos significativos identificados pelo/a entrevistador/a, “enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência” (p. 65).

Por conta do caráter dinâmico e espontâneo da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, optou-se pelo uso da entrevista não estruturada, com perguntas abertas, que eram feitas, principalmente, no ambiente destinado para os encontros, na biblioteca da escola, mas que

também aconteciam de modo mais descontraído em outros locais da instituição, na viagem realizada para visita das duas emissoras de TV e no grupo de *WhatsApp*.

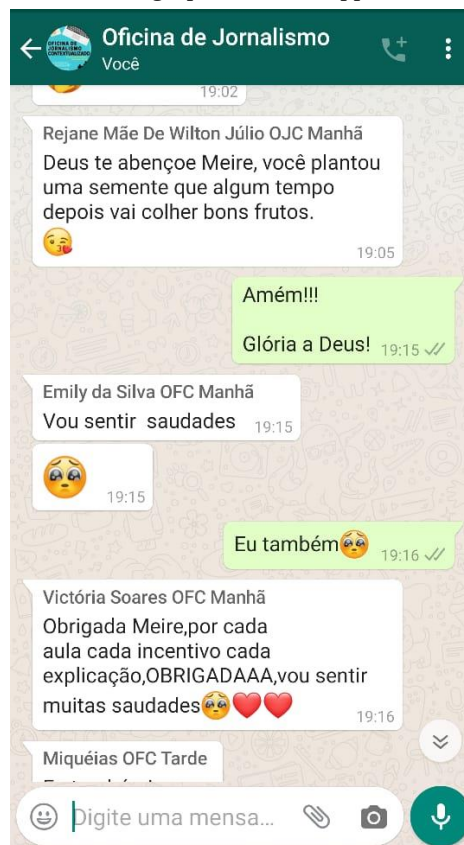
As redes sociais também se inseriram na pesquisa. Para facilitar o contato com os/as participantes, optou-se pela criação de um grupo no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, por ali informações de caráter de urgência, lembretes e *links* de reportagens eram repassados. Estudantes, gestoras da escola e mães, que faziam parte do grupo, se posicionavam, demonstrando seus juízos com o andamento da pesquisa e, dessa forma, foi possível identificar algumas reações com os encontros e a recepção das reportagens da WEB TV Caatinga.

Figura 21 - Reação das mães e estudantes no grupo do WhatsApp.



Fonte: WhatsApp, 2019.

Figura 22 - Reação das mães e estudantes no grupo do WhatsApp.



Fonte: WhatsApp, 2019.

As técnicas de recepção utilizadas para análise das reportagens - memes, caixinha de perguntas, opiniões em *hashtags*, carta anônima e perguntas orais-, tornaram o percurso de entrevista diferente a cada dia. Apesar de, em alguns momentos, existirem perguntas prévias, questões novas foram abordadas a depender de como as turmas se manifestavam. Essas estratégias também eram tentativas de fazer com que os/as estudantes ficassem à vontade na Oficina e pudessem expor seus pontos de vista

sem constrangimentos. Com as informações colhidas nesses encontros e em todo o percurso da pesquisa, partiu-se para a compreensão dos resultados.

3.6. TÉCNICAS DE INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Para interpretar os dados colhidos, foram utilizadas as técnicas de análise de conteúdo e análise de imagem. Esse primeiro instrumento pode ser aplicado em diferentes áreas, sociologia, psicologia, política, publicidade, nos estudos históricos, literários, no jornalismo etc. O método começou a ser formalizado nos Estados Unidos da América no início do século XIX, mas a busca por entender, com maior eficácia, as mensagens já acontecia em tempos mais remotos (BARDIN, 1977).

Franco (2008) argumenta que a primeira tentativa de diagnosticar o que uma mensagem significava foi através dos textos bíblicos, com o desejo de elucidar os símbolos, parábolas, metáforas e mensagens de Deus nesses escritos. A análise de imagem também tem indícios na antiguidade, sendo que, nas questões religiosas é possível verificar como os antepassados se relacionavam com ela.

Em Êxodo 20, 4-5 (BÍBLIA, 2013), o profeta Moisés anuncia uma mensagem onde Deus proíbe a adoração às imagens e o culto a essas como se fossem deuses. Já existe aí um entendimento de que uma estátua, uma pintura teria um significado para um povo. Do mesmo modo, as pinturas rupestres também serviram para deixar sinais comunicativos e mesmo sem ter certeza das intenções de quem as desenhou, sabe-se da importância dessas imagens para a compreensão histórica da vida do homem no mundo.

No século XVIII, outro fato marca o uso dos instrumentos metodológicos da análise de conteúdo, quando a corte suíça investiga uma coleção de 90 hinos religiosos, chamados de *Os cantos de Sião*, para saber se a mensagem transmitida continha elementos perniciosos ou proibidos para a época (FONSECA JÚNIOR, 2011). De fato, ao longo dos anos, a análise de conteúdo foi ganhando destaque em estudos e pesquisas pela sua característica de penetrar nas palavras pronunciadas de forma oral ou escrita, mas também naquilo que não é dito, que é silenciado, revelando, portanto, a intensidade dos significados e sentidos dessas construções, para isso, uma das principais perguntas que esse método procura responder é: o que essa mensagem significa exatamente?

Assim, a análise de conteúdo se constitui em “um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento” (CAMPOS, 2004, p. 611). Vai além da mera descrição dos elementos, porque sua intenção é a “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 1977, p. 38). Por inferência, entende-se como a dedução lógica de algo, a partir

de aspectos que permitem uma conexão de proposições derivadas de fatos já aceitos como verdade (FERREIRA, 2000; BARDIN, 1977).

De acordo com Campos (2004), elaborar inferência

significa, não somente produzir suposições subliminares acerca de determinada mensagem, mas em embasá-las com pressupostos teóricos de diversas concepções de mundo e com as situações concretas de seus produtores ou receptores. Situação concreta que é visualizada, segundo o contexto histórico e social de sua produção e recepção (p. 613).

Diante disso, muitos/as autores/as reconhecem a importância da análise de conteúdo. Franco (2008) delinea que “a formação do campo comunicacional não pode ser compreendida sem se fazer referência à análise de conteúdo” (p. 280), ele ainda afirma que é impossível ignorá-la. Bardin (1977) salienta que esse método é “marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (p. 31).

Construir uma análise de conteúdo requer do investigador alguns procedimentos. Primeiro, é necessário organizar os materiais coletados e fazer uma leitura flutuante das informações. Essa leitura é inicial, sem grandes intenções, mas útil para imprimir ideias gerais e deixar-se invadir pelas primeiras impressões do conteúdo. A escolha dos documentos pode ser definida a partir de regras como a pertinência, relativa ao envolvimento de materiais adequados à pesquisa, e representatividade, uma amostra que faça referência a grande parte da coleta (BARDIN, 1977). Na pesquisa detalhada aqui, acreditou-se ser pertinente trabalhar com reportagens que abordavam questões relacionadas à Uauá ou cidades próximas, já que, provavelmente, haveria um maior interesse dos/as participantes por interagir com essas reportagens. No aspecto da representatividade, se destacou a opção por matérias urbanas, sabendo que os/as estudantes estavam familiarizados/as com esse contexto e que abordar, demasiadamente, o ambiente rural poderia reforçar neles/as a ideia de que o Semiárido é apenas rural, o que seria um equívoco.

Outra fase importante no desenvolvimento de uma análise de conteúdo é a codificação, “processo de transformação dos dados brutos de forma sistemática, segundo regras de enumeração, agregação e classificação, visando esclarecer o analista sobre as características do material selecionado” (FONSECA JÚNIOR, 2011, p. 294). Nesse quesito, o/a pesquisador/a precisa selecionar, no seu estudo, unidades de análise ou de significados que podem ser temas, palavras, objetos, personagens, acontecimentos, documentos, frequências, presença ou ausência e outros elementos que se relacionem com a pesquisa e contribuam para o aprofundamento das informações.

A classificação dos dados é chamada de categorização, uma fase de relevante destaque na análise de conteúdo. Consiste em diferenciar os elementos e reagrupá-los em seguida, com o objetivo de “tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade” (FONSECA JÚNIOR, 2011, p. 298). Para Bardin (1977), a criação de categorias pode seguir os critérios de ordem semântica (categorias temáticas), sintática (verbos e adjetivos), lexical (classificação das palavras segundo o sentido) e expressivas (categorias que abordam as perturbações da linguagem).

Tendo em vista essas orientações propostas pela análise de conteúdo, nesta pesquisa, foram elaboradas duas tabelas com perguntas que ajudaram a perceber e explicitar as observações sobre as reportagens da WEB TV Caatinga e, posteriormente, sobre as reações dos/as estudantes a esse material. Apesar de serem semelhantes, as questões se diferenciavam em detalhes apropriados à abordagem tratada, sendo que, na primeira tabela, exclusiva, para análise das matérias, foram inseridas as indagações: O que a matéria traz? Como é dito? Se aproxima de qual grade curricular da escola? Há frequência nas palavras? Quais? Utiliza o sentido denotativo ou conotativo? Como se dá a relação com a proposta do JCSAB? Também houve o interesse de dimensionar os aspectos relacionados à construção imagética, a partir das dúvidas: Quais imagens predominam? Que planos de imagem são utilizados?

O segundo esquema, destinado para avaliação da recepção dos/as participantes a cada uma das cinco reportagens, contém o seguinte: O que a reportagem traz? Como a reportagem foi recepcionada, quais as reações? Qual a frequência dos emoticons, das *hashtags* e das opiniões? Essa persistência condiz com a AC feita no capítulo 4? Como os/as estudantes perceberam o JCSAB? Há comparações da recepção entre as turmas? Com isso, foi possível preencher as tabelas e construir as análises de modo sistemático. Tais descrições saíram das tabelas e estão presentes nos capítulos 4 e 5, de forma discorrida, como convém à escrita acadêmica, compondo uma categorização semântica, onde sobressaíram temas como tecnologias, meio ambiente, artes e história - assuntos presentes nas reportagens analisadas, produzidas pela WEB TV Caatinga e também da proximidade mantida com os conteúdos curriculares, frequentemente, propostos em sala de aula, mas também sintática, caracterizada pela constância de expressões e imagens nas referidas reportagens.

Ainda é importante ressaltar, sobre a análise de conteúdo, a importância que o contexto tem diante dos dados. De acordo com Fonseca Júnior (2011), é fundamental deixar claro as circunstâncias que envolvem as informações, isso porque “não é possível ignorar que um determinado discurso ocorre em função de um contexto e que algumas condições do contexto influenciam na construção do discurso” (p. 287). É interessante essa visão pois condiz com as premissas da Educação Contextualizada e do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro estudados aqui.

Durante o contato com os/as estudantes, percebeu-se, claramente, a ação do contexto na vida dos/as jovens. Muitos/as deles/as traziam problemas familiares que foram manifestados nos encontros, como o abandono de filhos, assunto sugerido como pauta de reportagem por um estudante que vive esse caso. Além disso, era perceptível a vida conflituosa que eles/as levam, observada no desinteresse em voltar para casa, no olhar entristecido, bem como, nos relatos da gestão da escola que coleciona casos complexos.

Também era visível o descontentamento dos/as estudantes em relação as regras impostas pela instituição educacional. O uso da farda era sempre questionado, igualmente, a falta de acesso à internet, ao celular, à sala de informática. Uma discussão chegou a acontecer no grupo do *WhatsApp*, porque a diretora estabeleceu que todos/as os/as alunos/as que fossem para a visita às TVs deveriam ir de farda, sapato ou sandália com rabicho. Os/as jovens retrucaram, alegando que já usavam a farda todos os dias e que o clima estava muito quente para ir de calça, devendo, por isso, serem liberados dessa tarefa no momento de passeio. Porém, nada adiantou. Com a justificativa de que eles/as estariam representando uma entidade escolar, as instruções da direção tiveram que ser obedecidas.

Voltando a atenção para os estudos da imagem, pode-se entender que analisá-las é um movimento importante. Não consiste “em tentar encontrar ao máximo uma mensagem preexistente, mas em compreender o que essa mensagem, nessas circunstâncias, provoca de significações aqui e agora” (JOLY, 1996, p. 44). Assim, é necessário perceber que as imagens sempre trazem mensagens para o outro, comunicações. E não existem caminhos prescritos, únicos para alcançar essas respostas, mas, ainda segundo Joly (1996), pode-se seguir métodos já desenvolvidos, criar ou inventar novas estratégias através dos objetivos da pesquisa proposta.

Esse percurso pode ser variável, entretanto, numa análise de imagens certos aspectos são imprescindíveis, como a observação do enquadramento, a perspectiva, a relação fundo e figura, a composição, o uso da luz e das cores, os objetos representados e a função da mensagem visual, por exemplo. A atitude do/a analista também deve ser desenvolvida com prudência, porque ele/ela precisa “decifrar as significações que a ‘naturalidade’ aparente das mensagens visuais implica” (JOLY, 1996, p. 43). E nesta pesquisa, pode-se destacar um problema comum em muitas análises, o questionamento se aquilo que é identificado corresponde ao que realmente o emissor quis transmitir, se ele queria comunicar tudo aquilo mesmo, se este sabia do sentido que tal imagem poderia provocar. É bem provável que o resultado da investigação vá além das intenções primeiras do produtor da imagem, mas isso não pode ser um impasse para a utilização do método.

Se persistirmos em nos proibir de interpretar uma obra sob o pretexto de que não se tem certeza de que aquilo que compreendemos corresponde às intenções do autor, é melhor parar de ler ou

contemplar qualquer imagem de imediato. Ninguém tem a menor ideia do que o autor quis dizer; o próprio autor não domina toda a significação da imagem que produz. Tampouco ele é o outro, viveu na mesma época ou no mesmo país, ou tem as mesmas expectativas... (JOLY, 1996, p. 44).

Outro desafio para quem trabalha com a análise da imagem, remete ao ditado popular que diz: “uma imagem vale mais que mil palavras”. Isto é, alguns/mas estudiosos/as acreditam que unir a linguagem falada ou escrita à compreensão de uma imagem, pode limitá-la e reduzir os significados possíveis. As tentativas de explicar uma imagem podem incidir no que Neiva Júnior (1986, apud COUTINHO, 2011) salienta, ao afirmar que “o imperialismo da língua seria responsável por determinar um lugar secundário para os signos visuais em relação à linguagem” (p. 334). Entretanto, a quem defenda a complementariedade da junção da imagem com a palavra. Joly (1996) apresenta essa possibilidade e suscita uma reflexão, onde a linguagem seja uma forma de conferir significações que partem da imagem, tratando-se de uma “interpretação que excede a imagem, desencadeia palavras, um pensamento, um discurso interior, partindo da imagem que é seu suporte, mas que simultaneamente dela se desprende” (p. 120).

Acredita-se, nesta investigação, na eficácia dessa última relação, pois parece bastante difícil realizar um estudo científico com análise de imagem sem a escrita e sem o recurso da palavra que permite evidenciar os resultados, as interpretações. Usar a linguagem escrita como complemento da imagem é uma forma de deixar a investigação mais profunda. Ao mesmo tempo, considera-se relevante a observação de Neiva Júnior (1986, apud COUTINHO, 2011) sobre o secundarismo da imagem e imperialismo da língua, no sentido de que o/a pesquisador/a precisa estar atento/a, observando com cuidado seu objeto de estudo para extrair dele o máximo de significações, sendo preciso mergulhar, se aprofundar, “imersão” no estudo da imagem, assim como deve ser feito na análise de conteúdo.

Dessa forma, nesta dissertação, investiga-se as imagens das reportagens produzidas pela WEB TV Caatinga e pelos/as estudantes que participaram da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, totalizando doze arquivos. Foram observadas a predominância ou não dos elementos capturados, os movimentos de câmera, ângulos, enquadramentos, cores, ambientes, características das pessoas escolhidas, entre outros.

4. AS REPORTAGENS DA WEB TV CAATINGA

A WEB TV Caatinga foi criada no dia 26 de agosto de 2012 e sua atividade inaugural foi a transmissão ao vivo do Fórum Petrolina Sustentável, evento realizado pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), instituição que implantou a emissora, “como uma ferramenta de comunicação para difusão do conhecimento científico aproximando a universidade da comunidade civil e acadêmica, interligando os campi e a sociedade por meio das produções audiovisuais” (LOPES, 2018, p. 28). A Univasf, primeira Universidade Federal a ter a sede localizada no interior da região Nordeste (UNIVASF, 2016), possui sete campi em três estados: Bahia – nas cidades de Juazeiro, Paulo Afonso e Senhor do Bonfim; Pernambuco – em Petrolina e Salgueiro e no Piauí – na cidade de São Raimundo Nonato.

Além do propósito de divulgar a produção de pesquisa, ensino e extensão da universidade, a WEB TV Caatinga tem como objetivo principal “representar o Semiárido através de programas educativos e culturais”, buscando “desconstruir estereótipos e produzir conteúdos jornalísticos e culturais, dando tratamento diferenciado ao representar o sertão e o sertanejo” (SANTOS, 2016, p. 61). Para alcançar tais metas, a TV construiu uma grade de programação composta por 18 programas de temáticas variadas, são eles: “#Leia+”, apresenta produções literárias do Vale do São Francisco; “Ciência do Semiárido”, aborda os projetos e pesquisas científicas desenvolvidas na região; “COVID-19: Ações e Cuidados”, programa mais recente, criado em 2020 para tratar dos assuntos relacionados à pandemia do novo coronavírus – Covid-19 - que atingiu o mundo nesse período; “É Assim que eu Falo”, está voltado para o léxico dos povos do Semiárido, reunindo e explicando o significado de palavras específicas dessa região; “Sou Sertão”, um programa que entrevista artistas, pesquisadores/as e personalidades, em geral, que nasceram no Semiárido brasileiro.

Há um programa específico para as pessoas naturais de outras regiões do Brasil e do mundo, o “Entre um Café, uma Prosa”, cuja perspectiva é a mesma do quadro anterior. A WEB TV Caatinga também oferece os programas “Memória Sertão”, que reúne produções sobre manifestações culturais, museus, monumentos e outras construções históricas; “Meu Ambiente”, aborda questões ambientais contextualizadas com o Semiárido, através do formato jornalístico da reportagem especial; “Nossa Rua”, exhibe a história das pessoas que dão nome às ruas das cidades do Semiárido; “O Causo é Sério”, o programa de humor da emissora, se destina a tratar de alguns assuntos de forma divertida; “Quero Ser” que funciona como uma vitrine para os cursos de graduação da Univasf e dá dicas aos receptores para a escolha da profissão; “Sabores da Caatinga”, um programa de culinária que dá ênfase aos alimentos nativos da região Semiárida.

Além desses, tem ainda o “Se Liga Univasf”, um boletim informativo sobre o que acontece nos campi da universidade; o “Sertão Saudável” que aborda as prevenções e tratamentos de várias doenças; o “Univasf Debate”, com discussões e reflexões sobre temas da atualidade; o “Sou Forró”, um programa especial com, apenas, quatro edições, que destacam a história desse gênero musical, as danças, a cadeia produtiva e a influência de Luiz Gonzaga; o “Sou São João”, outro programa especial, também com quatro edições, mas com o foco na exibição das origens e tradições desse festejo, bem como, nas mudanças atuais que têm acontecido nesse evento no Nordeste. E, por fim, o programa “Viva Caatinga!”, dividido em três abordagens que apresentam aspectos da fauna e da flora desse bioma e as profissões tradicionais e contemporâneas do homem e da mulher do Semiárido.

Algumas das edições do “Viva Caatinga!” fazem parte de um projeto piloto da WEB TV Caatinga, em parceria com a Secretaria de Educação de Pernambuco, que promoveu a distribuição dessas produções nas escolas do estado. Para Santos e Ribeiro (2014), “essa iniciativa pretende servir de modelo para outros estados que queiram trabalhar com conteúdos contextualizados na educação” (p. 86). Esses/as autores/as também salientam a relevância da programação da WEB TV Caatinga ao “mostrar uma diversidade desconhecida até mesmo por muitos que vivem nesses territórios e que perderam a identidade com o local” (p. 85), ou seja, é possível que o receptor se reconheça nas produções da emissora e fortaleça os laços de pertencimento.

Além dos programas citados, a WEB TV Caatinga faz a cobertura jornalística dos eventos da Univasf e dos acontecimentos que envolvem a região Semiárida, sua área de atuação. Todas essas produções são disponibilizadas no site da universidade (portais.univasf.edu.br), no site da TV (rtvcaatinga.univasf.edu.br), no canal do *Youtube* (RTV Caatinga Univasf), no *Facebook* (facebook.com/rtvcaatinga) e no *Instagram* (instagram.com/rtvcaatinga). Para atingir maior alcance, a emissora é parceira de algumas TVs nacionais que contribuem na divulgação de seus conteúdos, sendo elas a TV Brasil, Canal Saúde, Canal Futura, TVE da Bahia, TVU Recife e a TV PE.

Em termos de estrutura física, a WEB TV Caatinga conta com uma sede na cidade de Petrolina-PE, que funciona no térreo do prédio da reitoria da Univasf, contendo a redação de Jornalismo, três ilhas de edição, uma de pós-produção, central técnica, um estúdio de TV e outro de rádio (LOPES, 2018). Esse último ainda está em fase de construção e planejamento, pois faz parte do projeto futuro da instituição de ter um sistema de rádio, por isso, a referência da sigla “RTV”, presente em vários endereços eletrônicos, apontando a perspectiva de se constituir uma Rádio e WEB TV Caatinga.

Até o primeiro semestre de 2019, a emissora de televisão tinha um quadro de funcionários formado por três servidores/as concursados/as, três estagiários/as e uma equipe de terceirizados, composta por dois/duas jornalistas, três editores de imagem, três cinegrafistas e um auxiliar técnico

(LOPES, 2018). Entretanto, essa composição foi abalada, em meados de julho de 2019, quando a Univasf teve que adotar duras medidas administrativas por conta da política de contingenciamento orçamentário do Ministério da Educação (MEC), que causou o bloqueio de R\$ 11,2 milhões em recursos da instituição (UNIVASF, 2019). Em decorrência disso, praticamente todos/as os/as funcionários/as terceirizados/as foram desligados/as, temporariamente, dessa TV, exceto o auxiliar técnico. Até a data de publicação desta dissertação, os trabalhos não tinham sido normalizados. Vale ressaltar que o desvinculamento de pessoal também foi adotado em outros setores da universidade.

Tal fato mostra o lado frágil das TVs universitárias que dependem da dinâmica financeira e administrativa das instituições de ensino superior, sujeitas à gestão dos governos federais que são trocados de tempos em tempos, interrompendo ou alterando o ritmo das ações educativas. Contudo, todos os esforços empregados para manter uma TV universitária são válidos ao compreender que essas permitem a propagação de uma pluralidade e aprofundamento dos conteúdos, comparado à TV Comercial, algo intensificado pelo caráter comunitário que as TVs universitárias possuem, ao estar em sintonia com os setores acadêmicos, especialmente, os que conduzem projetos de extensão que são direcionados à comunidade externa. Além disso, as pautas locais e regionais são priorizadas e as emissoras contribuem para a socialização do conhecimento científico, promovendo educação e cidadania (RAMALHO, 2013).

Grandes diferenças separam a televisão universitária da comercial. Essa última é predominante no Brasil desde o surgimento da TV pública em 1950, encabeçada pela TV Tupi, do proprietário Assis Chateaubriand. Leal Filho (2009) salienta que no discurso de inauguração dessa emissora, o grande destaque era para os anunciantes, as empresas que patrocinavam e sustentavam o sistema de comunicação, tratando, assim

[...] de uma confissão pública de fé num modelo de radiodifusão alheio a qualquer tipo de preocupação com a cultura ou com a educação do país. Em palavras simples, era visto apenas como mais um negócio voltado para a acumulação de riquezas materiais, associadas ao prestígio social e ao poder político, adquiridos por quem controlava as emissoras (p. 14).

De modo semelhante, as TVs comerciais continuam seguindo “a lógica da produção de audiências para a venda de anúncios publicitários em detrimento do atendimento das diversas necessidades do (s) público (s)” (VALENTE, 2009a, p. 33) e se mantendo distante do anseio educativo em suas programações. Na verdade, parece que o jornalismo de informação geral e os programas de entretenimento, como novelas e *reality show*, tem ganhado mais atenção nos últimos tempos. Na contramão dessa proposta, as TVs universitárias “são voltadas estritamente à promoção da educação,

cultura e cidadania”, produzidas “por Instituições de Ensino Superior (IES) e transmitida por canais de televisão (abertos ou pagos) e/ou por meios convergentes (satélites, circuitos internos de vídeo, internet, etc.)” (MAGALHÃES, 2002, p. 15). No caso da WEB TV Caatinga, a transmissão é feita pela internet.

Para Magalhães (2002), a

[...] TV Universitária não é lata em prateleira de supermercado, onde se compra por impulso ou hábito, como acontece com a programação da TV comercial. TV Universitária é como um livro na biblioteca: você só consome depois de escolher e para usar em consonância com o seu desejo de conhecimento. Se pudermos fazer isso e ainda entreter nosso telespectador, assim como as grandes obras primas da literatura, estaremos, então, fazendo uma bela obra prima na telinha do cidadão brasileiro (p. 53)

De acordo com Valente (2009b), esse foi o principal motivador para a criação das TVs públicas, a demanda por educação. O intuito de transmitir conhecimento, informações aprofundadas, reflexões e opiniões diferentes, de forma potencializada pelos sistemas de comunicação, cada vez mais aperfeiçoados, levou diversas universidades a aderirem a proposta, sendo a primeira delas a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com a TVU Recife, em 1967 (MAGALHÃES, 2013). Até 2013, existiam mais de cem televisões universitárias no Brasil, número ainda pequeno diante da dimensão territorial do país, entretanto, tem-se afirmado que o crescimento desse modelo de comunicação é exponencial, devido a fatores como “o barateamento das tecnologias de captação e edição, a ampliação de novas possibilidades de transmissão, a estagnação das emissoras comerciais [...] e o aumento do interesse e da procura dos telespectadores por novas opções” (MAGALHÃES, 2013, p. 8).

Esse cenário é reforçado pela presença das tecnologias digitais e os recursos da internet que permitem ampliar a divulgação das produções das TVs universitárias, possibilitando maior alcance, pois povos de vários países podem visualizar o conteúdo nas novas plataformas e o uso desses recursos também condizem com a contemporaneidade do mundo, atraindo a atenção das pessoas cada vez mais conectadas. Nesse sentido, Padilha (2010) ressalta uma dimensão importante, ao tratar do jornalismo feito na internet, o webjornalismo, por ser uma possibilidade de democratização da informação, que passa a correr pelas “mãos” de outros/as atores/atrizes sociais, indo além dos conglomerados e grupos políticos que controlam grande parte dos veículos de comunicação no Brasil.

No caso das TVs universitárias, a produção de conteúdo é feita por professores/as, estudantes, pesquisadores/as, servidores/as públicos, entre outros, mas os receptores dessas informações também participam dessa construção ao comentar, curtir, compartilhar, sugerir e interagir no site ou nas redes sociais da emissora. Desse modo, o receptor tem ocupado um espaço importante na construção da

notícia, da informação, o que demonstra ainda mais a relevância de investigar o modo de recepção do jornalismo nos tempos e contextos atuais, caminho desta pesquisa. Assim, para dar continuidade a este estudo, foi necessário analisar as reportagens da WEB TV Caatinga, que foram utilizadas durante a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, antes de serem exibidas para os/as estudantes. Essa iniciativa possibilitou maior compreensão do conteúdo audiovisual e textual das matérias, serviu para definir as reportagens que seriam oportunas para as turmas e quais dinâmicas e abordagens poderiam ser levantadas nas discussões em sala de aula.

4.1. REPORTAGEM: ARTISTA UTILIZA TÉCNICA DO BICO DE PENA PARA REPRESENTAR O SEMIÁRIDO

Com duração de três minutos e dois segundos, a reportagem “Artista utiliza técnica do bico de pena para representar o Semiárido” - disponível no link: www.youtube.com/watch?v=yo6zVaekiBc - realizada pela repórter Juliana Magalhães, o cinegrafista Carlos Araújo e o editor de imagens Ubirajara Mendes apresenta o trabalho do artista plástico Gildemar Sena, profissional que nasceu em Juazeiro-BA, porém, há mais de 40 anos mora na cidade de Uauá, onde se tornou uma referência sobre assuntos relacionados à cultura regional. É comum as escolas públicas de ensino fundamental e médio instigarem os/as estudantes para conhecer o artista, bem como, a produção de reportagens por diferentes emissoras nacionais sobre seus trabalhos.

No conjunto de suas obras, Gildemar Sena é responsável pela produção de gravuras, esculturas, pinturas com a técnica de bico de pena, composições musicais e poemas. Todas essas especialidades voltadas para as tradições e os costumes locais e regionais, enfatizadas na paisagem do Semiárido, no trabalho das pessoas, nos acontecimentos históricos da região, a exemplo do Cangaço e da Guerra de Canudos. A cultura regional, portanto, é a marca do artista e por meio dela se compreende seu modo de ver o mundo. Para Santos (2006), a cultura pode ser compreendida como uma ação que envolve as questões de toda a humanidade, mas, ao mesmo tempo, abrange também as individualidades de cada povo, grupo, comunidade e suas crenças, comportamentos, relações sociais estabelecidas, isto é, “tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação” (p. 24).

Jacks (1997), por sua vez, reflexiona que compreender a cultura requer atenção para o contexto multifacetado que vive a sociedade, assim, essa autora também indica as inúmeras particularidades e especificidades de cada lugar. Tal característica modela a cultura regional que, em um sentido amplo, “abrange todos os níveis de manifestações de uma determinada região que caracterizem sua realidade sociocultural” (p. 15). De modo semelhante, o regionalismo é identificado como “a expressão literária

que valoriza a força que se dá a peculiaridades locais, tanto em suas formas particulares de dizer quanto na exploração descritiva de seu lugar geográfico” (ARAÚJO, 2006, p. 113).

Albuquerque Júnior (1999) salienta que a formação do regionalismo no Brasil se dá a partir da busca por instituir uma ideia de nacionalismo, de compreender quais elementos formam a nação. Desse modo, “buscam-se nas partes a compreensão do todo, já que se vê a nação como um organismo composto por diversas partes, que deveriam ser individualizadas e identificadas” (p. 41). Foi observado, no capítulo 2, desta dissertação, que, no caso do Nordeste, as elites intelectuais, políticas e econômicas configuraram elementos para demarcar a identidade regional desse estado, que deveriam ser assimilados tanto pela própria região, quanto pelo o restante do Brasil.

Esses elementos nordestinos, destacados no capítulo 2, estão na arte de Gildemar Sena, visualizados nas referências anteriores, mas também no messianismo, principalmente, na figura de Antônio Conselheiro, até pela proximidade da cidade de Uauá com Canudos-BA, local onde Conselheiro fixou morada junto com seus/suas seguidores/as. Além disso, esse artista emprega aspectos locais no seu arcabouço que apontam para as características do município de Uauá, como as menções à caprinovinocultura, atividade que sustenta a economia do município, e às catadeiras de umbu, agricultoras familiares que contribuem para o funcionamento da Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (Coopercuc), instituição que faz o beneficiamento de frutas como o umbu e o maracujá do mato, alimentos nativos da caatinga, que tem ganhado visibilidade em todo o mundo pelo trabalho sustentável e inovador que desenvolve.

Na reportagem da WEB TV Caatinga em análise, entre as diversas técnicas e obras que Gildemar Sena produz, o destaque é para os desenhos elaborados com bico de pena e a dedicação do artista a esse tipo de criação, algo que possibilitou ao mesmo ganhar prêmios, menções honrosas e realizar exposições, inclusive, fora do país. A matéria cita a mostra realizada na Itália, em 2010, com obras sobre as catadeiras de umbu e insere um trecho da entrevista com Gildemar Sena, no qual ele expressa a satisfação em ter sua arte reconhecida no exterior.

É muito bacana você, como um artista brasileiro, você sair para outros países, você ver que o nosso trabalho é muito bem aceito lá fora, as pessoas se encantam, né. Lá mesmo na Itália, uns diziam lá, ‘*belo*’, ‘*beautiful*’, é ‘*bravo*’, aquela coisa toda. Então, você sente que as pessoas receberam bem o trabalho (TV CAATINGA, 2017a).

Percebe-se aqui, a visibilidade que a reportagem dá para o fato da cultura local, vinda do interior do Nordeste, ganhar notoriedade em outros locais do mundo. Essa visibilidade é exaltada por gerar admiração e enaltecimento, podendo provocar nos receptores, especialmente, os da cidade de Uauá,

uma reflexão no sentido de compreender o valor que tem as produções feitas no seu município, motivada não só pelos elogios dos estrangeiros, mas também pelo próprio movimento da exposição das obras em terras distantes, ou seja, do espaço dado para exhibir o trabalho de um artista uauaense fora do Brasil. Essa perspectiva faz lembrar o pensamento de Silva (2016) sobre a colonialidade do saber, entendida como o poder adquirido pelo colonizador para controlar a subjetividade dos povos colonizados. Assim, se referindo ao aspecto do saber, esse autor afirma que se “instituiu o eurocentrismo (hoje, nortecentrismo) como a perspectiva única do conhecimento” (p. 15) e, a partir disso, a Europa e os Estados Unidos se posicionam como os lugares de onde provém os padrões e modelos de conhecimento que devem ser copiados para o resto do mundo.

É claro que tal proposição é equivocada e rebatida pelo referido autor e por esta pesquisadora, contudo a realidade social ainda aponta para a existência e manutenção dessa colonialidade do saber. Assim, quando a arte local e regional de uma cidade pequena, do interior da Bahia, alcança o solo europeu, o reconhecimento pode vir envolto pela carga de poder que esse espaço tem e atesta, fazendo com que as pessoas de Uauá, no caso da reportagem, compreendam, a partir da atitude do estrangeiro, que é coerente que elas também valorizem tal manifestação e comecem a criar interesse pela arte que ultrapassou fronteiras políticas e culturais. Esse não é um movimento normal, mas diante da realidade descrita por Silva (2016), é uma possibilidade relevante para os povos reencontrarem as riquezas que possuem, muitas vezes invisibilizadas pela indiferença empregada ao que é nativo.

Outra questão interessante de ser ressaltada, ainda fazendo referência ao estrangeirismo, é a pronúncia do inglês de Gildemar Sena, apresentado na palavra “beautiful”. A articulação pelo artista plástico não condiz com os parâmetros indicados e referidos para o termo em inglês, ele fala do seu jeito, parecendo não se importar com o modo “correto” e nem mesmo se esforçar para alcançar a tradução mais indicada. Tal fato também não foi contestado pela equipe da WEB TV Caatinga, que poderia ter feito corte de edição nessa parte da fala ou mesmo, pedir que o entrevistado repetisse essa frase, com uma pronúncia mais próxima do padrão europeu/norte americano. Isso pode salientar a conduta desses dois atores, o artista e a TV, de reafirmarem suas identidades, reconhecendo que não devem ser obrigados a se revestir com um idioma que não é o seu de origem.

A reportagem também apresenta o princípio do desenvolvimento artístico de Gildemar Sena, algo que iniciou na sua adolescência, fazendo reproduções de imagens de desenhos animados, sendo citados pelo entrevistado: Barney e Fred (personagens de *The Flintstones*), Pernalonga, Pantera Cor de Rosa e Manda-Chuva. Interessante observar que todas essas animações são norte-americanas, ou seja, o traço do artista começa a se formar com inspirações estadunidenses, atravessa o continente para se firmar no Semiárido nordestino, passando a modelar bodes, cactos, umbuzeiros, o cotidiano desses

povos, o regionalismo tão enfatizado na reportagem, como mostra o trecho abaixo que encerra a narrativa da produção.

- Repórter: Aos 60 anos, Gildemar tem a convicção de que o regionalismo é uma fonte inesgotável para a arte.
- Gildemar: Todo dia você descobre uma coisa nova dentro da cultura popular, né. E aí fui me envolvendo cada vez mais nisso aí, e hoje não tenho como sair disso, porque meu trabalho tá focado em cima do regionalismo (TV CAATINGA, 2017a).

O regionalismo é um destaque constante na reportagem, indicado no título da matéria, presente no texto da repórter, no discurso do entrevistado e citado seis vezes no vídeo, a partir, dos seus derivados “regionalidade”, “regional”, “região”. Outras palavras também tiveram repetição, como “cultura popular” e “artista”, em três momentos, e “caatinga”, duas vezes. Entretanto, notou-se que o termo “cidade” não foi mencionado, mesmo diante do fato da reportagem ter sido ambientada no espaço urbano de Uauá. Essa ausência do último termo e frequência das demais palavras, todas utilizadas em sentido denotativo, ajuda a entender o modo de construção narrativa da matéria, que nesse caso, omite características relacionadas à urbanidade do Semiárido e reforça a transmissão da ideia de regionalidade e sua ligação com o ambiente rural.

Além disso, outros elementos resgatam a persistência pelas particularidades do sertão nordestino, como uma trilha sonora instrumental, que aparece no momento inicial, no meio e no fim da matéria, com sons de tambores e pífanos, instrumentos típicos da representação do Nordeste. O pífano, por exemplo, é bastante utilizado em Uauá durante o tradicional novenário de São João Batista, padroeiro da cidade, com a presença de tocadores em todos os dias da celebração. Mas, nas outras épocas do ano, há pouca ou nenhuma inserção desse grupo nos demais eventos da cidade. Isto significa que a Banda de Pífano só é acionada quando se quer apelar para o tradicionalismo e não mantém uma relação frequente com os costumes da geração atual.

Nesse ponto, é possível perceber que, ao dar visibilidade a um regionalismo firmado em tradições fragilizadas na contemporaneidade, a WEB TV Caatinga mantém uma representação ainda baseada nos elementos regionais que foram criados no passado, descritos por Albuquerque Júnior (1999) como necessários a manutenção de um discurso sobre o Nordeste, alicerçado na lógica da “Indústria da seca”. Entretanto, os efeitos desse movimento pode ser uma abordagem distante do cotidiano, atualmente, vivido por esses povos nesse pedaço do Semiárido. Complementando essa conjectura, a composição das imagens na reportagem também revela elementos comuns da representação de um Semiárido tradicional, como foi visto no Capítulo 2.

Dois cenários visuais predominam na reportagem, o local onde foi gravada a entrevista com Gildemar Sena é um deles, um ambiente importante, porque, nesse lugar, o entrevistado ganha espaço de fala. A sonora foi realizada no interior de uma casa de taipa, com uma estrutura simples de barro e de madeira retorcida, bem visíveis para o receptor. Objetos como moringa, cesto de palha, violão velho, ferro de passar e máquina de costura de um modelo antigo estão dispostos no canto direito da tela. Do lado esquerdo, há um contrastante quadro artístico em tons fortes de amarelo, laranja e marrom. Essa coloração se torna bastante chamativa porque, nesse *frame*, a maioria dos elementos se apresentam em tons de sépia, exceto o referido quadro e a camisa do artista que é branca, com estampas em preto. No centro da imagem, está o entrevistado com um chapéu de couro, e ao fundo dele mais um cesto de palha com um casal de bonecos de pano.

Figura 23 – Cenário da entrevista com Gildemar Sena



Fonte: TV Caatinga, 2017.

A predominância da tonalidade sépia, na figura 23, tem um significado. De acordo com Teixeira (2006), a mídia utiliza o recurso da cor para transmitir e antecipar informações, não há uma interpretação unânime, mas algumas circunstâncias são bem delineadas por conta da repetição de abordagens que causam a familiaridade da imagem pelo receptor. É o caso dos tons em sépia que, ainda segundo esse autor, frequentemente, são utilizados para ambientar informações do passado, cenários e figurinos de época, dar um aspecto envelhecido para imagem. Nas reportagens sobre o sertão nordestino na grande mídia, essa tonalidade é comum e, nesse contexto, percebe-se que a WEB TV Caatinga também apresenta tal perspectiva. Além da cor, os objetos já mencionados reforçam essa

ideia de antiguidade, possibilitando a compreensão de que a reportagem foi feita em um lugar atrelado ao que é remoto.

O outro cenário que a matéria enquadra é um ambiente externo, onde o artista está desenhando uma de suas obras. No centro da imagem e no primeiro plano, está Gildemar Sena, à sua volta se observa que o espaço é coberto por uma estrutura de palha, uma cerca de madeira à esquerda, elementos que evidenciam uma simplicidade e que podem fazer alusão à pobreza tão empregada para o interior do Nordeste, bem como, mostra mais uma vez uma referência ao passado, já que o costume de se fazer casas de palha é antigo. Contudo, nesse *frame*, se percebe um ambiente arborizado, com o verde das plantas e árvores aparecendo em segundo plano, algo relevante ao se tratar do Semiárido, lugar comumente retratado pelos galhos secos, pela terra empoeirada ou pela vegetação rala.

Figura 24 – Gildemar Sena desenhando.



Fonte: TV Caatinga, 2017.

Ademais, na figura 24, é notória a proximidade e união de dois elementos, o chapéu de couro e a caneta na mão do artista. O chapéu de couro é um artefato característico do vaqueiro, figura “que se notabilizou como maior representante do povo sertanejo; passou, ao longo dos tempos, a fazer parte da cultura e imaginário desse povo, como uma representação necessária, uma espécie de referência quando se trata de homem nordestino” (RIBEIRO *et al*, 2017, p. 195). O vaqueiro é o homem da roça, da lida com os animais, cheio de virilidade e destreza com as atividades do campo. No tempo da sua origem, principalmente, era o empregado do dono da fazenda e, como um dos tipos constitutivos de homem nordestino, é representado como alguém inculto e não alfabetizado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003).

Mas, na reportagem da WEB TV Caatinga, o homem nordestino que usa chapéu de couro, domina outros elementos, especificamente, uma caneta para desenho, que permite o desenvolvimento profissional e artístico desse “vaqueiro”. Gildemar Sena não é um vaqueiro nato, entretanto, o uso do chapéu de couro indica uma aproximação com essa identidade e permite entender que rupturas estão acontecendo nesse lugar, divergindo com o imaginário tradicional do vaqueiro, baseadas em mudanças no comportamento dos povos do Semiárido e nas novas subjetividades construídas. Essa configuração parece ser enaltecida na reportagem, devido ao ângulo, levemente em *contra plongée*, ou seja, a câmera foi posicionada de baixo para cima. De acordo com Martin (2005), esse plano de filmagem “dá em geral uma impressão de superioridade, de exaltação e de triunfo, porque engrandece os indivíduos e tende a magnificá-los [...]” (p. 51), algo bastante expressivo diante do contexto mencionado.

Também são constantes na reportagem, a ênfase aos quadros e pinturas de Gildemar Sena. Nesse aspecto, a câmera se aproxima dos elementos, uma obra por *frame*, e posiciona o ângulo na altura do olhar, dando destaque a arte ali exposta. São desenhos de cactos, umbuzeiros, casas, sol, homens e mulheres com vestuários simples, referências ao Cangaço e à festa de São João. Nos quadros da exposição “Catadeiras de Umbu”, que foi destaque na matéria, aparecem mulheres colhendo a fruta e carregando na cabeça baldes cheios de umbu, algo que faz lembrar a imagem estereotipada da mulher com a lata d’água na cabeça, presente em várias construções sobre o interior do Nordeste, porém, nessa matéria da WEB TV Caatinga, o sentido é diferente. Na figura do umbu, se incorpora a construção da independência econômica da região, pois o beneficiamento de frutas gera renda para os agricultores e as agricultoras e, sobretudo, coloca a mulher em posição de destaque, pois ela se torna a provedora desse recurso financeiro. No geral, as imagens da caatinga presentes nas obras de Gildemar Sena, não se restringem à vegetação de cactáceas, mostra um ambiente coberto de outras plantas, tendo o umbuzeiro como o destaque, o que remete à ideia de “Convivência com o Semiárido”, proposta que busca dar visibilidade à diversidade da região.

Figura 25 – Obra de Gildemar Sena



Fonte: TV Caatinga, 2017.

Figura 26 – Obra de Gildemar Sena



Fonte: TV Caatinga, 2017.

A partir dos aspectos levantados, se nota que a reportagem “Artista utiliza técnica do bico de pena para representar o Semiárido”, produzida pela WEB TV Caatinga não apresenta a estereotipia da seca, fome e miséria, ao contrário, evidencia o êxito de uma artista local e dá margem para a compreensão de que o trabalho artístico no Semiárido tem abordado elementos que não aparecem, frequentemente, nas representações sobre a região, como o beneficiamento do umbu. Tal constatação faz a matéria se aproximar da proposta do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro e

ser útil no caso da utilização desse material como ferramenta pedagógica na escola, apropriada para a disciplina de artes e história, por exemplo, ou outros currículos que façam menção à cultura regional.

Contudo, alguns apontamentos precisam ser revistos para que a contextualização seja efetiva nessa reportagem, pois, ainda é inserida, na produção, imagens que remetem a uma temporalidade transcorrida e existe uma tendência de apelo ao rural, com cenários de casa de taipa e palha, a presença sutil de uma cerca de madeira, típica do interior, e a ausência de referências urbanas no conteúdo narrativo e visual. Conceber o Semiárido contemporâneo apenas no aspecto ruralizado é uma falha, pois esse lugar compõe, atualmente, grandes centros urbanos, com densidade demográfica crescente, a exemplo das cidades de Campina Grande-PB, Petrolina-PE e Feira de Santana -BA (MOREIRA, 2018).

4.2. REPORTAGEM: ESTUDANTES DESENVOLVEM PRÓTESE COM MATERIAIS RECICLÁVEIS

Também ambientada em Uauá, a reportagem “Estudantes desenvolvem prótese com materiais recicláveis” tem duração de dois minutos e 54 segundos e está disponível no link www.youtube.com/watch?v=REO5iH9iftc. A matéria, exibida com o sentido denotativo, trata da criação de uma prótese para os membros superiores, confeccionada com materiais recicláveis, como garrafa pet, náilon, tubos de PVC, e foi desenvolvida por um grupo de estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Nossa Senhora Auxiliadora, localizado na zona urbana do município.

É interessante destacar que essa matéria remete à presença das tecnologias sociais no Semiárido. Por tecnologia social (TS), compreende-se “produtos, técnicas ou metodologias, reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representam efetivas soluções de transformação social” (OTTERLOO, 2010, p. 21). Esse conceito elucida a diferença da TS para as tecnologias convencionais ou não sociais, que são desenvolvidas sem a participação da comunidade e, geralmente, o caminho que esse modelo segue parte da descrição de estratégias em manuais prontos, produzidos por financiadores, que devem ser seguidos pelas pessoas, sem haver uma reflexão e assimilação daquele conteúdo com a realidade da comunidade ou grupo (GNADLINGER, 2008).

No Semiárido, a presença das TS é impulsionada pela lógica da “Convivência com o Semiárido”, com o intuito de garantir práticas adequadas à região e aos diferentes povos que nela vivem. Entre as várias tecnologias sociais desenvolvidas por aqui, estão as de captação e armazenamento de água, como cisternas e tanques de trincheira, e as de produção, como a criação de hortas orgânicas comunitárias. Mas, a reportagem da WEB TV Caatinga apresenta outro modelo de tecnologia social, criada com tons de novidade, por ser desenvolvida com produtos diferentes do

habitual, e, nesse caso, elaborada por adolescentes como parte de uma atividade do currículo escolar. O objetivo dos/as jovens com a prótese é ajudar trabalhadores/as rurais que tiveram um dos braços amputados, devido a problemas de manejo com a máquina forrageira, equipamento utilizado, geralmente, na zona rural para triturar alimentos para os animais. Essa atividade se faz necessária, principalmente, nos períodos de estiagem, quando os animais não encontram alimento, livremente, na caatinga, fazendo os/as criadores/as ter que comprar ração ou utilizar plantas, como o mandacaru, que precisam passar pelo processo de trituração para serem consumidas pelos bichos.

A matéria, que teve a cinegrafia de Carlos Araújo e a edição de imagens por Ubirajara Mendes, começa com a seguinte indagação da repórter Meire Souza: “Em que materiais como esses podem se transformar nas mãos desses estudantes?” (TV CAATINGA, 2019b). A narrativa faz referência aos objetos utilizados na confecção da prótese e, ao longo do vídeo, é possível entender que essa indagação pode ser considerada como uma indicação de que os estudantes realizaram um trabalho inovador e eficiente para o município, já que elementos simples (cano, garrafa, cola) se transformaram em algo útil (a prótese), instrumento que tem um processo de produção complexo e é vendido com altos preços no mercado hospitalar. Tal constatação é insinuada em algumas referências, inclusive, no impacto que a ação tem na vida dos/as agricultores/as, ressaltado na sonora da professora Edna dos Santos, que orientou esse projeto:

A gente ficou sabendo de dois acidentes que ocorreram em intervalos de tempo muito próximos, né. Em dias muito próximos. E os dois com as mesmas características de criadores que estavam utilizando a máquina forrageira para agilizar o processo de organização da alimentação dos animais, principalmente, na época da seca (TV CAATINGA, 2019b).

Na sequência dessa fala, a reportagem apresenta a opinião das pessoas que utilizaram a prótese, a partir do depoimento de um estudante e não dos usuários. Assim, João Victor afirma: “O nosso primeiro voluntário, ele alegou que a utilização de nossa prótese era muito mais fácil, muito mais fluida a movimentação, porque ele já possuía uma prótese que tinha movimentos limitados” (TV CAATINGA, 2019b). No conjunto de elementos que parecem enaltecer o trabalho dos/as alunos/as, também está o custo financeiro da prótese desenvolvida por eles/as, dado inserido na fala de outra estudante, Vitória Santos: “E pensar que um projeto que não custou muita coisa da gente, só o trabalho mesmo de buscar, pesquisar, mas ajudar uma pessoa que [...] não tem a necessidade de comprar uma [...]. Como sabemos, as próteses no mercado são de alto custo, não precisa gastar tanto, tendo os materiais em casa” (TV CAATINGA, 2019b). A repórter complementa essa informação com a

estimativa dos valores do produto, sendo que a prótese elaborada pelos estudantes custou no total nove reais, enquanto as desenvolvidas em indústrias custariam cerca de R\$ 6.000,00 (seis mil reais).

Essas informações, construídas como uma sequência, imprimem a ideia de protagonismo dos/as jovens, pessoas que, segundo Moreira (2018), eram invisíveis no contexto do Semiárido tradicional, do “velho sertão”, mas passam a ganhar destaque na composição do Semiárido contemporâneo, como uma categoria emergente. Outro bom exemplo que demonstra esse processo de ascensão da juventude do Semiárido é um projeto de Educomunicação, executado no Vale do Salitre, município de Juazeiro-BA - o Carrapicho Virtual, uma experiência que capacita os/as jovens para a produção de notícias locais, divulgadas pela rede social *Facebook*. Além disso, os/as adolescentes também realizam sessões de cinema na comunidade e participam de oficinas de capacitação e de discussão de temas de cunho político e social. O resultado dessa ação é relatado por Érica Daiane Silva (2019). Amadurecimento, construção de responsabilidade, posicionamento diante de questões como gênero, tolerância religiosa, sexualidade, interesse por solucionar problemas do lugar onde vivem, fortalecimento do pertencimento à região, valorização da cultura local, entendimento sobre o poder da mídia e domínio de algumas técnicas de comunicação que possibilitam dar voz à comunidade, esses são exemplos das habilidades apreendidas pelos/as jovens.

Algumas das características citadas condizem com os aspectos possibilitados pelo projeto dos/as estudantes em Uauá, especialmente, a vontade de resolver problemas locais, algo que revela iniciativa, empatia e atitude. Além disso, a juventude mostrada na reportagem da WEB TV Caatinga tem espírito audacioso, eles/as estão desenvolvendo outro modelo de prótese, também com materiais reciclados, porém, mais aprimorada e com avanços na estrutura do aparelho. Isso denota entusiasmo, interesse em aperfeiçoar os conhecimentos, progredir nos estudos e pesquisas.

Ao final da reportagem, é apresentada outra proposta futura dos/as estudantes, o objetivo de ensinar os/as usuários/as e/ou suas famílias a construírem, em casa, a prótese reciclada, ou seja, a turma quer tornar as pessoas autônomas, capazes de suprir suas próprias necessidades. Perspectiva que é coerente com os objetivos das tecnologias sociais, pois proporciona a participação da comunidade no desenvolvimento do produto, e que também condiz com a ideia de “Convivência com o Semiárido” ao tornar o homem e a mulher dessa região independentes, livres dos favores dos governos e autoridades, condições vistas dentro da lógica da “Indústria da seca”.

Aida está incorporada às premissas da “Convivência”, a questão da sustentabilidade, tema presente na reportagem, que emerge por meio da reciclagem e reutilização dos materiais que confeccionam a prótese.

A sustentabilidade implica em cultivar as condições, relações, significados e práticas que geram ou sustentam a vida. Se o planeta nunca esteve tão vulnerável, se a humanidade nunca esteve tão passível de extinção, e se tudo isso foi construído através da ideia de progresso no passado e da ideia de desenvolvimento no presente, chegou a hora de aprender inventando desde o local, para não perecer imitando desde o global, porque os modelos universais ignoram/violam as condições, relações, significados e práticas locais, rejeitando inclusive o conceito de ‘desenvolvimento sustentável’ [...] (SILVA, 2010, p. 41).

Assim, ao divulgar o projeto da juventude de Uauá, a reportagem dá visibilidade a esse modo de enxergar e viver no planeta, a partir de um movimento local que aponta para uma preocupação global, pois a sustentabilidade vem sendo discutida e proposta no mundo inteiro, inclusive pela Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2015, a ONU reuniu líderes de governos e estados de 193 países para construir a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, essa proposta contém 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que devem ser implementados em todos os países, à nível local e regional. Entre as metas estão, erradicação da pobreza, assegurar a disponibilidade de água potável e saneamento básico, consumo e produção sustentável, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação (ONU, 2016).

Esse conjunto de informações, que a reportagem elucida, é exibido dentro do espaço da escola, especificamente, num ambiente que parece ser uma sala de estudos (figura 27). Enquadrado em um plano conjunto, por ter mais de uma pessoa na cena, essa perspectiva permite visualizar o local de gravação, que contém estantes e caixas de livros, mesas redondas, cadeiras e desenhos fixados na parede, imagens relevantes, pois evidenciam o processo de educação e pesquisa no Semiárido brasileiro, algo que não é frequente nas representações midiáticas sobre a região.

Figura 27 – Estudantes desenvolvendo a prótese com materiais reciclados.



Fonte: TV Caatinga, 2019.

Na verdade, o Nordeste sempre foi lembrado pelas altas taxas de analfabetismo, números que ainda são elevados. De acordo com o IBGE (2018a), em 2017, a região registrou o maior percentual de pessoas que não sabiam ler e escrever no Brasil, sendo 14,5%, e a taxa de homens e mulheres considerados “sem instrução”, isto é, aqueles/as que tem 25 anos ou mais e não concluíram nenhum ano do ensino fundamental, também é a mais alta do país, 16,5%. As taxas menores foram no Sudeste com 3,5% e 5,5%, respectivamente. Contudo, ao destacar o ambiente escolar e o que é desenvolvido nele, a reportagem indica que, apesar desses números elevados de analfabetismo e “sem instrução”, existe um processo educativo em andamento, que parece estar buscando mudar os números desfavoráveis, ou seja, a matéria não se apega à informação negativa e conhecida pelo povo, mas olha além disso, destacando os caminhos encontrados na região para superar os desafios.

Nesse cenário pedagógico, um elemento se sobressai, expressando certa incompatibilidade. A prótese, destaque nos enquadramentos da matéria (figuras 27 e 28), foi apresentada estando anexada a um manequim, um boneco que, apesar de não ter vestuário, recebeu na cabeça um chapéu de couro, símbolo da identidade do vaqueiro. Mais uma vez, esse aspecto é exibido, assim como na reportagem analisada anteriormente, reforçando o quanto é presente e viva a representação do vaqueiro no Semiárido. É explícito que o chapéu de couro não faz relação direta com o projeto da prótese, mas por que ele está ali? Qual o objetivo dos/as estudantes e da reportagem em mostrar essa composição?

Figura 28 – Prótese é exposta em manequim que usa chapéu de couro



Fonte: TV Caatinga, 2019.

Antes de tentar responder a essas perguntas, é importante recordar mais alguns aspectos que envolvem essa identidade. De acordo com Ribeiro *et al* (2017), o universo de virilidade e heroísmo, criado historicamente em torno do vaqueiro, não dá lugar para a figura feminina ser destaque nas

representações do Semiárido. O vaqueiro, o cangaceiro, o beato, o coronel, o jagunço, o retirante são todos personagens masculinos, que ao serem criados como símbolos da região, omitem e invisibilizam a participação das mulheres. Portanto, é importante refletir sobre esse processo de negação do feminino diante das inserções e representações construídas no Semiárido contemporâneo, para não correr o risco de repetir tais equívocos.

Também a partir das observações atuais sobre a região, é possível perceber transformações no cotidiano do vaqueiro. Entre elas, o fato da pecuária não ser o único manejo desses trabalhadores como era antes, agora a paisagem da caatinga também é composta pelos caprinos e ovinos que são mais adaptáveis à região; muitos vaqueiros trabalham para si, são donos das suas próprias terras; os cavalos estão sendo substituídos pelas motos que auxiliam na condução dos bichos (RIBEIRO *et al*, 2017) e, muitas vezes, o vestuário só é usado nas festas tradicionais como as vaquejadas, desfiles e Missas.

Além do chapéu de couro, a indumentária do vaqueiro é composta por gibão, paletó de couro, guarda-peito, perneira, duas pernas de calça justas e de couro, luvas e outros itens que ajudam o homem a entrar na caatinga de modo mais protegido. Mas, com as alterações vividas na atualidade, nem sempre é necessário fazer o uso desses itens no cotidiano. Por exemplo, não tem sentido tanta proteção se o vaqueiro está em uma moto na estrada ou em uma vereda que contém poucos galhos ou plantas capazes de machucá-lo. Porém, se for para ir à um evento tradicional, como os citados acima, é bem provável que todos os ornamentos serão utilizados, inclusive, até por quem não pratica a profissão, podendo assim, concluir que são usados para representar uma ação vivida com maior intensidade no passado, uma atividade que não condiz, plenamente, com o que ocorre no presente, “o vaqueiro passa então de personagem real para uma representação do que se conhece sobre ele. E a cultura do vaqueiro se confunde com a indústria cultural que perpetua algumas práticas, elege alguns símbolos e, em torno deles, cria uma ideia de tradição” (RIBEIRO *et al*, 2017, p. 202).

Ou seja, ao trazer o chapéu de couro e todos os significados históricos, sociais, econômicos e culturais que ele carrega para o contexto do projeto da prótese reciclada, desenvolvida pelos/as estudantes de Uauá, a reportagem transporta o receptor para a regionalidade nordestina, a partir da particularidade do vaqueiro, e parece requerer atenção para o fato de tal pesquisa e criação inovadora, ser elaborada nas terras do vaqueiro, onde essa cultura é representada. E, ao mesmo tempo, também transmite a ideia de que, a referência feita com o chapéu de couro, faz parte de uma tradição que não é inteiramente manifestada e praticada na contemporaneidade da região.

Na contramão dessa tradicionalidade regional, a matéria apresenta uma trilha musical que remete ao ritmo pop e/ou batida eletrônica, com o som de instrumentos como a bateria. É uma sonoridade que lembra o ambiente urbano e jovial, aspecto interessante, pois foge da dimensão

estereotipada de que no Semiárido só se ouve e toca forró, uma referência absorvida a partir da herança de Luiz Gonzaga, compositor, cantor e sanfoneiro que, com seu trabalho, tornou os ritmos baião, xote e xaxado conhecidos no Brasil.

Ademais, é importante destacar que, se aproveitada no ambiente escolar, a reportagem poderia ser reproduzida em disciplinas como ciências, biologia ou matemática. Quanto à repetição de palavras, se percebe a persistência pelos termos “prótese”, empregado oito vezes; “estudantes”, dito quatro vezes; “Semiárido” e “município” uma vez; e a palavra “cidade”, novamente, não foi citada. É relevante fazer esse levantamento porque, nesse caso, é possível refletir sobre a inserção e ausência de duas palavras que, apesar de serem semelhantes, trazem conceitos divergentes: “Município”, que se refere à área urbana e rural de um território delimitado e “cidade” que, em linhas gerais, alude à uma área populosa, onde se desenvolvem, com maior intensidade, trabalhos industriais e mercadológicos (BERNARDI, 2006).

Assim, ao recusar o uso desse último termo, pode-se entender que a reportagem se esquivava de apontar para os elementos que o vocábulo “cidade” implica, em detrimento da preferência pela palavra que abrange o que é urbano e rural. A observação é mais clara, quando se verifica o contexto em que o termo é colocado pela repórter: “Estamos no Colégio Estadual Nossa Senhora Auxiliadora, localizado no município de Uauá, no Semiárido baiano” (TV CAATINGA, 2019b). Parece que seria possível fazer uma troca do vocábulo “município” por “cidade” sem causar prejuízos ao sentido da frase, mas não foi essa a escolha.

Com isso, é possível sinalizar que existe, nessa reportagem, uma inclinação ao ruralismo, sutilmente apontada por essa preferência do termo “município”, mas também pela pauta em foco, já que a prótese foi criada para atender uma demanda do ambiente agrário, apesar de ser produzida e gravada em solo urbano. Isso provoca o reforço do imaginário de que o Semiárido é apenas rural, algo imprimido em várias produções midiáticas, educativas, culturais etc, silenciando todas as dinâmicas vivenciadas no espaço da cidade, no Semiárido urbano que existe.

Apesar desse e de outros aspectos questionáveis analisados na reportagem, o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro é percebido nessa produção da WEB TV Caatinga, através do olhar jornalístico que se estendeu para uma iniciativa que permite ao receptor conhecer uma realidade onde os/as jovens são capazes de criar, inovar, buscar estratégias para os problemas locais. A matéria apresentou elementos que mostram a diversidade que envolve a região, especialmente, com a inserção de uma musicalidade próxima ao ritmo pop/eletrônico. Além disso, essa produção se torna um instrumento divulgador do potencial da região para o desenvolvimento de pesquisas, especificamente, aquelas que são fomentadas nas escolas da rede pública estadual, dentro do espaço da

sala de aula. É um meio de ampliar a visão de quem sabe pouco sobre o Semiárido ou daqueles que estão presos à estereotipia.

4.3. REPORTAGEM: MEU AMBIENTE REINTRODUÇÃO DA ARARINHA AZUL

“Meu ambiente: Reintrodução da ararinha azul” está disponível no link [youtube.com/watch?v=fMTdPmxFKZA](https://www.youtube.com/watch?v=fMTdPmxFKZA), com duração de seis minutos e 57 segundos e apresenta os preparativos para a reintrodução da ararinha azul no seu habitat natural, a caatinga. A ave foi extinta na natureza em meados dos anos 2000 por conta do tráfico internacional de animais, que resultou na existência da espécie apenas em cativeiros legalizados, um na Alemanha e outro no Sudeste do Brasil. Depois de anos, um projeto chamado “Ararinha na natureza”, desenvolvido pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão vinculado ao Ministério do Meio Ambiente, realiza os processos de devolução da ave para o bioma caatinga, especificamente, para a região de Juazeiro e Curaçá-BA, local de origem da espécie.

A reportagem foi gravada na zona rural de Curaçá, ambiente em que o projeto tem sido executado. A cidade fica distante cerca de 94km de Juazeiro e no passado era palco para o voo livre da ararinha azul, como conta Tatiane Alves, uma das entrevistadas na reportagem:

Nossos avôs, bisavôs contam que puderam chegar a ver mais de cinquenta bando de ararinha, voando aqui na nossa natureza, coisas que a gente não viu, ou seja, que a gente tá lutando pra poder trazer a ararinha de volta para que nossos filhos, netos, bisnetos cresçam e saibam a história realmente da ararinha azul na natureza. Com fé em Deus, a gente vai trazer ela de volta (TV CAATINGA, 2019c).

O foco da matéria é mostrar as etapas desse processo de soltura que, na data de exibição da reportagem, ainda estava prevista para ser feita nos próximos meses e os trabalhos estavam acontecendo a partir de pesquisas com a maracanã, ave semelhante à ararinha azul. Durante a escrita desta dissertação, a reintrodução ainda seguia em andamento, mas, as ararinhas azuis já tinham chegado no município de Curaçá e, em cativeiro, se adaptavam ao clima da região para poder serem soltas com segurança. Para explicar esse processo, a reportagem de Meire Souza, com cinegrafia de Carlos Araújo e edição de imagens de Ubirajara Mendes, apresenta informações sobre a ararinha azul e explica as causas da extinção, utilizando um trecho do filme “Rio” (2011), dirigido por Carlos Saldanha, e da música “Brincadeira de araras”, composta por Fernandinho Ferreira, cantor da cidade de Curaçá, aspecto que demonstra preocupação em dar espaço e relevância para a produção musical de um artista local.

Outro ponto de destaque na matéria é a informação de que esse projeto é o primeiro no mundo que busca devolver, para o meio ambiente, um animal já extinto. Essa afirmação revela a considerável importância empregada ao Semiárido brasileiro ao ser cenário para uma pesquisa inédita no mundo, ao tempo em que, salienta certa perspicácia da equipe da WEB TV Caatinga em enxergar o valor dessa pauta e executá-la, trazendo, para o contexto das representações sobre o SAB, uma produção que evoca tal aspecto favorável sobre a região.

Na sequência, são explicitadas as técnicas que os/as biólogos/as e voluntários/as usam para tentar entender os modos de desenvolvimento da maracanã e para preparar estratégias que auxiliem nas possíveis dificuldades que a ararinha azul possa enfrentar nesse ambiente nativo, que se tornou desconhecido para a mesma. Assim, são utilizados aparelhos de telemetria (figura 29), que colaboram para a localização do animal, através de uma etiqueta fixada no pescoço do bicho, régua e balanças nas quais os/as pesquisadores/as realizam a pesagem das aves e colhem material biológico (figura 30), equipamentos de rapel (figura 31), para alcançar os ninhos e outros aparatos tecnológicos, inseridos no ambiente campal. Algo pouco corriqueiro para reportagens que retratam a zona rural do Semiárido, o que faz perceber que, nesse Semiárido contemporâneo, tem havido um crescimento da utilização de diferentes tecnologias, entre elas, as de informação e comunicação (MOREIRA, 2018).

Figura 29 – Telemetria para localizar as maracanãs



Fonte: TV Caatinga, 2019.

Figura 30 – Medição das maracanãs



Fonte: TV Caatinga, 2019.

Figura 31 – Rapel para chegar aos ninhos das maracanãs



Fonte: TV Caatinga, 2019.

Esses instrumentos são manejados por pesquisadores/as do ICMBio, mas também por jovens voluntários/as do projeto “Ararinha na Natureza”, que moram no município de Curaçá, promovendo uma interação com a comunidade local, aspecto semelhante ao que foi visto na reportagem anterior sobre a prótese.

- Repórter: Devolver a ararinha azul para a natureza traz muitos benefícios para a comunidade. Aqui em Curaçá o projeto está dando oportunidade para os jovens serem capacitados e contribuírem no desenvolvimento das pesquisas.
- Cristine Prates (Bióloga): As pessoas vão ter poder de decisão também, vão ter conscientização do que é o trabalho, elas vão ter uma visão de poder acompanhar o bicho desde quando ele é um embriãozinho no ovo, até o bicho voar, então você tem uma consciência de

que você não quer esse bicho dentro de uma gaiola, você quer ver ele sempre se reproduzindo cada vez mais, voando livre na natureza. Então é uma forma de fazer uma educação ambiental, uma consciência ambiental (TV CAATINGA, 2019c).

Esse trecho, destacado da reportagem, expõe os objetivos da participação dos/as voluntários, indicando que a intenção é capacitar essas pessoas para que elas auxiliem nas pesquisas realizadas sobre a reintrodução da ararinha azul. Mas, na sequência da narrativa, o início da sonora da bióloga parece sinalizar que as participações no projeto se estendem para outros membros da comunidade e todos esses/as atores/atrizes terão poder de decidir o que deve ser feito ou não. Assim, a frase “As pessoas vão ter poder de decisão” é muito significativa e faz relação com as premissas da “Convivência com o Semiárido”, uma lógica que também tem buscado construir programas, projetos e ações no SAB, com a participação ativa e deliberativa da sociedade civil, sobretudo, quando as implementações são encabeçadas por órgãos dos governos federal, estadual ou municipal.

Carvalho (2004) salienta que, em algumas práticas, já é possível ver uma sinalização de que essa interação vem, gradativamente, acontecendo. Essa autora cita, para isso, o Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca (PAN-Brasil), elaborado entre os anos de 2003 e 2004, com a condução do Ministério do Meio Ambiente e a participação da sociedade civil, através de órgãos como a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e a RESAB. Vale ressaltar, que o objetivo geral desse programa é “estabelecer diretrizes e instrumentos legais e institucionais que permitam otimizar a formulação e execução de políticas públicas e investimentos privados nas Áreas Suscetíveis à Desertificação – ASD [...]” (MMA, 2004, p. 85).

Além desse programa, Carvalho (2004) cita a atuação das Organizações Não-Governamentais (ONGs) no Semiárido, que tem possibilitado participação cidadã e articulação dos/as pequenos/as produtores/as, agricultores/as, jovens, associações, cooperativas etc. Desse modo, um movimento feito por diferentes setores tem permitido que o povo seja ouvido, tenha oportunidade de expressar suas opiniões e se envolva nos processos que engendram as novas perspectivas do Semiárido.

A inclusão da sociedade civil em seu papel ativo e no movimento de democratização dos programas de desenvolvimento para a região semi-árida é um aspecto novo e importante para se entender os rompimentos ao paradigma de combate à seca [...]. Certo é que o envolvimento e participação popular mostram um movimento de criação ou de valorização de relações sociais baseadas na cooperação, solidariedade e gestão participativa [sic] (p. 24-25).

Ainda tratando sobre a presença da juventude na reportagem, é interessante refletir sobre o contexto que a figura 32 exhibe. Diferente do imaginário construído por algumas produções literárias, cinematográficas e jornalísticas, onde personagens, como vaqueiros, cangaceiros, retirantes ou beatos

andam pela caatinga, o *frame* destacado anuncia que esse espaço atual é visitado por jovens pesquisadores/as, equipados com mochilas, botas e um uniforme que indica seu vínculo de trabalho, o projeto “Ararinha na natureza”. É uma composição de imagens capaz de desmitificar discursos, opiniões e hipóteses advindas de um conhecimento limitado sobre a região, fazendo surgir novas percepções e ampliação das perspectivas sobre aquilo que o SAB pode abarcar.

Figura 32 – Biólogos/as e voluntários/as atuando na zona rural de Curaçá.



Fonte: TV Caatinga, 2019.

A sonora de Cristine Prates também faz outra referência que aponta para maneiras diferenciadas de viver e ver a natureza Semiárida, a partir da conservação da vida. Assim, na reportagem, é destacada a perspectiva de manter as aves livres, não prendê-las em gaiolas, uma dimensão que pode ser relacionada com a proposição da “Caatinga em pé”, ideia que busca imprimir nas pessoas a importância de evitar o desmatamento da vegetação, promovendo o reconhecimento do valor ecológico desse bioma, que deve ser utilizado de forma sustentável e consciente (IRPAA, 2015). O tema da sustentabilidade aparece novamente, nessa reportagem da WEB TV Caatinga, agora, associado à participação da comunidade local em um projeto do Governo Federal que, pelo depoimento mencionado, instiga à construção de uma educação e uma consciência ambiental.

Nessa lógica, a matéria ressalta que um dos desafios para reintroduzir a ararinha azul na caatinga é, justamente, a perda da vegetação e a, consequente, superexposição do solo aos fatores naturais, problemas que reduzem as possibilidades de desenvolvimento da espécie. A causa dessas questões, mencionada na reportagem, é a presença da caprinovinocultura, como explica a entrevistada Camile Lugarini, representante do ICMBio em Juazeiro:

Às vezes, tem um número de caprinos maior do que a capacidade de suporte daquele ambiente que pode ocasionar uma impactação do solo, uma perda da vegetação. Então, em Curaçá, especificamente, existe a possibilidade de que, àquela vegetação existente ela seja somente um remanescente de uma vegetação muito mais exuberante (TV CAATINGA, 2019c).

Essa explanação aborda uma informação importante para os povos do Semiárido, especialmente, para aqueles pertencentes à região de Curaçá e Uauá, município vizinho, que tem na criação de caprinos e ovinos uma das principais formas de subsistência, o que torna a reportagem com alto teor informativo e educativo, ajudando as pessoas a conhecerem os resultados de suas práticas e a necessidade de aperfeiçoamento dessas, de forma adequada à região. Além disso, observa-se que surge, na produção jornalística sobre o Semiárido, uma pauta que se refere a um problema que é não é a seca, isto é, visualizam-se outros desafios emergentes, que também necessitam de atenção e solução.

Inclusive, os fatores apontados na sonora de Camile Lugarini são algumas das questões que intensificam o processo de desertificação no Semiárido, ação caracterizada pela redução da disponibilidade hídrica, diminuição ou eliminação da vegetação e empobrecimento do solo (MALVEZZI, 2007), isto é, de acordo com Sá (2015), é uma degradação ambiental que acontece em regiões áridas, semiáridas e subúmidas secas. Esse último autor afirma que “mais de 50% das áreas do Semiárido brasileiro já estão com processo de desertificação acentuado e aproximadamente 16 mil hectares da Caatinga já foram desmatados” (p. 4). Apesar do problema da desertificação ser sério, infelizmente, ele não foi aprofundado nessa reportagem da WEB TV Caatinga analisada neste subitem.

Em relação à composição imagética, a matéria em exame faz uso de fotografias e vídeos de arquivo quando menciona a ararinha azul, outras imagens presentes são do ambiente natural onde vivem as maracanãs e, futuramente, também passarão a viver as ararinhas azuis. Predominam, os planos em conjunto e plano geral, esse último, inclusive, causa profundidade para as cenas e ajuda o receptor a visualizar a paisagem da caatinga que, apesar de apresentar áreas de degradação por conta do desmatamento, exibe uma vegetação frondosa, em tons de verde, mostrando em alguns momentos árvores de alta estatura (figura 33).

Figura 33 – Paisagem da caatinga na reportagem sobre e ararinha azul



Fonte: TV Caatinga, 2019.

Essa representação difere daquelas exibidas pela grande mídia, onde se destacam os galhos secos e os espinhos das cactáceas, como foi mencionado no capítulo 2, fator que desperta para o entendimento da diversidade de espécies e de cores presentes no bioma caatinga, bem como, tende a revelar a dimensão de aspectos que foram omitidos, ao longo dos anos, nas representações midiáticas sobre o SAB.

Tratando da frequência ou omissão das palavras nessa matéria, todas empregadas em sentido denotativo, foi percebido a utilização do termo “Semiárido” por três vezes, “município” uma vez, “caatinga” em dois momentos, “natureza” nove vezes e “desenvolvimento” ou o derivado “desenvolvido” foi referido em seis situações. A palavra “cidade” mais uma vez não foi mencionada, bem como, o termo “sertão”, que pareceu ser substituído por “Semiárido”, abrindo margem para o entendimento de que a preferência aponta para o sentido ideológico da palavra, como foi explicado no capítulo 2, ao escolher o termo que se relaciona com a contemporaneidade dessa região e com as práticas de “Convivência” construídas.

Também se destaca a repetição das palavras “natureza” e “desenvolvimento”. Tomando como base as análises feitas até aqui, pode-se salientar que ambos se referem ao processo de crescimento, avanço, progresso, baseados no cuidado e respeito ao meio ambiente e todas as formas de vida que ele abriga, humana, animal, vegetal. Ou seja, a proposição se relaciona ao desenvolvimento sustentável, compreendendo que “nenhuma espécie pode se dar ao luxo de eliminar as demais e continuar existindo” (SILVA, 2016, p. 23), é preciso haver convivência e não competição.

Desse modo, compreende-se que a reportagem foi construída de modo integrado à lógica da “Convivência com o Semiárido”, revelando a efetivação do JCSAB. A matéria demonstra o potencial

da região e do povo que nela reside, a partir, da capacidade de desenvolver pesquisas dentro de um projeto que é pioneiro no mundo, colocando o Semiárido diante da perspectiva de região, que busca estar alinhada com os ideais de zelo pelo meio ambiente. Mas apesar dos aspectos positivos, essa matéria também aborda questões problemáticas, sem recorrer aos estereótipos da seca, fome e miséria, bem como, às imagens saturadas da caatinga cinzenta e espinhenta, da terra seca e empoeirada. Caso fosse utilizada em sala de aula formal ou informal, a reportagem seria útil em discussões sobre educação ambiental, geografia e biologia, por exemplo.

4.4.REPORTAGEM: A GUERRA DE CANUDOS NÃO NARRADA EM “OS SERTÕES”

O começo e o final da reportagem “A Guerra de Canudos não narrada em ‘Os sertões’”, disponível no link [youtube.com/watch?v=LGYlQHDcrDg&t=3s](https://www.youtube.com/watch?v=LGYlQHDcrDg&t=3s), é acompanhado por uma trilha sonora de melodia suave, que transmite uma sensação de tristeza e melancolia. É um solo de violão, dedilhado, que remete ao toque da viola sertaneja ou viola caipira, como também é conhecida, instrumento que faz parte da composição musical construída pelo escritor e dramaturgo Ariano Suassuna, através do Movimento Armorial. Nascido em 1970, o Movimento Armorial teve o objetivo de criar uma arte originalmente brasileira que, ao mesmo tempo, deveria ser erudita e popular, firmada com elementos culturais do Nordeste. Entre esses elementos, estavam a música, na qual se destacavam três instrumentos principais, a viola, a rabeca e o marimbau, usados com o objetivo de estabelecer uma ligação entre seus timbres e a região nordestina (VENTURA, 2007).

Assim, de antemão, já se percebe nessa reportagem uma ligação ao regionalismo, àquilo que foi construído para ser considerado como algo típico do Nordeste. Tal sonoridade marcante corresponde à abordagem da matéria que, em três minutos e cinquenta e nove segundos, trata da Guerra de Canudos, conflito armado que aconteceu nessa cidade do interior da Bahia, nos anos de 1896 e 1897, envolvendo o exército brasileiro, o líder religioso Antônio Conselheiro e seus seguidores.

Nesse período, o Brasil tinha se tornado República, recentemente, e apresentava graves problemas sociais e econômicos, sobretudo no interior do Nordeste, onde o poder e o domínio sobre a terra prosseguia nas mãos dos latifundiários e dos burgueses, enquanto, as demais classes da sociedade sofriam as consequências traduzidas no alto custo dos alimentos, na falta de emprego, na migração para os centros urbanos do Norte e Sul do país (FACÓ, 1983). Inconformado com esse cenário de calamidade e injustiça, presente no sertão nordestino, Antônio Conselheiro peregrinou pela região, reunindo cerca de dez a 25 mil pessoas, comovidas pela ideologia religiosa do beato, e fixou morada no chamado “Belo Monte”, conhecido Arraial de Canudos. Ali, diversas práticas de subsistências

coletivas foram implantadas, como a construção de casas através de mutirões, a partilha igualitária de alimentos e de outros bens materiais (MARTINS, 2007). Porém, essas atividades foram mal compreendidas pelo governo brasileiro que enxergou, em Canudos, uma ameaça à república e considerou Antônio Conselheiro um louco e fanático, justificando, assim, a destruição do arraial e das práticas desenvolvidas nele, o que aconteceu depois de quatro expedições do Exército Brasileiro à região.

O jornalista Euclides da Cunha foi o primeiro a relatar os acontecimentos dessa guerra, impressos, com detalhes, no livro “Os Sertões” (1902). A partir dessa obra, pessoas de todo o Brasil e do mundo passam a conhecer os trâmites desse conflito e a região onde ele aconteceu, ambos aspectos, sob o olhar euclidiano. Esse produto literário, considerado por Debs (2007), como um dos “mitos fundadores da sociedade brasileira” (p. 26), se torna “um dos maiores sucessos editoriais do Brasil, com mais de 50 edições, tradução em pelo menos nove línguas e inspiração para romances diversos” (VENTURA, 1996, p. 39). Desse modo, essa matéria da WEB TV Caatinga, produzida pela repórter Meire Souza, pelo cinegrafista Carlos Araújo e o editor de imagens Edvaldo Albuquerque, se propõe a apresentar questões sobre a Guerra de Canudos, que não foram descritas por Euclides da Cunha em “Os Sertões”, ao tempo em que salienta um descaso atual, por parte das autoridades políticas, diante desse município baiano.

Ao recordar a história do conflito, a reportagem explica a situação social e econômica das pessoas que viviam na região naquele período, utilizando as palavras: “desemprego”, “miséria”, “seca”, “fome” e “coronéis”, termos comuns em várias produções jornalísticas que retratam o Semiárido brasileiro. Barbosa (2017) salienta que, no uso de palavras como as mencionadas, por vezes, está imbricado o interesse em transmitir uma sensação de drama, capaz de emocionar o espectador, recurso agregado pelo telejornalismo brasileiro como foi visto no capítulo 2. Para isso, são utilizadas estratégias resgatadas do cinema e da literatura, provocando um tipo de jornalismo, chamado pela autora, de cinematográfico. Nessa composição, são frequentes a atribuição de adjetivos e advérbios, para realçar impressões dramáticas e a expressividade no texto, aproximações e assimilações de personagens da literatura clássica com os/as entrevistados/as das reportagens, interação do/a repórter à frente das câmeras, permitindo liberdade para esse/a fazer atuações e encenações que remetem, ou não, ao contexto literário e outras inserções.

Porém, no caso da reportagem analisada nesse subitem, essas características, expostas por Barbosa (2007), não se enquadram no contexto do uso das palavras “desemprego”, “miséria”, “seca”, “fome” e “coronéis” presentes na produção da WEB TV Caatinga. Esses termos, na verdade, parecem se constituir, na matéria, como um instrumento informativo, pois não estão unidos a elementos textuais

ou visuais que instigam intensos sentimentos de comoção e são demonstrados demarcando um período histórico vivido na região, ou seja, não se firmam como marcas permanentes do Semiárido.

- Repórter: Foram quatro expedições militares contra homens, mulheres, idosos e crianças que viviam nesse pedaço do Semiárido brasileiro em um período difícil do país, com muito desemprego e miséria.

- Adriana Fontes (Coord. Téc. do Memorial Antônio Conselheiro): Era de grande seca, de fome, final do Império, início do movimento que a princesa Isabel libertou os escravos, então as pessoas não tinham muito a escolher. Era isso ou passar fome, ou viver a mercê dos coronéis (TV CAATINGA, 2018).

O trecho destacado ajuda a perceber certa justificativa da entrevistada Adriana Fontes, para a adesão das pessoas ao movimento de Antônio Conselheiro, ressaltando que as escolhas que elas tinham eram poucas, ou seguiam o beato e, conseqüentemente, a esperança de dias melhores, ou ficavam expostas às intempéries de uma época de domínio dos coronéis e precárias condições de vida. Essa sonora ainda aponta um aspecto que é presente em outros momentos da reportagem, a contextualização dos fatos históricos ocorridos no Brasil, trazendo informações sobre a situação política e social da época, promovendo uma ação educativa, que potencializa o senso crítico dos receptores e oferece para esses dados que auxiliam na compreensão da reportagem, algo estimulado pelo Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro que, para Santos (2016), por meio da ação educativa tem a capacidade de formar, emancipar e empoderar as pessoas.

Voltando à pesquisa de Barbosa (2017), é importante advertir que essa autora pesquisou reportagens que se basearam em clássicos da literatura, como “O Quinze” (1930) da escritora Raquel de Queiroz e, o já citado, “Os Sertões” (1902). Desses livros são retirados trechos narrativos usados para comparar a realidade atual, inspirações imagéticas diversas, que compõem a visualidade da matéria, apresentação de entrevistados/as, a partir de características dos personagens da literatura etc. Entretanto, na reportagem “A Guerra de Canudos não narrada em ‘Os sertões’” acontece o contrário, o jornalismo se propõe a buscar elementos do fato noticioso (a guerra) que não foram contados, existe, assim, um interesse por evidenciar situações que a obra literária não mostra, produção esta que se tornou referência sobre o sertão nordestino no mundo inteiro. Parece, portanto, que existe um objetivo de aprofundar o acontecimento e apontar ao receptor informações novas, fora do que comumente é pautado.

Vale destacar que os elementos, ditos na reportagem, que não foram inseridos no livro “Os sertões” (1902), são apontados por dois entrevistados, um professor/pesquisador e um descendente de Antônio Conselheiro, que versam, respectivamente:

- João Ferreira Damião [Professor e pesquisador]: Um dos principais pontos no livro euclidiano é a pejoratividade que ele faz no texto em relação aos seguidores de Antônio Conselheiro, o tratamento que ele dá em relação às mulheres belomontenses, inclusive, chega a chamar de megeras, na obra ‘Os Sertões’. Os seguidores denominam de jagunços, que são pessoas a mando dos coronéis. E fica-se aquela velha pergunta, será que todos os que estavam em Belo Monte eram assassinos? Inclusive as crianças que ele denomina de jaguncinhas?

[...]

- João Batista Lima [Descendente conselheirista]: É interessante é que as falas dos conselheiristas, daqueles que lutaram no conflito da Guerra de Canudos, é que Antônio Conselheiro era bom, Antônio Conselheiro não era mal. Ele tem uma fala que ele vai dizer, ‘olha, Antônio Conselheiro não mandava matar, não mandava roubar, não mandava mentir, quem quis se desgraçar, se desgraçou’, né. E em uma outra fala no livro de Nertan Macedo, de Onório Vilanova falando, ele vai dizer ‘olha, as recordações que eu tenho sobre Canudos é que ela, é... quem tinha sua mulher cuidava da sua mulher e dos seus filhos, quem tinha seu gado, cuidava do seu gado na beira do rio e tudo se tratava porque a nenhum pertencia e era de todos’ (TV CAATINGA, 2018).

A pergunta do professor João Ferreira não é respondida na reportagem, inclusive, a matéria levanta essas características, supostamente ocultas no livro, mas não imprime juízos de valor no sentido de defender ou refutar as informações que os entrevistados apresentam. Isso faz pensar que a ideia é promover uma reflexão e deixar o receptor livre para construir sua opinião sobre o tema. Porém, durante a narrativa, não há nenhuma citação ou descrição textual do conteúdo e do modo de abordagem da obra “Os Sertões” (1902), referências que poderiam auxiliar o receptor na compreensão, ao menos geral, sobre a literatura euclidiana. A ausência dessas informações dificulta o entendimento por parte de quem não conhece o livro, provocando a necessidade de acessar a obra ou buscar complementações, caso haja o interesse em compreender totalmente o assunto. Tal constatação se torna controversa ao ser comparada com a observação feita acima sobre a contextualização história e o papel educativo que a matéria também aproxima. Percebe-se, nesse segundo momento, um deslize, uma brecha que faz lembrar que o JCSAB está em processo de construção (SANTOS, 2016) e tem um caminho para trilhar e aperfeiçoar.

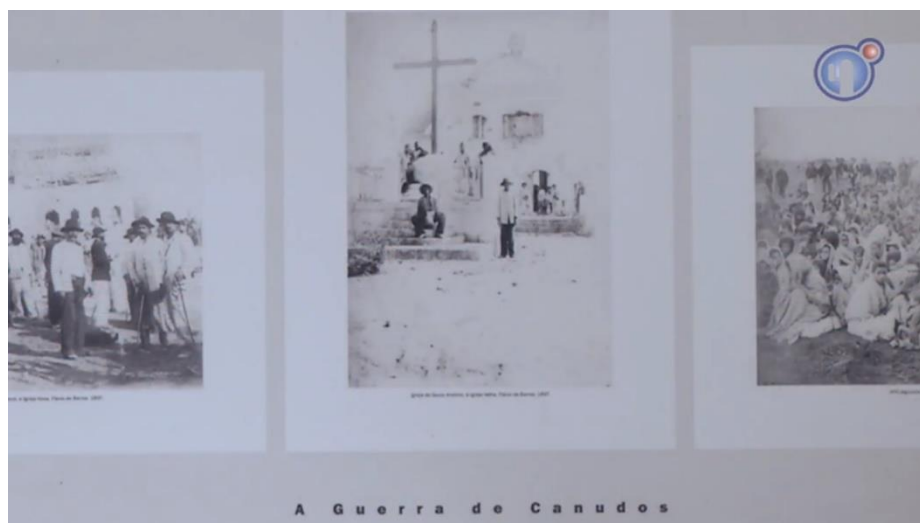
Ao final, a reportagem da WEB TV Caatinga provoca outra reflexão, a narrativa sai mais uma vez dos aspectos euclidianos, para observar a atual cidade de Canudos, recordando que esse local se reergueu algumas vezes. A primeira foi por ocasião da destruição feita pelo Exército Brasileiro; depois, os sobreviventes que por ali permaneciam foram retirados por conta da construção do Açude de Cocorobó, em 1967, obra realizada através do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), ligado ao Ministério do Desenvolvimento Regional; e a terceira Canudos, como também é chamada, é o município visível hoje, no qual é identificado como um lugar onde não existe satisfatórias condições de vida, algo salientado por João Ferreira Damião: “O que precisa é uma mobilização, não só das nossas autoridades, mas eu acho que da sociedade como um todo, né, nessa busca incessante por melhorias para nossa cidade que ainda, infelizmente, é muito carente” (TV Caatinga, 2018).

A reportagem se encerra com esse trecho da sonora e não apresenta detalhes dessa situação, parece apenas instigar a observação sobre a persistência da vulnerabilidade social no município, que atravessa décadas sem efetivas soluções. Tomando como exemplo, a primeira edição da série “Segredos do sertão”, já mencionada nesta dissertação no capítulo 2, e também analisada por Barbosa (2017), se percebe uma aproximação em relação a esse aspecto de citar a situação de pobreza e carência em que Canudos vive. Entretanto, na reportagem da Record, há um conjunto de estereótipos sobre o clima, a vegetação e os costumes das pessoas que transmitem informações e imagens imprecisas, aspectos que chamam mais atenção do que as menções à problemática social da cidade. Na produção da Record, é afirmado pelo repórter Rodrigo Viana: “O povo precisa de ajuda externa, de caminhões-pipa para sobreviver. Por isso, os estudiosos dizem que a Guerra de Canudos e de toda a região continua, é uma guerra contra a seca e, principalmente, contra a miséria, que diminuiu um pouco, mas ainda persiste” (R7, 2012). Analisando essas duas representações de Canudos, nesse ponto de observação, se verifica a divulgação de uma mesma informação que parece não trazer aprofundamentos relevantes, capazes de mostrar as causas dessa miséria e as possíveis formas de mitigá-la. Entretanto, possuem a marcante diferença quanto à forma de construir algumas assertivas sobre a região, enquanto uma reportagem é carregada de estereótipos, a outra não utiliza tais recursos.

Passando para a observação das imagens presentes na reportagem “A Guerra de Canudos não narrada em ‘Os sertões’” da WEB TV Caatinga, se sobressai as fotografias, de autoria não identificada, que ilustram o período da guerra (figura 34), bem como, mostram o Arraial de Canudos e retratos dos conselheiristas e soldados. As tomadas do vídeo são, predominantemente, do Parque Estadual de Canudos e do Museu Antônio Conselheiro, espaços localizados em Canudos, abertos à visitação e que guardam objetos e resquícios da guerra, fotografias, livros e outros itens históricos. O Parque Estadual, criado em 1986, é o local onde aconteceu o conflito, uma área à céu aberto com mais de 500 hectares que contém, entre outros elementos, as ruínas do Arraial de Canudos (figura 36) e fragmentos de ossos humanos. O Museu de Antônio Conselheiro, inaugurado em 2002, também tem o objetivo de guardar os registros do conflito, armazenando exposições fotográficas, jornais da época e materiais bélicos, como restos de granadas e projéteis de fuzil (TV CAATINGA, [2018 ou 2019]).

Essas imagens ajudam o receptor a compreender os acontecimentos narrados e a visualizar a força da guerra, pois ao mostrar, por exemplo, os ossos humanos (figura 35), se configura a veracidade dos relatos de morte. Do mesmo modo, a figura 36 explicita as ideias de destruição e reerguimento da cidade de Canudos ao revelar as ruínas do arraial que aparecem em meio às águas do açude Cocorobó.

Figura 34 – Fotografias da Guerra de Canudos



Fonte: TV Caatinga, 2018

Figura 35 – Restos de ossos humanos no Parque Estadual de Canudos



Fonte: TV Caatinga, 2018

Figura 36 – Ruínas do Arraial de Canudos



Fonte: TV Caatinga, 2018

As imagens, que não são de fotografias, foram feitas em planos gerais e abertos, exibindo, predominantemente, as paisagens do Parque Estadual de Canudos e, por consequência, demonstram um Semiárido rural, onde são evidentes a vegetação em tons de verde, com espécies de árvores de baixa estatura. Os registros, em que aparece o Semiárido urbano, são de um *take* rápido da fachada do Museu Antônio Conselheiro e de um *travelling* lateral, um movimento de câmera que, nesse caso, é realizado da direita para esquerda, começando do açude Cocorobó (figura 37) e terminando na atual cidade de Canudos (figura 38). Interessante é que a cidade de Canudos, nessa reportagem, só pode ser vista pelo receptor em poucos momentos, e, nesse *travelling*, ela é captada de longe, causando uma impressão de distanciamento, o que permite entender que o espaço da cidade não faz parte da história da guerra, por isso, não seria destacada.

Figura 37 – Início do *travelling*, imagem do açude Cocorobó



Fonte: TV Caatinga, 2018.

Figura 38 – Fim do *travelling*, imagem da cidade de Canudos



Fonte: TV Caatinga, 2018.

Apesar da pouca presença da urbanidade de Canudos nas imagens, o termo “cidade” foi utilizado três vezes na narrativa da reportagem e em um desses momentos é dito, pela repórter, que “A cidade de Canudos mantém viva a história da guerra, principalmente, pelas pesquisas desenvolvidas na região, pela presença de museus e do Parque Estadual de Canudos” (TV Caatinga, 2018). Isto é, a participação urbana no contexto da guerra seria apenas de suporte à história vivenciada, a cidade guarda a memória do conflito, ela não é protagonista. Desse modo, mais uma vez, o Semiárido é realçado a partir do rural, omitindo as atividades e ações que acontecem fora desse espaço.

Outras palavras também foram notadas na reportagem, como “Semiárido” e “caatinga” citadas uma vez, “coronéis” por duas vezes e “mulheres” utilizada três vezes. Essa última menção se relaciona à presença feminina no Arraial de Canudos e à identificação das pessoas que morreram no conflito,

exibindo um certo destaque ao citar que as expedições militares foram contra “homens, mulheres, idosos e crianças” (TV CAATINGA, 2018). A referência é sutil, mas fixa a existência feminina na guerra. Esses e os demais termos empregados na reportagem foram utilizados em sentido denotativo, algo diferente da reportagem da TV Record sobre Canudos, analisada por Barbosa (2017), onde eram frequentes metáforas e figuras de linguagem que sustentavam o efeito estético e dramático da produção, segundo essa autora. Ao preferir manter o sentido literal das palavras, a matéria da WEB TV Caatinga evita a abordagem melodramática e certos ornamentos na reportagem, se associando aos princípios da clareza e objetividade, elementos vinculados ao valor-notícia da simplificação, como foi visto no capítulo 2.

Dessa maneira, as observações feitas até aqui indicam a execução da proposta do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro na reportagem, sobretudo, pelo fato de apresentar um conteúdo que não está presente na literatura clássica e não foi difundido pela mídia brasileira, ressaltando informações educativas que contribuem para formação do receptor. Nesse sentido, essa produção jornalística pode ser utilizada como material pedagógico em currículos, versando sobre literatura e história do Brasil. Entretanto, foi visível alguns percalços que podem dificultar a compreensão da reportagem, principalmente, pela ausência de referências sobre a abordagem do livro “Os Sertões” (1902), fator problemático, já que o foco da matéria é explicitar o que essa obra não apresenta, necessitando, portanto, que o receptor tenha ciência do que ela mostra, para assim fazer conclusões mais contundentes. Além disso, persistem as imagens de um Semiárido rural e de uma particularidade demarcada para a região que, no caso dessa reportagem, foi evidenciada por meio da música, fazendo aparecer a dita regionalidade nordestina.

4.5. REPORTAGEM: BENEFICIAMENTO DE FRUTAS DA CAATINGA GERA RENDA PARA OS AGRICULTORES

Em seis minutos e seis segundos a reportagem “Beneficiamento de frutas da caatinga gera renda para os agricultores”, disponível no link [youtube.com/watch?v=7Xo_97AftgY](https://www.youtube.com/watch?v=7Xo_97AftgY), trata do beneficiamento de frutas nativas da caatinga, em especial o umbu, e evidencia a geração de renda promovida na região, a partir do trabalho desenvolvido pela Coopercuc. Apesar da atuação em três municípios, a matéria mostrou somente as práticas desenvolvidas em Uauá, terra na qual essa cooperativa se originou.

O incentivo e a transmissão de conhecimentos, repassados por freiras em missão na cidade de Uauá, no final da década 1980, fizeram algumas mulheres se articular e perceber que poderiam ter

participação decisiva nas dinâmicas políticas e financeiras da comunidade, por meio de algo que era próximo à sua realidade - a venda do umbu transformado em geleia. O negócio deu certo e foi oficializado em 2004, com a criação da Coopercuc. Hoje, essa cooperativa conta com mais de duzentos e setenta cooperados/as, sendo a maioria mulheres, envolve cerca de 450 famílias no processo de produção, vende seus gêneros em todo o Brasil e também exporta para a França e Itália. Aos poucos, o leque de produtos foi ampliado, assim, de frutas como o umbu e o maracujá do mato, são fabricadas compotas, variados doces, geleias e até cerveja artesanal de umbu, novidade da Coopercuc (COOPERCUC, [entre 2004 e 2020]).

A matéria da WEB TV Caatinga, encabeçada pela repórter Juliana Guimarães, pelo cinegrafista Carlos Araújo e o editor de imagens Ubirajara Mendes, realiza uma espécie de percurso geográfico, para mostrar os processos de colheita, fabricação, venda e consumo dos gêneros da Coopercuc. Para isso, nos primeiros segundos, já apresenta o começo dessa trajetória, através da extração do umbu, em um ambiente rural não especificado. Quem faz essa atividade e concede entrevista sobre o processo é um homem, José Edmilson. Apesar da participação feminina ativa na história da cooperativa, ao longo da reportagem, a presença de uma mulher enquanto membro dessa entidade, vai acontecer apenas na sonora da presidenta, Denise Cardoso, pois, para tratar do manejo industrial dos produtos, outra figura masculina aparece. Essas representações causam dúvida sobre o engajamento das mulheres na atualidade da fábrica, enquanto pessoas que assumem lugares de gerencia, de poder. Mas, tais suposições são baseadas no que é visto a partir da reportagem, assim considera-se a possibilidade de que a realidade vivida seja diferente.

A presença singular de uma representação feminina, como integrante da cooperativa, remete ao que explicam Paiva e Barros (2017) sobre a desvalorização e invisibilidade histórica da participação das mulheres nos espaços públicos no Semiárido. Essas autoras salientam que, ao longo dos anos, foi se estabelecendo uma construção social onde caberia à mulher apenas o papel doméstico, executado nas atividades de zelo e cuidado da casa, dos/as filhos/as e do esposo, já a atuação nas áreas políticas, sociais, econômicas, culturais, esportivas etc. seria uma função masculina. Tais atribuições ainda são defendidas por algumas pessoas e praticadas em diferentes ambientes, como no local de trabalho e no seio familiar.

Coube aos pais, maridos, irmãos, chefes de Estado e às demais figuras patriarcais o direito de expressar a virilidade masculina e negar a participação do feminino na construção e reflexão do social, do político e do econômico. Dessa forma, paulatinamente, a trajetória das mulheres foi sendo apagada, invisibilizada no cotidiano, por processos descontínuos, fragmentados, resultantes de transformações sociais, culturais, políticas e econômicas, vivenciadas pela sociedade (p. 31).

Paiva e Barros (2017) defendem, portanto, que a proposta da “Convivência com o Semiárido”, a partir da Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, deve, entre outras questões, fomentar a abordagem e introdução de políticas públicas, ações e discussões que envolvam as relações de gênero, ou seja, os aspectos históricos e sociais vivenciados por mulheres, homens e pelas pessoas que não se identificam nessa posição binária, se reconhecendo como neutros ou andróginos. O Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro também deve participar desse processo dando visibilidade a essa diversidade de público e atuando como propagador das novas formas de vida concebidas pelas pessoas da região. Entretanto, nesse ponto de análise da reportagem “Beneficiamento de frutas da caatinga gera renda para os agricultores”, é possível perceber a ausência de tal abordagem, concretizada pela tímida representação feminina na Coopercuc, em detrimento da presença masculina dominando os espaços de fala e de ação.

Figura 39 – Colheita do umbu



Fonte: TV Caatinga, 2017.

Prosseguindo com a análise, tem-se a imagem de José Edimilson, em cima de uma escada (figura 39), retirando, manualmente, cada fruto do umbuzeiro, demonstrando cuidado com a espécie, algo que permite prolongar a safra e, conseqüentemente, a renda mensal. Além disso, a matéria salienta que o próprio agricultor tem feito o replantio de umbuzeiros, uma ação que contribui para a preservação da caatinga e para atividade de beneficiamento que ele ajuda a desenvolver há mais de 15 anos.

- José Edimilson (agricultor): O umbu que a gente tirava o fruto *in natura* e vendia só na época mesmo da safra, a gente começou a beneficiar, então além de vender *in natura* é possível também beneficiar. O próprio maracujá da caatinga que também não tinha nenhuma agregação

de valor, a gente também começamos a tirar algo de renda desse produto. E também na questão do conhecimento, né, com a Convivência com o Semiárido a gente passou a entender que a nossa região não é pobre (TV Caatinga, 2017b).

Os aspectos apresentados nessa matéria apontam para o que foi citado por José Edmilson ao final da sonora: há uma “Convivência com o Semiárido”. A prática se efetiva, até aqui, com a criação de responsabilidade pela natureza nativa, pela busca por melhores condições de vida, através do que é oferecido nesse ambiente, e por meio da certeza de que essa região não é pobre, como ressaltou o entrevistado. Tais características condizem com a definição apresentada por Baptista e Campos (2013), nos quais afirmam que

[...] conviver com o Semiárido significa viver, produzir e desenvolver-se, não dentro de uma mentalidade que valoriza e promove a concentração de bens, mas sim enfatiza a partilha, a justiça e a equidade, querendo bem à natureza e cuidando de sua conservação. Conviver com o Semiárido não significa apenas empregar tecnologias diferentes, quer sejam baratas ou caras. Significa abraçar uma proposta de desenvolvimento que afirma ser o Semiárido viável, ser o seu povo inteligente e capaz, ser a natureza do Semiárido rica e possível, desde que os seres humanos com ela se relacionem de modo respeitoso e que haja políticas públicas adequadas (p. 52-53).

A lógica da Convivência com o Semiárido, portanto, parece ser intrínseca à atividade da CooperCuc e é refletida na reportagem, para além dos aspectos já destacados. A construção jornalística revela também que a cooperativa consegue manter a produção mesmo na estiagem, quando a safra dos frutos da caatinga fica reduzida, o que acontecia no período de realização da matéria. Isto é, a seca não impede a fabricação das mercadorias, porque os/as cooperados/as encontraram estratégias para superar as consequências desse fenômeno, entre elas, a estocagem dos frutos. Para Malvezzi (2007), a estocagem dos bens é um dos segredos para a “Convivência com o Semiárido”, sobre esse assunto, José Milton, coordenador de produção, explica:

Conseguimos manter a nossa meta estabelecida, então, mais ou menos as 200 toneladas a gente está garantindo esse ano, baseando no carro feche que é o umbu, que é a quantidade maior, cerca de 66% da nossa produção é o umbu. Então, essa meta a gente já estabeleceu, já temos esse produto estocado (TV Caatinga, 2017b).

Nesse ponto, é explícito que a estiagem não é um obstáculo insuperável, que não é necessário entrar em “guerra” contra ela como parece acontecer quando se estabelece a lógica do “Combate à seca”. Essa ideia de “estar em conflito” foi utilizada por instituições governamentais compondo, inclusive, a nomenclatura de órgãos ligados ao Nordeste, como o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), criado em 1909 e, inicialmente, nomeado de Inspetoria de Obras Contra as

Secas (IOCS). Percebe-se que o “contra” transmite sensação de rivalidade, oposição, de que algo deve ser destruído, abatido. Segundo Schistek (2013),

[...] os anos de mais baixa precipitação não devem assustar a ninguém, ao contrário, devem ser considerados como fatores de produção. Quando um ano de baixa precipitação assusta a sociedade, os governos dos estados e em Brasília, isto é unicamente um sinal de que somos até hoje uma região mal compreendida. Para a natureza, os seus animais e plantas, um ano como o de agora [*de estiagem*], não é nenhuma catástrofe [grifo da autora] (p. 32).

Esse autor também salienta que com a proposta de “Combate” se estabelece o entendimento de que há uma grande preocupação e garra por parte do governo com a “calamidade da seca”. Mas, de acordo com Silva (2006), do início da ocupação do SAB até o século XIX, as ações oficiais para essa proposta consistiam, “exclusivamente, na distribuição de alimentos e na repressão às desordens que se avolumavam nas secas” (p. 35), ou seja, as práticas realizadas pouco ou nada contribuíam para mitigar as consequências da falta de chuva, eram mais úteis para os latifundiários da região, do que para o povo simples, como os/as agricultores/as (SILVA, 2006).

Seguindo essa linha de raciocínio, a reportagem da WEB TV Caatinga demonstra que, a partir da lógica do conviver, o fenômeno da seca e outras características do Semiárido brasileiro, passou a apresentar para as pessoas diferentes formas de trabalhar, ganhar dinheiro, sustentar a família. Pela condução da pauta, é possível perceber que esse movimento não acontece só em Uauá ou nos municípios de Canudos e Curaçá, locais em que a Coopercuc atua. Saindo da zona rural, a câmera da WEB TV Caatinga chega na cidade, passa pela fabricação dos doces e finaliza a matéria, revelando uma parte do processo de venda dos produtos por meio do Festival do Umbu, evento promovido pela Coopercuc, a cada dois anos, reunindo expositores, associações, cooperativas e outros setores ligados à agricultura familiar de todo o estado da Bahia que comercializam variados itens.

Para exemplificar o alcance e as vantagens do modo de conviver com o Semiárido, a matéria expõe uma sonora com Helenita Santos e a identifica como membro de uma cooperativa do centro sul do estado, que também faz o beneficiamento do umbu. A agricultora salienta que ao participar do evento consegue atrair mais consumidores para o seu negócio e, com isso, aumenta a renda. É interessante observar um dos enquadramentos feitos durante essa sonora, como retratado na figura 40, fica visível, na tomada em *plongée* - quando a câmera grava acima do nível dos olhos, capturando algo de cima para baixo - que o ângulo selecionado pode ser interpretado como uma forma de apequenar ou esmagar o elemento apresentado (MARTIN, 2005). Assim, percebe-se que, de fato, a figura de Helenita foi diminuída, inferiorizada nesse plano, mas, a partir do contexto narrativo da reportagem, analisando a distribuição dos objetos e ação realizada nessa matéria, parece que o enquadramento quer dar

evidência aos produtos apresentados à esquerda, itens que agricultora está arrumando nesse momento do *frame* e que são os personagens em destaque no Festival. São as peças que atraem a curiosidade e o interesse dos visitantes de feiras como essa, bem como, é no produto que está imbricado o valor do trabalho desenvolvido pelos/as agricultores/as.

Figura 40 – Exposição de produtos no Festival do Umbu



Fonte: TV Caatinga, 2017.

Nesse ponto, a matéria indica que existe uma procura por produtos derivados dos/as pequenos/as agricultores/as, e informa, através da entrevistada Rebecca Tapie, representante do Movimento Slow Food, que está acontecendo “uma forte tendência de consciência do consumidor, em consumir produtos mais limpos, mais saudáveis, de saber [...] ter essa curiosidade da origem do produto, de onde ele está vindo [...]” (TV CAATINGA, 2017b). O Movimento Slow Food defende que todos têm o direito de comer um alimento de bom sabor; cultivado de maneira limpa, isto é, sem agrotóxicos ou outros produtos químicos que podem prejudicar a saúde humana, animal, o meio ambiente; e que o alimento tenha procedência justa onde o produtor daquela comida recebe os valores correspondentes ao seu trabalho. Essa filosofia apoia a agricultura menos intensiva, feita nas comunidades de modo sustentável (SLOW FOOD, 2007), se aproximando, assim, da agricultura familiar, tema bastante presente na reportagem analisada nesse subitem.

- Repórter: Quem participa desse espaço ver a dimensão da agricultura familiar, a importância dessa atividade para quem produz e consome e os impactos na segurança alimentar e economia.
- Adinael Martins [Engenheiro Agrônomo]: É interessante, é estimulante, é instigante tá aqui participando [do Festival do umbu], de tá vendo que a agricultura familiar, de fato, ela contribui com a economia do Brasil (TV Caatinga, 2017b).

A empolgação do entrevistado e a ênfase da repórter põem, ainda mais, em evidência a agricultura familiar, prática em que a família é a proprietária da terra e o cultivo é realizado pelos seus membros. Para Ploeg (2014), essa definição vai além, trata do modo com que as pessoas plantam e vivem, “por isso que agricultura familiar é também considerada uma forma de vida” (p. 7). Esse autor cita alguns dos benefícios dessa atividade, entre eles, a autonomia e a liberdade, que permitem os/as agricultores/as estarem à salvo de relações de exploração, bem como, garante condições de atuar de acordo com os interesses da família; proporciona autoemprego e progresso; gera conexões com seu entorno, isto se traduz na ideia de que “a família agricultora é parte de uma comunidade rural mais ampla e, às vezes, integra redes de relacionamento que se estendem para as cidades” (PLOEG, 2014, p. 9).

Essa última qualidade da agricultura familiar lembra um aspecto citado por Revecça Tapie ao salientar que o Festival do Umbu e feiras semelhantes trazem as produções cultivadas na roça para o meio urbano, sendo uma forma de tornar esses materiais conhecidos. Aqui, em meio às poucas representações da urbanidade do Semiárido, como foi visto nos subitens anteriores desta escrita, e mesmo dando grande destaque às atividades realizadas na zona rural, a reportagem remete à uma sutil aproximação desses dois espaços e permite, ao receptor, visualizar a existência desses campos. Ademais, indica que aquilo que tem sido produzido no ambiente rural é uma tendência, algo que tem atraído o gosto das pessoas e, dessa forma, agrega valor a esse tipo de trabalho.

A partir do tema da agricultura familiar, a matéria foge da pauta da fome, da miséria, da pobreza, até mesmo, do domínio da terra por parte de latifundiários e grandes fazendeiros, se aproxima da vivência atual dos povos do Semiárido e dá destaque a uma realidade sentida por milhares de pessoas que formam o maior polo de produção familiar do Brasil, pois 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros são originados da agricultura familiar e 50%, desse total, é produzido no Semiárido (ASA, 2015).

A frase “O Nordeste é viável” - que foi marcante, principalmente, no início da elaboração da proposta da “Convivência”, período entre 1980 a 1990, e declarada por várias organizações atuantes no SAB (CARVALHO, 2012; ASA, 1999), - se torna nítida nesse conjunto de ações apresentadas e diagnosticadas a partir da reportagem. Tal viabilidade é presente nos depoimentos dos entrevistados/as e, também, no texto narrado. Durante a passagem, momento em que a repórter aparece na matéria, Juliana Magalhães apresenta o tema Festival do Umbu e, na sua fala, remete mais uma vez aos propósitos da “Convivência”: “[...] Este ano o Festival teve como tema a integração dos sistemas produtivos, a ideia é incentivar a população do Semiárido a aproveitar as diversas potencialidades do bioma caatinga” (TV Caatinga, 2017b).

Enxergar o potencial da região Semiárida e do bioma caatinga é o cerne da “Convivência com o Semiárido”, e consiste em compreender que há nesse ambiente elementos e características extremamente promissoras (ASA, 1999). A matéria menciona o beneficiamento de frutas nativas da caatinga e cita a criação de caprinos e ovinos, mas ainda existem outros exemplos, como as plantas medicinais, úteis para o tratamento de várias doenças; plantas forrageiras que podem ser usadas para alimentação animal; plantas frutíferas diversas, que vão além do umbu e maracujá do mato utilizados pela Coopercuc, a exemplo do licuri, da fruta de palma, do araticum e do fruto do mandacaru; fontes de óleo, cera e fibra, como o próprio licuri e o sisal; capacidade para o turismo, atraído por uma caatinga diversificada onde há serras, vales, paisagens semiáridas e úmidas, gastronomia, culturas ricas em história e significado etc. (SILVA, 2013).

Alguns aspectos da pluralidade do Semiárido também são percebidos por meio das imagens apresentadas na reportagem, onde se sobressaem *takes* dos umbus e de pés de umbuzeiro frondosos, revelando a caatinga verde. Inclusive, um desses enquadramentos permite visualizar no terceiro plano da imagem, ao lado esquerdo, uma moto (figura 41), veículo automotor comum no Semiárido, tanto nas zonas urbanas, quanto nas rurais.

Figura 41 – A moto compõe o cenário do Semiárido contemporâneo



Fonte: TV Caatinga, 2017.

Como já foi mencionado nesta dissertação, a moto tem substituído os cavalos e jegues nas funções de atocaiar, conduzir os animais nas fazendas. Contudo, Moreira (2018) apresenta outro aspecto para reforçar o quanto esse veículo faz parte de importantes mudanças nos costumes dos povos do Semiárido contemporâneo.

Em 2012, ao participar da festa de vaquejada de Uauá, observei um dos episódios mais evidentes das rupturas culturais em torno dos sertões contemporâneos. Um pai tentava convencer o filho de 15 anos a vestir o gibão de couro para o desfile. Era a tradição familiar repetida há mais de três gerações. Mas o jovem se recusou veementemente e foi para a festa de moto e boné (p. 250).

A moto é utilizada para ir às festas, para se deslocar pela cidade e para colher umbus na roça, como mostra, sutilmente, a reportagem. Dessa forma, parece inconcebível mediatizar a atualidade do Semiárido sem fazer referência à aspectos como esse que são intrínsecos no cotidiano e moldam os hábitos das pessoas. Nesse sentido, a reportagem da WEB TV Caatinga também apresenta um cenário recente nessa região, o da fábrica, especificamente, da agroindústria, palavra citada três vezes na matéria, além disso, o ambiente interno e externo desse lugar foi capturado por alguns minutos pela câmera da emissora (figuras 42, 43 e 44).

Figura 42 – Ambiente interno da agroindústria da Coopercuc



Fonte: TV Caatinga, 2017.

Figura 43 – Ambiente interno da agroindústria da Coopercuc



Fonte: TV Caatinga, 2017.

Figura 44 – Ambiente externo da agroindústria da Coopercuc



Fonte: TV Caatinga, 2017.

Se no contexto do Semiárido tradicional, do velho sertão, as pessoas migravam para o Sul, Sudeste e Norte do Brasil, em busca de emprego nas fábricas, agora esses espaços já se localizam nas terras Semiáridas, mas, não em larga escala. Mesmo assim, contribuem para o processo de crescimento da empregabilidade na região e, no caso, da agroindústria da Coopercuc mostra que é possível associar a industrialização à preservação e conservação do meio ambiente.

Continuando a observar a frequência das palavras nessa reportagem, nota-se que todos os termos foram empregados no sentido denotativo e percebe-se a repetição das expressões “beneficiamento”, por cinco vezes; “Semiárido”, em três momentos, “cidade” quatro vezes; “Convivência com o Semiárido” e “município” foram citados uma vez. É importante perceber o uso

da expressão “Convivência com o Semiárido”, pois torna explícita a adesão e divulgação dessa proposta, também é possível dar destaque a outros termos relacionados à essa lógica, como “preservação da caatinga” e “segurança alimentar”. Esse último se refere, de modo geral, aos processos que possibilitam a todas as pessoas terem acesso à alimentação de qualidade, na quantidade suficiente e necessária para a manutenção da vida de forma digna (BATISTA FILHO; CRUZ, 2016).

As abordagens das práticas da “Convivência”, presentes em toda a reportagem da WEB TV Caatinga em análise, desencadeiam na execução do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Percebe-se o entendimento dessa região a partir de aspectos que são vivenciados pelas pessoas, sem exageros, com apresentações narrativas e imagéticas que não focam na dimensão do sofrimento do povo, mas evidenciam a potencialidade do SAB, efetivada no beneficiamento promovido pela CooperCuc, bem como, na capacidade das pessoas de procurar estabelecer formas de vida adequadas ao ambiente onde vivem. Também fica explícita uma preocupação com a adequação tanto à alimentação limpa e justa, que foi mencionada, quanto ao respeito à caatinga, exemplificada na colheita dos frutos do umbuzeiro manualmente para não maltratar a espécie vegetal. Parece que, ao assistir essa reportagem, as pessoas vão conseguir ter uma melhor compreensão do que é a “Convivência com o Semiárido” e, conseqüentemente, do que é o Semiárido contemporâneo. Assim, tal produção torna-se propícia para ser inserida nas escolas dessa e de outras regiões do Brasil, sendo bem empregada em disciplinas que tratem do empreendedorismo, da sustentabilidade, de assuntos da geografia, abordando as espécies da flora do bioma caatinga e da industrialização realizada no interior do Nordeste, por exemplo.

5. A RECEPÇÃO DOS/AS ESTUDANTES ÀS REPORTAGENS DA WEB TV CAATINGA E AO JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO

5.1. PRIMEIRAS IMPRESSÕES DOS/AS ESTUDANTES SOBRE O SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Como delineado no capítulo 3, para melhor compreender e captar as informações sobre a recepção das matérias jornalísticas da WEB TV Caatinga, entre os/as estudantes da Escola Municipal João Borges de Sá/Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim, foi utilizado nos encontros um gravador de áudio, que permitiu que esta escrita contasse com a exposição das frases, opiniões e comentários feitos pelos/as participantes relatados a seguir. A gravação ainda contribuiu para resgatar detalhes do processo de realização da pesquisa e desdobramentos da Oficina.

No primeiro encontro, dia 4 de novembro de 2019, antes de exibir a reportagem da WEB TV Caatinga, foi apresentada pela pesquisadora uma explanação sobre os conceitos de Semiárido e de JCSAB, com o intuito de obter as primeiras impressões sobre a visão que os/as participantes tinham sobre esses temas, especialmente, observando como reconheciam o seu contexto e se a proposta conduzida pela WEB TV Caatinga era uma novidade para eles/elas ou não. Essa ação serviu para compor, inicialmente, a identificação das multimedicações, a partir da observação dos elementos que se antecipam ao momento da exibição do conteúdo midiático, conforme propôs Orozco (2005b).

Assim, os/as jovens demonstraram ter informações limitadas sobre o Semiárido brasileiro e não conheciam a proposta do JCSAB. Ao serem questionados com a pergunta “Vocês sabem o que é o Semiárido?”, um estudante da turma A rapidamente responde: “Sim, é a nossa vegetação!”. Porém, na mesma presteza, se contradiz e fica em dúvida: “Ah não, não é nossa vegetação! É nosso clima, eu acho.” Outros/as estudantes participaram afirmando que o Semiárido é realmente um clima e uma localidade. Na turma B, a maioria das respostas apontavam o Semiárido como um clima, exceto um aluno que indicou o sentido de “território” na sua fala: “Uauá está no Semiárido”. Em ambos os casos, mesmo com a insegurança que pairava no ar, as respostas dos/as jovens estavam corretas, conforme foi esclarecido, a partir da apresentação da região Semiárida inserida no mapa do Brasil. Foi explicitado os dois significados que a palavra abarca e suas formas de escrita, sendo “semiárido”, como todas as letras em minúsculas, referente ao clima que apresenta chuvas irregulares e altos níveis de evaporação (PONTES, 2010) e “Semiárido”, com a primeira letra em maiúscula, um território, definido pela Lei nº 7.827/1989. Brevemente, foi tratado sobre o sentido etimológico e ideológico da palavra “sertão”, como salientado no capítulo 2, ressaltando o senso comum de se referir ao Semiárido como o sertão, algo evidenciado por Moreira (2018).

Nessa perspectiva, destacou-se a compreensão limitada sobre a região Semiárida presente na mídia, nas artes, na literatura, no cinema e, como apontou um estudante da turma A, na internet. A ideia era fazer os/as participantes da Oficina compreenderem os prejuízos causados pela representação homogênea desse lugar, baseada nos aspectos da fome, da seca e da miséria. Ao falar sobre esses elementos estereotipados, um estudante da turma A e outro da turma B, acrescentaram: “Quase a África”, “Aqui eles veem como se fosse a África”. Essas afirmações parecem reconhecer a representação equivocada atribuída ao Semiárido brasileiro, contudo, a repetição dessas referências ao continente africano instiga a dúvida sobre o entendimento desses/as jovens sobre este lugar também marcado pelo estigma da miséria.

Não foi possível aprofundar a discussão sobre a África, mas parece que, do mesmo modo que o Semiárido é mal compreendido, este continente também é. Claro, ainda, existem desigualdades e problemas a serem superados, mas será que uma região tão grande, o terceiro continente mais extenso do planeta Terra, não tem mais a oferecer? As frases sugerem que os/as estudantes da Oficina ouviram alguém ou algum veículo de comunicação relacionar a África apenas com a pobreza e que eles/elas não tiveram contato com modos de desconstruir esse imaginário, seja com um acesso físico a essa localidade, seja com a transmissão de conhecimento mais abrangente sobre o continente. Isso pode colaborar para que esses/as jovens sejam propagadores/as de meias verdades, ou de informações pouco aprofundadas, algo possível de ir além da questão África, alcançando outras regiões, e propagando o costume de imaginar que tudo que se ouve é verdade e que não há a necessidade de buscar aprofundamento das informações.

Quando foi perguntado às turmas se na vida deles/as, no bairro, ou na família, havia miséria e fome, elementos que muitas pessoas atribuem a quem vive no Semiárido, a resposta negativa foi unânime. De todo modo, percebeu-se a necessidade de que esse público tenha conhecimento ampliado sobre o Semiárido. Assim, para conduzi-los/as à convicção de que o Semiárido é diverso e que é necessário construir imagens e narrativas que revelem sua pluralidade, foi realizada uma dinâmica, onde algumas fotografias eram apresentadas pela pesquisadora e os/as meninos/as tinham a tarefa de dizer se aquele registro havia sido feito em um lugar do Semiárido ou não. Foram exibidas 13 imagens que podem ser vistas nas figuras 45 e 46, na seguinte ordem: a torre do Santuário de Bom Jesus da Lapa-BA, um xique-xique florado, um parque de vaquejada em Uauá, a orla de Petrolina-PE, os índios Kaimbé de Euclides da Cunha-BA, o gado desnutrido próximo a uma barragem seca, as dunas de Casa Nova-BA, uma casa de taipa, uma competição de *skate* no Ceará, o São João de Uauá, os bodes na caatinga, a plantação de uva em Petrolina-PE e a paisagem urbana, coberta de neblina, da cidade de Jacobina-BA. Ou seja, todas ambientadas no SAB.

Figura 45 – Imagens utilizadas na dinâmica sobre o Semiárido



Fontes: A autora, Kayane Victória, sites novaescola.org.br e domtotal.com.

Figura 46 – Imagens utilizadas na dinâmica sobre o Semiárido



Fontes: A autora, sites psb40bahia.com.br, uaua.ba.gov.br, pinterest.com, sectec.pe.gov.br e abahiaacontece.blogspot.com

As reações entre as turmas foram, majoritariamente, semelhantes. Os/as participantes identificaram, rapidamente, ser no Semiárido as fotografias do xique-xique, da casa de taipa, dos bodes, da cidade de Jacobina, da vaquejada e São João de Uauá e da barragem seca. Essas duas últimas suscitaram um “sim” mais enfático das turmas que reconheceram a festa mais famosa da sua cidade. Elas também revelaram, através da entonação firme, ter tido acesso à construção imagética comum nas representações sobre o Semiárido, o chão rachado e o gado com fome. Entretanto, as turmas não sinalizaram a mesma presteza, quando viram as imagens das dunas, da prática do skate, da torre do santuário. Nesse quesito, eles/elas demonstraram muita surpresa. Na fotografia das torres do santuário de Bom Jesus da Lapa, por exemplo, que traz semelhanças a um castelo medieval, um estudante da turma A, bastante admirado, afirmou: “Não, parece não!”, ou seja, para ele aquela não era uma foto registrada no Semiárido brasileiro. Na turma B, um aluno arriscou afirmar ser ali uma paisagem do Semiárido por conta da vegetação que despontava no último plano da foto. Com essa oportunidade, foi ressaltado que a flora do Semiárido não é formada apenas por espécies rasteiras e cactáceas, mas possui três níveis: herbáceo, arbustivo e arbóreo como foi explicado na Introdução desta dissertação.

Ainda na turma B, um estudante salientou o seguinte durante a exibição da fotografia das dunas de Casa Nova: “Acredito que seja num lugar, tipo, uma praia, né”. Esse fato demonstra que alguns elementos naturais, não são relacionados ao Semiárido, reforçando a ideia de que os/as participantes conhecem restritamente a região que pertencem. Apesar desse conhecimento limitado, não é possível afirmar que haja uma total ausência de informações regionais. As imagens da orla de Petrolina, da produção de uva e dos índios Kaimbé também deixaram as turmas divididas, mas, sobre esse último tema, foi interessante observar o comentário de um estudante da turma B que, mesmo na incerteza, afirmou: “Também tem indígenas na região”. Tal colocação traz um tom de esperança ao perceber que esses/as adolescentes carregam certa consciência sobre a região em que vivem.

A dinâmica foi bastante produtiva, mostrou que é possível inserir, em pouco tempo de aula, explicações importantes e diversificadas sobre a região, permitiu sentir ausências do saber contextualizado, espaços que não foram preenchidos pela escola, pela sociedade, pela família, pela comunidade ou por outras instituições formativas. Se não fosse essa experiência na Oficina, quem traria ou reforçaria esses conhecimentos? E quando?

Em uma das conversas com a diretora da EMJBS/EMSB esta pesquisadora soube que havia o interesse de que a disciplina diversificada proposta para ser ministrada em 2020, em todo o município, seria sobre o tema do “empreendedorismo”, assunto que parece “estar na moda”, até então, pois tem sido visto, recentemente, em vários ambientes educacionais. A disciplina diversificada, área ou parte diversificada, como também é conhecida, está definida na Lei nº 9.394/96, que estabelece as Diretrizes

e Bases da Educação e consiste em uma matéria extra implantada na escola que tenha relação com o contexto local ou regional vivido na comunidade.

Art. 26 - Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 1996, p. 9).

Sem retirar a importância do tema “empreendedorismo”, é discutível o nível de relevância e prioridade que abordar o Semiárido, chão que a escola e os/as estudantes pisam (MARTINS, 2004a), possui sobre essa pauta. Não se trata de desmerecer algo, mas, sim, de compreender que, antes de avançar para outros terrenos, é urgente conhecer o lugar em que se vive. Quando isso não acontece, vem à tona o que Silva (2010) chama de aridez mental, um modo que extingue o jeito de ser e pensar próprio para contrair ações e ideias de outros, construindo uma vida limitada e ceifada na mesmice, na paralisia, no que não é seu, mas foi transmitido assim, ao longo do tempo, e repassado como verdade absoluta.

No Brasil, o Centro-Sul é aplaudido como desenvolvido, e o Norte-Nordeste é condenado como subdesenvolvido. Dentro do Nordeste, a região litorânea é “moderna”, só tem potencialidades; o SAB é “tradicional”, só tem adversidades. Esta intenção de homogeneizar de forma dicotômica a experiência humana, onde a sabedoria flui sempre de certa realidade superior para todas as demais realidades, inferiores, explica a predominância de práticas institucionais assimétricas e descontextualizadas em diversos âmbitos dos diferentes sistemas nacionais das sociedades, inclusive na concepção de pesquisas, formulação de políticas, gestão de processos educativos e execução de estratégias pedagógicas (SILVA, 2010, p. 6).

Mostrar aos/às jovens que é possível e necessário conhecer a si e seu território, antes de avançar para o que é distante, é uma responsabilidade conjunta das instituições de ensino, da sociedade civil, dos poderes públicos nas esferas federais, estaduais e municipais e das organizações sociais. Tal esforço não foi visto, com solidez, na escola de Uauá, tampouco na gestão do município. Entretanto, pode-se considerar que a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro deixou um sinal de aprendizagem coerente, carregada de sentido para a vida dos/as participantes e deu sua contribuição para a construção de um jeito de ser e pensar próprio.

Ainda foi abordado, nesse primeiro encontro, o objetivo principal do jornalismo, compreendido a partir da ideia de manter as pessoas informadas e produzir notícias de interesse público. Associado a essa explicação, foi apresentada a proposta do JCSAB, que se alimenta do ensejo de noticiar os diferentes assuntos que acontecem no Semiárido local e regional na perspectiva da heterogeneidade. A WEB TV Caatinga foi utilizada como um exemplo que busca praticar esse tipo de jornalismo, contudo,

os aspectos mais específicos sobre a emissora foram tratados em outro momento. Na sequência, após essas abordagens, sabendo que os/as participantes da Oficina obtinham instruções medianas sobre o Semiárido brasileiro e pouco incentivo da instituição escolar para o desenvolvimento de uma aprendizagem baseada na educação contextualizada, aconteceu a exibição das reportagens da WEB TV Caatinga. Sendo a primeira delas a matéria intitulada “Artista utiliza técnica do bico de pena para representar o Semiárido”.

5.2. “TUDO VERDADE”: INFORMAÇÕES NOVAS E VALORIZAÇÃO LOCAL

A primeira reportagem veiculada para os/as estudantes abordou o trabalho de Gildemar Sena, artista plástico que nasceu em Juazeiro e que reside há mais de 40 anos em Uauá. Apesar da pluralidade da atuação de Gildemar, a reportagem deu ênfase somente aos desenhos feitos com a técnica de bico de pena. Foi visto no capítulo 4 que essa matéria faz referência aos aspectos comuns na contemporaneidade do Semiárido brasileiro, como o beneficiamento do umbu e a participação das mulheres nesse processo, entretanto, também evoca elementos do tradicionalismo da região, a exemplo da casa de taipa. Além disso, apesar de ter sido produzida na cidade de Uauá, a reportagem não faz referências ao território urbano e trata, com destaque, a ruralidade do Semiárido.

Para ajudar a entender o modo de recepção dos/as estudantes, foram espalhadas na sala figuras de memes, que são fotografias ou desenhos cômicos que viralizam na internet, impressos em papel. O objetivo foi que cada jovem escolhesse o meme que mais representasse sua reação com a matéria. A relação das figuras utilizadas está no Apêndice E desta dissertação. Neste item, a análise começa pela turma A, onde, assim que terminou a exibição da reportagem e antes mesmo de explicar a dinâmica de recepção, foi perguntado aos meninos e às meninas o que acharam da matéria. As respostas foram imediatas: “Eu achei bom, porque é sobre nossa terra”, o vídeo “consegue dar muitas informações, sem ser enrolativo, cansativo”. Esses comentários iniciais reforçam a ideia de contextualização, proposta pelo JCSAB, indicando que a matéria cumpriu o papel de dar evidência a um acontecimento local, além disso, evidencia que a linguagem jornalística da WEB TV Caatinga contribui para a compreensão do jovem telespectador.

Quando os memes foram espalhados na sala e a técnica de recepção foi explicada, percebeu-se um alvoroço da turma e uma surpresa por ver aqueles elementos comuns no seu dia a dia, ali, presentes na escola. Essa escolha está alicerçada no contexto da juventude desta investigação, que vive, em sua maioria, imersa nas tecnologias digitais e na vivência em redes virtuais. Quem explica isso, desde meados de 2012, é Moreira (2018) e um grupo de pesquisadores/as que desenvolvem um estudo de

ação-participação independente sobre juventude e comunidades rurais na Bahia, para compreender as identidades dessa geração. Entre as principais descobertas, essa autora relata que existe uma opção predominante pela produção cultural massiva, em que o celular tem lugar de destaque no dia a dia dessas pessoas, sendo, inclusive, mais preocupante para eles/elas a ausência de energia elétrica e/ou internet do que a falta de acesso à água e à terra (MOREIRA, 2018), problemas comuns no Semiárido brasileiro.

Salienta-se que sabendo que o universo digital apreende a atenção dos/as jovens, a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro recorreu, em vários momentos, a esses aparatos na tentativa de atrair os/as estudantes e conseguir maior interação com as reportagens exibidas. Essa busca ocasionou as mediações vídeotecnológicas e situacionais por conta das técnicas audiovisuais exibidas e a combinação de recursos inseridos no ambiente.

Aprofundando as reflexões sobre a reportagem exibida, as opiniões dos/as estudantes reforçaram as ideias positivas empregadas no primeiro momento do encontro. Entre as escolhas e justificativas que mais se destacaram, por serem melhor explicadas, estão a de uma estudante que selecionou o meme “Tudo Verdade” e disse que achou o material do artista “Muito interessante e criativo”, que “expressa o trabalho na caatinga e fala toda a verdade”. Como foi observado no item 4.1, predominantemente, o conteúdo expressado nessa reportagem faz referência à cultura regional e apresenta vários elementos que remetem aos costumes e práticas antigas do Semiárido. Assim, esse é o conjunto de informações que a jovem reconhece como “toda a verdade”. Além disso, também chamou a atenção da estudante, o percurso criativo de Gildemar Sena, iniciando com desenhos de animações europeias e norte americanas, para depois chegar nas representações do SAB.

Uma menina escolheu o meme “Estou caçando a figurinha”, porque, segundo ela, “Não tem o que descrever, porque ficou muito informativa, falando que a gente nunca ia saber que um artista aqui, do nosso sertão, ia para outros países estar com a arte dele bem exposta, né”. Outra pessoa optou pelo meme “Passada”, pois também não sabia das informações que a matéria trouxe. Assim, a reportagem é identificada como uma propagadora de novidade, originando conhecimentos que os/as jovens não tinham. Outra estudante ressaltou que “nunca ia saber” que um conterrâneo foi exibir seu trabalho no exterior, entretanto, será que chegaria aos seus ouvidos a notícia de algum acidente ou morte no município? Com certeza, sim! Ao realizar pesquisas no *Google*, sendo a mais recente em 28 de setembro de 2020, com a busca “Uauá notícias”, grande parte do conteúdo apresentado estava relacionado as tragédias que aconteceram, algo reforçado pelos blogs existentes na cidade que dão prioridade a esse tipo de informação.

Esse desfalque no noticiário local e a necessidade de mudanças de pautas são reforçados na escolha de uma aluna que selecionou a figura “Continue”, justificando que queria aprender mais sobre o assunto tratado na reportagem. Tal colocação é importante para frisar a necessidade da WEB TV Caatinga manter esse tipo de produção, bem como, de outras emissoras começarem a aderir a veiculação de temas que enxergam as potencialidades locais. Além disso, a participação da escola também é imprescindível, pois ela pode agir como divulgadora da mídia contextualizada, fazendo a informação chegar com maior facilidade ao público estudantil e utilizar essa ferramenta como parte do currículo e processo de aprendizagem. Assim, apesar de não saberem que Gildemar foi à Itália exibir suas obras, todos/as os/as participantes o conheciam ou ouviram falar dele que, segundo uma aluna, já tinha ido à escola fazer palestras.

Os memes não se repetiram, ou seja, um não foi escolhido por dois/duas ou mais estudantes. Porém, as ideias e sentimentos que essas figuras apontam podem ser assimiladas, agrupadas. Destacaram-se três frequências, a sensação de surpresa provocada pelas informações novas foi majoritária, onde, além do meme “Continue”, também houve a escolha da imagem do Michael Jackson comendo pipoca, ou seja, o aluno está gostando do que vê e se interessa em prosseguir acompanhando. O acolhimento da reportagem é outro ponto em evidência, observado em grande parte dos/as participantes e explicitado nas palavras “gostei”, “legal”, “interessante” e nos memes que trazem carinhas apaixonadas e imagens de coração.

Esses comentários transpareceram que a aprovação da reportagem pela turma A é justificada pela abordagem local da pauta, desse modo, a apreciação desse aspecto também foi uma reação repetida. Ou seja, o JCSAB parece cumprir o papel de atender as expectativas do público regional, informando-o sobre sua própria localidade. Os/as estudantes não se opuseram e não destacaram nenhum elemento que se relacionasse com a ideia de Semiárido tradicional e com a estereotipia presente em objetos remotos (casa de taipa, ferro de passar velho, cesto de palha).

Partindo para a análise da recepção pela turma B, observou-se que também houveram sorrisinhos e reações animadas quanto aos memes; do mesmo modo, não era do conhecimento desses/as estudantes que Gildemar Sena havia viajado para a Itália para expor obras sobre a região e opiniões positivas também foram empregadas à reportagem. Um aluno disse que a matéria foi “massa”. Quando perguntado o que tinha sido mais “massa”, ele relatou o fato de o artista ter ido para outro país mostrar elementos da região. Outro participante relatou: “Gostei muito da matéria, porque ela fala sobre um artista que vai para outros lugares apresentar nossa caatinga, falar um pouco sobre ela, mostrar a realidade que nós vivemos aqui”.

A “realidade” citada pelo menino faz lembrar a afirmação “tudo verdade”, mencionada na turma A, e credencia a afirmação do mesmo modo de interpretação do Semiárido entre esse público e a representação da WEB TV Caatinga, na reportagem em observação. As realidades individuais se assemelham a essa construção midiática permeada de imprecisões que reforçam a propagação de estereótipos, sustentando visões equivalentes sobre o bioma e sobre as práticas realizadas nesse pedaço do Semiárido.

Ainda a partir desse diálogo, um aluno contou que já fez um trabalho na disciplina de geografia sobre as catadeiras de umbu e percebeu o quanto elas ficam felizes quando encontram o fruto em abundância. Esse participante ainda quis destacar na sua fala o esforço e dedicação do artista ao fazer os desenhos, afirmando que percebe, em Gildemar, um sentimento de orgulho para com o trabalho que essas mulheres desenvolvem em Uauá. Essa aproximação com o tema das catadeiras de umbu, provocada pelo trabalho escolar, fez o estudante conhecer atividades realizadas na sua localidade, compreender sentimentos e, conseqüentemente, a importância dessas ações, o que comprova o papel da escola como facilitadora na construção da relação contextualizada entre o indivíduo e o SAB.

Seguindo os relatos das manifestações da turma, foi perguntado pela pesquisadora se tinha algo na reportagem que os/as alunos/as achavam que poderia ser diferente. Apenas um estudante respondeu, dizendo que Gildemar poderia variar os temas dos desenhos, “não ser tão regional”, afirmou o menino. Outro colega concordou com essa observação e sugeriu que o artista fizesse um trabalho que unisse os desenhos europeus e norte-americanos aos elementos do Semiárido. Tendo o regionalismo um apelo ao ruralismo, tais referências inclinam à interpretação de que alguns dos jovens reivindicam representações da urbanidade, já que certas animações citadas evidenciam o ambiente das cidades, como o desenho Manda-Chuva.

Também foi questionado à turma se achavam que o Semiárido era apenas aquilo que estava registrado na matéria e na arte de Gildemar, as respostas foram: “não, tem outras coisas”, “as partes boas”. Ao ser mencionado o fato das imagens do artista serem de ambientes rurais, ressaltando que poderia existir elementos do cotidiano urbano, a turma não apresentou reações relevantes sobre isso, a maioria ficou quieta como que pensando, pela primeira vez, nessa possibilidade. Porém, uma estudante reagiu de modo contrário a essa tendência, sinalizando que poderia ser representado ali “as belezas das cidades”, não identificando quais seriam. Observou-se que a percepção dos/as jovens sobre a midiática urbana do Semiárido é uma questão vaga, houve, de fato, uma requisição, mas essa foi tímida, não unânime, e faltavam argumentos sólidos, que demonstrassem conscientização sobre a importância dessa representação.

Escolhendo o meme com rostinho feliz, um estudante disse: “Eu gostei, assim, porque ele não tem vergonha de expressar a nossa cultura, nossa terra, o sertão”. Esse comentário foi relevante, porque remete ao constrangimento que muitos têm do Semiárido, talvez, firmado pelo conjunto de representações feitas através da grande mídia. De modo semelhante, uma outra estudante apresentou o meme pensativo e disse: “Achei curioso por pessoas de outros países achar o Semiárido interessante, enquanto pessoas daqui mesmo, do nosso país, não achar, não ligar muito”. É bom ressaltar que essa última jovem morava no estado de São Paulo e tinha vindo embora com a família há pouco tempo. É curioso perceber o olhar que ela teve sobre a matéria. Pode-se imaginar que, nos ambientes que frequentava na capital paulista ou mesmo com seus familiares nas terras Semiáridas, escutou algum comentário e opinião que inferiorizasse o SAB. Por certo, essa sensação estava guardada dentro dela, no cognitivo, fazia parte da sua história, bem como, da trajetória de muitas outras pessoas, pois, como ressalta Silva (2016), essa é uma das estratégias criadas pelo colonizador para controlar os povos colonizados, manifestado a partir da colonialidade. Atitude que “institui padrões de poder que operam sobre a raça, o saber, o ser e a natureza, reproduzindo a hegemonia ocidental e negando/ rejeitando/ invisibilizando racionalidades ‘outras’ (p. 15).

É importante ressaltar que essa negação frente ao Semiárido não se dá, somente, pela pessoa que não pertence à região. A jovem destacou bem, mesmo quem nasceu nesse lugar, por vezes, não dimensiona suas viabilidades e, simplesmente, não conhece esse território. Desse modo, necessário é cultivar a decolonialidade que, nesse sentido, se apresenta, entre outras possibilidades, através do entendimento de que

[...] a dicotomia superior-inferior é uma invenção ideológica-epistemológica. Cientificamente, não existem raças superiores e inferiores. Portanto, não existe um modo de vida superior a ser desejado/emulado, o ‘desenvolvimento’, bem um modo de vida inferior a ser rejeitado/superado, o ‘subdesenvolvimento’. Todos sempre fomos, somos e seremos (apenas) diferentes (SILVA, 2016, p. 22).

Ainda aproveitando o comentário dessa estudante, foi explicado à turma que existem outros Semiáridos no mundo, sendo o brasileiro o mais chuvoso e populoso, mas, apesar disso, o desconhecimento e a falta de incentivos históricos provocam e agravam desequilíbrios ambientais e socioeconômicos, a exemplo da desigualdade social e da desertificação (SILVA, 2006; MALVEZZI, 2007). Com isso, um estudante disse acreditar “que eles, lá [as populações de outros Semiáridos], têm meio que um sistema, para eles economizarem tudo. Aí eles fazem render... tem a ajuda do governo também”. Curioso pensar de onde vem tal suposição, parece que, não por acaso, essa colocação se

igual a ao conteúdo de uma música bastante ouvida em Uauá, a canção “Chuva de Honestidade” do cantor e compositor Flávio Leandro.

[...]

Israel é mais seco que o Nordeste
No entanto se investe de fartura
Dando força total à agricultura
Faz brotar folha verde no deserto

Dá pra ver que o desmando aqui é certo
Sobra voto, mas, falta competência
Pra tirar das cacimbas da ciência
Água doce que regue a plantação

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é quente
Mas tem mão boba enganando a gente
Secando o verde da irrigação

Não, eu não quero enchentes de caridade
Só quero chuva de honestidade
Molhando as terras do meu sertão

(CHUVA DE HONESTIDADE, Flávio Leandro, 2016)

Essa canção é, geralmente, tocada na rádio comunitária da cidade, nos encontros e festas de vaquejada e, como se tornou popular, pode ser facilmente baixada nos aparelhos celulares. O sentido, similar à conversa do estudante, dá margem para verificar quais composições musicais têm chegado aos ouvidos desses/as jovens, bem como, o poder informativo que elas deixam e a importância dessa produção cultural como mediadora de uma recepção mais crítica sobre o contexto local e regional. Esse momento ainda foi importante para evidenciar, mesmo brevemente, que os problemas do Semiárido brasileiro também derivam de deficiências políticas governamentais, há muito tempo baseadas na proposta de combater a seca e oferecer um assistencialismo de emergência. Algo que, de acordo com Carvalho (2004), se torna bastante desconexo perante a lógica da “Convivência com o Semiárido”, onde “uma política de desenvolvimento pautada na inserção de cidadãos, direitos universais (educação, saúde, moradia, alimentação etc) e na valorização da identidade cultural passam a ser exigidos na pauta dos novos programas e ações para o Semi-árido Brasileiro” [sic] (p. 21).

Outro participante escolheu o emoticon revirando os olhos, mas não conseguiu explicar porque fez essa opção. De todo modo, há uma sinalização de que a matéria não foi agradável para ele. Prosseguindo, foram ditas frases como: “É bom saber que os baianos podem ter um lugar fora do Brasil para demonstrar sua arte”, “O vídeo representa nosso sertão”, “Gostei dos desenhos que ele faz, representando o sertão” também foram ditas pela turma. Nesse caso, observou-se que o termo “sertão” é bastante presente no vocabulário dos/as jovens mesmo diante das referências à palavra “Semiárido”

citadas nesta pesquisa, parece que os/as estudantes entendem essas palavras como sinônimas, constatação também percebida por Franco (2020), em sua pesquisa sobre a literatura regionalista de 1930 e a construção da identidade sertaneja no ensino médio, realizada com estudantes do 3º ano de uma escola na cidade de Petrolina-PE.

Essa autora salienta que existe uma predisposição de achar que os nomes “Nordeste”, “sertão” e “Semiárido” são expressões com o mesmo significado. Como foi citado no capítulo 2, entre os dois últimos termos, há uma diferença marcante, o Semiárido carrega o sentido geográfico e climático mais apropriado à região e o “sertão” o lugar que sinaliza um conjunto de significados depreciativos, na maioria das vezes. Já o “Nordeste”, segundo Franco (2020), acaba sendo tomado como o todo da parte, ou seja, as características empregadas para o Nordeste são as mesmas indicadas para o sertão, sendo o Nordeste um espaço bem maior, onde se localizam quatro sub-regiões: a zona da mata, o agreste, o Semiárido (ou sertão) e o meio norte.

De todo modo, os/as participantes insistiram na utilização do termo “sertão” e isso foi respeitado. As reações de contentamento mais evidentes foram aquelas que indicavam a representação desse lugar através da arte de Gildemar Sena. Muitos afirmaram que ali estava a sua realidade e, apesar de residirem na zona urbana, também não manifestaram incomodo com os aspectos rurais enfatizados na produção jornalística. Os emoticons mais escolhidos pela turma B exibiam corações, carinhas apaixonadas, felizes e emocionadas. As duas turmas demonstraram ter apreciado a reportagem, revelando interesse, principalmente, pelo fato de a cultura local estar exposta ali, mais ainda, pelo artista ter levado as artes sobre o Semiárido brasileiro para o exterior. A turma A expressou, com maior ênfase, as informações novas que a matéria trouxe para eles/as. Na turma B, ficou evidente a surpresa por ver a cultura do Semiárido e essa própria região reconhecida e valorizada.

5.3. “NÃO TEM NADA A VER”: CONTEXTUALIZAÇÃO CONTESTADA E CRITICIDADE EM EVIDÊNCIA

O encontro do dia seguinte teve a exibição da reportagem “Estudantes desenvolvem prótese com materiais recicláveis”, produção que relata a confecção de uma prótese para os membros superiores confeccionada por alunos/as de uma escola da rede pública estadual de Uauá, estes/as utilizaram materiais reciclados na construção do equipamento. O mote para a elaboração da prótese foi o número relevante de acidentes ocorridos com agricultores/as quando manejavam a máquina forrageira, ferramenta importante para a alimentação animal. Foi observado no capítulo 4, que essa reportagem apresenta um tipo novo de tecnologia social, a partir do protagonismo juvenil, além disso,

outros ideais da Convivência com o Semiárido foram diagnosticados, como o de sustentabilidade. Assim, como a anterior, essa matéria também dá destaque à ruralidade do Semiárido em detrimento aos aspectos urbanos.

Como dinâmica de recepção, foi utilizada a caixinha de perguntas com as questões: O que você achou dessa pauta, desse tema? A matéria trouxe algo que você não sabia? O que? Como você se sente depois de ter assistido a matéria? Você se identifica com a reportagem? Por que? O que você acha que poderia ser diferente na reportagem? Qual sua opinião sobre a reportagem? Durante a exibição da matéria, alguns/mas participantes da turma A reconheciam e apontavam os/as estudantes que estavam na reportagem, resultado do jornalismo regional produzido. Como foi visto, quando o jornalismo atende apenas às perspectivas nacionais, dificilmente, um rosto conhecido aparece na telinha, entretanto, na produção regional e local, o povo daquele lugar tem a oportunidade de se posicionar, expor suas demandas ou conquistas se tornando parte da produção.

Ao distribuir as perguntas da caixinha surpresa foi explicado que quem se sentisse à vontade poderia responder, além da sua pergunta, a questão do colega também. Assim, as reações foram as seguintes: “Eu gostei de saber que aqui em Uauá tem jovens que se intrometem na economia e que ajudam muito. Eu não sabia que isso tinha acontecido aqui”; “Eu achei a reportagem bem completa, mesmo sendo pequena tá bem completa [...] e que o intuito deles é não se amostrar, mas ajudar pessoas que precisam”. Mais uma vez, foi possível perceber que a desinformação legitima a necessidade de um Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. As expressões “pequena”, “gostei de saber”, “queria saber mais” rondam essa recepção e trazem significados semelhantes à matéria anterior, reforçando a necessidade dessas produções sobre a região.

Ao pegar a pergunta sobre os pontos negativos da reportagem, uma jovem diz não ter achado algum elemento que fosse desfavorável. Entretanto, outros colegas alegaram que os/as estudantes da reportagem poderiam demonstrar menos nervosismo e timidez durante os depoimentos. Ainda sobre esse questionamento, alguns/mas apontaram a necessidade de ter uma entrevista com um/a usuário/a da prótese, alguém que viveu a experiência da amputação pelo motivo apresentado na matéria. Essa pertinente consideração dos/as participantes da Oficina também foi sinalizada na análise descrita no item 4.2.

Houve uma pergunta sobre a contextualização com o Semiárido brasileiro dessa reportagem, todos/as os/as estudantes que quiseram falar, afirmaram que a matéria cumpria esse papel. Porém, ao justificar, um aluno apontou o fato de ter um mandacaru na construção da pauta, observação que se relaciona à representação estigmatizada sobre a região. Já uma menina falou que “sim, porque os meninos são daqui” e que estes estavam desenvolvendo a prótese pensando nos/as agricultores/as do

município, revelando, mais uma vez, que a reportagem dá voz a atores/atrizes locais e, de alguma forma, permite proximidade do conteúdo com a realidade dos receptores, mesmo que, somente, a partir dos/as entrevistados/as presentes na produção jornalística.

Desse modo, aproveitou-se a oportunidade para explicar, brevemente, à turma o conceito de contextualização, salientando que não é somente existir um mandacaru na cena ou outras plantas da caatinga, mas é preciso que a pauta seja, realmente, vivenciada pelas pessoas da cidade e/ou da região. Ressaltou-se que se um assunto for derivado de um lugar distante e acontecer à nível local, a matéria pode se tornar contextualizada, para isso foi usado o exemplo fictício de uma reportagem sobre fãs do *Kpop* em Uauá, estilo musical da Coreia do Sul. Assim, a maioria da turma demonstrou ter compreendido o conceito.

Nessa reportagem, a turma A destacou mais elementos adversos na matéria. Muitos não gostaram da postura dos/as estudantes entrevistados/as e outros/as revelaram que não se identificam com a pauta escolhida. Talvez essa constatação seja consequência do direcionamento das perguntas da caixinha surpresa, quiçá os/as meninos/as se sentiram mais à vontade que no dia anterior para expor opiniões negativas ou apenas recepcionaram a reportagem com maior criticidade. De todo modo, as ponderações surpreenderam, pois, como foi visto, essa reportagem destaca o desenvolvimento de uma tecnologia social inovadora, encabeçada pela juventude da cidade, aspectos que poderiam ser apreciados pelos/as participantes da oficina, mas que não foram mencionados.

De maneira geral, parece que os/as estudantes observaram a presença do JCSAB a partir do mandacaru, do bode, da função da agricultura destacadas. Vale salientar que essa era a reportagem que mais apresentava condições de ter uma relação direta com a urbanidade, por conta da ambientação feita no Colégio Estadual, localizado na sede do município, e pelos/as entrevistados/as residirem na cidade. Porém, os elementos rurais se sobressaíram também na percepção dos/as jovens.

Para a turma B, os/as entrevistados/as também eram pessoas conhecidas. Durante a exibição da reportagem, um estudante sussurrou para o colega: “Eu conheço os meninos tudo, rapaz. O João Vitor mora perto de casa”. Esse diálogo mostra a interação construída entre os/as estudantes ao recepcionar a mensagem televisiva, aspecto que remete à mediação situacional referida por Orozco (2005). Ao compartilhar essa informação, um menino atualiza o outro e o induz a pensar que, realmente, estão na telinha moradores/as de Uauá, ou seja, a conversa testifica a presença de atores/atrizes locais na produção jornalística da WEB TV Caatinga.

A primeira pergunta respondida pela turma B foi sobre a contextualização da reportagem com o Semiárido brasileiro e mais uma vez essa questão dividiu opiniões. Dois alunos, inicialmente, afirmaram que não era contextualizada, porque tratava de uma prótese, explicando esse pensamento da

seguinte forma: “O Semiárido fala sobre quente e seco, né, é meio que um clima. Então, eles estavam falando sobre uma prótese, não tem nada a ver, não tá envolvendo nada de seca, nem nada, só fala financeiramente e várias outras coisas”. Tal comentário comprova o quanto as representações sobre o Semiárido estão massificadas, pois, muitas pessoas que pertencem à região não conseguem se reconhecer se não for a partir das imagens e dos conteúdos estereotipados, ficando evidente quão grave é ser desinformado sobre o próprio lugar e sobre suas origens, falha que compromete a identidade do sujeito e a motivação desse em colaborar, de algum modo, para o aperfeiçoamento e melhoria das condições de vida local. Sem o impulso e a participação do povo, as relações culturais, econômicas, sociais, educacionais, ideológicas e históricas do Semiárido se tornam fragilizadas. Assim, essas falas dos alunos também justifica a necessidade urgente de contextualização, de modo especial, no Jornalismo e na Educação.

Já outros colegas rebateram a opinião desses jovens, dizendo que a matéria era contextualizada com o Semiárido por tratar de um assunto que as pessoas do Semiárido vivenciam: “O que fez fazer a prótese foi a comida pros animais do Semiárido”, “Eu achei importante porque muitos aqui usam a forrageira como objeto de trabalho, as vezes perdem um dedo, no caso”. Depois dessas colocações, os estudantes que haviam negado a contextualização voltaram atrás e mudaram de opinião. Novamente, um efeito da mediação situacional, onde a conversa entre os receptores interfere no modo de compreensão da mensagem. Assim como na turma A, a pesquisadora buscou esclarecer o conceito de contextualização apresentando exemplos.

Nesse grupo, também existiram considerações sobre o desânimo e a seriedade demasiada dos/as discentes entrevistados/as. Ainda sobre o que eles/as menos gostaram na reportagem, alguns/mas salientaram que a prótese parecia não ser resistente e, por isso, os/as estudantes deveriam trabalhar na estrutura do aparelho para evitar riscos de danificação, durante a utilização pelos/as usuários/as. Nos pontos positivos, a maioria dos/as jovens aprovaram a pauta da reportagem por se tratar de uma ação que ajuda pessoas que têm recursos financeiros limitados: “Muito bom fazer prótese para quem não tem condições de comprar”, “é bom que ajuda o próximo que não tem condição”. Essa empatia foi utilizada ainda, por um adolescente, como justificativa para a identificação com a matéria.

As duas turmas, manifestaram opiniões sobre essa questão da assimilação da matéria. Uma estudante disse que não se identificou com a reportagem, mas se colocou no lugar das pessoas que precisam da prótese. Foi perguntado, então, qual pauta chamaria sua atenção, ela relatou que só se reconhece com assuntos sobre música. Alguns/mas colegas também não se sentiram atraídos pela produção, apontando interesses por reportagens sobre culinária, a exemplo do cuscuz, ou justificando a opinião a partir do fato de que não havia alguém na família com membros amputados. Um

participante afirmou a não identificação com a matéria, mas ao ser perguntado por qual motivo, não soube responder.

Essas considerações foram importantes para compreender onde se ampara o gosto desses/as jovens, fincado em preferências bem próximas à realidade deles/as como a comida, a musicalidade (aspecto presente na juventude) e a vivência familiar. Entretanto, um participante afirmou que, em toda a matéria, o que mais lhe agradou foi o tema proposto, ou seja, a identificação com a pauta da reportagem dividiu as opiniões. Ainda foi questionado se o fato de estudantes estarem no vídeo não seria motivo para uma identificação da turma, houveram alguns segundos de silêncio, interrompidos por uma aluna que ressaltou o aspecto da confecção da prótese ter sido feita para uma Feira de Ciências, evento comum no cotidiano escolar da turma dela também. De todo modo, fica a sensação de que essa matéria não apresentou características capazes de conquistar grande interesse dos/as participantes.

Em resumo, nesse encontro, os/as estudantes mostraram reações semelhantes sobre a matéria e indicaram aspectos menos apreciados na reportagem, especificamente, relacionados à ação dos/as entrevistados/as e não à produção do jornalismo ali presente. É pertinente dizer que a técnica de recepção com a caixinha de perguntas deu margem para os/as participantes discutirem diferentes aspectos, fez surgir respostas e comentários mais contundentes do que a dinâmica do dia anterior. Muitos/as estudantes não se acanharam e responderam, além da sua pergunta, as questões sorteadas por outros/as colegas.

5.4. #ORGULHO: A APRECIÇÃO PELO CUIDADO COM A NATUREZA

Ao terceiro dia de Oficina, os/as estudantes assistiram a reportagem sobre a reintrodução da Ararinha Azul, projeto do Governo Federal, executado pelo ICMBio, que trouxe para os municípios de Curaçá e Juazeiro a ave que estava extinta há 20 anos. A matéria detalhou os motivos da extinção e o processo de retorno, ressaltando o pioneirismo da ação no mundo, dando destaque e importância ao Semiárido brasileiro. A produção jornalística também apresenta o protagonismo juvenil, além de, fazer sobressair a participação comunitária nas ações sociais, a preservação e conservação da fauna e flora da caatinga e o desenvolvimento sustentável.

Para análise, foram utilizadas palavras e frases em *hashtag*, termo conhecido como o símbolo do jogo da velha, que é bastante utilizado nas redes sociais para facilitar as pesquisas. Impressas em papel, as *hashtags* abordavam diferentes opiniões sobre a reportagem e podem ser acessadas no Apêndice F desta dissertação. Também foram ofertados para os/as participantes papéis em branco para que estes/as pudessem criar sua própria *hashtag* caso os dizeres ali expostos não contemplassem sua

recepção. Antes de iniciar a dinâmica, as turmas foram instigadas a imaginar que aquela reportagem exibida estava na rede social *Instagram* e a missão deles/as era atribuir uma *hashtag* nos comentários dessa postagem. A ideia era tornar mais presente a função dessa técnica e direcionar os/as jovens para um universo familiar, o virtual. Assim, os papéis foram espalhados no chão e cada aluno/a escolheu ou escreveu a *hashtag* condizente com sua reação.

Essa foi a primeira matéria exibida que não estava ambientada em Uauá, mas sim em Curaçá-BA, perguntou-se à turma A se já conheciam ou ouviram falar dessa cidade, todos/as disseram que já ouviram falar, mas ninguém afirmou conhecer o local pessoalmente. Foi questionado se eles/as perceberam alguma diferença entre a matéria em análise naquele dia e as exibidas nos encontros anteriores, a intenção era saber se o fato desta reportagem ter um tempo maior de duração incomodava ou chamava atenção dos/as estudantes. As respostas iniciais foram que tinha diferença em relação à pauta, segundo uma aluna o assunto das outras matérias era “mais tecnológico” e essa produção tratava sobre a natureza.

Quando foi feita a pergunta sobre a divergência de duração, o retorno foi incisivo: “sim!”, “Essa daí é mais longa, mais detalhada, né? Mostra mais imagens de tudo, deles fazendo tudo.” Na oportunidade, abordou-se, brevemente, as características da reportagem especial que requer um levantamento mais extenso de informações para aprofundar um acontecimento inédito ou não (FOLHA DE S. PAULO, 1996) e o que leva a equipe de reportagem a optar por esse tipo de construção jornalística, algo não definido por regra, mas a partir da importância atribuída a determinado assunto. De acordo com os/as estudantes, compreender essa reportagem sobre as ararinhas azuis “ficou até mais fácil, porque ela é mais detalhada”.

Quando os/as meninos/as foram pegar a *hashtag*, houve um alvoroço na turma A, típico das brincadeiras juvenis. O grupo rapidamente se dirigiu ao local onde estavam espalhados os papéis, empurrando e se apertando mutuamente. Depois disso, foram apresentadas as seguintes manifestações: #MeIdentifico, a aluna se sensibilizou com a questão do tráfico das aves e afirmou achar “bonito” o trabalho desenvolvido na região: “Sei lá, dá orgulho de saber que tem pessoas, tipo, que ajuda, sabe, que quer o bem pro meio ambiente”; #QueLegal, mais uma expressão positiva pelo objetivo de salvar as ararinhas azuis, além disso, essa jovem acrescentou que as informações abordadas na matéria eram novas para ela; #Amei, o participante disse ter gostado bastante do modo como o projeto estava cuidando dos animais. Aproveitando a oportunidade, esta pesquisadora lembrou que outros animais da caatinga estão em extinção, como o tatu bola e, como acrescentou um estudante, “o tamanduá também!”. Ficou explícita a necessidade da criação de outros projetos e ações coletivas e individuais para preservar as espécies ameaçadas.

Timidamente, uma jovem levantou a #Interessante considerando curioso o fato de ser um projeto desenvolvido em Curaçá, cidade vizinha à dela. Já outro participante, escolheu a #ImagensBonitas aprovando a paisagem da natureza ali representada, dessa observação, a pesquisadora ressaltou a importância de registrar, gravar, fotografar a diversidade de ambientes do Semiárido para a construção do entendimento coletivo de que a caatinga não é só cinza, mas exibe diversas tonalidades na sua vegetação. Com isso, houve duas inserções significativas dos/as estudantes: “Não é só miséria, fome e seca”, “Bom esse cenário, porque se fosse pra tá ali, tirar foto pro *Instagram*, né, com fotógrafo, ficaria muito top”, comentaram.

Essas falas demonstram que, através da recepção das reportagens da WEB TV Caatinga, os/as participantes exprimem percepções coerentes, ao afirmar que as condições sociais do Semiárido não se resumem em seca e fome, bem como exprimem enxergar e acreditar nas belezas dessa terra, capaz de compor o enquadramento fotográfico ideal. É um bom sinal para o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, revelando a capacidade dessa proposta de evidenciar e potencializar o entendimento sobre a região. Ademais, a menção da jovem ao *Instagram* corrobora a aproximação desse público com a rede social e ampara algumas das escolhas metodológicas desta pesquisa.

Em um certo momento do encontro, um aluno fez uma pergunta com tons de solicitação: “Vamos assistir de novo?!”. Foi dito que não era possível, naquele momento, repetir a exibição por conta das outras atividades que deveriam ser executadas, mas o link da matéria ficaria disponível no grupo de *WhatsApp* para eles/as assistirem quando quisessem. Esse comentário expõe o interesse do participante de voltar a acompanhar aquela mensagem televisiva e o quanto o conteúdo parece ter lhe agradado, a ponto de desejar ver novamente.

A #Importante também foi selecionada e justificada por meio da relevância dos cativeiros legalizados para a conservação das aves. Na ocasião, foi destacado o pioneirismo do projeto “Ararinha Azul” e, conseqüentemente, a valorização dada à região Semiárida com a implantação dessa iniciativa, algo que a turma não havia se atentado até então. Utilizou-se como base para essa ressalva as arguições de Maciel e Pontes (2015), descritas na Introdução desta dissertação, onde os autores destacam a necessidade de patrimonializar a caatinga, reconhecendo que, assim como a Mata Atlântica, esse bioma precisa de proteção à sua biodiversidade. Uma das alternativas defendidas para isso é a criação de Unidades de Conservação (UCs) pelos órgãos governamentais, algo que a reportagem da WEB TV Caatinga também destaca, pois, com o projeto de reintrodução das ararinhas azuis foram criadas duas UCs na região de Curaçá e Juazeiro. Depois do mencionado, uma aluna disse: “Eu achei importante fazer isso e ainda perto da gente”, revelando que, realmente, essa *hashtag* é importante para destruir o

estigma de inferiorização da natureza catingueira, mantido por muitos anos devido a falta de conhecimento sobre o lugar, e deixar claro para esses/as jovens a riqueza do bioma onde vivem.

Outras *hashtags* escolhidas foram: #AprendiAlgoNovo, o aluno explica que achou “muito interessante a forma como eles introduziram, tipo um chip, nas Ararinhas”; #Orgulho, sentimento derivado do contentamento por ver pessoas engajadas numa ação para salvar uma espécie; #NãoSabia, comentário que revela o desconhecimento sobre o projeto. Foi perguntado a essa última pessoa se ela sabia da existência do animal, a mesma afirmou que “sim” porque assistiu ao filme Rio (2011), dirigido por Carlos Saldanha. Do mesmo modo, toda a turma disse já ter assistido essa produção, alegando que “passa na Sessão da tarde”. Sobre o fato de ter trechos de um filme na reportagem, eles/as consideraram positivo, pois, torna a matéria interativa e divertida.

Um menino e uma menina decidiram criar sua própria *hashtag*. A jovem escreveu #SuperExplicativo, justificando que “tá explicando tudo direitinho, né. Nunca que ia saber, também, que em Curaçá tem ararinha azul”. Já o rapaz elaborou a #QueroMais, relatando o desejo de sempre existirem matérias como essa que trazem informações novas sobre a região onde vive: “eu mesmo não sabia que tinha em Curaçá, por isso é sempre bom essas entrevistas”. Opiniões que validam o papel essencial do JCSAB, bem como da Educomunicação na propagação de notícias contextualizadas e na formação das pessoas, sobretudo, dos/as jovens já que estes/as estão na fase de descobertas, de crescimentos e têm grande potencial para realizar mudanças sociais significativas.

Ainda na turma A, uma estudante não quis participar da partilha sobre a matéria, apesar de ter acompanhado a exibição da reportagem, ela se recusou a pegar ou escrever uma *hashtag*. A pesquisadora insistiu um pouco, mas ficou claro que a menina, realmente, não queria interagir e isso foi respeitado. Essa aluna alcançou o limite de três faltas e não concluiu a oficina. Quando a mãe da referida foi avisada sobre o seu desvinculamento, ficou bastante surpresa, porque contou que a menina saía toda a tarde, durante essa semana, afirmando ir para a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, entretanto, compareceu a esta apenas uma vez.

O comportamento contrastante dessa aluna abre uma brecha para visualizar a vida pessoal e familiar que alguns/mas desses/as jovens levam. Nesse exemplo, tem-se uma adolescente que se mostra desinteressada pelo conteúdo proposto na Oficina e pela própria escola, pois soube-se, posteriormente, que a garota tem baixo desempenho nas tarefas pedagógicas e tem o costume de passar a noite/madrugada no celular, mexendo nas redes sociais ou jogando, e durante o dia fica sonolenta, sem ânimo para qualquer atividade. Além disso, torna-se evidente o relacionamento controverso que tem com os pais, já que, nesses dias, ela mentiu ao sair de casa, deixando as dúvidas: Para onde foi? Com quem? Por que era preciso esconder?

Não são raros os casos de alunos/as que tomam atitudes semelhantes, que dizem estar doentes para sair mais cedo das aulas, por exemplo. Contudo, observa-se que a intenção não é descansar em casa, há a suspeita de que eles/as vão se encontrar com namorado/a ou mesmo participar de ações ilícitas envolvendo drogas. Devido ao fato desta pesquisadora ter convivido alguns dias no ambiente dessa escola, foi possível ouvir informações como as apresentadas acima e outras que serão relatadas adiante. Esse contato foi importante para perceber o comportamento dos funcionários da instituição, dos/as estudantes dentro e fora da Oficina, construindo uma possibilidade de observação que complementa os resultados da pesquisa.

Na turma B, alguns/mas participantes conheciam a cidade de Curaçá pessoalmente, os demais já tinham ouvido falar do município. Esse grupo indicou a pauta e o local como elementos distintos nessa produção audiovisual em comparação às exibidas anteriormente, novamente, a turma só se pronunciou quanto à duração da reportagem a partir de uma pergunta direta sobre isso, demonstrando perceber que esse vídeo era mais longo, porém, alegaram que o tempo de duração não tornou a exibição cansativa. “Eu achei muito interessante”, salientou um aluno.

Todos/as disseram que já conheciam a ararinha azul por conta do filme Rio, mas, pelo que foi sinalizado, alguns/mas não sabiam que a ave estava extinta há tanto tempo, do mesmo modo, não tinham conhecimento do projeto desenvolvido em Curaçá e Juazeiro. Um jovem comentou que conhecia a maracanã por outro nome, periquito. Assim, foi dito que a ave, bem como, outros animais e espécies vegetais, podem ter diferentes denominações populares. Esse mesmo aluno afirmou já ter visto a ararinha azul em gaiolas, mas pelo contexto de extinção da ave é bem provável que ele tenha visto outra espécie de arara azul. Não foi perguntado onde e quando o aluno presenciou o fato, mas ressaltou-se a importância de manter as aves livres e evitar o tráfico.

As *hashtags* escolhidas pela turma B foram: #SóIsso? O aluno disse que a reportagem necessitava de mais informações, não ficou claro para ele o motivo da extinção da ararinha, os cuidados para essa espécie procriar e o manejo que estava sendo feito com a maracanã. “Explicar muito, muito, muito melhor sobre esse processo aí. Eu não entendi muito bem porque ela tava usando a luva por causa da maracanã”; #Amei, opção dita da seguinte forma: “a reportagem traz diversas informações, detalhes sobre a ararinha azul e também por eles estarem fazendo isso com a arara, porque se arara sumisse seria um grande impacto na natureza”; #Importante, o estudante salientou que a reportagem é relevante por conta da preservação das espécies e destacou a grande utilidade das pesquisas realizadas no projeto.

Com a #Orgulho, uma jovem declarou a satisfação pela volta das aves; duas pessoas escolheram a #QueLegal, justificada pela perspectiva de trazer a ararinha azul de volta para o seu habitat natural;

#Interessante, apresentada a partir do relato: “Coisa boa, né. Trazer as araras de volta”; #NãoSabia, a aluna não tinha informação sobre a extinção da espécie; #ImagensBonitas, o aluno optou por essa *hashtag* indicando também a ação do projeto de devolver a ararinha azul para a natureza, não fez relação direta sobre o conjunto de imagens da reportagem. Contudo, dois colegas ressaltaram esse aspecto, destacando “a caatinga verde” e “a paisagem” como os elementos que mais chamaram sua atenção na fotografia mostrada.

A #AprendiAlgoNovo foi selecionada por uma aluna que disse ter aprendido coisas novas com a matéria, como o fato das aves estarem extintas na natureza e o desenvolvimento do projeto no Semiárido para procriar as espécies; #TantoFaz foi a opção de um estudante que quase não responde, depois de alguns segundos de silêncio, conseguiu explicar sua escolha dizendo que não entendeu a reportagem e que esta não tem relação com a vida dele. Apesar disso, a maioria da turma salientou que foi fácil compreender a reportagem e eles/elas apresentaram comentários e opiniões semelhantes entre si. Contudo, nesse grupo, ninguém quis criar sua própria *hashtag*.

Nas duas turmas, percebeu-se que a reação mais persistente foi a do conhecimento novo obtido e a sensibilização dos/as participantes com o cuidado atribuído à ararinha azul através do projeto, manifestação que se aproxima da análise feita no capítulo 4, onde se destacou, por meio das investigações do IRPAA (2015), a necessidade de se manter a caatinga em pé, preservando sua fauna e flora, utilizando seus recursos de forma sustentável. Parece que os/as jovens compreenderam essa necessidade ou, ao menos, se mostraram contentes com a proteção dada ao bicho.

Na turma A, alguns/mas alunos/as optaram por criar suas próprias *hashtags*, esse grupo foi mais dinâmico nas respostas, apontaram diferentes elementos para justificar suas escolhas, baseadas em opiniões elogiosas sobre a reportagem. Já a turma B, não criou novas *hashtags*, porém teceu mais críticas negativas, fazendo considerações importantes sobre a produção da reportagem, ao mesmo tempo, alguns/mas alunos/as pareciam repetir as respostas uns dos outros, pois grande parte das argumentações eram similares.

Pelas atitudes das duas turmas, observou-se que o JCSAB contribuiu para que os/as participantes aprofundassem a noção sobre a biodiversidade do Semiárido e serviu como um alerta aos/às estudantes quanto à importância de manter as aves livres a natureza. Mais uma vez, essa proposta foi capaz de ser o primeiro canal de instrução informativa e educativa para os receptores do Semiárido, conduzindo os/as jovens ao encantamento pelo que é praticado no solo regional, reação explicitada pela #orgulho que foi escolhida nas duas turmas. Apesar de algumas insatisfações com a produção exibida, houve também o desejo de assistir mais uma vez a matéria e ver outras reportagens semelhantes.

5.5. “ACHEI LEGAL”: REAÇÃO VIA CARTA

A reportagem “A Guerra de Canudos não narrada em ‘Os Sertões’” foi recepcionada no quarto encontro. A produção trata dos elementos que ficaram ocultos no livro que Euclides da Cunha escreveu sobre o conflito envolvendo Antônio Conselheiro, seus seguidores e o exército brasileiro nos anos de 1896 e 1897. Faz uma contextualização histórica sobre a guerra e as condições políticas e sociais daquele período, mas não cita nenhum trecho da obra abordada e revela, sutilmente, um descaso das autoridades governamentais perante a atual cidade de Canudos, apontada pela vulnerabilidade social do município. Além disso, essa matéria também apresenta o Semiárido brasileiro a partir de referências rurais.

Para observar a recepção dos/as estudantes, foi designado para estes/as a escrita de uma carta anônima (Figura 47) direcionada à equipe de reportagem. Algumas perguntas foram sugeridas no quadro para ajudar as turmas a construir o texto, sendo elas: Qual sua opinião sobre a reportagem? Você se identificou com a reportagem? Por que? O que mais você gostou na reportagem? O que menos gostou? Deixei um seu recado para os profissionais que produziram a matéria, o produtor, o repórter e o cinegrafista. Nessa análise, é importante ressaltar que houve uma dificuldade em fazer as observações por turma, pois, ao guardar as cartas, sem nomeações, a pesquisadora não teve o cuidado de separá-las por grupos A e B, desse modo, as descrições sobre essas escritas são referentes ao número total de estudantes. Entretanto, a gravação de áudio realizada em todos os encontros possibilitou identificar algumas reações orais das turmas relacionadas à matéria e à técnica de recepção.

Figura 47 – Cartas anônimas produzidas pelos/as estudantes



Fonte: A autora, 2020.

Os/as alunos/as da turma A afirmaram já ter estudado na escola conteúdos sobre a Guerra de Canudos, alguns/mas deles/as tinham visitado a cidade. Ao ser perguntado se conheciam ou tinham ouvido falar do livro “Os Sertões”, apenas uma aluna respondeu positivamente, então, alguns aspectos da obra foram comentados, ressaltando a posição da reportagem de evidenciar o modo, demasiadamente, negativo e estereotipado que Euclides da Cunha representou a região nordestina ali citada, a partir da fome, da seca e da miséria. Nesse momento, um aluno salientou: “Tá parecendo os Estados Unidos falando sobre o Brasil, é só carnaval, tudo é festa. Rio de Janeiro é assim com a Amazônia”, colocação que diz respeito à homogeneização dos espaços que, de acordo com Silva (2010), a partir de leis universais descontextualizam as realidades locais, o que acontece com o Brasil e o Semiárido, por exemplo.

Com isso, outro estudante apontou aspectos que, segundo ele, também são omitidos por conta da representação estereotipada do Semiárido: “a violência, o tráfico, a exploração de menores”. Os temas preocupantes provocados pela fala de um adolescente requerem atenção para a atual situação do município de Uauá, marcada pela percepção de um aumento no número de usuários/as de drogas, substâncias de onde derivam os problemas citados, segundo ele. Em Uauá, não existem clínicas de tratamento ou órgãos especializados no assunto, mas a Secretaria Municipal de Assistência Social, através do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), atende famílias de usuários/as de álcool e drogas, sendo que, em três anos e oito meses (janeiro de 2017 à agosto de 2020), apenas quatro e sete acompanhamentos foram realizados com os respectivos assuntos.

Esses números são baixíssimos e não contemplam a realidade. É comum encontrar pessoas bêbadas pelas ruas e há relatos de vários/as jovens e adultos/as envolvidos/as com substâncias ilícitas em todo o município. De acordo com o coordenador do CREAS, José Valdevan da Silva (2020), existem muito mais famílias sofrendo desse problema, entretanto, há pouca procura pelo tratamento e mesmo com a divulgação das ações, as pessoas demonstram aversão e medo de se expor à equipe do centro. A fragilidade dos dados e da busca pelo tratamento explicam o comentário do estudante, pois, imagina-se que ele observa esses problemas em seus ambientes de convívio e percebe a pouca atenção dada tanto na produção midiática, quanto na construção de projetos e ações locais que minimizem tais vulnerabilidades.

Ainda durante a realização das atividades, a turma A manifestava muitas conversas paralelas, fazia perguntas sobre a dinâmica e sobre a preparação da reportagem deles/as, salientando dúvidas ou relatos sobre o andamento de suas próprias matérias. Já na turma B, todos/as disseram já conhecer a história da Guerra e a cidade de Canudos, entretanto, afirmaram não ter tido acesso ao livro “Os Sertões”. Dessa maneira, acompanharam em silêncio, as explanações sobre a obra. Ao serem

direcionados para a escrita da carta anônima, um estudante disse o seguinte: “Ei, [...], já não basta na sala que a gente tem que escrever [...]”, ele se mostrou cansado para fazer essa atividade, mas não recusou a tarefa, apesar disso, deixou explícito que a dinâmica em questão não era agradável para ele e, talvez, para todo o grupo de alunos/as que tinha acabado de sair de outro momento de aprendizagem. Esse grupo, na verdade, se manteve mais em silêncio ao escrever a carta, somente um aluno fazia perguntas que era semelhantes as realizadas pela turma A, sobre a forma de preenchimento, se era por tópicos ou texto corrido. Nesse momento, eles foram informados que escrevessem do modo que achassem melhor, perguntaram também se havia necessidade de copiar as perguntas do quadro, menção que remete ao costume dos/as participantes em sala de aula, mas que não foi utilizada na Oficina.

Depois disso, os/as participantes começaram a redigir as cartas. É necessário frisar que foi respeitada a escrita desses/as alunos/as, assim, as frases seguintes apresentam as mesmas características ortográficas e gramaticais presentes nas correspondências que, em grande maioria, apresentaram textos curtos. Um/a participante afirmou: “Eu gostei muito da reportagem e amei a pauta”, descreveu ter se identificado “porque é nossa cultura e nosso povo já vivenciaram isso”, entretanto, achou que o tempo da matéria foi curto e que havia necessidade de uma abordagem mais detalhada. Esse último aspecto divide opiniões, uns/umas acham o conjunto da matéria foi, minuciosamente, explicado, outros/as acreditam que ela carece de mais informações. Contudo, não sabiam sinalizar de que tipo de informações sentiram falta.

Em outra carta, um estudante escreveu: “É interessante sabe como Canudos está atualmente e achei legal por dar importacia a uma cidade historica como essa”, o/a autor/a respondeu ter se identificado com a reportagem “porque ela mostra como era o Semiarido”, salientou que a reportagem foi “bem interessante” e que “deveria fala mais sobre o livro”, consideração que condiz com a análise feita no capítulo 4. Já outro/a participante, apesar de ter achado a matéria “legal”, afirmou não ter se identificado com a pauta, “eu não gostei muito do jeito que o homem explicou, eu gostei do repórter, o jeito que ele explicou. Produtor a ideia foi boa, e a cinegrafista mostrou tudo direito, de vários ângulos”, anotou. O homem citado por este/a jovem também foi alvo de críticas em outras cartas, como será visto adiante, possivelmente, os/as autores/as se referiram ao entrevistado João Ferreira Damião, professor e pesquisador, que contribuiu para a argumentação sobre os elementos ocultos em “Os Sertões”.

Além disso, é pertinente observar que o/a estudante menciona os ângulos da reportagem, um sinal de que os conhecimentos adquiridos no segundo momento da Oficina foram utilizados na recepção das matérias da WEB TV Caatinga. “É bem explicativo”, disse um/a jovem, complementando: “sim eu me indentifiquei por que é um fato que aconteceu aqui na região de perto,

eu gostei da parte que mostro o homem contando que Antonio Concelheiro era ruim, a parte que menos gostei foi a parte do homem mais velho que ele estava falando embolado”, esse/essa estudante ainda elogiou o trabalho da equipe de reportagem escrevendo: “produtor (foi ótima a sua produção) repórter (arrazou fala sem dificuldades) cinegrafista (feis uma ótima gravação)”. É bem possível que o/a aluno/a esqueceu de colocar a palavra “não” na frase “Antonio Concelheiro era ruim”, já que a reportagem aponta essa negação. É relevante notar também a razão da identificação da pessoa, justificada pelo fato da guerra ter acontecido próximo à região onde ela mora, ou seja, uma marca da contextualização.

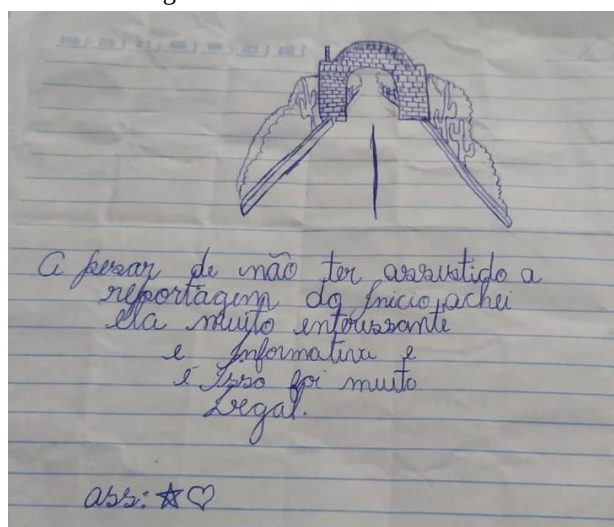
Um/a estudante também relatou achar “muito legal” a matéria por se tratar de um “fato historico da nossa região” e isso foi o aspecto que ele/a mais gostou, porém, afirmou não se identificar com a reportagem, porque essa não envolve o seu dia a dia, ou seja, o/a sujeito/a não levou em consideração a probabilidade desse tema ser discorrido em alguma disciplina da sua escola, ou menos, a aproximação geográfica citada anteriormente. Salientou ainda que a matéria não é muito detalhada e que o repórter deveria trazer mais aspectos sobre a guerra. Enquanto isso, outra carta apresenta a seguinte descrição: “Minha opinião é que, foi muito bem retratada a memória sobre a guerra de Canudos, e que foi muito bem editada a imagem de tudo”. Esse/a participante se identificou com a reportagem justificando da seguinte forma: “foi algo que aconteceu próximo de mim e também pelo fato de vários parentes meus terem ido nessa guerra”. Ao final, ressaltou: “belo trabalho, espero um dia se eu ser jornalista, eu encontre uma equipe que faça um trabalho tão bom quanto o de vocês”.

Em uma das correspondências, um/a estudante contou que sua bisavó “ficou cara a cara com lampião”. Parece que o/a jovem confundiu as figuras históricas, substituindo Antônio Conselheiro, que liderou o Arraial de Canudos por Lampião, que morreu em 1938 e atuou no movimento do Cangaço, fenômeno aclamado por alguns/mas que acreditam que os cangaceiros faziam justiça no interior do Nordeste, mas repudiado por outros/as que consideravam os membros bandidos, extremamente, violentos. De qualquer modo, a matéria conseguiu suscitar lembranças familiares. Nessa perspectiva, outro/a participante também destacou o aspecto retrô da pauta: “Gostei bastante desta reportagem pois retrata o passado do sertão algo que eu gosto bastante de estudar. Sim, me identifiquei muito pois moro em uma cidade em que o primeiro confronto aconteceu a mais de 100 anos atrás”.

Numa carta bem sucinta, o/a estudante descreveu o que mais gostou da seguinte forma: “desmistifica aquele estereótipo que Euclides da Cunha fez sobre o semiárido”, o/a participante não explicou qual estereótipo e como essa desconstrução se dá. Ainda destacou que não gostou do senhor que “falou tudo embolado” e sugeriu que a equipe de reportagem fizesse mais matérias desse tipo. Além das escritas, um desenho compôs uma das cartas, centralizado na folha de caderno ele logo chama a atenção. Retrata a entrada do Parque de Canudos, imagem presente na reportagem exibida, além da

fachada, há desenhos de mandacarus e árvores arbustivas. A arte é seguida pelo texto: “a pesar de não ter assistido a reportagem do Início, achei ela muito interessante e Informativa e é Isso foi muito Legal”. O/a autor/a inseriu uma espécie de assinatura com outros dois desenhos, agora uma estrela e um coração. Fica evidente a aproximação dessa pessoa com o universo artístico que foi utilizado como um auxílio para expressar seu modo de recepção da mídia, ou seja, as subjetividades e habilidades dos/as estudantes foram acionadas ao ver as reportagens.

Figura 48 – Carta com desenho



Fonte: A autora, 2020.

Outros comentários que remetem à informação apreendida com a reportagem ainda foram descritos, como estes: “Achei muito interessante pois eu nunca fui em Canudos e fico muito feliz Em conhecer a história de Canudos”, o/a jovem diz que se identificou com a reportagem, salientando: “por que eu entendi e achei muito legal sabe disso”; “Eu gostei de tudo, mais o que mais gostei foi que essa reportagem fala bastante da guerra de canudos, e isso é bom para as pessoas que não conhece canudos quem não conhece a Historia de canudos e que nunca ouviram fala a guerra de canudos”. De modo geral, todos/as disseram que a pauta da matéria é importante e necessária, pois, para eles/as, é preciso que a Guerra de Canudos seja conhecida.

Entre as poucas cartas que preencheram uma folha de caderno, está a seguinte opinião: “Gostei da reportagem, falando um pouco sobre a guerra, gostei também porque foi bem detalhada mais do que as outras até agora. Me identifiquei porque essa guerra foi um pouco perto daqui, e também ouvir dizer que essa guerra passou por nossa cidade. Eu gostei de saber que Antônio Conselheiro era um homem bom que ajudava os outros. Não gostei muito do jeito que um entrevistado falou, ele falou algumas palavras meio que não deu pra entender e não gostei também que o escritor do livro ‘Os Sertões’, falava

que as mulheres eram ‘bruxas’”. Sobre o recado para a equipe de reportagem, a pessoa disse gostar do trabalho do produtor e da repórter, que está última deveria aparecer mais, fazendo mais perguntas, e acrescentou: “devia ter mais entreterimento sobre o assunto, e ao cinegrafista gostei bastante mais acho que ele (a) devia gravar mais imagens, porque é o que mais chama atenção na minha opinião, é isso!”.

Essa última interpretação apresenta uma espécie de resumo da reação das turmas. A maioria disse gostar ou achar a matéria interessante, alguns justificaram isso a partir da abordagem histórica regional, considerada como “importante para a sociedade”. Grande parte dos/as alunos/as se identificaram com a reportagem por conta da proximidade da pauta com a cidade em que vivem. Apesar disso, é interessante considerar que houve sinalizações contrárias, por conta da ausência de relação com a vivência diária da pessoa. Essa questão faz recordar a inexistência de monumentos, eventos, museus ou quaisquer edificações que simbolizem a participação do município de Uauá na Guerra de Canudos, o local onde aconteceu o conflito não teve a estrutura urbana preservada com os elementos da época, como as casas antigas, por exemplo, e não existem placas ou sinalizações que informem o acontecido. Talvez, a memória desse fato histórico, enfatizada, apenas, nas atividades escolares, não seja suficiente para firmar o sentimento de pertencimento e o reconhecimento de cada um/a como parte dessa história que ainda remete às questões atuais, pois alude à luta por justiça e igualdade social que ainda não foram alcançadas na região.

Sobre o que mais e menos gostaram, as respostas foram bastante simplificadas dizendo que gostaram de tudo, das imagens gravadas ou das informações sobre a guerra. Muitos/as não disseram o que não aprovaram na produção, alegando gostar de tudo, mas ficou evidente que um entrevistado causou incômodos e parece até ter dificultado a compreensão das turmas. Os recados mais persistentes para a equipe traziam elogios ao trabalho e orientações como prestar bastante atenção, manter a calma e evitar o nervosismo. Avalia-se que os/as jovens perceberam o JCSAB também como uma ferramenta capaz de proporcionar abordagens históricas sobre a região, algo defendido por Schistek e Carvalho (2013) que alertam para a relevância de trazer, para o conhecimento das pessoas e para o conteúdo escolar, a pré-história e a história do Semiárido, isto é, as relações construídas antes e depois dos séculos XVI e XVII, respectivamente. Assim, ressaltam que “ao aprofundarmos no desenrolar dos acontecimentos passados, isso se torna um caminho apropriado para compreender o presente” (p. 14).

É preciso destacar ainda a grande quantidade de erros gramaticais presentes nas cartas, todas tinham alguma colocação equivocada, inclusive, com falhas em palavras básicas como “fez” escrita “feis”, adjetivos com iniciais maiúsculas no meio da frase, pontuação e acentuação erradas. Fato agravado, ainda mais, quando se percebe que fazem parte das turmas alunos/as do 7º e 8º ano do ensino

fundamental, não se trata de sujeitos em fase de aprendizagens iniciais, mas sim de jovens que deveriam estar começando a se preparar para adentrar em carreiras profissionais. Talvez, esse aspecto aponte para uma falha no método de ensino oferecido no ambiente educacional e faça ecoar o grito, a necessidade de mudança.

5.6. “TOP”: UMA DAS MELHORES REPORTAGENS PARA OS/AS ESTUDANTES

A última matéria exibida tratou da geração de renda derivada do beneficiamento de frutas nativas da caatinga pela Coopercuc. A reportagem deu pouco destaque à inserção feminina nas dinâmicas que envolviam diretamente a cooperativa, tendo em vista o fato dessa entidade ter uma relação profunda com a atuação das mulheres, entretanto, diversos aspectos apontaram para a efetivação da Convivência com o Semiárido no conteúdo veiculado, como o reconhecimento das potencialidades da região e a prática da agricultura familiar.

Como técnica de recepção recorreu-se ao diálogo espontâneo, ou seja, não foi utilizado nenhum elemento lúdico. De fato, nos outros encontros as conversas livres também estavam presentes, mas com o auxílio de dinâmicas específicas que conduziam a análise. Nesse dia, a proposta era ver como as turmas se portavam com perguntas abertas, até porque, de certa forma, as dinâmicas anteriores induziam a participação de todos/as os/as estudantes, mesmo respeitando aquele/a que não quisesse falar.

Apesar do planejamento e preparação para esse encontro, do mesmo modo que foi feito para os anteriores, esse quinto dia foi muito conturbado. Faltou energia elétrica na cidade durante a manhã e parte da tarde, ao chegar na escola (ainda sem energia) um grupo de alunos/as estava assistindo aula na sala da biblioteca, espaço onde era realizada a Oficina. Então, foi necessário ministrar o encontro com a turma A em outro local, a direção da escola orientou para que fosse utilizada a sala 5. Com a eletricidade normalizada, o equipamento começou a ser montado e as cadeiras organizadas, essa última atividade foi feita com o auxílio de alguns/mas dos/as participantes que já se encontravam no espaço, entretanto, aconteceu um curto circuito no aparelho de ar condicionado, provocando grande susto nos/as alunos/as.

Diante disso, foi preciso mudar de sala novamente, agora para um espaço mais distante, ainda dentro da escola, conhecido como Gel. Ali foi exibida a matéria, observada a reação da turma e, quando acontecia a explanação sobre a edição de reportagens, assunto que preparava os/as jovens para a construção das suas matérias, a energia caiu novamente por alguns segundos. Quando retomou, não foi possível ligar o ar condicionado porque o controle estava com um funcionário que não foi encontrado,

assim, o encontro se deu em meio a um calor intenso, algo que se estendeu também para o momento com a turma B e trouxe incomodo a todos/as, já que havia o costume do ambiente climatizado e arejado da biblioteca.

A mediação situacional (OROZCO, 2005b) trazida pelo novo espaço e pelo receio de novas quedas de energia deixou as turmas desconcentradas, sem foco nas atividades da pesquisa. Esses transtornos prejudicaram o tempo disponível para executar as atividades, bem como, afetaram o desenvolvimento desse dia de oficina, constatações percebidas devidos às reações dos/as estudantes, como será descrito adiante. Ao saber desses imprevistos, a diretora da escola orientou a pesquisadora a entender que essa é a realidade de um/a professor/a. Todos os dias surgem eventualidades e o/a docente precisa saber lidar com cada uma delas. Assim, mesmo com os prejuízos a experiência foi válida.

Além das intempéries relatadas, ainda houve a impossibilidade da pesquisadora gravar o áudio das conversas da Oficina nas duas turmas. No primeiro grupo, por um descuido provocado pelo atraso e pelas mudanças de sala, e, no segundo momento, foi necessário emprestar o aparelho telefônico que realizava o registro para um dos estudantes da turma A executar a cinegrafia de sua reportagem. Assim, na medida do possível, foram feitas anotações, durante o diálogo espontâneo, algo que não foi produtivo, já que era difícil promover uma conversa e, ao mesmo tempo, escrever as reações. Por conta de tudo que foi descrito, em alguns momentos a análise desse encontro vai ser dividida por turmas e em outros unirá os dois grupos de estudantes.

Em linhas gerais, observou-se que a participação de todos/as os/as jovens no diálogo espontâneo foi muito sucinta, poucos interagiram, a maioria ficou calada. Os/as que falavam algo, se expressavam de forma curta e se justificavam superficialmente, com frases como: “Gostei, porque gostei”. Eles/as mencionaram que a “Matéria valoriza a região”, que foi “Top”, “Boa”, “Valoriza nosso povo”. Salientaram também que a reportagem é explicativa, que mostra bem o processo de beneficiamento do umbu, ressaltaram o fato de permitir que outras pessoas saibam que essa região é produtiva e que “de um fruto da caatinga dá pra se fazer beneficiamento”, uma percepção que se assemelha com à construída no capítulo 4, onde se verificou que essa potencialidade do bioma caatinga foi evidenciada na reportagem.

Durante a exibição, alguns/mas estudantes demonstraram risadas e cochichos quando apareceram imagens dos doces, afinal, esses/as jovens já revelaram gostar de pautas envolvendo comida. Também se exaltaram quando viram a cerveja de umbu, a idade desses/as meninos e meninas indica o despertar do interesse por bebidas alcóolicas. Assim, somente opiniões positivas foram manifestadas sobre a matéria e uma das reações mais significativas é que essa foi a reportagem que

mais se aproximou da realidade deles/as, provavelmente, pelo contato estabelecido com a fábrica onde são comuns as visitas ao espaço durante atividades curriculares ou a participação no Festival do Umbu, evento promovido a cada dois anos pela Coopercuc. É possível compreender que os/as participantes perceberam a capacidade do clima, da vegetação e dos povos do Semiárido de gerar emprego e negócios relevantes, dessa maneira, o JCSAB permitiu o entendimento das riquezas regionais e locais e promoveu sentimentos de valorização desse território.

Em todos os encontros da Oficina, a diretora da escola fazia questão de ficar na sala por alguns minutos, observando o desenvolvimento do projeto, mas nesse quinto dia, especificamente, houve a visita das duas coordenadoras pedagógicas que sentaram na sala e em silêncio acompanharam parte das explanações. No contexto das mediações, é importante salientar a influência da instituição escolar na recepção midiática dos/as estudantes em questão.

A escola, como instituição de educação formal, em geral envolve uma série de conhecimentos e orientações, sancionadas socialmente, como adequadas para ser formalmente ensinadas às gerações jovens e assim facilitar a reprodução cultural e a formação de cidadãos funcionais ao Estado e à sociedade civil (OROZCO, 2005, p. 35).

A presença moderadora e disciplinadora da gestão escolar tende a intimidar o/a estudante, mas é necessário citar também o comportamento dos/as alunos/as quando se agrupam. No recreio, por exemplo, a gritaria e as zombarias são reações comuns. Certo dia, na preparação da sala da biblioteca para a oficina, foi ouvido um barulho, muitos/as estudantes correram para o local onde estava uma menina que havia tropeçado e caído no chão do pátio. Nenhuma das dezenas de adolescentes que se aglomeraram ali ajudaram a moça, ao contrário, ficaram rindo ou, apenas, observando a situação constrangedora até que a diretora chegasse e dispersasse o agrupamento. Com certeza, aquela situação não foi confortável, fisicamente e psicologicamente, para a jovem. Isso faz pensar o quanto atitudes de zombaria, como essa, colaboram para a timidez e para a pouca participação dos/as estudantes por receio de retrações tanto pelos/as colegas, quanto pelos/as professores/as. Além disso, ajuda a entender que diferentes formas de mediação escolar também contribuem para a reação dos/as participantes às reportagens.

No encontro em análise, se sobressai a limitação das participações e pode-se refletir que esse comportamento está ligado à presença das coordenadoras, bem como à própria dinâmica que não exigiu a inserção de todos/as e, por isso, o acanhamento se tornou mais notório. Entretanto, é bem provável que essa conduta retraída sempre esteve presente nos/as participantes, mas foi disfarçada pelas premissas das técnicas de recepção anteriores. Nesse sentido, ainda é importante mencionar o caso de

um estudante que nos primeiros encontros era bastante participativo e dava para entender que ele tinha uma ligação forte com a zona rural do município, já que sempre fazia comentários relacionados a esse espaço, como o nome que ele costumava chamar a maracanã, de periquito. Ao saber disso, a diretora da escola ficou admirada, pois os/as professores/as relatavam um comportamento contrário desse jovem com notas baixas, atividades não realizadas e pouca inserção em sala de aula. Contudo, a atuação positiva e diferenciada do adolescente não durou muito, não se entende o porquê, mas ele começou a se ausentar do diálogo e, por pouco, não excedeu o limite de faltas definido para a Oficina. Soube-se, posteriormente, que o estudante em questão tem desavenças com algumas gestoras da escola, isso só reforça a interferência da instituição escolar no interesse e desenvolvimento desta pesquisa por parte dos/as estudantes.

Na oportunidade, as turmas foram questionadas sobre todas as reportagens, instigando uma resposta geral já que aquela era a última matéria a ser exibida. Essa também era uma tentativa de fazer os/as estudantes falarem e participarem mais. Desse modo, sobre as matérias que eles/as gostaram mais de assistir, a maior parte dos/as estudantes da turma A apontou a reportagem sobre a reintrodução da Ararinha azul, salientando que acharam curioso e interessante os aspectos que envolviam a espécie, isto é, a extinção e a devolução ao meio ambiente, além disso, revelaram que se sentiram apegados ao animal, construindo um afeto pelo bicho, resultado importante que atribui ao JCSAB a condição de fomentar no receptor o apreço pela fauna da caatinga. Já na turma B, a preferência foi pela reportagem sobre o beneficiamento de frutas pela Coopercuc, justificando a proximidade da pauta com a vivência deles/as.

Quanto à reportagem menos apreciada, muitos/as estudantes da turma A apontaram a pauta sobre a prótese com materiais reciclados, explicaram que houve menos identificação com esse assunto já que não viviam o problema da amputação em seus ciclos familiares e de amizade. A turma B escolheu, majoritariamente, a matéria sobre a técnica de bico de pena feita pelo artista plástico Gildemar Sena, segundo eles/as, não houve reconhecimento com a arte do entrevistado, além disso, salientaram que o fato da reportagem não ter a passagem deixou a produção “sem graça”, menos atrativa. Significativo perceber a observação sobre a passagem, realmente, das cinco exibidas, apenas essa produção não teve a passagem do repórter, tal apontamento, perspicaz, é uma indicação do quanto a associação das exibições e o ensinamento das técnicas básicas do jornalismo permitiu que os/as estudantes comessem a construir críticas mais contundentes sobre as reportagens.

6. O JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO PRODUZIDO PELOS/AS ESTUDANTES

Apesar de não ser um dos objetivos específicos desta dissertação, no decorrer da pesquisa, ficou evidente que era preciso oportunizar os/as participantes à experiência do fazer jornalístico, um conhecimento que, como já descrito, contribuiu para a recepção mais detalhada do material da WEB TV Caatinga, além de imprimir neles/as a ampliação de noções de jornalismo. Essa possibilidade colaborou ainda para que esses/as jovens passassem a olhar e representar o Semiárido em que vivem de uma outra forma. Ainda mais, ajudou a perceber a dimensão do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, os diferentes percursos que ele possibilita, a partir da atuação de quem recebeu esse conteúdo e executou a sua proposta, em um momento específico, elaborando as primeiras reportagens, e não sob o olhar de profissionais da área. Essa experiência foi descrita no artigo chamado “Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro e Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido: uma união que fortalece o protagonismo juvenil”, submetido em outubro de 2020 à revista Interfaces da Educação.

Durante os encontros, os/as jovens salientaram que não costumavam assistir jornais ou acompanhar outros veículos de disseminação de notícias, fato que se tornou um desafio para a pesquisadora, por conta da falta de referências, e expôs uma preocupação: a ausência ou recusa de envolvimento nos processos midiáticos traz deficiências para a atuação social? Compreende-se, socialmente, que os indivíduos precisam “estar bem informados”, por isso inteirados com os fatos apresentados pelos meios de comunicação, algo necessário para entender as situações econômicas, políticas, culturais etc., sobretudo, nesses tempos, onde a virtualidade é tão presente. Entretanto, não basta “estar informado/a”, é preciso exercitar a criticidade, a avaliação minuciosa e reflexiva que consiga driblar as pautas carregadas de interesses individuais, de mentiras, de redundâncias, de limitações tendenciosas, fazendo sobressair a força transformadora que essas ferramentas têm. Se esses/as jovens não tinham esse hábito, como poderiam produzir conteúdo jornalístico?

Apesar dessa ausência de interesse pelo jornalismo dos/as participantes da pesquisa, foi possível mostrar a cada um/uma que essa área também pode permitir acesso ao conhecimento de forma educativa e prazerosa. Para que os/as estudantes tivessem condições de elaborar uma reportagem, foram explicadas e executadas, durante a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, algumas técnicas básicas do ofício. Assim, aos poucos, a matéria ia sendo construída. Essas orientações foram feitas a partir do segundo dia de encontro, utilizando os 25 ou 30 minutos finais, abordando os quesitos: construção de pauta, momento em que os grupos começaram a pensar nos temas

de suas matérias; produção jornalística, onde foi identificado quais seriam os/as entrevistados/as, os horários e locais de gravação; apresentação das funções do repórter e cinegrafista, preparando os/as participantes para fazerem perguntas importantes, construir o texto da matéria, produzirem boas imagens; roteiro para edição de imagens, passo importante para que as equipes transmitissem ao editor colaborador, Edmar França, orientações para a finalização das matérias.

Sobre o processo de edição cabe destacar que todas as equipes compareceram no dia destinado ao processo de montagem com um/a, dois/duas ou todos/as integrantes do grupo e o tempo destinado foi suficiente para a finalizar as reportagens no prazo estabelecido. Todavia, alguns grupos enfrentaram dificuldades, como a não entrega do texto e gravação do *Off* pelo/a repórter, levando o/a assistente de edição a improvisar e construir a escrita no horário da edição, como aconteceu com uma equipe. Já, na maioria dos outros grupos, os/as estudantes, ao verem a montagem acontecendo, começaram a ficar confusos/as com a ordem dos elementos da matéria, revelando que o roteiro de edição não foi elaborado com grande êxito, deixando sonoras e *Offs* sem sintonia. Diante disso, esta pesquisadora auxiliou as equipes na tentativa de tornar mais harmonioso o processo de construção e finalização das reportagens.

Antes desse momento, em outra oportunidade, quando estava acontecendo a explicação sobre a variedade de pautas existentes para se produzir uma reportagem, esta pesquisadora citava diversos exemplos, como a violência doméstica e a adoção de crianças, quando foi surpreendida por um estudante que ressaltou uma possibilidade de pauta: “abandonamento dos filhos”. Entre um sorriso sutil e um aparente constrangimento, o jovem explicou: “Eu sou a prova viva disso [...], meus pais se separaram, aí me jogaram para uma outra família, aí eu sou adotivo”. A conversa sobre esse assunto pessoal e familiar não se estendeu naquele momento, mas, posteriormente, ficou claro que ali, em um ambiente tão improvável, estava sendo exposta uma dor que marcava profundamente a vida daquele adolescente. Ficou nítido que a recepção desse jovem, à qualquer produção comunicativa, estava atrelada a esse sentimento doloroso.

De fato, a realização da Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro não pôde contribuir, efetivamente, para que seus problemas fossem amenizados, o que é lamentável. Porém, essa colocação, no segundo dia de contato com os/as estudantes, fez perceber quantas histórias, quantos desafios, quantas dificuldades vivem esses/as meninos/as. O sorriso tênue, o tom de brincadeira de uma fala, muitas vezes, é uma ferramenta para disfarçar traumas, perdas, frustrações. Aquilo foi, para esta pesquisadora, o despertar para as diferentes vivências existentes na escola. Os comentários já ouvidos sobre o que se passa na instituição escolar, não foram tão reveladores como sentir, ver e ouvir, pessoalmente, o padecimento de um estudante.

Com esse tipo de situação, percebe-se que ensinar, estar no lugar de um/a professor/a, ou oficinaira e pesquisadora, como é o caso, é muito mais que transmitir um conteúdo e querer que a pessoa aprenda sobre aquilo. De algum modo, a vida do/a estudante se apresenta diante do professor/a, oficinairo/a, pesquisador/a. E parece que grande parte dessas vidas não são fáceis. O que fazer? Passar adiante e entender que cada um cuida de si ou dos seus? É preferível acreditar que esse caminho não é o mais coerente. Mas, qual caminho é lógico? A resposta ainda não foi encontrada por esta pesquisadora, entretanto, esse encontro com o que existe por detrás de um riso “sem graça” trouxe doses de realidade e a certeza de que é preciso tratar os/as estudantes e suas histórias de vida com respeito, cuidado, benevolência.

O desempenho de outra estudante também chamou atenção. De modo contrário, seu destaque foi para a inércia. Ela já foi citada no item 5.4 desta dissertação, trata-se da jovem que trocava a noite pelo dia e passava a madrugada no celular, acessando a internet. Uma adolescente que, quando falava, apresentava uma voz muito baixa, sem ânimo para se comunicar, um olhar sonolento e distante, era inexpressiva, parecia não ter forças para reagir ao que acontecia em volta. Mas, a reflexão aqui se dedica à relação estabelecida com a tecnologia digital. O celular e a internet são parte da vida da menina, bem como de muitos/as dos/as estudantes da escola, contudo, a EMJBS/EMSB não permite o acesso desses instrumentos no ambiente institucional, exceto durante atividades específicas orientadas pelos/as professores/as ou ocorridas na sala de informática que, como foi dito pelos/as estudantes, são raras ou inexistentes para alguns/mas deles/as. A Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro mostrou que a junção das tecnologias digitais com a educação e a comunicação possibilitam aprendizagens. É imprescindível dar espaço para elas. Assim, compreende-se que talvez não seja suficiente, apenas, preparar um/a docente para assumir essa tarefa de ligação entre as áreas referidas, mas tenha maior eficácia trazer para a escola um/a profissional da comunicação que possa acompanhar e/ou conduzir a construção do conhecimento, como aconteceu nesta pesquisa.

Em relação a definição de pautas para as reportagens, foi orientado, no dia anterior, que os/as estudantes fossem para casa pensando em um tema para a matéria. A ideia consistia em, durante a Oficina, socializar essas informações em grupos, estabelecer duas opções para serem apresentadas à toda turma e junto com as equipes, a pesquisadora conversava sobre a viabilidade de execução de cada assunto, buscando afunilar os temas propostos, definindo a pauta final, inserção necessária por conta da pouca experiência dos/as estudantes. Esse processo foi feito com bastante cautela para não bloquear a capacidade criativa e a vontade dos/as meninos/as, pois a única intenção era apresentar condições que facilitassem a produção das reportagens.

Alguns grupos pensaram em temas de execução complexa, como a origem de Uauá, algo que necessitava de uma entrevista com um historiador do município, mas o único que se conhecia tinha morrido há alguns anos. Um estudante, tentando encontrar uma solução para a manutenção da pauta, sugeriu que a matéria fosse feita a partir de pesquisas na internet, entretanto, foi explicado que utilizar, exclusivamente, esse meio não é uma forma adequada para produção de reportagens e sempre é necessário tomar cuidado com as fontes de informação ali expostas. Esse grupo optou, então, por tratar sobre a construção do livro “Poesia na Sombra do Umbuzeiro”, escrito por estudantes da EMJBS/EMSB. Mas, posteriormente, tiveram dificuldades de agendar as entrevistas com os responsáveis pela obra, causando mais uma mudança de pauta pelos/as jornalistas aprendizes. Assim, a escolha final foi a pauta sobre a própria Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro.

Também foram sugeridas questões que eram arriscadas para os grupos, como contar a história da Banda de Fanfarra do município, a FANCENSA. Nesse quesito, o maior problema estava no horário que deveria acontecer a gravação, à noite, porque era o período de ensaio da banda, e o local que se reuniam era afastado do centro da cidade. Percebeu-se que deixar um grupo de adolescentes, menores de idade, andar na rua à noite, num lugar com pouca movimentação de pessoas era um grande perigo. Além disso, o grupo não dispunha de aparelhos e iluminação que auxiliassem na captação de imagens noturnas. Assim, foi orientado que a equipe escolhesse outra pauta. Houve resistência, mas, por fim, os/as estudantes decidiram fazer uma reportagem sobre os benefícios do ciclismo para a saúde.

Ao dialogar e amadurecer as ideias, as pautas finais foram: A arte de Chico Mocó, falta de respeito com os professores, jogos interclasse, benefícios do ciclismo, Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro e evasão escolar. De forma livre e espontânea, no decorrer dos encontros um grupo da turma B decidiu produzir duas reportagens, uma sobre a arte de Chico Mocó, como foi planejado em sala, e outra sobre a origem de Uauá. Essa última abordagem foi executada com maior autonomia pela equipe, eles foram produzindo como uma segunda opção, sem saber se daria certo e parece que com o desejo de surpreender a eles mesmos e a todos/as que acompanhavam a oficina.

Nessa disposição do grupo referido, se ratifica o ânimo e interesse da maioria dos/as participantes pelas dinâmicas propostas na Oficina e se sugere que tal reação, provavelmente, seja apresentada por conta da novidade da proposta, do uso de equipamentos tecnológicos como o celular, da edição das reportagens e, até mesmo, pela viagem proporcionada aos/as participantes. Esses e outros aspectos fizeram os/as jovens adentrarem em um universo diferente, o jornalismo, e manifestarem seu modo de ver e lidar com esse ambiente. Assim, foi possível perceber a diversidade de pautas levantadas

pelos/as estudantes com assuntos que alcançavam diversas áreas como saúde, saneamento básico, cultura local, eventos escolares e problemas sociais, todos no contexto urbano do município de Uauá. Essas reportagens foram publicadas no *Instagram* da Escola Municipal João Borges de Sá/ Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim e podem ser acessadas através do link: <https://www.instagram.com/escolamunicipaljoao/>.

Na matéria sobre Chico Mocó, os/as estudantes deram ênfase à carreira do artista que há 17 anos se caracteriza como um idoso bem-humorado, faz apresentações em eventos variados, conduz um programa radiofônico e, na cidade, é atração conhecida pelo povo. Nessa trajetória, o artista carrega a satisfação de ter contribuído para a recuperação de uma ouvinte da rádio que tinha depressão, mas conseguiu superar o problema devido à “companhia alegre do velhinho”. Os/as jovens jornalistas contaram essa e outras histórias, revelando a relação que Chico Mocó mantém com pessoas, além disso mostraram, de forma dinâmica, o processo de transformação do personagem (Figura 49).

Figura 49 – Chico Mocó



Fonte: Reportagem A arte de Chico Mocó, 2019.

Os espaços urbanos de Uauá também foram capturados pelos/as participantes nessa e em outras reportagens, entre elas a que tratou sobre a história do município (Figura 50), trazendo informações gerais sobre o local. Nessa matéria, foi dado destaque à opinião dos/as moradores/as, a satisfação e o afeto que os/as entrevistados/as têm pela cidade, manifestadas em frases como: “Eu acho Uauá uma cidade muito boa de se viver, maravilhosa!”, “É em Uauá que eu quero terminar meus últimos dias de vida”, “É uma cidade muito boa pra se morar e se conviver. [...] Amo meu Uauá!”.

Figura 50 – Cenário urbano de Uauá



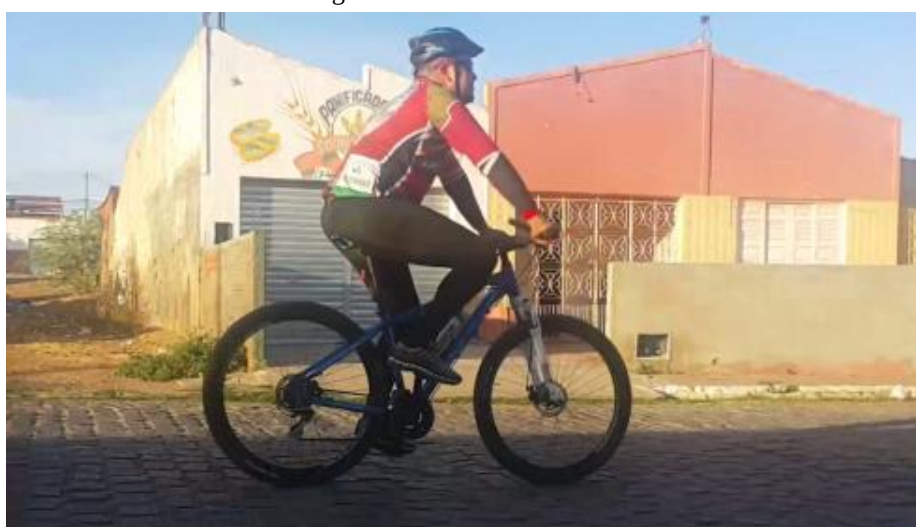
Fonte: Reportagem sobre a história de Uauá, 2019.

Essa produção também aponta um dos problemas da cidade, o desemprego. Esse aspecto chama atenção, pois, permite observar que os/as estudantes trouxeram para a narração jornalística sobre o Semiárido um desafio que não se refere ou deriva da seca, informando que os/as jovens da região desejam um trabalho formal que permita a permanência na cidade. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dos 24.294 habitantes registrados no Censo de 2010, durante o ano de 2018, apenas, 7,1% das pessoas tinham uma ocupação em Uauá. O número é baixo, principalmente, levando em consideração os dados de Juazeiro-BA, cidade próxima à Uauá, onde se localiza o PPGESA, 18,2% (IBGE, 2018b). Sem emprego, a pessoa muda para outro município ou fica à deriva, correndo o risco de se envolver com álcool, drogas e prostituição, sobretudo, a juventude.

Os/as estudantes também evidenciaram, em suas reportagens, a prática do esporte, pautando os Jogos Interclasse, conhecido como Jogos Estudantis, e o ciclismo que tem atraído participantes em toda a cidade. O primeiro é um campeonato entre as turmas da escola, com modalidades diversas, entre elas, futsal, baleado, corrida de revezamento, salto em distância, boliche e arremesso de peso. O objetivo maior, como disse a professora entrevistada, é conseguir mudar o comportamento desordeiro e imprimir uma postura participativa e reflexiva nos/as participantes. Durante dois dias, os/as alunos/as dividem o tempo entre sala de aula, a quadra esportiva e o ginásio municipal, se tornando um evento muito esperado por toda a comunidade escolar, como destacou uma aluna: “Estou ansiosa para que os jogos interclasse comecem e já estou treinando muito”.

Já a reportagem sobre o ciclismo deu ênfase aos benefícios para saúde dos/as praticantes a partir do depoimento de uma enfermeira e de um ciclista amador. A melhora no condicionamento físico, a prevenção de doenças cardíacas e respiratórias e a diminuição do peso corporal foram citados como condições adquiridas para quem pedala com frequência. Em Uauá, esse esporte é comum, muitas pessoas utilizam a bicicleta no início ou final do dia, além disso, existem três grupos oficiais que organizam eventos, fazem trilhas coletivas e incentivam a adesão de novos ciclistas, são eles: Sertão Bike, que tem registro em cartório, Pedal Caatingueiro e Pedal com Saúde. Assim, percebe-se que a produção dos/as estudantes fez ecoar uma questão intensamente vivenciada na cidade.

Figura 51 – Ciclista em Uauá



Fonte: Reportagem sobre ciclismo e saúde, 2019.

Contudo, mais presente que o esporte esteve o ambiente escolar. Das sete reportagens, quatro se delinearam nesse espaço. Além dos Jogos Interclasse, a falta de respeito com os/as professores/as também foi tematizada. Preocupados/as com os casos ocorridos em seu entorno, os/as meninos/as trouxeram o relato de um professor que foi ofendido e perseguido, fora da escola, por um aluno. Esse último, depois de expulso da sala de aula, devido ao mau comportamento, passou a xingar e ameaçar o docente. A ideia da reportagem foi evidenciar tal problema e fazer os/as colegas refletirem sobre a importância do/a professor/a para suas vidas. “O professor é de fundamental importância para a humanidade, a gente sabe que a base para todos os problemas ou pontos positivos na humanidade parte da educação. O professor é aquele que traz como base todo esse princípio de formação humana”, foi isso que frisou outra docente entrevistada, finalizando a matéria.

A evasão escolar também foi pautada por um dos grupos, que teve a sensibilidade de observar que o tema ainda vigora na realidade urbana do município, apesar de muito abordado no passado e

pouco debatido, atualmente, na mídia. Os/as estudantes foram a uma escola pública com modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA) com o objetivo de entender os motivos da desistência e o valor da educação, para isso, entrevistaram a coordenadora do programa e uma mulher que deixou de ir à escola com 14 anos para cuidar dos/as filhos/as e do casamento, mas aos 30 anos de idade passou a frequentar a EJA com o objetivo de concluir a formação.

Essa matéria apresenta uma construção imagética interessante (Figura 52). O cenário da entrevista entre a jovem repórter e a estudante entrevistada faz ressaltar, no segundo plano, vários computadores distribuídos em mesas, ambiente que parece compor a sala de informática da instituição. Tal conjunção permite refletir sobre a presença das tecnologias digitais e de informação no Semiárido, cada vez mais presentes até nas comunidades rurais distantes dos polos urbanos (MOREIRA, 2018), o que não é diferente na cidade de Uauá. Ou seja, a produção jornalística dos/as estudantes dar visibilidade a esse tipo de avanço.

Figura 52 – Cenário com computadores durante entrevista



Fonte: Reportagem sobre a evasão escolar, 2019.

E, por fim, a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro se transformou em reportagem, conduzida a partir da explicação dos objetivos do trabalho, da vinculação com a pesquisa de mestrado e da opinião dos/as envolvidos/as, exibindo depoimentos como estes: “Eu acordei super cedo com a disposição de conseguir a vaga”, disse uma participante; “[...] motiva a despertar futuramente uma profissão, além de conhecer o contexto em que vivem”, afirmou uma das coordenadoras pedagógicas da escola.

Houve ainda, nessa matéria, uma entrevista com a pesquisadora que vos escreve, momento emocionante por conta da troca de papéis: de jornalista à entrevistada, de estudante à jornalista.

Ademais, teve imagens dos encontros e outro enquadramento que merece destaque, onde o grupo escolheu um espaço florido da escola para gravação de uma entrevista (Figura 53). As flores em tons de amarelo e rosa que, casualmente, combinam com a blusa da garota, e o verde do restante da vegetação escondem um mandacaru recortado e composto em terceiro plano, sinal de que as cactáceas não predominam na escolha desses/as jovens e sua forma de representação regional foge da homogeneidade, do que é comum, do estereótipo.

Figura 53 – Cenário com cores e flores durante entrevista



Fonte: Reportagem sobre a Oficina de Jornalismo Contextualizado, 2019.

É grandioso ver que as construções dos/as estudantes trouxeram tantos significados e que todos partem dos seus modos de pensar e de se relacionar com o Semiárido em que vivem. Eles/as abordaram o cotidiano, fizeram contextualização no jornalismo, enquadraram a diversidade urbana, inclusive, permitindo um contraponto com as matérias da WEB TV Caatinga, considerando que mesmo algumas delas sendo gravadas na cidade, apresentavam, preponderantemente, elementos rurais. Todavia, os/as meninos/as da Oficina não escolheram esse caminho, a cidade ambientada ganhou destaque e foi palco para as ideias concebidas.

As turmas também anunciaram problemas que não aparecem na mídia convencional e disseram que há esporte, preocupação com os rumos da educação, cultura, história, vivências plurais, capazes de modelar importantes pautas e imagens noticiosas. Com certeza, a recepção das reportagens e o fazer jornalístico compuseram um conhecimento motivador e fizeram sobressair o senso crítico que existia, talvez, escondido ou adormecido, permitindo observar que essa juventude questiona, reflete, avalia, enxerga seu espaço, observa, deseja mudanças, gosta do que há por ali e é muito capaz de enfrentar os desafios correntes. Parece ser necessário apenas um movimento de dizer que é possível, um incentivo,

uma oportunidade. Essa constatação foi reforçada, durante o encerramento da Oficina, realizado no dia 13 de novembro de 2019, onde estiveram reunidos/as todos/as os/as participantes, a gestão escolar, alguns pais e mães e uma pessoa da comunidade externa.

Nesse encontro, foram exibidas as reportagens produzidas pelos/as meninos/as, feita a entrega de certificados e compartilhadas as opiniões de algumas das pessoas presentes sobre o projeto, de modo especial, sobre a produção dos/as jovens, já que era o destaque naquele momento. Com isso, foi possível ouvir relatos como esses da diretora da escola e da coordenadora pedagógica, respectivamente:

Emocionante ver a movimentação de vocês com a Oficina [...]. E a gente compreender que o que falta são oportunidades, foi dado a vocês a oportunidade de mostrar o potencial que vocês têm. E fico aqui com meu coração apertado porque foi muito difícil quando terminou o limite de fichas e a gente teve que dizer a todos os demais estudantes ‘acabou, não tem mais vaga’, teve estudante que chorou. E ainda dizem que o estudante não quer nada, como assim ‘não quer nada?’. O que falta são oportunidades.

Eu percebia que um que era tímido se soltou mais, um que tem jeito pra falar achou o lugar, outro que ficava, assim, na desculpa arranjou um encaixe também, outro caladinho deu pra segurar a câmera. [...] E agora, partir, temos o Instagram da escola, vou fazer, aqui, o convite pra vocês, fazer matérias pra divulgar e administrar [...].

Esse convite de uma das coordenadoras pedagógicas da escola, que aproveitou o momento para convocar os/as participantes para atuar na rede social da instituição, divulgando as atividades, ressalta que os/as estudantes tinham adquirido o conhecimento inicial necessário para tal demanda. Tem-se, assim, mais uma contribuição que a Oficina deixa para a escola e para os alunos/as, a capacitação dos/as jovens para contribuir no setor de comunicação da escola. Também foi manifestado o desejo de que essa proposta se estenda para as demais escolas do município de Uauá, sugestão dita por um pai, professor na zona rural, que reconheceu a inclinação dos/as estudantes, no geral, para o universo da virtualidade, mas entende que a comunidade escolar ainda não apresenta condições de atuação eficaz nessa área, conforme pode-se perceber em sua fala:

Que essa iniciativa não fique só aqui, né, no espaço municipalizado que vá pra outras escolas também porque os nossos alunos do interior também têm essa capacidade, falta esse incentivo, muitas vezes até as aulas da gente ficam desinteressantes, porque os alunos da gente estão muito além da gente nesse conhecimento.

Os/as estudantes que participaram da Oficina também exprimiram comentários, entre eles: “Essa Oficina vai deixar informações que nós vamos levar pra nossa vida”; “A gente adorou muito fazer esse tipo de reportagem, assim porque é algo novo pra gente, uma coisa nova, muitas pessoas não tem essa oportunidade”; “Muito obrigada, você ajudou muito a despertar dons que a gente tinha lá

dentro e a gente não conseguia mostrar”, falou uma jovem para a pesquisadora. Outras reações foram percebidas durante a visita às TVs Grande Rio e WEB TV Caatinga, estendidas ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da Univasf e à Rádio Grande Rio FM. A primeira, ainda no ônibus, foi a percepção de que a maioria dos/as meninos/as nunca tinha ido à Juazeiro ou Petrolina e se encantavam com a estrutura desses locais, os prédios, o trânsito, o rio São Francisco etc.

De acordo com eles/as, a viagem foi bastante prazerosa e gostaram “de tudo”, mas citaram como mais marcante a pequena participação que tiveram na Rádio Grande Rio FM, durante o programa da radialista Eliane Lima. A comunicadora permitiu que todos/as os/as estudantes entrassem no estúdio da rádio (Figura 54) e, ao vivo, fez algumas perguntas que foram respondidas coletivamente pela turma. Assim, a entrada em um programa radiofônico de Petrolina deixou os/as meninos/as deslumbrados/as. Da mesma maneira, a relação que o servidor público e revisor de texto em braile da Univasf, Milton Carvalho, tem com a cadela-guia, Shiva, surpreendeu a todos/as (Figura 55). Eles/as souberam e viram, pela primeira vez, como o animal é capaz de conduzir um cego em ambientes internos e externos. Ainda foi possível conhecer a acessibilidade utilizada por Milton para manusear seu aparelho de celular e seu computador.

Figura 54 – Visita à Rádio Grande Rio FM



Fonte: Kayane Victória, 2019.

Figura 55 – Visita ao NAI



Fonte: Kayane Victória, 2019.

Conhecer esses ambientes de trabalho, ter contato com variados/as profissionais, inteira-se sobre as dinâmicas de funcionamento das TVs foi importante para aprofundar a compreensão dos/as estudantes sobre o jornalismo, sobretudo. Nenhum/a deles/as tinham tido a oportunidade de visitar lugares como esses anteriormente, sendo bem provável que a experiência vai ser para sempre lembrada. Acredita-se que tenha sido relevante a percepção, para os/as jovens, de que existem múltiplas possibilidades profissionais no campo do jornalismo, eles/as conversaram com radialista, apresentadora de TV, revisor de texto em braile, jornalista, produtor, cinegrafista, inclusive, um dos jovens nutriu uma aproximação relevante com os operadores de câmera das emissoras, mantendo também um contato persistente com o equipamento de filmagem. Mesmo essas áreas sendo atreladas, majoritariamente, à comunicação, há condições para os/as adolescentes entenderem a construção de carreira que essas pessoas trilharam, escolheram, se capacitaram e, assim, alimentar, dentro de cada um/a deles/as, o desejo de buscar uma profissionalização também. Algo que pareceu não estar acontecendo, até então, na personalidade desse público.

De modo semelhante, essa semente também foi alimentada no breve encontro do grupo com o, então, reitor da Univasf, Julianelli Tolentino, e o vice-reitor, Telio Nobre. Inesperadamente, esse momento aconteceu na recepção do prédio da reitoria, permitindo que o reitor direcionasse aos/as estudantes uma mensagem de incentivo ao ingresso na universidade, resumida na frase “Estou esperando vocês aqui!”. Esse chamamento despertou interesse, ao menos, em uma estudante que

pensativa, como se nunca tivesse observado essa perspectiva, aceitou o desafio e afirmou que, a partir de então, vai tentar conquistar o ensino superior.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho trilhado até aqui foi bastante frutuoso, mas isso não retirou a presença de alguns obstáculos que tornaram o percurso desafiador. Em primeiro lugar, destacam-se a interrupção dos encontros presenciais com a orientadora desta investigação e o fechamento das bibliotecas físicas, principalmente, a da UNEB, algo que prejudicou muito o planejamento realizado, por conta da necessidade de distanciamento social, advinda com o surgimento da pandemia mundial, em decorrência do novo coronavírus. Além desses, o imperativo de aprofundamento teórico nas áreas de conhecimento que envolveram a investigação, como os Estudos de Recepção e a Educomunicação, também exigiram maior tempo para leitura e com o acesso mais restrito às produções científicas, a busca por bibliografias, estudos e dados ficou limitada ao conteúdo disponibilizado na internet e à compra de livros de forma online, sendo que o recurso financeiro para essa aquisição era moderado.

É interessante salientar que, mesmo existindo uma aproximação acadêmica da pesquisadora com grande parte das temáticas centrais da pesquisa, já que esta tem formação em Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, foi preciso avançar e atualizar algumas informações por conta de uma carência na grade curricular da referida graduação. Isso foi mais marcante quando, ao iniciar a escrita, a produção textual não desenvolvia, estava bloqueada por conta da falta de domínio sobre ambos assuntos, por isso, houve o entendimento de que era melhor parar aquele processo e debruçar-se no arcabouço histórico, teórico e prático dos conceitos em questão. Essa experiência expõe a importância de sempre se prezar pela busca e aquisição do saber, mas também desvendou a existência de possíveis lacunas na formação em Jornalismo em Multimeios, no Departamento de Ciências Humanas, em Juazeiro-BA.

Fora isso, destaca-se ainda a convivência com os/as estudantes participantes desta pesquisa e o trabalho na sala de aula de uma escola pública como algo que foi, inicialmente, assustador para esta pesquisadora, por conta da pouca atuação nesse ambiente. Durante a preparação para ida à campo, existia o receio de que a turma se rebelasse e não atendesse aos objetivos da investigação, não havendo controle sobre o comportamento do público adolescente, por vezes, caracterizado pelas brincadeiras, zombarias e desinteresse pela educação. Tal apreensão foi debatida com os/as colegas de mestrado que trabalham na área e com a orientadora deste trabalho, ocasionando uma nova demanda - a construção de metodologias e recursos didáticos que evitassem ou minimizassem a dispersão dos/as participantes.

Concluída a realização da Oficina, observou-se que as estratégias pedagógicas foram eficientes e tornaram os encontros prazerosos e enriquecedores. As partilhas de leituras das reportagens e a amizade construída com os/as jovens, bem como com diretoras, coordenadoras e alguns/mas

professores/as da escola, fizeram ressaltar o gosto pela docência, a satisfação de estar entre estudantes tratando da comunicação, do Semiárido etc., confirmando a escolha pelo mestrado acadêmico, que prepara pesquisadores/as e professores/as. Além disso, foi gratificante ver a evolução dos/ meninos/as no modo de analisar as reportagens da WEB TV Caatinga expressando, a cada dia, opiniões perspicazes e arguições contundentes. A apreensão também se manteve em alta durante a missão de levar os/as participantes da Oficina para as cidades de Juazeiro e Petrolina. Em cada parada para almoço, lanche ou espera para travessia no rio, havia o medo de alguém pegar outro rumo e se perder, além da preocupação em saber se eles/elas iriam gostar da visita às TVs e aos demais espaços oportunizados. Ainda era mensurado o risco de variados acidentes acontecerem e se sentia o “peso” do comprometimento selado com as mães e os pais para o cuidado com seus/suas filhos/filhas.

Entretanto, as suposições ruins não foram concretizadas e o passeio foi bastante significativo para os/as adolescentes que conheceram novos lugares e pessoas. Além da responsabilidade de lidar com essas ocupações e de conduzir os/as estudantes a uma determinada finalidade, outra dificuldade, comum a mestrandos e mestrandas, que permeou esta produção foi a ansiedade inerente ao processo da escrita acadêmica, mais um fator potencializado nos últimos meses por conta do distanciamento social.

De fato, todas essas dificuldades serviram como pontes para o prosseguimento da pesquisa que se delineou a partir dos pilares da Educomunicação, dos Estudos de Recepção e do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Antes de adentrar nesses paradigmas, foi preciso se conectar com alguns dos aspectos que permeiam a região semiárida, chão em que esta investigação se originou e se desenvolveu. Dessa maneira, buscou-se compreender o histórico desse lugar, passando pela sua pré-história até o momento atual, alcançando as características da vegetação, do clima e dos povos. Examinou-se, com veemência, o modo como o SAB é retratado na mídia, constatando o teor estereotipado das produções que evidenciam, majoritariamente, a seca, a fome e a miséria, omitindo inúmeras riquezas e potencialidades.

As relações sociais e políticas engendradas nessas terras foram destaque através da explanação de duas grandes propostas: a lógica de “Combate” e/ou “Indústria” da seca, ligadas a uma concepção de Semiárido tradicional; bem como, a ideia da “Convivência com o Semiárido”, associada à compreensão de Semiárido contemporâneo, que trazem diferentes modos de viver e pensar o SAB. Nessa primeira proposta, foi ratificado que os grandes latifundiários e proprietários de terras no Nordeste se beneficiam de obras do Governo Federal, anunciadas com o objetivo de acabar com a seca, como a indicação de construção de açudes e barragens e da distribuição de água, através do caminhão-pipa, ações que não resolvem o problema da escassez hídrica e não permitem independência e

estabilidade econômica para diversas pessoas. Em contrapartida, defendeu-se o conceito de “Convivência”, uma interpretação que se baseia no que esse território, com seu modo de ser e estar, pode oferecer ao homem e à mulher que aqui vive, isto é, a intenção é adequar-se ao que a natureza oferece. Assim, uma série de mudanças surgem em diferentes áreas, transformações que originam o JCSAB e a Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro.

A ECSAB ajudou a elucidar o papel da escola como propulsora do conhecimento coerente com o lugar em que o sujeito vive, onde os/as estudantes têm condições de, partindo do aprendizado local e regional, galgar saberes globais. Até então, era perceptível a ausência ou insuficiência de uma prática contextualizada no ensino escolar desses/as jovens, pois todas as referências sobre o SAB ditas, de modo especial, no primeiro encontro, foram acolhidas como um dado novo, inclusive, a utilização frequente do nome “Semiárido” e sua localização no mapa do Nordeste, o que explicita a necessidade de desenvolvimento e do fortalecimento da Educação Contextualizada na EMJBS/EMSB e nos demais espaços formativos que esse/as adolescentes frequentam. Portanto, pode-se concluir que esta investigação foi capaz de construir um elo entre o currículo escolar e as reportagens da WEB TV Caatinga, extraindo das matérias veiculadas assuntos de história, geografia, artes, literatura, meio ambiente etc. Tal feito, exibiu uma das variadas formas de efetivar a ECSAB e transparece a viabilidade de utilização dessas produções televisivas no ambiente educacional.

Assim, a inserção inédita do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro na escola denota a eficácia dessa ferramenta para promover a aquisição de informações e facilitar a absorção de conhecimentos, de modo dinâmico e atrativo para os/as estudantes que se sentiam instigados a interagir com o material exibido. Obviamente, tornou-se interessante ver seu território representado no telejornalismo, reconhecer pessoas da comunidade e se admirar com os acontecimentos que, apesar de tão próximos, não recebiam divulgação capaz de alcançá-los. Foi constante, em todas as matérias, essa reação de desconhecimento com grande parte dos fatos noticiados, situações essas que se desenrolavam em Uauá ou em um município vizinho.

A utilização do JCSAB exprimiu, ainda mais, os danos que a comunicação não contextualizada com qualquer região proporciona, já que ficaram evidentes as lacunas no noticiário que atingiu/atinge o público, brechas, ora sentidas por meio da ausência total de conteúdo coerente, ora percebida através da restrição dessas informações que se tornam insuficientes, nesse caso, para retratar o Semiárido em sua contemporaneidade. Desse modo, verificou-se que o problema gira entorno da escassa elaboração de narrativas contextualizadas com o SAB na mídia, algo que poderia ser mitigado pela adesão do JCSAB por outros veículos de comunicação, especialmente, os locais e regionais. Fica, portanto, aqui, nesta dissertação, um convite para que os produtores de informação - administradores de blogs, sites,

redes sociais, programas de rádio, TV, etc. - possam refletir sobre esse lugar e tornar suas mensagens mais contextualizadas.

Também se notou que a produção da WEB TV Caatinga não tinha chegado aos/as estudantes desta pesquisa antes da Oficina, bem como, eles/as não conheciam a emissora, fato a ser observado com atenção e que precisa de investigação posterior. Não se pode descartar essa evidência, pois, através das reportagens da WEB TV Caatinga, veiculadas na EMJBS/EMSB, chegou-se ao juízo de que o JCSAB é fundamental para a comunicação no e sobre o Semiárido, bem como se confirmou sua credibilidade e valia na vida das pessoas. Dito isso, outro êxito da união “JCSAB e escola” foi o rompimento da distância entre os/as estudantes e o jornalismo. Muitos/as afirmaram não acompanhar essa forma de comunicação, seja na TV, no rádio, no impresso ou nas redes sociais, atitude preocupante, já que os veículos ocupam um espaço essencial na difusão das informações, na requisição de direitos e deveres do povo. Além do mais, por ser um mecanismo de poder que interfere na vida das pessoas, é importante os/as jovens se atentarem a isso, se envolverem com esse ambiente de alguma forma e serem parte do processo, mesmo como receptores. Agora, talvez não haja, ainda, um relacionamento profundo entre ambos, mas o primeiro passo foi dado para que eles/as tenham ciência da importância desse mecanismo.

Além das proposições sobre o JCSAB, é correto afirmar que esta pesquisa fez emergir a relevância dos Estudos de Recepção, inexistentes, até então, no Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Em alguns momentos, houve a sensação de que investigar a recepção da mídia era algo ultrapassado, isso se deu tanto pela pouca quantidade de trabalhos com essa finalidade na UNEB, quanto pelo estudo bibliográfico realizado que revelou a inconstância de pesquisas brasileiras sobre a temática. De qualquer modo, este trabalho constata os benefícios dos Estudos de Recepção, sendo um deles o exame do modo como as pessoas reagem ao que lhe é oferecido na atualidade. Afinal, o JCSAB é uma forma, consideravelmente, nova de fazer o jornalismo. Entende-se, então, que é fundamental acompanhar a apreensão da mídia, ação capaz de gerar transformações nos polos de produção, bem como, de recepção da comunicação.

Nesse sentido, as observações descritas nesta dissertação foram construídas a partir de um leque de possibilidades oferecidas pelo modelo das multimediações, que envolviam o processo receptivo dos/as estudantes. Interessante constatar como, através dessa teoria, foi possível ter a dimensão do alcance do conteúdo midiático que ultrapassa aquele momento simplório de assistir a um telejornal, atingindo a vida pessoal e familiar do sujeito, sendo interferida pelos poderes institucionais que o rodeiam, nessa conjuntura, pela escola, e ainda sofrendo influências das diferentes situações e

companhias que cercam a pessoa. A atenção a essas mediações enriqueceu a pesquisa e facilitou a investigação do contexto em que os/as adolescentes estavam envolvidos/as.

Também se mostrou propícia a escolha pelos parâmetros descritos pela Educomunicação, tanto que, em certo momento, percebeu-se que ela acontecia de forma natural e sutil, devido aos objetivos nomeados, ocupando um lugar essencial para o bom andamento deste estudo. A introdução de elementos midiáticos na instituição escolar, o contato e análise desse conteúdo e a elaboração de produtos telejornalísticos por parte dos/as jovens demonstraram o potencial desses/as meninos/as não só para realizar uma proposta de comunicação diferenciada, mas também para cumprir outras demandas que instiguem suas habilidades e criatividade. O protagonismo juvenil foi enaltecido e estampado para eles/elas próprios/as, permitindo que se reconhecessem como sujeitos capazes, bem como, também se tornou evidente para os/as professores/as, para as gestoras da escola, para os pais e mães e membros da comunidade, dando razões para que estes/as entendessem o papel transformador da educação e da comunicação.

O material televisivo utilizado na Oficina, produzido pela WEB TV Caatinga, deveria trazer uma ênfase ao cenário urbano, mas, de fato, após a seleção por localização da pauta, tendo preferência matérias produzidas na cidade de Uauá e nos municípios limítrofes, observou-se que há uma tendência dessa emissora de exibir conteúdos voltados para o contexto rural. Mais uma vez, ressalta-se que antes de chegar aos/as estudantes, as cinco reportagens selecionadas foram analisadas por esta pesquisadora, por meio da Análise de Conteúdo e Análise de Imagem, métodos que contribuíram para destrinchar as informações que compunham a produção, aprofundar o entendimento e a maneira como as temáticas foram abordadas. Esse diagnóstico também foi feito, posteriormente, para identificar o modo de recepção dos/as jovens participantes, inserindo indagações que deixaram claro os juízos que cada um atribuiu às reportagens.

Para externar com maior facilidade suas ideias, os/as estudantes foram conduzidos às técnicas de recepção que tornaram a investigação menos rígida e mais leve. A adesão de componentes próximos ao cotidiano virtual, como os memes e as *hashtags*, deixaram as turmas confortáveis, inibindo a timidez e transparecendo seus pontos de vista. Essas dinâmicas garantiram o caráter participativo dos/as estudantes, já que muitas delas direcionavam a pergunta ao sujeito que acabava tendo poucas circunstâncias de se esquivar do questionamento ou da interação. Isso se tornou evidente a partir da última técnica executada, o diálogo espontâneo, - que possibilitava maiores condições de evitar a partilha - cujo desempenho dos/as jovens foi, totalmente, inferior do que nos outros encontros. Entre os métodos, a carta anônima, foi a que provocou menos interesse deles/as devido a necessidade de redigir um texto, mas, para a pesquisa, teve um significado fundamental, permitindo a percepção de

como os/as meninos/as reagiam com o véu do anonimato, enfraquecendo, assim, o temor de que houvesse algum tipo de persuasão pela presença da pesquisadora naquele ambiente.

Em linhas gerais, durante a pesquisa, os/as estudantes analisaram as reportagens da WEB TV Caatinga evidenciando, com mais frequência, adjetivos elogiosos ao que era exposto. Demonstravam encantamento com o conteúdo exibido, sendo um bom exemplo, as manifestações de afeto com a ararinha azul e a satisfação pela reintrodução dessa espécie na natureza catingueira, pauta de uma das matérias. Igualmente, sentiram-se impactados/as pela novidade da informação transmitida, algo que foi ressaltado em todas as produções da emissora. Essa insistência dos/as participantes em salientar que não tinham conhecimento do que estava sendo exibido reforça a ideia de que, muitas vezes, a mídia esconde as realidades do Semiárido e, sobretudo, não dá a devida divulgação àquilo que acontece na região.

As reportagens também foram acolhidas com o desejo de continuidade. Muitos/as estudantes apresentaram a vontade de permanecer acompanhando, repetir a exibição, ter acesso constante a matérias do tipo e manifestavam o interesse de que mais reportagens fossem construídas com as pautas tratadas. Acredita-se que o entusiasmo não se restringe, apenas, às cinco temáticas assistidas, mas se amplia para outros assuntos e produções, desde que, estejam alinhadas com a proposta da contextualização, aproximando o jornalismo da realidade do espectador. Ou seja, é bem provável que as demais criações do JCSAB sejam, do mesmo modo, aceitas por esse público.

Os/as jovens compreenderam com facilidade a mensagem transmitida e, por vezes, realçavam o caráter detalhista de algumas reportagens, sejam elas com menor tempo de duração ou não, aspecto importante para o desenvolvimento de qualquer forma de comunicação. Assim, essas e outras formas de demonstração da apreciação, majoritária, dos/as estudantes ao material da WEB TV Caatinga fizeram estes/as espectadores/as se reconhecerem em muitos dos cotidianos e das histórias representadas. Lembranças de causos contados pela família foram aguçados, assimilações foram feitas e, em diversos momentos, se percebia que a mídia exposta fazia referência a alguma situação da vivência daquele sujeito. Aspectos que provocaram o fortalecimento da identidade desses indivíduos, reavivaram o sentimento de valorização e orgulho pelo que é local e regional.

Apesar dessas reações favoráveis, alguns/mas participantes apontaram pontos negativos em questões pontuais das matérias que, com frequência, entravam em contradição com os comentários da maioria dos/as outros/as estudantes. Um exemplo é a ausência de assuntos que se interligassem com os costumes juvenis dos/as adolescentes, pessoas em idade propícia para apreciar entretenimentos como músicas e festas. De fato, as produções apresentadas não abordavam tais elementos, sendo, então, considerável ponderar sobre a necessidade de elaboração desse tipo de proposta. De todo modo, essas

arguições também foram importantes para pôr em destaque a posição atuante, participativa e propositora dessa juventude, ou seja, as pessoas que estavam diante da “tela” recorriam à opção de contestação e desaprovação do que era exibido. Não se comportaram como sujeitos passivos à notícia, ao contrário, avaliaram o conteúdo a partir do seu jeito de compreender o mundo. Mas, nenhuma dessas críticas apontaram a persistência das referências rurais das matérias da WEB TV Caatinga como foi tratado na análise do capítulo 4.

Determinados/as estudantes concordaram com a representação da WEB TV Caatinga, salientando que as imagens mostradas condiziam com a realidade, com o contexto vivido. Cabe refletir sobre a assimilação incontestada dos objetos e cenários que compunham, predominantemente, o Semiárido do passado como os expostos na reportagem sobre o artista Gildemar Sena. É bem provável que grande partes desses/as estudantes, quiçá todos/as, não veem seus familiares fazendo o uso de ferros de brasa para passar roupas ou moram em casas de taipa, entretanto, uma moça escolheu o meme “tudo verdade”, atestando e credenciando esse conjunto de elementos e narrações que construíram a referida matéria. Nota-se, portanto, que existe um costume inerte de aceitar que certas peças, temas e situações sejam projetadas no e para o Semiárido brasileiro sem antes analisar se tal relação é cabível, ou seja, quando o enquadramento mostra uma casa de taipa, cestas e telhado de palha, moringas, panela de barro, a seca, a fome etc. e o texto jornalístico afirma que esses aparatos acontecem em um local do Semiárido, automaticamente, a informação é consentida, considerada verídica. Isto nada mais é do que o peso do estereótipo que tanto foi citado nesta dissertação. Claro que a estereotipia não atinge apenas o SAB, mas alcança também outros territórios e contextos, e, tal problema, só intensifica a necessidade de desconstrução dessa forma limitada de ver e imaginar, que afeta o relacionamento das pessoas com uma região, consigo mesmo e/ou com o outro.

Nesse intento, durante a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido, os/as participantes tiveram a oportunidade de fazer uma comunicação sem estereótipos. As reportagens produzidas por eles/as foram surpreendentes, despontando uma variedade de pautas, imagens e textos que ilustram a presença urbana em Uauá e o cotidiano vivenciado na cidade, como o esporte e as situações experienciadas no ambiente escolar, que ultrapassam o tratamento limitado sobre o Semiárido que a mídia convencional costuma abordar. Mesmo com pouco domínio da técnica, os/as jovens mostraram para todos/as que não é difícil empregar no jornalismo características coerentes com a dinâmica vivida, contemporaneamente, pelos povos dessa região. Permitindo, assim, a conclusão de que, o que falta é o interesse, a vontade ou a liberdade de expressão da equipe produtora da notícia.

A prática do jornalismo também auxiliou os/as participantes na recepção das reportagens da WEB TV Caatinga, visto que, ao longo da Oficina, eles/as apontavam questões nas matérias

embasados/as no conhecimento adquirido com a preparação e realização de suas gravações. Da mesma maneira, assistir as reportagens da emissora favoreceu a aproximação com essa área de atuação, servindo como inspiração e direcionamento na construção das produções jornalísticas feitas durante a pesquisa. Contudo, pode-se descrever que um dos resultados mais comoventes desta pesquisa foi presenciar o despertar de alguns/mas estudantes para o universo de possibilidades que existem à frente deles/as e a certeza da condição de realizá-las. A visita às TVs Caatinga e Grande Rio, à rádio Grande Rio FM e ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Univasf foi “a cereja do bolo”, como diz a metáfora popular, se tornou o fechamento ideal desse ciclo de atividades, pois entregou para esses/as meninos/as a certeza de que é possível estudar, ser um profissional, sonhar.

Na perspectiva subjetiva, “um mundo se abriu para essas pessoas” que, talvez, estavam acostumados/as com as rotinas e as limitações do dia a dia, almejando objetivos pequenos ou nem isso. Agora, pelas tarefas realizadas, pelas palavras ditas e pelos olhares lançados, é possível dizer que eles/as sabem dos muitos caminhos que existem e sabem que podem conquistar o que quiserem. Ou seja, a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro ultrapassou a recepção das reportagens, ocasionou a prática da comunicação, o delineamento de sonhos e a certeza de que a vida é cheia de oportunidades. Desse modo, se tornaram almejavéis algumas proposições que não couberam nesse período de investigação, mas que se incorporam como perspectivas futuras.

Durante a pesquisa, vale ressaltar, tornou-se manifesta a necessidade de promover um estudo sobre a análise da mídia com os/as jovens, algo que não foi realizado na Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Isso porque, como já descrito nesta dissertação, muitos/as dos/as participantes não costumavam assistir jornais ou acompanhar as notícias, assim, além de mudar essa atitude, é fundamental compreender, com maior intensidade, as entrelinhas da comunicação. Uma sugestão para futuras investigações. Tal projeto se dedicaria a orientar os/as participantes sobre como fazer análises dos textos jornalísticos, do enquadramento escolhido nas matérias, destacando o significado que cada componente carrega, do modo de funcionamento dos veículos de difusão da notícia, da importância que as mensagens divulgadas têm e o quanto elas interferem no âmbito da vida social, política, cultural, econômico, emocional, entre outros, das pessoas. Acredita-se que esse tipo de estudo contribuiria para a formação humana dos/as jovens e sua atuação participativa na sociedade.

Como sugeriu o pai de um aluno, também se idealiza a proposta de levar a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro e o fazer jornalístico para outras escolas do município de Uauá, proporcionando a aproximação com a comunicação para mais estudantes. Sabe-se que, para tal intuito, é preciso submeter o projeto a adaptações, que atendam a realidade de cada local. Interessante destacar que essa solicitação, nada mais é, do que a requisição da prática da Educomunicação nas

instituições uauaenses, apelo sustentado por meio das reações de contentamento das pessoas ao certificarem-se do conjunto de aprendizagens construídas na Oficina, desenvolvida na EMJBS/EMSB, e o modo como esses encontros suscitaram o interesse dos/as estudantes, a confiança no potencial que cada um/a deles/as têm e confirmaram o êxito dos procedimentos educomunicacionais para promover transformação e a interação dos sujeitos.

Além disso, este trabalho elucidou a necessidade de ensinar os/as professores/as a utilizar os meios de comunicação para potencializar os conteúdos escolares. Percebeu-se, através do diálogo com os/as estudantes e com a gestão escolar, que a referida ação não é executada, na EMJBS, muito provavelmente, pela inexperiência dos/as docentes com as produções midiáticas. Tendo em vista, os êxitos da Oficina, afirma-se que o preenchimento dessa lacuna só trará benefícios ao processo de ensino/aprendizagem. Os agentes do ambiente escolar também precisam dedicar maior atenção ao contexto da vida dos/as alunos/as, observando as formas que se relacionam com seus familiares e outros grupos sociais, oferecendo contribuições eficazes. Em poucas semanas de contato com esses/as jovens ficou visível os complexos problemas que estes/as carregam consigo. São muitas situações, questões delicadas nas quais, algumas, precisam de um acompanhamento profissional, principalmente, de psicólogos, que consigam conduzi-los/as à superação de seus traumas e ao enfrentamento das adversidades. A juventude parece que, silenciosamente, pede socorro. Talvez, a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro tenha trazido um pouco de refrigério, mas, muito mais precisa e pode ser feito por eles e elas.

8. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Nordestino: uma invenção do falo; uma história do gênero masculino**. Maceió: Catavento, 2003.

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. **O regionalismo como outro**. Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, nº. 28, julho-dezembro de 2006. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9107>>. Acesso em: 28. Abril. 2020.

ASA. **Declaração do Semiárido: Propostas da Articulação no Semi-árido Brasileiro para a Convivência com o Semi-árido e combate à desertificação**. Recife: 1999.

_____. **Produção da agricultura familiar potencializa Semiárido como maior produtor de alimentos saudáveis do Brasil**. 2015. Disponível em: <<https://www.asabrasil.org.br/98-imprensa/asa-na-midia/7327-producao-da-agricultura-familiar-potencializa-semiarido-como-maior-produtor-de-alimentos-saudaveis-do-brasil>>. Acesso em: 06. Maio. 2020.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Recepção: nova perspectiva nos estudos de comunicação. In: **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, maio/ago, 1998.

BAPTISTA, Naidison de Quintella; CAMPOS, Carlos Humberto. A convivência com o Semiárido e suas potencialidades. In: **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social**. Editora IABS: Brasília, 2013.

BARBOSA, Patricia da Silva. **Entre a curva dramática e a pirâmide invertida: a nordestinidade nos contornos de um possível telejornalismo cinematográfico**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios) - Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA FILHO, Malaquias; CRUZ, Rachel de Sá Barreto Luna Callou. Conceito e contexto da segurança alimentar. In: **Segurança alimentar e nutricional**. Cadernos do Semiárido, 2016. Disponível em: <<http://www.creape.org.br/portal/wp-content/uploads/2016/11/Caderno%202%20Seguran%C3%A7a%20Alimentar.pdf>>. Acesso em: 07. Maio. 2020.

BELTRÁN, Luis Ramiro. Comunicacion para el desarrollo en latinoamerica: una evaluación sucinta al cabo de cuarenta años. In: **Discurso de inauguración de la IV Mesa Redonda sobre Comunicación y Desarrollo organizada por el Instituto para América Latina (IPAL)**: Lima, Perú, 1993. Disponível em: <https://www.infoamerica.org/teoria_articulos/beltran1.htm>. Acesso em: 23. Nov. 2020.

BERNARDI, Jorge Luiz. **Funções sociais da cidade: conceitos e instrumentos**. 2006. Dissertação de mestrado (Programa de Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2006.

BEZERRA, Julio. **Documentário e jornalismo: propostas para uma cartografia plural**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada Ave Maria**. 199. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 30. Jan. 2020.

_____. [Lei Complementar nº 125, de 3 de Janeiro de 2007]. Institui, na forma do art. 43 da Constituição Federal, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE; e dá outras providências. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp125.htm>. Acesso em: 13.Abril. 2020.

_____. [Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996]. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 28. Jul. 2020.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 2000.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo especializado: resgatando conceitos e práticas. In: **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

BURGIERMAN, Denis R. O que é jornalismo? In: **Novos jornalistas: para entender o jornalismo hoje**. E-book. Pontocom: 2010.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Método de análise de conteúdo**: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Revista Brasileira de Enfermagem: Brasília-DF, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672004000500019&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 30. Out. 2019.

CARVALHO, Luzineide Dourado. A emergência da lógica da ‘convivência com o semi-árido’ e a construção de uma nova territorialidade. In: **Educação para a convivência com o semiárido** - reflexões teórico práticas. Juazeiro-BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro, 2004.

_____. **Natureza, território e convivência: novas territorialidades no Semiárido brasileiro**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

CARVALHO, Luzineide Dourado; REIS, Edmerson dos Santos. Educação contextualizada para a convivência com o semiárido brasileiro: fundamentos e práticas. In: **Caderno Multidisciplinar – Educação e Contexto do Semiárido Brasileiro**, Ano 08, Nº07, Setembro de 2013. Juazeiro – Bahia: Selo Editorial Resab, 2013.

CHUVA DE HONESTIDADE. Intérprete e compositor: Flávio Leandro. In: DVD Frutificando, 2016, Petrolina-PE. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0Fo4RIZVsTI&list=PLkbg8qY8Eqv93cEGwMeH3NSZH7s5F51_8&index=1>. Acesso em: 13. Nov. 2020.

CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. Apresentação. In: **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

COOPERCUC. **Nossa história**. [entre 2004 e 2020]. Disponível em: <<http://www.coopercuc.com.br/quem-somos/nossa-historia/>>. Acesso em: 05. Maio. 2020.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

_____. Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários. In: **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Campanha de Canudos**. 39ª ed. Rio de Janeiro: Publifolha, 2000, 1ª ed. 1902.

DEBS, Sylvie. **Cinema e literatura no Brasil: os mitos do sertão, emergência de uma identidade nacional**. Fortaleza: Interarte, 2007.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michele. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DICIONÁRIO. **Sertão**. [entre 2009 e 2020]. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sertao/>>. Acesso em: 22. Mar. 2020.

DINIZ, José Pércles. **O impresso na prática**. Cruz das Almas-BA: UFRB, 2013.

DUARTE Jorge. Entrevista em Profundidade. In: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

FEITOSA, Antonia Arisdélia F. M. Aguiar. Semiárido – Bioma Caatinga: conhecimento, educação e sustentabilidade. In: **Estudos e ações ambientais no Semiárido**. Campina Grande: EDUFPG, 2011.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 26. Mar. 2020.

_____. **Código de Ética Internacional dos Jornalistas**. 1983. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/legislacao-profissional/juridica/>>. Acesso em: 26. Mar. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Mayara Sousa; *et al.* Vem Ver o Semiárido: a prática interdisciplinar de produção de notícias no curso de Jornalismo da Faculdade R. Sá. In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2017, Fortaleza-CE. **Anais**. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1390-1.pdf>>. Acesso em 04. Fev. 2020.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação**. 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_r.htm>. Acesso em: 09. Out. 2020.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

FRANCO, Amanda Pinto. **A Literatura Regionalista de 1930 e a Construção da Identidade Nordestina Sertaneja no Ensino Médio**. 2020. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2020.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. Ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLOBOPLAY. **Lampião é julgado no sertão pernambucano, 81 anos após sua morte**. 2019. Vídeo (7 min). Publicado no site globoplay.com. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8076298/>>. Acesso em 20. Abril. 2020.

GNADLINGER, Johann. **O papel das Tecnologias Sociais para o desenvolvimento sustentável do Semi-Árido**. 2008. Disponível no link: <<https://irpaa.org/noticias/77/o-papel-das-tecnologias-sociais-para-o-desenvolvimento-sustentavel-do-semi-arido>>. Acesso em: 30. Abril. 2020.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

IBGE. **Analfabetismo cai em 2017, mas segue acima da meta para 2015**. 2018a. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>>. Acesso em: 01. Maio. 2020.

_____. **População**. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/uaua/panorama>>. Acesso em: 12. Dez. 2019.

_____. **Trabalho e rendimento**. 2018b. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/uaua/panorama>>. Acesso em: 26. Ago. 2020.

INSA. **Cactário Guimarães Duque: espécies da coleção botânica do INSA**. Campina Grande-PB: INSA, 2018.

IRPAA. **Caatinga - Patrimônio do Semiárido Brasileiro**. 2015. Disponível em: <<https://irpaa.org/noticias/1190/caatinga---patrimonio-do-semiarido-brasileiro>>. Acesso em: 03. Maio. 2020.

____. **Cabras e ovelhas: a criação do sertão**. 4ª Ed. Cartilha Irpaa: Juazeiro, 2001.

JACKS, Nilda. A pesquisa de recepção no Brasil: em busca de influência latino-americana. In: **Vinte anos de Ciências da Comunicação no Brasil: Avaliação e Perspectivas**. Santos: Universidade de Santa Cecília, 1999. Disponível em: <https://issuu.com/portcom/docs/vinte_anos_de_ciencias_da_comunica_o_do_brasil>. Acesso em 22. Set. 2020.

____. **Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional**. UFRGS: Porto Alegre, 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/jacks-nilda-midia-nativa.pdf>>. Acesso em: 28. Abril. 2020.

____. Pesquisa de Recepção e Cultura Regional: In: **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

KRUGER, Helmut. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In: **Estereótipo, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, 2004.

LACAN, Jacques. O Simbólico, o Imaginário e o Real. In: **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. Prefácio. In: **Sistemas públicos de comunicação no mundo: experiências de doze países e o caso brasileiro**. São Paulo: Paulus, Intervezes, 2009.

LINS, Claudia Maisa A. Livros didáticos contextualizados Conhecendo o Semiárido volumes 1 e 2: aspectos políticos/pedagógicos no percurso de elaboração. In: **Educação e Convivência com o Semiárido brasileiro - reflexões por dentro da UNEB**. 2ªed. Juazeiro-BA: UNEB/Departamento de Ciências Humanas-campus III/UNEB/NEPEC-SAB/MCT/CNPQ/INSA/Selo Editorial RESAB, 2013.

LOPES, Jaldo Pereira. **Webtv-app aplicativo para divulgação do conteúdo científico da TV Caatinga na zona rural**. 2018. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro - BA, 2018.

MACIEL, Caio; PONTES, Emílio Tarlis. **Seca e convivência com o semiárido: adaptação ao meio e patrimonialização da caatinga no nordeste brasileiro**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

MAGALHÃES, Cláudio Márcio. Dossiê TV Universitária: 45 anos de experiência. In: **Dossiê TV Universitária: 45 anos de experiência**. Revista ABTU, nº 0, 2013.

____. **Manual para uma TV universitária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido: uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

_____. **Técnicas de pesquisa - planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Dinalivro: [s.l], 2005. Disponível em: <<http://home.fa.utl.pt/~cfg/Anima%E7%E3o%20e%20Cinema/Realiza%E7%E3o%20Cinematogr%E1fica/MARTIN,%20Marcel%20-%20A%20linguagem%20cinematogr%E1fica.pdf>>. Acesso em 29. Abril. 2020.

MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de Educação para a Convivência com o Semi-Árido. In: **Educação para a convivência com o semiárido - reflexões teórico práticas**. Juazeiro-BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro, 2004a.

_____. Educação no Brasil e a proposta de Educação Contextualizada. In: **Educação no contexto do semi-árido brasileiro**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004b.

MARTINS, Paulo Emílio Matos. **Canudos: organização, poder e processo de institucionalização de um modelo de governança comunitário**. Caderno EBAPE, v 5, nº 4, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v5n4/v5n4a05>>. Acesso em: 04. Maio. 2020.

MIRANDA, Gustavo Martins do Carmo; SILVA, Victor Augusto Araújo. **Determinismo e relativismo nas obras de Euclides da Cunha e Gilberto Freyre: duas concepções, duas realidades interpretativas acerca da temática racial do Brasil**. Revista Habitus: Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2013. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 25. Abril. 2020.

MMA. **Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca PAN-Brasil**. 2004. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/estruturas/sedr_desertif/_arquivos/pan_brasil_portugues.pdf>. Acesso em: 03. Maio. 2020.

MORAIS, Lana Krisna de Carvalho. **Disciplina Jornalismo Contextualizado com o Semiárido** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <neucimeire@gmail.com> em 04. Fev. 2020.

MOREIRA, Gislene. **Sertões contemporâneos: rupturas e continuidades no Semiárido**. Salvador: Eduneb; Edufba, 2018.

ONU. **Roteiro para a Localização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Implementação e Acompanhamento no nível subnacional**. 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2017/06/Roteiro-para-a-Localizacao-dos-ODS.pdf>>. Acesso em: 01. Maio. 2020.

OROZCO, Guillermo. **Audiencias, Televisión y Educación: una Deconstrucción Pedagógica de la televidencia y sus Mediaciones**. Revista Iberoamericana de Educación, nº 27, 2001.

_____. **Mídia, recepção e educação**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 26, abril, 2005a.

_____. **O telespectador frente à televisão: Uma exploração do processo de recepção televisiva**. México: Revista Comunicare, vol 5, nº 1, 2005b.

OTTERLOO, Aldalice Moura da Cruz. A tecnologia a serviço da inclusão social e como política pública. In: **Tecnologia Social e Desenvolvimento Sustentável: Contribuições da RTS para a formulação de uma Política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação**. Brasília/DF: Secretaria Executiva da Rede de Tecnologia Social (RTS), 2010.

PADILHA, Sônia. **A Contribuição do Webjornalismo na Construção da Sociedade do Conhecimento**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-padilha-webjornalismo.pdf>>. Acesso em: 27. Abril. 2020.

PAIVA, Carla Conceição da Silva; BARROS, Edonilce da Rocha. Gênero, sexualidade e Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido: reflexões e desafios. In: **Paradigma Cultural II: gênero, educação, trabalho e etnias**. Curitiba: CBV, 2017.

PAULA, Everton Luiz Renaud de. **Mídia e escola: um estudo de recepção de reportagens de telejornal em sala de aula**. 2015. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

PEREIRA, Marcos Emanuel. Grupos Sociais e Performance intelectual: o efeito da ameaça dos estereótipos. In: **Estereótipo, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, 2004.

PINHEIRO, Rose Mara. **Educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento da produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo**. 2013. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes) – Universidade de São Paulo/ECA, São Paulo, 2013.

PLOEG, Jan Douwe van der. Dez qualidades da agricultura familiar. In: **Cadernos de Debate**, nº 1, 2014. Disponível em: <<http://aspta.org.br/revista/cadernos-para-debate-n1-dez-qualidades-da-agricultura-familiar/>>. Acesso em: 06. Maio. 2020.

PONTES, Emílio Tarlis Mendes. **Transições paradigmáticas: do combate à seca à convivência com o semiárido nordestino, o caso do programa Um Milhão de Cisternas no município de Afogados da Igazeira – PE**. Recife: Ed Universitária da UFPE, 2010.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

PRADO, Darién E. As Caatingas da América do Sul. In: **Ecologia e conservação da caatinga**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

RAMALHO, Alzimar Rodrigues. A contribuição dos canais universitários para a comunicação pública. In: **Dossiê TV Universitária: 45 anos de experiência**. Revista ABTU, nº 0, 2013.

REIS, Edmerson dos Santos. **A contextualização dos conhecimentos e saberes escolares nos processos de reorientação curricular das escolas do campo**. 2004. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

_____. Educação para a Convivência com o Semiárido: desafios e possibilidades. In: **Semiárido Piauiense: Educação e Contexto**. Campina Grande: Triunfal Gráfica e Editora, 2010.

RESAB. **Diretrizes de Educação para a Convivência com o Semi-árido Brasileiro**. Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2006.

RIBEIRO, Ana Paula Santos Granja *et al.* Semiárido nordestino, o vaqueiro e suas várias facetas: o homem, o “cabra-macho” e o trabalhador. In: **Paradigma Cultural II: gênero, educação, trabalho e etnias**. Curitiba: CBV, 2017.

ROVIDA, Mara Ferreira. **A segmentação no jornalismo sob a ótica durkheimiana da divisão do trabalho social**. 2010. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Comunicação) - Faculdade Cásper Libero, São Paulo, 2010.

R7. **Nova série de reportagens mostra os problemas da seca no sertão do Brasil**. 2012. Vídeo (9 min) Publicado no site R7.com. Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/nova-serie-de-reportagens-mostra-os-problemas-da-seca-no-sertao-do-brasil-06102018>>. Acesso em 19. Abril. 2020.

SÁ, Iêdo Bezerra de. **Desmatamento silencioso da Caatinga tem intensificado a desertificação do Semiárido brasileiro**. Entrevista com Iêdo Bezerra de Sá publicada no site ihu.unisinos.br. 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/545044-desmatamento-silencioso-da-caatinga-tem-intensificado-a-desertificacao-do-semiarido-brasileiro-entrevista-especial-com-iedo-bezerra-de-sa>>. Acesso em: 03. Maio. 2020.

SANTOS, Fabíola Moura Reis. **O sertão que a TV não vê: o jornalismo contextualizado com o semiárido brasileiro**. 2016. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2016.

SANTOS, Fabíola Moura Reis; RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. **O papel das WEB TVs educativas na (re) construção das identidades do Semiárido: os projetos TV Caatinga e WEBTV UNEB – Núcleo Juazeiro**. Revista REVASF, Petrolina, vol. 4, n. 6, dez 2014.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SCHISTEK, Haroldo; CARVALHO, Luzineide Dourado. A formação histórico-geográfica do semiárido brasileiro. In: **Educação e convivência com o semiárido brasileiro - reflexões por dentro da UNEB**. 2ªed. Juazeiro-BA: UNEB/Departamento de Ciências Humanas-campus III/UNEB/NEPEC-SAB/MCT/CNPQ/INSA/Selo Editorial RESAB, 2013.

SCHISTEK, Haroldo. O Semiárido Brasileiro: uma região mal compreendida. In: **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social**. Editora IABS: Brasília, 2013.

SENA, Rosiane Rocha Oliveira. Por uma formação de professores pautada na Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro. In: **Itinerários & Contextos: reflexões em Educação Contextualizada e Convivência com o Semiárido Brasileiro**. Juazeiro: NEPEC-SAB, 2014.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do jardim botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Érica Daiane da Costa. **Carrapicho: experiências de educomunicação com adolescentes e jovens do Vale do Salitre**. 2019. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2019.

SILVA, João Luiz da. **Potencialidades da caatinga**. 2013. Disponível em: <http://www.uern.br/professor/arquivo_baixar.asp?arq_id=9307>. Acesso em: 07. Maio. 2020.

SILVA, José de Souza. A dimensão institucional do paradigma cultural. In: **O paradigma cultural: interfaces e conexões**. 1º ed. Curitiba, PR: CRV, 2016.

_____. **Aridez mental, problema maior - contextualizar a educação para construir o 'dia depois do desenvolvimento' no Semi-Árido Brasileiro**. Apresentação no Painel Educação Contextualizada para a Convivência com o Semi-Árido Brasileiro, durante o Seminário Nacional sobre Educação Contextualizada para a Convivência com o Semi-Árido Brasileiro. Campina Grande-PB, 2010.

SILVA, José Valdevan Gonçalves da. [25 de agosto, 2020]. Uauá-BA. Entrevista concedida à Neucimeire Santos de Souza.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o Combate à Seca e a Convivência com o Semiárido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento**. 2006. Tese de Doutorado (Centro de Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto A Pesquisa Científica. In: **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SIMAS, Lorena Santiago. **Fotografia e educação: outros olhares sobre a representação social do Semiárido juazeirense**. 2017. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2017.

SLOW FOOD. **Filosofia**. 2007. Disponível em: <<http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/filosofia>>. Acesso em: 06. Maio. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Cresce pesquisa em Educomunicação no Brasil: para se ter comunicação de qualidade é preciso ter participação**. [Julho de 2017a], Brasília-DF. Entrevista concedida à Revista Diálogos, v.21, n.1.

_____. **Ecossistemas Comunicativos**. [20--]. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/28.pdf>>. Acesso em 05. Agosto. 2019.

_____. Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. In: **Revista Comunicação & Educação**. Ano XIX, nº 2, jul/dez, 2014.

_____. Educomunicação: um campo de mediações. In: **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Entre um Café, uma Prosa com Ismar Soares.** [Abril de 2019], Juazeiro-BA. Entrevista concedida à WEB TV Caatinga. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ed1JiZsseYQ>>. Acesso em: 08. Agosto. 2019.

_____. Plano de leitura e de pesquisa. In: **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural.** São Paulo: ABPEducom, 2017b.

SUDENE. **Nova delimitação do Semiárido.** 2018. Disponível em: <http://www.sudene.gov.br/images/arquivos/semiarido/arquivos/Rela%C3%A7%C3%A3o_de_Munic%C3%ADpios_Semi%C3%A1rido.pdf>. Acesso em 04. Julho. 2019.

_____. **Resolução nº 107/2017.** Estabelece critérios técnicos e científicos para delimitação do Semiárido Brasileiro e procedimentos para revisão de sua abrangência. Recife, 2017. Disponível em: <<http://www.sudene.gov.br/delimitacao-do-semiarido>>. Acesso em: 13. Abril. 2020.

TEIXEIRA, Lauro Henrique de Paiva. **Signos naturais e culturais: o significado das cores no tempo e no espaço.** Estudos Linguísticos XXXV, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/583.pdf>> Acesso em: 29. Abril. 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo – A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional.** 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TUFANO, Wagner. Contextualização. In: **Dicionário em construção: interdisciplinaridade.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TV CAATINGA. **A Guerra de Canudos não narrada em “Os Sertões”.** 2018. Vídeo (3 min). Publicado pelo canal RTV Caatinga Univasf. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LGYlQHDcrDg&t=3s>>. Acesso em: 04. Maio. 2020.

_____. **Artista utiliza técnica do bico de pena para representar o Semiárido.** 2017a. Vídeo (3 min). Publicado pelo canal RTV Caatinga Univasf. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yo6zVaekiBc>>. Acesso em: 28. Abril. 2020.

_____. **A TV Caatinga.** [entre 2012 e 2020]. Disponível em: <<http://rtvcaatinga.univasf.edu.br/tvcaatinga>>. Acesso em 24. Abr. 2019.

_____. **Beneficiamento de frutas da caatinga gera renda para agricultores.** 2017b. Vídeo (6 min). Publicado pelo canal RTV Caatinga Univasf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7Xo_97AftgY>. Acesso em: 05. Maio. 2020.

_____. **Estudantes desenvolvem prótese com materiais reciclados.** 2019a. Vídeo (2 min). Publicado pelo canal RTV Caatinga Univasf. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=REO5iH9iftc>>. Acesso em: 29. Abril. 2020.

_____. **Geração Futura 2018 - Interprograma da Univasf sobre Nanotecnologias no rio São Francisco.** 2019b. Vídeo (2 min). Publicado pelo canal RTV Caatinga Univasf. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UUiRDpQO0rU>>. Acesso em: 14. Abril. 2020.

_____. **Memória Sertão.** [2018 ou 2019]. Disponível em: <<http://www.rtvcaatinga.univasf.edu.br/memoriasertao/programas>>. Acesso: 05. Maio. 2020.

_____. **Meu Ambiente Reintrodução da Ararinha Azul na Natureza.** 2019c. Vídeo (6 min). Publicado pelo canal RTV Caatinga Univasf. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fMTdPmxFKZA>>. Acesso em: 02. Maio. 2020.

UNIVASF. **História.** 2016. Disponível em: <<http://portais.univasf.edu.br/apresentacao-univasf/historia>>. Acesso em: 26. Abril. 2020.

_____. **Reitoria reúne comunidade acadêmica para apresentar medidas adotadas em virtude do contingenciamento orçamentário.** 2019. Disponível em: <<http://portais.univasf.edu.br/noticias/reitoria-reune-comunidade-academica-para-apresentar-medidas-adotadas-em-virtude-do-contingenciamento-orcamentario>>. Acesso em: 26. Abril. 2020.

VALENTE, Jonas. Concepções e abordagens conceituais sobre sistema público de comunicação. In: **Sistemas públicos de comunicação no mundo: experiências de doze países e o caso brasileiro.** São Paulo: Paulus, Intervozes, 2009a.

_____. Sistema público de comunicação no Brasil. In: **Sistemas públicos de comunicação no mundo: experiências de doze países e o caso brasileiro.** São Paulo: Paulus, Intervozes, 2009b.

VENTURA, Leonardo Carneiro. **Música nos espaços: paisagem sonora do Nordeste no Movimento Armorial.** 2007. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal (RN), 2007. Disponível em: <<ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/LeonardoCV.pdf>>. Acesso em: 05. Maio. 2020.

VENTURA, Roberto. Do mar se fez o sertão: Euclides da Cunha e Canudos. In: **O centenário de um clássico: Os Sertões.** Revista Canudos. Salvador: ano 7, UNEB, 1996.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência.** 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265627450_A_construcao_do_real_no_telejornalismo_do_lugar_de_seguranca_ao_lugar_de_referencia>. Acesso em: 29. Nov. 2020.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo.** 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=718>. Acesso em: 29. Nov. 2020.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZANCHETTA JR., Juvenal. Estudos sobre recepção midiática e educação no Brasil. **Revista Educação e Sociedade.** Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1455-1475, set./dez, 2007.

ZANFORLIM, Flávia; GULIN, Giovana. Formação em Educomunicação: a Cultura Educomunicativa em Evidência. In: **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: ABPEducom, 2017.

APÊNDICE A – MODELO TCLE DOS/AS PARTICIPANTES



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E
TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do (a) participante: _____
 Sexo: F () M () Data de Nascimento: ____/____/____
 Nome do (a) responsável legal: _____
 Documento de Identidade nº: _____
 Endereço: _____ Complemento: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
 Telefone: (____) _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: “Jornalismo Contextualizado no ambiente escolar: uma proposta de recepção”.

2. PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Neucimeire Santos de Souza

Cargo/Função: M e s t r a n d a

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Caro (a) senhor (a), seu/sua filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: “Jornalismo Contextualizado no ambiente escolar: uma proposta de recepção”, de responsabilidade da pesquisadora Neucimeire Santos de Souza, mestranda da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo investigar como os estudantes da Escola Municipal João Borges de Sá/Espaço municipalizado Senhor do Bonfim recebem as reportagens produzidas pela WEB TV Caatinga, entendendo se os seus conteúdos estão contextualizados com o Semiárido regional.

Entre os benefícios que esta pesquisa pode oferecer estão a possibilidade de potencializar a análise crítica dos jovens sobre a produção audiovisual da TV Caatinga, bem como, de qualquer outra emissora e conteúdo. Algo que estimula o conhecimento de estratégias para o fazer jornalístico e a compreensão do território Semiárido. Além disso, permite uma

aproximação entre os saberes assimilados às disciplinas da escola e à realidade vivenciada pelos jovens a nível local e regional, algo importante para que o estudante atribua sentido ao aprendizado escolar.

Na medida em que toda pesquisa envolvendo seres humanos implica em algum tipo de risco, alerta-se que o/a seu/sua filho/a poderá se sentir incomodado/a ou constrangido/a, durante as etapas de coleta de dados, pela própria exposição pessoal ao ser observado/a e questionado/a durante as entrevistas. Ademais, como terão momentos de prática durante as oficinas desenvolvidas no espaço escolar, as atividades desta pesquisa poderão sobrecarregar o/a estudante que sempre tem atividades a cumprir na escola ou interferir na programação prévia da instituição.

Caso o/a senhor/a aceite autorizar a participação de seu/sua filho/a, ele/a será observado/a e entrevistado/a pela aluna Neucimeire Santos de Souza, do curso de pós-graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia, mas, os conteúdos coletados só serão publicados e/ou inseridos no banco de dados com o seu consentimento. Bem como, o nome de seu/sua filho/a só será divulgado na pesquisa caso haja concordância e assinatura dos termos autorizativos.

Esta pesquisa respeita o que determina o ECA – Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem se seu filho será preservada. O/a senhor/a pode desistir de autorizar a participação de seu/sua filho/a a qualquer momento e retirar sua autorização. Caso decida que seu/sua filho/a continue como participante, mas desista de ter o nome dele/a divulgado na pesquisa, no banco de dados ou em ambos, será respeitada sua decisão e mantidos os sigilos necessários. Em todas as situações, garante-se que os dados não serão usados para fins diferentes do proposto. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

A participação do/da seu/sua filho/a é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Quaisquer dúvidas que o/a senhor/a apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o/a sr^a, caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço, ainda, que, de acordo com as leis brasileiras, o/a seu/sua filho/a tem direito a indenização caso seja prejudicado/a por esta pesquisa. O/a senhor/a receberá uma cópia deste termo, onde consta o contato da pesquisadora, que poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS:

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Neucimeire Santos de Souza. Endereço: Rua Edgar Chastinet, 213, São Geraldo, Juazeiro- BA. CEP: 48.905-680. **Telefone:** (74) 9 9967-1592 **E-mail:** neucimeire@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pela pesquisadora sobre os objetivos, benefícios da pesquisa e riscos da participação do/a meu/minha filho/a na pesquisa “Jornalismo Contextualizado no ambiente escolar: uma proposta de recepção”, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em autorizar a participação de meu/minha filho/a sob livre e espontânea vontade. Consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos, artigos científicos e livros, e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada à pesquisadora e outra a mim.

Uauá-BA, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do (a) responsável legal pelo (a) participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora/discente
(Orientanda)

Assinatura da professora responsável
(Orientadora)

APÊNDICE B – MODELO DO TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E
TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS

TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Jornalismo Contextualizado no ambiente escolar: uma proposta de recepção”. Seus pais permitiram que você participe. Queremos investigar como os estudantes da Escola Municipal João Borges de Sá recebem as reportagens produzidas pela WEB TV Caatinga, entendendo se os seus conteúdos estão contextualizados com o Semiárido regional.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, você será entrevistado e observado. É possível que se tenha diminuição no tempo para realizar as atividades complementares propostas pelos docentes da Escola e se sinta constrangido por ser observado ou por conta das entrevistas durante a execução da pesquisa. Caso você queira, poderá desistir e a pesquisadora irá respeitar sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer com a participação nesse projeto, pois sua realização pode potencializar sua análise crítica da mídia, te fará conhecer algumas técnicas do jornalismo e compreender o território Semiárido.

Não daremos a estranhos as informações que você nos der, os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os jovens que participaram. Quando terminarmos a pesquisa, os resultados serão publicados em livros, artigos e revistas científicas e você também terá acesso a eles. Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas pelos telefones:

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Neucimeire Santos de Souza

Endereço: Rua Edgar Chastinet, 213, São Geraldo, Juazeiro- BA. CEP: 48.905-680.

Telefone: (74) 9 9967-1592 **E-mail:** neucimeire@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNEB, UNEB – Pavilhão Administrativo – Térreo - Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador - BA. CEP: 41.150- 000 Tel: (71) 31172445 E-mail: cepuenb@uneb.br

Eu _____ aceito participar da pesquisa “**Jornalismo Contextualizado no ambiente escolar: uma proposta de recepção**”. Entendi os objetivos, as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Uauá-BA, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do participante da pesquisa

Neucimeire Santos de Souza
(pesquisadora)

**APÊNDICE C – MODELO DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME,
DEPOIMENTO E IMAGEM**



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH-III)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E
TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS (PPGESA)



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, DEPOIMENTO E IMAGEM

Eu _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu nome, depoimento e/ou imagem, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA, do projeto de pesquisa intitulado **JORNALISMO CONTEXTUALIZADO NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE RECEPÇÃO**, a colher meu depoimento e utilizar meu nome e imagem sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização do meu nome, depoimentos e/ou imagem para fins científicos e de estudos (livros, revistas, artigos, slides e mostras), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990) quando for o caso.

Caso, em algum momento da pesquisa, eu desista de participar do estudo, reivindico o direito de ter meu nome, sinal-nome, depoimentos e/ou imagem excluídos da pesquisa. Assim como, caso eu decida continuar participando, tenho o direito de reivindicar a qualquer momento a manutenção do nome, sinal-nome, depoimento e/ou imagem em sigilo.

_____, ____ de _____ de 20____.

 Participante da Pesquisa

 Neucimeire Santos de Souza (pesquisadora)

 Carla Conceição da Silva Paiva (orientadora)

**APÊNDICE D – ROTEIRO DA OFICINA DE JORNALISMO CONTEXTUALIZADO
COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO**

Plano de aula
Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro

Turma A - 16h às 17h / Turma B - 17h30 às 18h30

Data	Conteúdo	Didática (técnicas de recepção)	Materiais utilizados	Gancho p/ o próximo encontro - Tarefa de casa
04/11 (Segunda) -Turma dividida	-Apresentação breve da pesquisadora e dos estudantes. -Apresentação do projeto Apresentação do termo de assentimento e o termo de imagem, orientações para assinatura dos alunos. - Explicar o que é o Semiárido, Jornalismo Contextualizado e a TV Caatinga. -Exibição da reportagem “Artista utiliza técnica de bico de pena para representar o Semiárido”. -Análise da reportagem com memes.	-Organizar as cadeiras em formato de lua para todos os encontros -Apresentar em slides (power point) as diferenças dos termos sertão e Semiárido. Mostrar fotografias de diferentes lugares do Semiárido (estereotipados e não estereotipados), por exemplo, explicando que todos esses ambientes pertencem ao Semiárido, formando uma região plural, diversa. -Espalhar no chão da sala várias figurinhas de memes usados no Whatsapp com opiniões/ adjetivos/ expressões. Orientar os estudantes a escolher um desses memes segundo sua reação e colar na parede (próximo à projeção da matéria no data show). Caso haja a escolha da mesma figurinha, será acrescentado uma indicação no papel.	-Data show e caixa de som -Gravador -fita adesiva -Pincel p/quadro branco -Pincel para papel -Papéis com os memes	- Uma matéria jornalística começa com um assunto, um tema para ser abordado. Por isso, amanhã faremos nossa reunião de pauta. -Tarefa de casa: Observar na cidade ou na escola o que poder ser assunto para uma reportagem e trazer ideias.

		-Promover um debate onde os alunos expliquem porque escolheram tal meme e revelem sua opinião sobre a reportagem. Instigar a percepção dos alunos para perceberem qual o assunto da matéria.		
05/11 (Terça) -Turma dividida	-Relembrar, de modo breve, a matéria do dia anterior e algumas colocações dos alunos. -Exibição da reportagem “Estudantes desenvolvem prótese com materiais recicláveis”. -Análise da reportagem com perguntas -Explicação sobre o que é uma pauta. -Divisão dos alunos em grupo para a reunião de pauta	-Instigar os estudantes a mostrarem sua opinião sobre a reportagem com perguntas, como: O que vocês acharam dessa pauta, desse tema? A matéria trouxe algo que vocês não sabiam? O que? Como vocês se sentem depois de terem assistido a matéria? O que vocês acham que poderia ser diferente na reportagem? Qual a opinião de vocês sobre as imagens gravadas? (Mudei a didática. Coloquei variadas perguntas em um papel e cada um foi pegando a pergunta e respondendo. Quem quisesse podia responder a pergunta do coleguinha também) -Apresentar, em slides, informações sobre a construção de uma pauta -Formar grupos na sala (manhã: 2 grupos de 5 pessoas, 1 grupo com 6/ tarde: 3 grupos com 4	-Data show e caixa de som -Gravador -Pincel p/quadro branco	Amanhã vamos aprender sobre como produzir uma reportagem, lembrar das perguntas do início da aula.

		peessoas). Lembrar que a tarefa de casa era pensar em pautas sobre a cidade ou a escola, orientá-los a socializar as ideias (em 10 minutos). -Cada grupo apresenta duas pautas, coloca as sugestões no quadro e faz votação, por grupo, para definir apenas uma por grupo. (Se tiver pouco tempo, cada grupo já apresenta a pauta definida pela equipe e eu só oriento no sentido de ver a possibilidade de execução dentro da logística da oficina). (cada grupo apresentou duas pautas) -Sair do encontro com as pautas definidas.		
06/11 (Quarta) -Turma dividida	-Relembrar, de modo breve, a matéria do dia anterior e algumas colocações dos alunos. -Exibição da reportagem “Reintrodução da Ararinha Azul” -Análise da reportagem - hastags -Explicação sobre produção jornalística (contato com as fontes/agendamento/pensar o local de gravação/logística e possibilidade de produção/mostrar quais são os profissionais envolvidos (produtor, cinegrafista,	-Trazer papéis impressos com palavras/ opiniões positivas e negativas em <i>hashtags</i> sobre a reportagem (#NãoCompreendi #Interessante #MeIdentifico #NãoMeIdentifico #UhuuuSemiárido #Amei #MaisouMenos #QueLegal #Sóisso? #Roça #Cidade #ImagensBonitas #ImagensLimitadas #NãoSabia #AprendiCoisasNovas	-Data show e caixa de som -Gravador -fita adesiva -Pincel p/quadro branco -Pincel para papel -Papéis com as frases/palavras em #	- Explicar que a partir daquele momento o produtor já entra em ação, começa a produzir a matéria do grupo. -Tragam caderno e caneta amanhã.

	repórter, editor de imagens, editor de texto), mas não entrar em muitos detalhes (assunto do próximo encontro)). -Divisão dos grupos para definir a função de cada membro. -Fazer o contato com as fontes pelo meu celular	#TantoFaz #NadaHaverComigo #QueLouco #Importante). -Orientar os estudantes a escolher uma dessas #, explicar pq escolheu e colar na parede (próximo à projeção da matéria no data show). Caso haja a escolha da mesma palavra, será acrescentado uma indicação no papel. -Explanação com slides sobre a produção jornalística fazendo referência, quando possível, ao processo de produção da matéria do dia. -Dividir os grupos e orientá-los a escolherem as funções: <u>grupos de 5 pessoas</u>: 2 produtores, 1 cinegrafistas, 1 repórter e 1 assistente de edição/ <u>grupos de 4 pessoas</u>:. 1 produtor, 1 cinegrafistas, 1 repórter e 1 assistente de edição - Anotar no meu caderno a definição das funções com os respectivos nomes dos estudantes.		
07/11 (Quinta) -Turma dividida	-Perguntar às equipes como está a produção. -Relembrar, de modo breve, a matéria do dia anterior e	- Para análise da matéria, sugerir aos estudantes que escrevam e me entreguem uma espécie de carta anônima para a	-Data show e caixa de som -Gravador	~~O repórter deve trazer amanhã um rascunho e a passagem do~~

	algumas colocações dos alunos. -Exibição da reportagem “A Guerra de Canudos não narrada em Os Sertões”. -Análise da reportagem – carta anônima -Explanação sobre as funções do repórter e cinegrafista.	equipe que produziu aquela reportagem. O conteúdo deve mostrar qual a opinião do aluno sobre a matéria, o que ele destaca como pontos positivos e negativos, qual o sentimento surge ao assistir o conteúdo e qual comentário faz ao trabalho do produtor, repórter e cinegrafista. -Explanação sobre as funções da equipe de campo: repórter e cinegrafista. Mostrar como deve ser o relacionamento entre esses profissionais, (o cinegrafista tem que saber o que o repórter pensa em fazer), explicar sobre produção do texto, como fazer o rascunho do texto, elaboração de entrevistas/perguntas, passagem do repórter, imagens de apoio, enquadramentos, apresentar a câmera profissional e dizer que o celular faz funções semelhantes. -Apresentar exemplos de textos e takes curtos -Abordar a questão do <u>tempo</u>, textos e gravações curtas. Lembrando que a matéria deles tem que estar entre 2 a 3 minutos.	-Pincel p/quadro branco -Papel timbrado -Câmera da Uneb -Laudas de texto e takes curtos -Imprimir exemplos de off para entregar aos repórteres.	~~texto da matéria.~~ (Fiz assim: os grupos se subdividiram, na sala mesmo, uns faziam as perguntas, outro começava o texto inicial da reportagem e a passagem e outro terminava de agendar.)
--	---	--	--	--

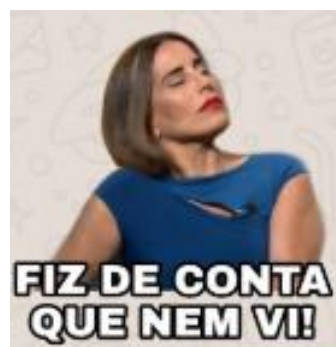
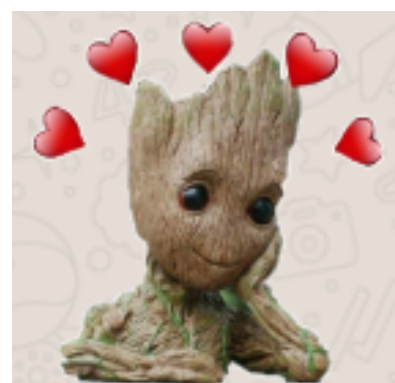
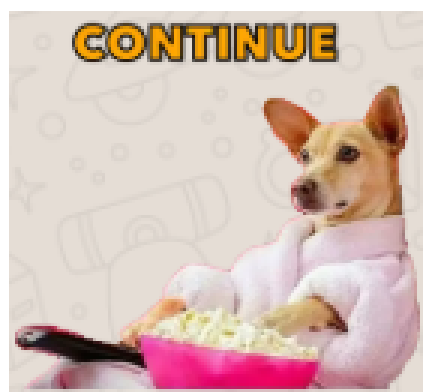
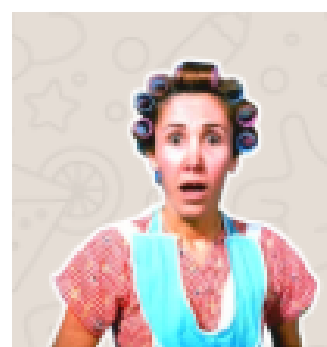
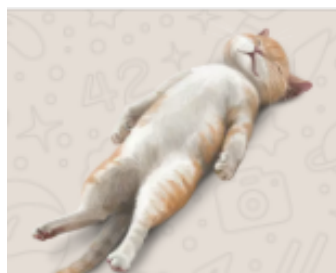
08/11 (Sexta) -Turma dividida	-Exibição da reportagem “Beneficiamento de frutas nativas da caatinga gera renda para os agricultores” -Explicação sobre roteiro de edição -Orientações gerais por grupo	-Experimentar a discussão sobre essa reportagem de modo espontâneo, sem dinâmicas, mas fazendo questionamentos aleatórios, perguntas abertas. Perceber se eles apresentam facilidade ou dificuldade em falar suas impressões dessa forma. -Explicar sobre a elaboração do roteiro de edição -Ver o rascunho dos repórteres, as perguntas elaboradas, respeitando, ao máximo, a escrita deles. -Saber se os produtores já estão com as entrevistas agendadas e locações definidas. -Ver quais imagens os cinegrafistas pensam em fazer. -Entregar um modelo de roteiro de edição (Os agendamentos estão quase todos ok, inclusive alguns grupos já gravaram hoje. O texto foi iniciado ontem (frase inicial e passagem). Hoje, o repórter, termina o texto que já gravou, quem não faz um rascunho. O assistente de edição, produtor e o cinegrafista	-Data show e caixa de som -Gravador -Pincel p/quadro branco -Modelo de roteiro de edição	-Mãos à obra! Os próximos 3 dias são para gravar a reportagem, fazer os ajustes no texto. -Nos encontramos na segunda-feira para organizar o material no pen drive, gravar o off no meu celular e entregar do roteiro de edição. -Tragam cabos USB dos celulares que gravaram imagens
--	---	--	---	--

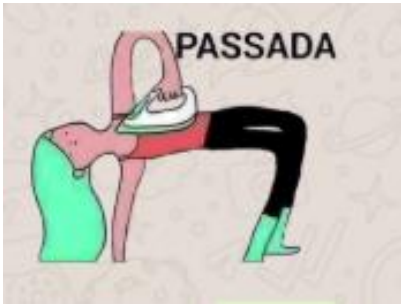
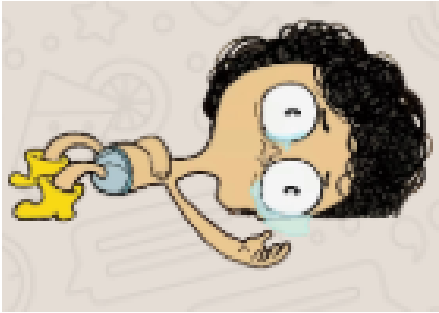
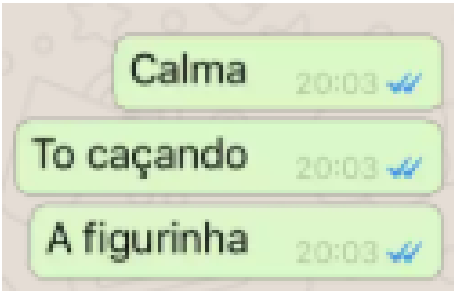
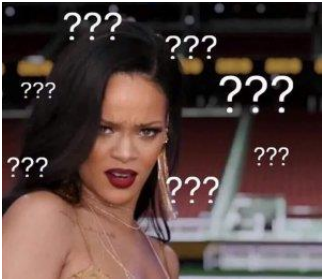
		fazem a decupagem da sonora. Eles tem que ver se tem preferência por alguma imagem em algum lugar específico.)		
09/11 (Sábado)	Produção das matérias no campo por parte dos estudantes			
10/11 (Domingo)	Produção das matérias no campo por parte dos estudantes			
11/11 (Segunda) -Turma dividida	Produção das matérias no campo por parte dos estudantes			
	-Partilhar como foram as gravações -Explicar sobre narração jornalística -Conclusão dos textos, gravação dos offs e ajustes no roteiro de edição	-Slide com explicação sobre narração jornalística -Divide os grupos. Enquanto o repórter grava o off sozinho em uma das salas da escola, o restante da equipe faz os ajustes no roteiro de edição. -Recolher o material dos celulares dos estudantes E eu arquivo junto com as pastas de cada matéria -Definir e anotar no quadro os horários de edição de cada grupo.	-Data show e caixa de som -Gravador -Pincel p/quadro branco -Cabo USB com entrada para celular -Meu computador	-Amanhã faremos a edição do material, cada editor de grupo deverá estar na escola no horário indicado,
12/11 (Terça)	Edição com Mazinho Horários: • 8h às 9h – Equipe: Miquéias, Gustavo, Edson e Samuel • 9h às 10h – Equipe: Adriel, Mayane, Maryane e Felipe • 10h às 11h – Equipe: Deborah, Olimpia e Samira • 14h às 15h – Equipe: Lara, Ana Clara e Jennifer			-Amanhã vamos mostrar o resultado das reportagens para todos. Contaremos com a presença das coordenadoras pedagógicas e das diretoras da escola.

	• 15h às 16h – Equipe: Emily, Victória, Samara, Jeise e Wilton • 16h às 17h – Equipe: Elisany, Adrielson, Estefany e Thomas			-Faremos também a entrega de certificados e encerramento da oficina.
13/11 (Quarta) -Juntar as turmas	- Socialização das reportagens - Entrega de certificados	-Organizar a sala de modo mais especial, com alguma toalha na mesa, ver a possibilidade de um lanche. -Presença da gestão escolar e fala delas sobre as reportagens apresentadas.	-Toalha -Certificados -Lanche	- Nos encontramos dia 22/11 para a visita às TVs Caatinga e TV Grande Rio em Petrolina-PE. - Avisar o horário de saída, informações sobre alimentação etc. -Retorno o contato por celular para lembrar as orientações.
22/11 (Sexta) -Juntar as turmas	Visita às TVs Caatinga e Grande Rio (facultativo)			

APÊNDICE E – MEMES UTILIZADOS COMO TÉCNICA DE RECEPÇÃO







APÊNDICE F – *HASHTAGS* UTILIZADAS COMO TÉCNICA DE RECEPÇÃO

#NãoCompreendi

#Interessante

#Meldentifico

#NãoMeldentifico

#UhuuSemiárido

#Amei

#MaisouMenos

#QueLegal

#Sóisso?

#Roça

#Cidade

#ImagensBonitas

#ImagensLimitadas

#NãoSabia

#AprendiAlgoNovo

#TantoFaz

#NadaHaverComigo

#NuncaVi

#Importante

#FaltouUmaCoisa

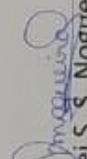
#Orgulho

**APÊNDICE G – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NA OFICINA DE
JORNALISMO CONTEXTUALIZADO COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO**

Certificado

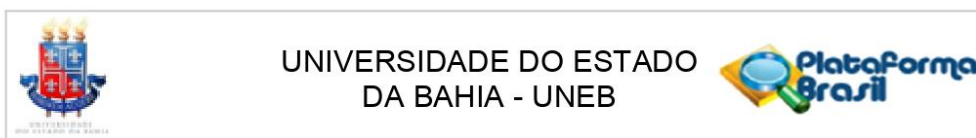
Certificamos que **Maria Olimpia Oliveira da Silva** participou, com assiduidade e bom desempenho, da Oficina de Jornalismo Contextualizado, realizada entre os dias 04 a 13 de novembro de 2019 em Uauá-BA, na Escola Municipal João Borges de Sá/ Espaço Municipalizado (EMJBS), com carga horária de 20 (vinte) horas. A oficina faz parte da pesquisa científica intitulada "Jornalismo contextualizado no ambiente escolar: uma proposta de recepção", desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).


Carla C. da S. Paiva
Coordenadora do PPGESA


Neucinei S. S. Nogueira
Diretora da EMJBS


Neucimeire S. Souza
Pesquisadora

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: JORNALISMO CONTEXTUALIZADO NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE RECEPÇÃO

Pesquisador: NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 19402619.4.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.601.656

Apresentação do Projeto:

A proposta da Convivência com o Semiárido também têm envolvido a prática do Jornalismo Contextualizado, como uma forma de aproximar as produções audiovisuais das realidades locais e regionais. Desse modo, é instigante compreender como as reportagens advindas dessa lógica e elaboradas pela WEB TV Caatinga são recebidas por estudantes de uma escola da zona urbana de Uauá, município do Semiárido baiano. Para tanto, será realizado um estudo de recepção com técnicas de educomunicação, através de uma pesquisa aplicada, de natureza qualitativa, utilizando métodos, como a revisão bibliográfica, entrevistas abertas e análise de conteúdo. Autores como Martín-Barbero (1997), Soares (2011) e Martins (2004) também serão importantes auxílios no caminho desta pesquisa que pretende obter resultados relevantes sobre a interação, jornalismo e Educação Contextualizada para a convivência com o Semiárido (ECSAB).

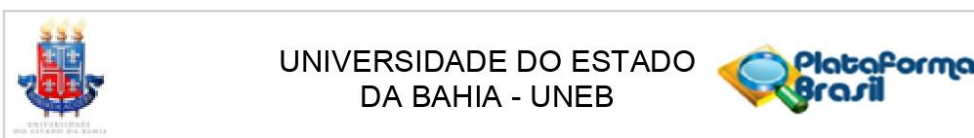
Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar como os estudantes da Escola Municipal João Borges de Sá recebem as reportagens produzidas pela WEBTV Caatinga, entendendo se os seus conteúdos estão contextualizados com o Semiárido regional.

Objetivo Secundário:

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.601.656

- Estudar a Educação Contextualizada com o Semiárido brasileiro e o exercício do jornalismo contextualizado, analisando as reportagens da WEBTV Caatinga produzidas em Uauá e região;
- Promover uma oficina sobre Educação Contextualizada com o Semiárido brasileiro com os estudantes da referida escola, utilizando como principal material pedagógico as reportagens da WEBTV Caatinga;
- Identificar as principais formas de interação dos estudantes da Escola Municipal João Borges de Sá com as reportagens da WEBTV Caatinga.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme orienta a Resolução nº 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As declarações apresentadas são condizentes com as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos. Os pesquisadores envolvidos com o desenvolvimento do projeto apresentam declarações de compromisso com o desenvolvimento do projeto em consonância com a Resolução 466/12 CNS/MS, bem como com o compromisso com a confidencialidade dos participantes da pesquisa e as autorizações das instituições proponente e coparticipante.

O TCLE apresentado possui uma linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa e atende ao disposto na resolução 466/12 CNS/MS contendo todas as informações necessárias ao esclarecimento do participante sobre a pesquisa bem como os contatos para a retirada de dúvidas sobre o processo

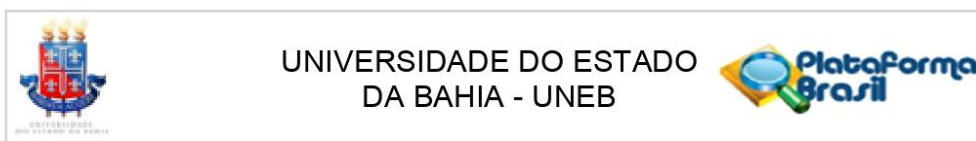
Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.601.656

com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1401182.pdf	20/08/2019 17:01:09		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	20/08/2019 17:00:14	NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_assentimento_do_menor.pdf	20/08/2019 16:58:35	NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso_pesquisador.pdf	20/08/2019 15:15:07	NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_confidencialidade.pdf	20/08/2019 15:12:22	NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Responsavel_pelo_participante.pdf	20/08/2019 15:12:04	NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_concordancia.pdf	20/08/2019 15:10:49	NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_instituicao_coparticipante.pdf	26/07/2019 11:19:42	NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_autorizacao_instituicao_proposante.pdf	26/07/2019 09:17:56	NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Plataforma_Brasil.pdf	23/07/2019 13:11:53	NEUCIMEIRE SANTOS DE SOUZA	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

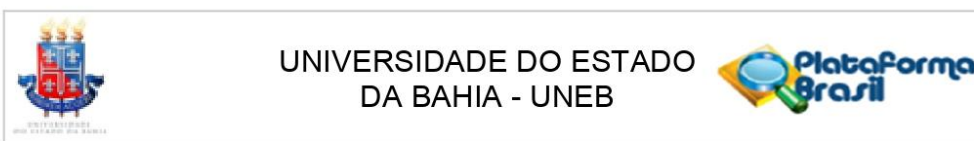
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.601.656

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 26 de Setembro de 2019

Assinado por:

WARLEY KELBER GUSMÃO DE ANDRADE
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br